



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Maria Inês Amaral Ramos

**TRADUÇÃO E (IN)VISIBILIDADE DO TRADUTOR
SERÁ TRADUZIR UM ATO POLÍTICO?**

VOLUME 1

Trabalho de projeto no âmbito do Mestrado em Tradução, português e duas línguas estrangeiras: francês e alemão, orientada pelo Professor Doutor João da Costa Domingues e Professora Doutora Cornelia Plag e apresentado ao departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2023

FACULDADE DE LETRAS

TRADUÇÃO E (IN)VISIBILIDADE DO TRADUTOR SERÁ TRADUZIR UM ATO POLÍTICO?

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Trabalho de Projeto/Projeto
Título	
Subtítulo	Será traduzir um ato político?
Autor/a	Maria Inês Amaral Ramos
Orientador/a(s)	Doutor João da Costa Domingues Doutora Cornelia Elisabeth Plag
Júri	Presidente: Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho Vogais: 1. Doutora Maria da Conceição Carapinha Rodrigues 2. Doutora Cornelia Elisabeth Plag
Identificação do Curso	2º Ciclo em Mestrado em Tradução
Área científica	Tradução
Especialidade/Ramo	Tradução de Alemão, Francês e Português
Data da defesa	30-10-2023
Classificação	16 valores

AGRADECIMENTOS

Para além de representar o resultado de extensas horas de estudo, reflexão e trabalho investidas ao longo das várias etapas que a constituem, a presente dissertação representa igualmente o culminar de um objetivo académico a que me propus e que não seria possível sem a ajuda de um número considerável de pessoas.

Estou especialmente grata à Doutora Cornelia Plag e ao Doutor João da Costa Domingues pela grande perspicácia, conhecimento e sugestões transmitidas durante a elaboração da dissertação. Pela sua correção, paciência e compreensão perante as dificuldades. A sua orientação e apoio foram determinantes na superação dos obstáculos. Mas sobretudo por, tão calorosamente, me abrirem as portas de uma casa onde senti acolhida a minha vontade de aprender e avançar, e me ajudarem a traçar o meu próprio percurso, mantendo-me fiel a mim mesma.

À minha família, pela sua tolerância, compreensão, carinho e apoio incondicional.

A todos os meus amigos pela sua ajuda, apoio e dedicação. É por esta razão que dedico esta dissertação a todos aqueles que, sem reservas, partilharam comigo os seus conhecimentos e que sempre me deram a força necessária para alcançar os meus objetivos.

Palavras-chave: Tradução, Tradutor, (In)visibilidade do tradutor, política, utopia concreta, funcionalismo, tradução cultural

Resumo:

O presente trabalho consiste numa proposta de tradução de alemão para português de um excerto da obra *Terra Nova: Globale Revolution und Heilung der Liebe*¹ de Dieter Duhm, recorrendo à tradução francesa *Terra Nova: Revolution globale et guérison de l'amour* como auxílio. Por se tratar de um texto socioantropológico, com um cariz político bastante acentuado, surgem várias questões de grande pertinência no âmbito da tradução que suscitam uma análise rigorosa e aprofundada sobre os fundamentos da própria tarefa de traduzir, do papel do tradutor e do impacto do seu trabalho a nível cultural, social, político e linguístico. Parte-se de uma análise mais técnica e metodológica da tradução para se chegar ao papel do tradutor como agente que contribuiu para transformar o mundo que habita. Procura-se também estudar os meandros da abordagem funcionalista e sua aplicação prática, dando-se especial foco ao princípio de lealdade de Christiane Nord e à sua metodologia de análise textual. Foca-se o texto, a voz do autor e dirimem-se as dificuldades e desafios que um texto sócio-antropológico, escrito por um líder político e espiritualmente comprometido, pode propor ao tradutor.

¹ Duhm, D. (2014). *Terra Nova: Globale Revolution und Heilung der Liebe*. Meiga Verlag.

Key-words: Translation, Cultural Translation, Functionalism Theory, Translator's (in)visibility, Politics

Abstract:

This paper is a proposal for a translation from German into Portuguese of an excerpt from Dieter Duhm's *Terra Nova: Globale Revolution und Heilung der Liebe*, using the French translation *Terra Nova: Revolution globale et guérison de l'amour* as an aid. As this is a socio-anthropological text with a very strong political slant, it raises a number of highly pertinent issues in the field of translation that call for a rigorous and in-depth analysis of the foundations of the task of translation itself, the role of the translator and the impact of their work on a cultural, social, political and linguistic level. It starts from a more technical and methodological analysis of translation to arrive at the role of the translator as an agent who contributes to transforming the world they inhabit. An attempt is also made to study the intricacies of the functionalist approach and its practical application, with a special focus on Christiane Nord's principle of loyalty and her textual analysis methodology. The focus is on the text, the author's voice and the difficulties and challenges that a socio-anthropological text, written by a politically and spiritually committed leader, can pose to the translator.

“Escrever é traduzir. Sempre o será. Mesmo quando estivermos a utilizar a nossa própria língua [...]. Para o tradutor, o instante do silêncio anterior à palavra é pois como o limiar de uma passagem “alquímica” em que o que é, precisa transformar-se noutra coisa para continuar a ser o que havia sido”.

José Saramago in *Cadernos de Lanzarote II*, 1999

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – ESTUDOS DE TRADUÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA: PRÁTICA E TEORIA.....	13
1.1. A ‘viragem cultural’: A tradução molda a cultura ou é a cultura que molda a tradução?.....	14
1.2. Cultura de Partida, Cultura de Chegada e a intermediação cultural.....	18
1.3. Contextualização sociocultural e histórica da obra e das traduções francesa e portuguesa.....	19
CAPÍTULO 2 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLOGIA.....	20
2.1. Perspetivas, abordagem, estratégias e procedimentos de tradução.....	25
2.2. Abordagem funcionalista e a análise textual segundo Christiane Nord.....	26
2.2.1 Funcionalismo, lealdade e responsabilidade do tradutor.....	28
2.3. Afinal, qual o papel do tradutor?.....	38
2.4. A tradução como ato político: tradução, política e desenvolvimento social.....	41
2.5. A tradução como utopia concretizável.....	47
CAPÍTULO 3 - TEXTO TRADUZIDO PARA PORTUGUÊS: Terra Nova: revolução global e a cura do amor.....	54
CAPÍTULO 4 - PRINCIPAIS DESAFIOS TRADUTOLÓGICOS E TRADUTIVOS.....	96
CONCLUSÃO.....	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117
GLOSSÁRIO.....	119
ANEXOS	
I - Texto original alemão <i>Terra Nova: Globale Revolution und Heilung der Liebe</i>	
II - Tradução francesa <i>Terra Nova: revolution globale et guérison de l’amour</i>	

INTRODUÇÃO

A nossa história é feita de ações, de palavras e, sobretudo, de significados. As traduções escritas e orais têm, portanto, desempenhado um papel crucial na comunicação entre pessoas e culturas diferentes, tendo contribuído para a produção de documentos e textos importantes para fins religiosos, académicos, culturais, sociais, políticos, medicinais, económicos, e principalmente para a evolução, progresso e disseminação de várias línguas e respetivas culturas.

O presente trabalho é, no geral, um exercício de reflexão fruto da minha vontade e necessidade de compreender o que é, de que se faz e para que serve a (área de estudos de) tradução, embora seja também a plataforma eleita para concretizar o objetivo específico de abordar estas questões, como tradutora, através de um exercício de tradução particular: o da tradução do livro *Terra Nova: Revolução global e cura do amor*, obra que nos fala de uma utopia e do caminho concreto para a sua realização. No fundo, a obra propõe, partindo da atual cultura ocidental, uma nova cultura possível. É através da observação e análise da permeabilidade, dinâmica e articulação entre culturas, domínios e significados diferentes, exercícios basilares do processo tradutivo, que irei construir uma reflexão teórica e metodológica justificativa do processo tradutivo aqui utilizado, assim como descrever o caminho que me permitiu, finalmente, estabelecer a minha posição, voz e identidade enquanto tradutora.

Nos dois primeiros capítulos, irei analisar os aspetos e critérios chave, subjacentes ao processo tradutológico referente ao enquadramento teórico e ao ato de ponderar a tradução; e ao processo tradutivo, referente às considerações metodológicas e pragmáticas necessárias para concretizar a tradução. Mais detalhadamente, o primeiro capítulo irá abordar dois conceitos chave do presente trabalho: tradução e cultura, enquanto o segundo será dedicado à descrição das abordagens teóricas e metodológicas orientadoras do meu processo tradutivo e, através das quais justifico as escolhas e decisões tomadas enquanto tradutora. No terceiro, é apresentado o *corpus* contendo os três excertos do livro *Terra Nova: Globale Revolution und Heilung der Liebe* (2014) traduzidos para português. O quarto e último capítulo apresenta os principais desafios e problemas tradutivos que surgiram ao longo do processo de tradução.

Ora então, quais são os fundamentos e princípios a serem respeitados para se conseguir alcançar uma boa tradução? A resposta irá revelar-nos uma multiplicidade de

abordagens possíveis à tradução já que uma boa tradução pode tomar formas diferentes, em função da abordagem selecionada. O que significa que não existe a tradução ‘perfeita’ ou ‘ideal’, mas existe antes uma constelação de várias possibilidades tradutivas para cada texto, todas igualmente válidas mediante a estratégia hermenêutica utilizada e respectivas justificações. Como é este fenómeno possível? Ora, pois é possível já que o texto de chegada pode ser produzido em função de uma ou várias das muitas variáveis a ter-se em conta antes de se começar a traduzir, como, por exemplo: o tipo e a função textuais, o público-alvo, o emissor, o autor, a cultura de partida ou a cultura de chegada, a intenção do autor, a do emissor, a do tradutor, e por aí fora.

Hoje, o trabalho de tradutores e intérpretes é transversal a praticamente todos os setores da vida humana. Paralelamente ao desenvolvimento social e económico, a relevância e a prática da tradução foram-se desenvolvendo, até surgirem, na segunda metade do século XX, os estudos de tradução. Embora seja um campo académico e profissional cada vez mais ancorado na realidade científica, a tradução continua a envolver uma certa dose de alquimia. Ora não fossem ser as bases do ofício a linguagem e a comunicação humanas, dimensões tão vitais como diversificadas e metafísicas. Como descreve Walter Benjamin

[i]n translation the original rises into a higher and purer linguistic air, as it were. It cannot live there permanently, to be sure, and it certainly does not reach it in its entirety. Yet, in a singularly impressive manner, at least it points the way to this region: the predestined, hitherto inaccessible realm of reconciliation and fulfillment of languages. (Benjamin, 2007: 75).

Por sua vez, o poeta Charles Bernstein compreende que “Temos de nos livrar, tal como nos livramos de uma doença, da ideia de que “todos” nós podemos falar uns com os outros com a voz universal da poesia.” (Bernstein, 1997: 106). Como é possível esperar objetividade e integração caleidoscópica de algo tão ambíguo e, ainda, limitado como a linguagem?

Em aula, a professora Joana Vieira Santos chamou-me a atenção para o facto de que a tradução pode ser equiparada a uma utopia concretizável, sendo toda ela fruto de uma intenção e desejo por parte do tradutor que, através da reescrita, irá materializar um não-lugar ou, antes, um texto que ainda não existe, mas que pode existir. É preciso sonhá-lo, pensá-lo, formular uma estratégia e traçar o mapa com os caminhos que nos hão de permitir lá chegar. E é este o ponto de partida para a reflexão tradutológica aqui apresentada: pretendo, pois, trabalhar a tradução como meio de concretização de uma utopia e estabelecer um paralelo entre o assunto principal do TP e a reflexão teórica e metodológica utilizadas para caminhar

até ao TC. Espero, quiçá, conseguir entrever ambas, a vida e a tradução, como possíveis utopias concretizáveis.

Mas como é que isto funciona? Ora, a utopia, etimologicamente o ‘não-lugar’, no caso da tradução nasce da visão, da vontade, da intenção e do compromisso de transladar determinado tipo de conhecimento ou informação de uma língua e cultura para outra língua e cultura. Como diz Sarah Maitland, a tradução começa com o desejo de compreender a relação de determinado texto com o seu ambiente de origem e ambiente de chegada, ou nas suas próprias palavras: “Translation is based primarily on a translator’s cognitive engagement with a piece of writing, on the one hand, and with the needs, knowledges, expectations and perceptual lacunae of an audience who will receive the translation, on the other.” (Maitland, 2014: 10). Este engajamento que inicialmente se cria no tradutor para com o objeto a ser traduzido é, de acordo com a autora, um parâmetro essencial para assegurar uma tradução bem-sucedida. Por outro lado, é essencial considerar quais são as convenções da escrita específicas de cada cultura. Como explica Charles Bernstein:

[a]o considerarmos as convenções da escrita, estaremos a entrar na política da linguagem. As convenções da escrita têm um papel fundamental na legitimação dos atos comunicativos. Elas determinam o que é permitido, ou não, num discurso particular e específico: o que é aceitável como sensato ou apropriado e dentro dos limites da moral. (Bernstein, 1997: 110).

O progresso do campo de estudos da tradução tem exigido uma prática cada vez mais aberta à interdisciplinaridade e pode, hoje, contar com os campos de estudo da ética assim como da sociologia, da antropologia, da filosofia e da política como alguns dos que muito têm contribuído para esse progresso. A responsabilidade subjacente ao engajamento referido por Maitland também tem sido bastante abordada por outros teóricos e é uma das temáticas centrais abordadas, mais adiante, neste trabalho. O processo de reflexão que antecede uma tradução é tão importante como o próprio processo de traduzir em si, talvez até o seja mais ainda. Aquilo que o poeta espanhol António Machado Ruiz diz ao caminhante, “Caminante, no hay camino, se hace camino al andar”, pode ser dito ao tradutor sobre o processo tradutivo. A preparação da abordagem, da perspetiva, das estratégias e procedimentos a utilizar para traduzir serão determinantes para a forma como o tradutor irá interpretar o TP e, claro, produzir o TC. O principal objetivo dos estudos de tradução é conseguir identificar as perspetivas e abordagens teóricas, estratégias e procedimentos que, compondo uma constelação teórico-metodológica, possam facilitar o processo tradutivo da atual

multiplicidade de textos existente, de acordo com determinados parâmetros, restrições e orientações (Newmark, 1981) ou, de acordo com a detalhada reflexão de James S. Holmes, no seu artigo “The name and nature of translation studies” é, em suma, a busca por responder ao “complexo de problemas aglomerados em torno do fenómeno de traduzir e das traduções” (Holmes, 2004: 173). Através do tecer da teoria tradutológica e da prática tradutiva, torna-se mais fácil e eficaz conseguirmos estabelecer diálogos entre textos, entre públicos e entre culturas tão diferentes que, de outra forma, nunca se comunicariam entre si.

O presente trabalho propõe o desafio de estudar a tradução e o tradutor no enquadramento do utópico, do político e do social. Ao traduzir segmentos de um texto não-literário de cariz socio-antropológico que se dedica a descrever uma utopia concretizável, proponho uma análise e reflexão teórico-práticas sobre o papel e as funções do tradutor e da tradução no enquadramento socio-antropológico atual. Da obra intitulada, no original alemão, *Terra Nova: Globale Revolution und Heilung der Liebe* (2014) e, na tradução francesa, *Terra Nova: La révolution globale et la guérison de l'amour* (2021) serão traduzidas apenas 31 páginas para português, correspondentes aos segmentos i) Teil II: Konkrete Utopie (24 páginas) ii) Ein neues morphogenetisches Feld: die planetarische Urzelle (2 páginas) iii) *Chapter 1.3 Das kollektive Trauma: Das morphogenetische Feld der Angst* (5 páginas).

O primeiro e mais extenso segmento descreve o tema principal do livro, a descrição da utopia concreta designada pelo autor como Terra Nova. O autor descreve detalhadamente não só a utopia concreta em si, mas também todos os aspetos, ações, processos, campos e áreas que contribuem para possibilitar a concretização da mesma. O segundo segmento aborda a temática do campo morfogenético do medo, transversal a toda a humanidade e, por isso, forte influência na forma como são organizados todos os aspetos chave da vida quotidiana. O terceiro segmento aborda o tema da morfogenética, a sua relação com a organização de toda a vida no planeta Terra e, conseqüentemente, com a concretização da referida utopia.

Ambas as versões, o original alemão e a tradução francesa, foram utilizadas para chegar à tradução portuguesa.

Este trabalho de projeto em Tradução tem como objetivos principais: a) trazer para português um tipo de linguagem novo, alusivo a uma utopia e associado a imagens tanto novas como clássicas mas que descrevem uma nova forma de estar, pensar e estruturar a realidade em que vivemos, propondo, no fundo, uma nova abordagem cultural e b) aproximar o público português do trabalho realizado pelo centro de investigação pela paz global Tamera.

Por outro lado, este texto foi selecionado por possibilitar abordar as três línguas nas quais me especializo - alemão, francês e português - assim como confrontar-me com as suas respectivas culturas.

CAPÍTULO 1 – ESTUDOS DE TRADUÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA: PRÁTICA E TEORIA

Se a cultura é o berço onde nascemos e a língua é a casa onde habitamos, a tradução é, pois, a pluralidade de caminhos que nos permitem sair de nossa casa, do nosso ninho familiar e bem conhecido, e ingressar numa aventura além-fronteiras, quiçá numa visita a ‘casa’ de vizinhos para os ficar a conhecer melhor.

Começo, pois, por definir ‘tradução’ e ‘cultura’, dois conceitos-chave para a compreensão do presente trabalho. É necessário, sobretudo, definir a relação entre ambos, que não é de todo evidente. No enalço para adquirir o estatuto científico e acadêmico, a ‘tradução’ - ato e meio de comunicação entre dois povos com línguas e, regra geral, culturas diferentes - com a exceção do caso de países multilíngues, por exemplo, onde não existem diferenças culturais em função das diferentes línguas - tem-se esforçado por abandonar as imprecisões e limitações que marcam a sua história milenar. A maior parte da teoria da tradução provém da perspectiva ocidental, do estudo do grego clássico e do latim e da prática bíblica porém, existem outras orientações conceptuais derivadas de outras culturas, visíveis nos exemplos da Índia, do mundo árabe, da China, entre outras (Munday, 2012). A tradução é, assim, um dos meios essenciais à comunicação entre culturas e uma das principais modalidades de intercâmbio e enriquecimento cultural e linguístico, tendo como prioridade facilitar a compreensão de determinado texto a um público pré-estabelecido e é, por isso, um ato propositado, intencional e deliberado (Maitland, 2014). Nas palavras de Christiane Nord, a tradução é a força motriz capaz de construir pontes entre mundos, contextos, culturas e línguas diferentes, ligando o TP e o TC de forma singular e especializada (Nord, 2014).

Já para definir ‘cultura’ são imprescindíveis os contributos da antropologia, ciência que veio também possibilitar um novo olhar sobre a tradução. De acordo com as palavras proferidas na MONDIACULT¹ 2022, cultura é

o conjunto das características distintivas, espirituais e materiais, intelectuais e afetivas que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, [e que] engloba, para além das artes e letras, modos de vida, direitos fundamentais do ser humano, sistemas de valores, tradições e crenças. (UNESCO, 2022: 1).

¹ Conferência Mundial da UNESCO sobre Políticas Culturais e Desenvolvimento Sustentável (MONDIACULT 2022).

Ao longo do seu desenvolvimento, o campo de estudos da tradução foi sofrendo várias transformações, algumas das quais resultaram em mudanças marcantes que permitiram avanços na reflexão teórica e expandir a metodologia, hoje, à disposição do tradutor. Peter Newmark refere quatro viragens tradutológicas no campo de estudos da tradução: 1) o estágio linguístico ou pré-linguístico, que durou até 1950, englobando sobretudo textos literários, poesia, pequenos contos, peças de teatro, romances e autobiografias, sendo a sua principal preocupação a tradução palavra-por-palavra em vez de significado-por-significado; 2) o estágio comunicativo, que começa em 1950, englobando textos literários e não-literários, preocupa-se com o leitor, com a identificação de vários tipos de registo textual e de procedimentos tradutivos, introduzindo a aplicação da linguística à tradução; 3) o estágio funcionalista, a partir de 1970, refere-se sobretudo a textos não-literários e foca-se na função e mensagem principal do texto; 4) o estágio ético e estético, desde 2000, trata de documentos oficiais e obras literárias importantes, e pressupõe a tradução como uma profissão nobre de busca pela verdade, que não deve enviesar o leitor nem a nível factual, nem através de ideias falsas (Newmark, 2009). A periodização apresentada por Newmark demonstra várias mudanças de foco e de interpretação face ao que é considerado uma tradução adequada. Se inicialmente, no estágio pré-linguístico, predominavam a tradução literal e a importância de textos literários, hoje, o progresso leva-nos a considerar a importância de todos os géneros textuais, assim como as dimensões ética, social, política e cultural que enquadram o trabalho de tradução. Por sua vez, Susan Bassnett e André Lefevere propõem, em 1990, uma abordagem onde elaboram e apresentam um outro tipo de periodização, com a apresentação da chamada “viragem cultural”.

1.1. A ‘viragem cultural’: A tradução molda a cultura ou é a cultura que molda a tradução?

Os autores Susan Bassnett e André Lefevere adotam o termo ‘viragem cultural’ de Mary Snell-Hornby² para descrever a sua abordagem tradutológica cujo foco é a interação entre tradução e cultura, rejeitando toda e qualquer abordagem que não tome em consideração os aspetos culturais associados ao ato tradutivo (Bassnett e Lefevere, 1990). Como Lawrence Venuti, os autores insistem que o facto de o enquadramento sociocultural ser movido por valores e crenças que lhe são inerentes é um aspeto que o campo de ação dos estudos de tradução deve, sem dúvida, considerar, já que influencia, ostensivamente, o processo

² Snell-Hornby, Mary (2006). *The Turns of Translation Studies: New Paradigms Or Shifting Viewpoints?* Benjamins translation library, Amsterdam, Vol 66

tradutivo (Munday, 2012), recusando quaisquer modelos que pretendam tratar a tradução como um processo isento de valores.

Bassnett e Lefevere consideram determinante a forma como a cultura impacta e delimita a tradução e as condições contextuais, históricas e culturais referentes às convenções implícitas ao processo tradutivo. A viragem cultural pode, portanto, definir-se como um movimento sociocultural que procura enquadrar o estudo de padrões tradutológicos e tradutivos assim como a sua variação ao longo do tempo, no âmbito do poder exercido por determinados intervenientes do sistema literário. De igual forma, busca relacionar a tradução com ideologias específicas como a escrita feminista, o colonialismo, a reescrita fílmica, assim como entrever a tradução enquanto apropriação e reescrita (Bassnett e Lefevere, 1990). Como diz Bernstein: “(...), as práticas discursivas normativas precisam de ser lidas em termos do sentido político das suas estratégias formais.”(Bernstein, 1997: 114). Por sua vez, Lefevere contribui para a narrativa dos estudos de tradução ao debruçar-se sobre aspetos como o poder, ideologia, instituição e manipulação (Lefevere, 1992). O autor afirma que são os intervenientes em posições de poder quem ‘reescreve’ a literatura e controla o seu consumo pelo público e fazem-no ou por motivações ideológicas ou por motivos de ordem poética, acomodando-se ou revoltando-se contra a ideologia ou poética dominantes. Este mesmo processo básico de reescrita opera na tradução, mas também na historiografia, na antologização, na crítica e na edição (Lefevere, 1992). A tradução é o tipo mais evidente de reescrita, colocando o tradutor num papel crucial face ao que é ou não reescrito. É ele quem, no fim de contas, decide o quê e como traduzir. A tradução é, potencialmente, a forma de reescrita mais influente, já que projeta a imagem de um autor e respetivas obras além-fronteiras, fornecendo-as a culturas e a públicos diferentes (Bassnett e Lefevere, 1990) contribuindo, desta forma, para enriquecer tanto a língua e cultura de partida como a língua e cultura de chegada. Por transladar não só uma mensagem, informação ou significados, mas também a própria cultura de origem - ao promover, por exemplo, a introdução de novas palavras e novas perspetivas numa outra língua e cultura - a tradução é um movimento de valorização e de expansão da língua de partida e cultura de partida, as quais conquistam, portanto, novos horizontes, públicos e participantes. Este câmbio linguístico funciona como uma força motriz que alimenta e fortalece a comunicação entre humanos e o desenvolvimento cultural, já que como advoga Bernstein “[a] padronização inflexível é a arteriosclerose da linguagem.” (Bernstein, 1997: 111), mas também como uma plataforma de intercâmbio cultural, promovendo a transformação da cultura de chegada. Sem a tradução, todas as línguas e culturas humanas perderiam o aspeto fundamental de poder crescer e evoluir juntas,

pois como diz Walter Benjamin: “[w]hile all individual elements of foreign languages' words, sentences, structure are mutually exclusive, these languages supplement one another in their intentions.” (Benjamin, 2007: 74). No final, há a possibilidade de contribuir para um enriquecimento comunicacional, já que o tradutor trabalha e reescreve partindo de pelo menos duas formas diferentes de expressar uma mesma ideia ou pensar um mesmo significado.

Mas como é que estas dinâmicas interlinguísticas e interculturais ocorrem no enquadramento profissional do tradutor atual?

Lefevere destrinça os dois agentes principais responsáveis por controlar o sistema literário onde opera a tradução. De um lado, encontram-se os profissionais dentro do sistema literário: os críticos, comentadores, professores, tradutores, que determinam, em parte, a poética dominante, influenciando a receção, o investimento académico e a ideologia sustentadas pelo seu trabalho. Do outro, está a patronagem fora do sistema literário: individualidades, grupos como editoras, os meios de comunicação social, partidos políticos e outras instituições públicas e privadas, que determinam, em parte, o estatuto, a ideologia e a gestão económica, que pode ou não fazer avançar a leitura, a escrita e a reescrita da literatura (Bassnett e Lefevere, 1990). Deparamo-nos, portanto, com indústrias cultural e artística incontornavelmente condicionadas que Bernstein explica alimentadas pelo: “[d]esejo insaciável que a nossa cultura tem de assimilação - um ciclo maníaco-depressivo de aceitar e rejeitar, catalisador crucial do processo sufocante de auto-regulação e auto-censura cultural” (Bernstein, 1997: 102) e, conseqüentemente, social e política.

É relevante constatar que a classe de profissionais do sistema literário, no qual se inserem os tradutores, está contida no campo de ação e de influência da patronagem. Esta última é, portanto, a classe que mais influencia a gestão do mundo da literatura.

As três componentes capitais através das quais a patronagem controla o sistema literário e seus participantes, de acordo com Lefevere, são 1) a componente ideológica, que delimita a escolha do assunto, da forma e da apresentação e que transcende quaisquer ideologias políticas, correspondendo, na realidade, à invisível e complexa rede de convenções, crenças e formas que orientam as nossas ações; 2) a componente económica, que se refere ao pagamento de escritores, hoje, através dos direitos de autor, de tradutores, através de honorários do tradutor e de outros profissionais como críticos e professores, através de editoras, universidades, Estado; 3) a componente do estatuto, que retrata a relação de retroalimentação estabelecida entre escritor ou reescritor e um patrono ou grupo ao qual pertença, isto é, ao receber deles apoio financeiro ou social assume um compromisso, que o

condiciona, face às expectativas do patrono ou do dito grupo em relação a si (Lefevere, 1992). Porém, a componente mais importante e que maior influência exerce sobre o trabalho do tradutor é a componente ideológica. A ideologia pode ser imposta tanto pela patronagem como pelo próprio tradutor, de forma consciente ou inconsciente. Por conseguinte, através da análise de Lefevere torna-se evidente que a cultura molda a tradução, mas, simultaneamente, que a tradução também tem o poder de moldar a cultura. Numa sociedade que exclui mais do que inclui e onde as distribuições de poder são hierarquizadas, necessitamos mais do que apenas ‘melhoramentos’, precisamos de uma verdadeira exploração de um sentido político ou estético (Bernstein, 1997). Como o fazer, se carecemos de convenções da escrita e da linguagem para legitimar e determinar o que é ou não válido, sensato, aceitável como ato comunicativo? Bernstein faz uma ressalva importantíssima ao dizer: (...) recusar a autoridade de determinadas convenções não nos coloca, de forma nenhuma, fora do convencionalismo. (...) Os problemas de autoridade tanto resultam das convenções contra-dominantes como das dominantes. (Bernstein, 1997: 111).

Maria Tymoczko (2003) é mais direta e concisa na sua abordagem teórica relativamente ao papel e influência da ideologia sobre o trabalho de tradução. A ideologia de uma tradução identifica-se através do TP; das palavras e da postura do tradutor e da relevância dos textos, original e traduzido, para o recetor. Por conseguinte, estas características revelam também a ideologia do tradutor. Porém, todos estes aspetos são, no final, afetados pelo que Tymoczko chama ‘local de enunciação’, que nos indica o posicionamento geográfico, temporal e, conseqüentemente, o ideológico, assim como as motivações e determinantes culturais vigentes no local a partir do qual o tradutor se expressa e traduz (Tymoczko, 2003). Através do seu trabalho, Tymoczko apela a todos os tradutores para que sejam agentes éticos da mudança social, e optem por trabalhar com modelos de compromisso e de ação coletiva (Tymoczko, 2003).

Por sua vez, Lawrence Venuti demonstra no contexto anglo-americano quais as conseqüências do poder exercido pela indústria editorial sobre o setor da tradução ao proferir:

Pode afirmar-se que a indústria editorial Anglo-Americana tem sido ativa na produção de leitores extremamente monolíngues e culturalmente limitados, ao mesmo tempo que colhe os benefícios económicos da imposição bem-sucedida dos valores culturais Anglo-Americanos a um vasto público estrangeiro. (Venuti 1992: 6 in Munday, 2012).

Posição corroborada por Bernstein quando declara: “O que acontece quase sempre é que as obras selecionadas para representar a diversidade cultural são as que começam por aceitar o modelo de representação da cultura dominante.” (Bernstein, 1997: 107).

É indubitável que o trabalho do tradutor passa por integrar e enfatizar a componente cultural no processo de escolhas da abordagem tradutológica, estratégia e procedimentos tradutivos a utilizar, tarefa sujeita a vários constrangimentos, sempre agravados pela - geralmente incontornável - distância espaço-tempo entre o TP e o TC. Uma outra problemática, digna de atenção, surge com as representações culturais específicas de cada cultura face à tradução. É, portanto, fundamental procurar saber quais são os conjuntos de representações cimentadas na memória coletiva da cultura de chegada e da cultura de partida, assim como saber de que formas estas representações contribuem para construir a identidade da tradução, do tradutor e do recetor.

1.2. A cultura do texto de partida e do texto de chegada e a intermediação cultural

Neste trabalho de tradução estão implicadas três línguas e, portanto, três perspetivas culturais diferentes. Verifica-se uma aproximação cultural entre as línguas e culturas alemã e francesa derivada da flagrante proximidade geográfica, mas, sobretudo, de um conjunto de acontecimentos históricos.

A origem do vocabulário francês na língua alemã remonta ao século XVIII, quando na sua corte, o rei da Prússia, *Friedrich II*, preferia o francês ao alemão. Porém, um acontecimento histórico marcante e que nos é mais próximo, nomeadamente, a ocupação da França pelo exército alemão, durante quatro anos, no decorrer da segunda guerra mundial, possibilitou o encontro e cruzamento entre as duas línguas e culturas. Embora marcado pela brutalidade característica da guerra, este encontro contribuiu para que ambas as línguas ganhassem novos vocábulos ou neologismos, que são, até hoje, ainda usados na linguagem corrente tanto em França como na Alemanha. Em contrapartida, a relação que se pode estabelecer entre a cultura alemã e a portuguesa é mais distante e não conta, tanto a nível linguístico como cultural, com um intercâmbio tão amplo como acontece com o par francês-alemão ou mesmo com o par francês-português. De facto existe uma maior proximidade entre o português e o francês, que partilham as mesmas raízes por serem ambas línguas românicas, originadas da evolução do latim vulgar, ao passo que o alemão, enquanto

língua germânica derivada do rúnico antigo e do gótico³, apresenta uma estrutura linguística diferente das anteriores.

Embora se identifiquem várias grandes diferenças a nível gramatical, lexical e sintático, existe uma base política que une, e aproxima, cada vez mais, todas estas culturas: a União Europeia. Enquanto Estados-membro da UE, há uma aproximação que tem vindo a ser implementada nas últimas cinco décadas que realmente estimula as trocas comerciais, políticas, profissionais, académicas, socioculturais e, forçosamente, comunicativas entre as três nações. Porém, paralelamente ao aumento do número de Estados-membro a integrar a UE, verifica-se uma diminuição significativa do poder individual de cada um deles (Newmark, 2009), e esta perda de ‘poder’ dá-se não só a nível político, mas também a nível cultural.

Na verdade, há uma característica interessante face ao tipo de texto aqui traduzido, que é o facto de ser um texto de cariz socio-antropológico e descritivo de uma experiência social comunitária, alicerçada em fortes princípios espirituais, políticos, sociais e humanos, focada na construção de uma utopia concreta. Esta utopia concreta, tema central do texto, representa e descreve uma cultura diferente das três culturas: alemã, francesa e portuguesa. Se, por um lado, há uma proximidade maior entre a cultura alemã e a francesa e entre a língua francesa e a portuguesa, há, por outro, uma distância igual entre a nova interpretação cultural apresentada no TP e as três referidas culturas europeias. Esta nova interpretação cultural, explícita no título do livro, refere-se a uma ‘Terra Nova’ e a uma ‘Revolução Global’ que se constroem, colocando em questão certas crenças, valores, princípios, hábitos e costumes vigentes, de igual forma e por influência política, nas três culturas alemã, francesa e portuguesa. No final, observa-se uma partilha cultural maior entre as três culturas europeias, do que entre cada uma delas e a nova abordagem cultural proposta pelo autor e pelo TP.

1.3. Contextualização sociocultural e histórica da obra e da tradução portuguesa

Obra e tradução ganham sentido ora através das relações estabelecidas com o mundo externo, ora como produto de um determinado contexto sociocultural e histórico, com o qual interagem constantemente. O texto original foi escrito por Dieter Duhm, nascido a 19 de Setembro de 1942 em Berlim. A sua primeira infância foi marcada pelos horrores da 2ª guerra mundial, tendo, por isso, migrado para o Sul da Alemanha. Em Freiburg, estudou

³ Línguas germânicas - wikipedia, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_germ%C3%A2nicas

psicologia, sociologia e história da arte; foi líder estudantil e ativista pelo movimento marxista. Publicou o seu primeiro livro, intitulado *Angst im Kapitalismus*, em 1974. Seguiu-se um período de tomada de decisões e mudanças radicais. Decidiu abandonar as ‘antigas estruturas’ porque “[s]em ser criada uma base humana sustentável, continuar o trabalho político deixa de fazer sentido (...)” e por compreender que afinal “o que é necessário não é apenas uma revolução económica, mas alicerces inteiramente novos para a vida humana na Terra” (Duhm, 1973-2023). Recusou três ofertas para lecionar no ensino superior e partiu em busca de uma alternativa significativa para erradicar a violência do mundo e das relações amorosas (Duhm, 1973-2023⁴). Seguiram-se várias experiências, onde visitou cerca de 100 projetos sociais e ecológicos por todo o mundo (Duhm, 1973-2023⁵). Foi em 1978, na Alemanha, que fundou o seu primeiro projeto comunitário *Bauhütte*, base do que é hoje o ‘centro de pesquisa pela paz global’ Tamera. Este último foi cofundado, em 1995, no Sudoeste Alentejano, com a sua companheira Sabine Lichtenfels, entre outros. Hoje, Tamera é a casa de uma comunidade internacional, com cerca de 170 pessoas dedicadas a colocar em prática o plano dos ‘Biótopos de Cura’. Existe uma quantidade considerável de bibliografia dedicada à descrição desse trabalho de investigação socio-antropológica, porém, escrita em alemão e traduzida, sobretudo, para inglês. Apesar de haver cada vez mais público português a interessar-se por este tipo de projeto e de informação, são poucas as peças informativas traduzidas para ou redigidas em português. Embora parte deste público português tenha um certo grau de conhecimento da língua inglesa ou até francesa, esse conhecimento não lhes permite ler, confortavelmente, uma obra complexa do princípio ao fim. Pude verificá-lo através de colegas portugueses com quem frequentei vários cursos online propostos por Tamera, lecionados em inglês, para quem o inglês servia, sobretudo, para a comunicação oral.

A tradução revelou-se, para mim, leitora, um bem essencial por duas grandes razões. Primeiro, o livro enquanto objeto é um meio privilegiado de partilha de conhecimento, pela autonomia e liberdade espaço-tempo que concede ao recetor, e por ser relativamente acessível e económico, para o público em geral. Segundo, enquanto falante lusófona, ao deparar-me com este projeto, percebi que, embora Tamera esteja há quase três décadas em Portugal, dispõe de pouca bibliografia em português. Ao confrontar-me com esta escassez, senti vontade de poder ler na minha língua-mãe informação relevante, derivada de uma experiência social, nascida e desenvolvida em Portugal, que ao desafiar e criticar os sistemas político e

⁴ <https://www.tamera.org/pt/dieter-duhm/>

⁵ <https://www.dieter-duhm.com/vita/>

social vigentes e propor soluções, me parece trazer uma dinâmica refletiva saudável enquanto contributo para a compreensão de si e do outro, assim como do meio ambiente, social, político e cultural em que vivemos.

Por haver um conjunto de bibliografia da Tamera a traduzir, tive, inicialmente, de tomar a minha primeira decisão e selecionar um texto. A escolha de *Terra Nova: Globale Revolution und Heilung der Liebe* foi feita em conjunto com o correspondente de Tamera Joel Barros, que indicou esta como a mais completa e atual obra de Tamera, com uma linguagem mais fluida e amigável do leitor. Ao participar nesta decisão, Joel Barros atuou, parcialmente, como emissor, e estou-lhe grata pela orientação, pois não poderia ter feito esta escolha sozinha. E, dito isto, devo dizer também que esta não é uma obra fácil pela sua tipologia textual multifacetada, pelo conteúdo multidisciplinar e pelas várias vozes que vão, ao longo do texto, sendo citadas pelo autor. Outra das complexidades jaz na articulação frequente de informação técnica, conhecimento científico e sabedoria espiritual, tudo unido pela expressividade emocional do autor, o que originou várias dificuldades e problemas tradutivos, discutidos, em detalhe, no capítulo 4.

CAPÍTULO 2 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLOGIA

Efetivamente existe, hoje, uma grande abundância de terminologia, perspectivas e abordagens no campo dos estudos de tradução. Ao longo do seu desenvolvimento, este campo de estudos foi sofrendo várias transformações, algumas das quais resultaram em mudanças marcantes que permitiram avançar na reflexão teórica e expandir a metodologia, hoje, à disposição do tradutor.

É impossível avaliar um trabalho de tradução sem o comparar ao original (Reiss, 2000). Por conseguinte, comparar o TP com a possibilidade do TC, assim como analisar as camadas de significado do TP e as do TC, comparando-as constantemente, são passos essenciais para a constituição da base teórico-metodológica de qualquer trabalho de tradução, sendo, para o efeito, necessário nutrir um conhecimento profundo dos dois idiomas envolvidos (Reiss, 2000). No presente trabalho, a tradução portuguesa elabora-se a partir do original alemão e da tradução francesa, tendo sido, por isso, pertinente analisar a tradução francesa e compará-la ao original alemão, para chegar ao TC português.

Para dar início ao enquadramento metodológico e ao estudo, apreciação e análise de um texto é essencial definir, antes de mais, quais são as funções da linguagem. O linguista e filósofo alemão Karl Bühler (1879 - 1963) apresenta três funções da linguagem: (1) a função representativa [é através da língua que o homem constrói o seu mundo interno e externo, é ela o sistema de representação de tudo o que é pensável e, por isso, tem a função ‘representativa’ de elaboração do pensamento], (2) a função expressiva [corresponde à posição, atitude, ponto de vista e ao cariz moral, intelectual, psicológico ou afetivo através do qual o sujeito falante utiliza a linguagem] e (3) a função apelativa [o emissor espera conseguir apelar a uma determinada reação do recetor da mensagem, como resposta ao que diz] (Rocha, 2001).

Por sua vez, interessa-nos abordar, sucintamente, a perspectiva de Roman Jakobson (1896 - 1982), que caracteriza a comunicação verbal através de seis fatores: o destinador, o destinatário, o contexto, a mensagem, o código e o contacto. A cada um deles, Jakobson faz corresponder uma função da linguagem específica. Portanto, existem seis funções da linguagem: (1) a função emotiva, definida pelo emissor ou destinador que exprime a sua atitude perante aquilo que diz; (2) a função conativa corresponde a mensagens centradas no destinatário, tentando persuadi-lo face a determinado conteúdo; (3) a função referencial é determinada pelo contexto: o emissor tem a intenção de informar, de referir, de descrever um acontecimento, situação ou estado de coisas; (4) a função poética é determinada pela mensagem que é valorizada por um qualquer recurso expressivo; (5) a função metalinguística

refere-se a situações onde se procura esclarecer aspetos da própria língua, quando o emissor e recetor sentem necessidade de clarificar ou fazer referência a determinado aspeto linguístico, ou eventuais ambiguidades; (6) a função fática define-se pela procura em estabelecer e manter contacto com o interlocutor, cativar e assegurar a sua atenção, a sua participação. É normal haver uma combinação e sobreposição destas funções no mesmo texto, mas existe sempre uma mais dominante, através da qual se pode formular a tipologia textual e até mesmo a função do texto (Rocha, 2001).

Por sua vez, cada texto pode compor-se de uma conjugação de diferentes tipologias textuais. Nord apresenta-nos um modelo que parte das, anteriormente descritas, funções da linguagem de Bühler e de Jakobson, e circunscreve as funções da linguagem a 1) função referencial, 2) a função expressiva, 3) a função apelativa e 4) a função fática. A linguagem é, finalmente, o veículo que nos permite a nós humanos organizar a nossa experiência e a nossa interpretação do real, do abstrato e do relacional. É, portanto, da maior importância analisarmos o tipo de linguagem utilizado por Dieter Duhm na redação de Terra Nova.

A linguagem do texto Terra Nova original caracteriza-se pela utilização de um vocabulário ora técnico, ora coloquial, ora metafórico e criativo, expresso através de uma sintaxe simples e de registo, predominantemente, formal, embora, por vezes, familiar, rico e sugestivo. É um vocabulário bastante imagético, porém remetendo para o estranho e para a novidade, compondo-se de estrangeirismos, neologismos, palavras importadas da filosofia, teologia, antropologia, espiritualidade, etc. A principal função da linguagem é a representativa, ainda que seja, consecutivamente, aliada às funções expressiva e apelativa. A função representativa evidencia-se pelo encadeamento de conceitos ora científicos e oriundos sobretudo das ciências sociais (sociologia, psicologia, história, filosofia, teologia) mas também de ciências exatas (biologia, física, agronomia), ora dos campos de conhecimento esotérico e espiritual. O autor utiliza citações de diversos outros autores, inserindo novas vozes, formas e estilos de escrita no decorrer do próprio texto. Ao fazê-lo, Duhm vai apoiando e reforçando os seus próprios argumentos, ao longo do texto, recorrendo a citações de vários outros autores já bem-conhecidos, com um estatuto bem estabelecido no meio literário, como Lao Tzu, Eckhart Tolle ou Carlos Castañeda. Adicionalmente, deteta-se uma forte presença de linguagem de função expressiva na voz do autor, que ao longo de todo o texto faz sentir a sua presença ao tentar estabelecer, em determinados momentos, um diálogo com o leitor, através do qual revela a sua posição face aos acontecimentos e informações transmitidos, incentivando o leitor a adotar essa mesma posição. Este tipo de linguagem é caracterizado pela utilização da 1ª pessoa gramatical, de adjetivação, do recurso a

interjeições e repetições, e de frases de tipo exclamativo. Da mesma forma, o texto está permeado da função apelativa, presente nas muitas premonições que o autor vai tecendo ao longo do texto, assim como das questões que coloca ao leitor e dos ‘conselhos’ que lhe vai fornecendo, utilizando, frequentemente, um estilo persuasivo que visa orientar o pensamento do leitor para determinada resposta. Em relação às funções da linguagem de Jakobson e Nord, estão todas presentes no texto, salvo a função metalinguística de Jakobson que, no texto traduzido, se mostrou uma função vital. No capítulo 4 serão apresentados vários exemplos de cada uma destas funções.

Interessa-nos, ainda, analisar a tipologia textual definindo os componentes intratextuais e extratextuais, como definidos por Christiane Nord e abordados, mais adiante, na secção 2.2.1.. Os componentes intratextuais são todos os elementos de cariz linguístico que compõem o texto: elementos semânticos, sintáticos, lexicais, gramaticais e estilísticos, e que avaliam a coerência, coesão e componente informacional do texto. O texto Terra Nova apresenta uma linguagem cuidada e coesa, assim como uma coerência ao nível informativo e linguístico. As palavras seleccionadas pelo autor são objetivas e, apesar de todas as metáforas utilizadas, o seu significado é claro e eficaz na evocação de imagens fortes alusivas à necessidade de mudança e que impulsionam o movimento de transformação social, pessoal e política. Esse é o objetivo claro do autor, incentivar o leitor a iniciar um processo de transformação de si e do seu estilo de vida.

Já os fatores extratextuais correspondem aos elementos externos que caracterizam o texto como o contexto e situação em que é produzido, a motivação para a produção, tema do TP e familiaridade do tradutor com o mesmo, tempo entre a produção do TP e do TC, espaço e meio de produção do TP, público-alvo, individualidade do tradutor e fatores de carácter emotivo que têm repercussões a nível lexical, estilístico e gramatical. Todos estes elementos contribuem para indicar o grau de adequação de padrões morfológicos, sintáticos, lexicais ou de referências culturais, sociais e políticas a utilizar na produção do TC.

No caso de Terra Nova, o autor encontra-se, forçosamente, num contexto em que sente urgente a transformação que propõe ao longo do livro, alicerçada nas suas experiências enquanto co-fundador e habitante de Tamera. Essa posição radical é expressa não só no vocabulário que utiliza, mas também a nível estilístico, sintático e gramatical. Por sua vez, enquanto tradutora opto por intervir e deixar visível a minha posição tendencialmente neutra, de observadora externa à comunidade. A minha intenção é possibilitar um olhar e compreensão sobre o trabalho concretizado em Tamera pela comunidade plural composta por várias vozes e pessoas diferentes. O autor Dieter Duhm é apenas uma entre várias vozes e,

enquanto tradutora, pretendo deixar este aspeto bem claro. Por conseguinte, a minha posição é uma de tentar equilibrar a presença da expressividade exacerbada da voz do autor, suavizando-a para assim deixar brilhar a informação objetiva e descritiva dos princípios, bases e crenças que alimentam o trabalho coletivo de Tamera. Este processo será desenvolvido e explicitado ao longo dos próximos subcapítulos.

2.1. Perspetiva(s), tipo e estratégias de tradução utilizadas

Os estudos de tradução englobam um conjunto de perspetivas ou abordagens, teorias, métodos de pesquisa e aplicações. São várias as formas de analisar uma tradução ora a podemos analisar como produto linguístico ora enquanto processo cognitivo ora enquanto instrumento comunicacional. No presente trabalho, optei por recorrer à terminologia ou metalinguagem para a análise da tradução proposta por Vinay e Darbelnet. A taxonomia estipulada por Vinay & Darbelnet em *Comparative Stylistics of French and English* (1995) teve um grande impacto no campo de Estudos da Tradução e tornou-se, por isso, um modelo clássico, sendo, portanto, aqui utilizado. Através da análise comparativa estilística que partiu do francês e do inglês, estes autores estabeleceram uma grelha das diferenças interlinguísticas que contribuiu para identificar diferentes estratégias e procedimentos de tradução e, assim, criar um modelo com uma ampla influência que se estende a muitas outras combinações linguísticas. Primeiramente, convém destringir dois conceitos chave: 1) uma estratégia é a orientação global do tradutor, já 2) um procedimento é uma técnica ou método específico usado pelo tradutor num momento específico do texto. Publicado na sua forma revista e traduzido para inglês, em 1995, o trabalho de Vinay & Darbelnet identificou duas estratégias gerais e sete procedimentos. A tradução direta e a tradução oblíqua são estratégias que nos redirecionam para a já conhecida diáde da tradução literal vs. tradução livre, e que englobam em si os sete procedimentos 1) empréstimo, 2) decalque, 3) tradução literal, utilizados na tradução direta e, 4) transposição, 5) modulação, 6) equivalência e 7) adaptação, utilizados na tradução oblíqua (Vinay e Darbelnet, 1995). Existem, ainda, vários procedimentos tradutivos suplementares como a amplificação/economia, o falso cognato, a perda, ganho e compensação, a explicitação e a generalização. Vinay & Darbelnet consideram a modulação um dos critérios principais do bom tradutor e um procedimento imprescindível ao processo tradutivo, já que abrange uma vasta gama de fenómenos e vem auxiliar o tradutor quando um segmento traduzido literalmente, embora a gramática esteja correta, se mostre inadequado, não idiomático ou estranho na LC (Vinay e Darbelnet, 1995). O procedimento que comporta

a perda, o ganho e a compensação baseia-se no pressuposto de que traduzir envolve inevitavelmente perdas, já que é impossível preservar toda a estrutura e as tonalidades de sentido do TP na LC. Ao assumirmos esta limitação, podemos, porém, compensar as perdas através da introdução de ganhos no mesmo ou noutro momento do texto. A explicitação é quando informação implícita no TP é tornada explícita no TC.

Neste trabalho, utilizei bastante o procedimento da transposição, opcional e obrigatória assim como várias modulações opcionais e obrigatórias. Utilizei ainda equivalências, adaptações, várias perdas, ganhos e compensações, algumas explicitações e generalizações.

Na minha pesquisa, para além da taxonomia de Vinay e Darbelnet, foi a abordagem funcionalista de Christiane Nord que melhor correspondeu ao trabalho de tradução aqui proposto e, nesse sentido, optei por me guiar pela teoria funcionalista e metodologia de análise textual.

2.2. Abordagem funcionalista e a análise textual segundo Christiane Nord

Holmes entende que, para se conseguir descrever a função das traduções relativa à situação sociocultural recetora, é mais necessário um estudo de contextos do que de textos (2004). A abordagem funcionalista concebe um modelo de análise textual aplicável a qualquer tipo de texto, para possibilitar ao tradutor compreender a função dos elementos e características contidos no TP e, assim, permitir-lhe selecionar a estratégia tradutiva mais adequada (Nord, 2014). Este modelo é o mais abrangente possível, isto é, serve para todos os pares de línguas, independentemente da direção (LP-LC e LC-LP), para todos os tradutores, independentemente da sua experiência profissional, e para todos os tipos e géneros textuais. Nord criou uma ferramenta que pudesse servir a todos os tradutores e línguas, mas que, ao mesmo tempo, fosse um instrumento de análise textual preciso que permite revelar os problemas de tradução existentes ou que possam vir a surgir.

O processo de ação tradutiva inicia-se pela necessidade manifesta por um iniciador (quem fez o pedido de tradução) de que determinado TC seja produzido, para servir um determinado propósito. De acordo com a abordagem funcionalista, este propósito será determinante para identificar os requisitos a serem preenchidos pela tradução. Existem, dentro da abordagem funcionalista, perspetivas teóricas distintas. Por exemplo, a teoria do *Skopos*⁶ de Reiss e Vermeer diz que serão as necessidades do iniciador a determinar o *Skopos*

⁶ Resumo dos pressupostos base da teoria do skopos:

ou função do TC, e não o TP em si, nem o público-alvo ou a função atribuída ao TP pelo autor (Reiss e Vermeer, 1984). Isto significa que a função do TC não deriva, obrigatoriamente, de uma análise feita ao TP, mas é antes definida de forma pragmática pelo propósito da ação tradutiva, descrita pela encomenda de tradução. Porém, na abordagem funcionalista de Nord, este tipo de pragmatismo complexifica-se, pois apesar das instruções e intenção do iniciador, existem vários agentes como o autor, o recetor e o próprio tradutor a ter em conta. O TC mantém-se sempre um instrumento de comunicação caracterizado por um conjunto de informações alusivas aos referidos agentes - autor, recetor e tradutor - e suas expectativas, contexto sociocultural, motivações, intenções, assim como o é por todos os fatores situacionais de receção, tais como tempo e local de produção, de receção, meios, etc., que são parâmetros especialmente importantes a considerar de antemão pelo tradutor (Nord, 2014). Todos estes parâmetros vão facilitar ao tradutor a tomada de decisões durante o processo tradutivo. Na abordagem funcionalista de Nord, o tradutor tem um papel de maior responsabilidade, já que é ele quem vai avaliar a viabilidade ou não da tradução e definir as estratégias a utilizar. Este será o principal foco do tradutor ao ler o TP, sendo que, regra geral, esta leitura é feita já depois de ele saber qual é o propósito ou função que o iniciador atribui ao TC. O iniciador pode ser o autor do TP, uma terceira pessoa ou o próprio tradutor.

Baseada na disciplina da linguística, Nord diz que todos os textos são conjuntos e têm uma função socio-comunicativa, sendo definidos tanto por critérios linguísticos como sociais (Nord, 2014). Ao partir de uma visão dinâmica sobre o texto, Nord afirma que se “pode atribuir a um texto tantas funções quantos recetores houver” (Nord, 2014: 42), já que “um texto não “tem” uma função; uma função só pode ser atribuída ao texto pelo recetor no ato da receção.” (Nord, 2014: 42). Por conseguinte, o texto como ato comunicativo só é completado no ato de receção, pelo próprio recetor ou público-alvo. A receção é completamente dependente das condições de cada indivíduo e, por isso, impossível de qualificar através de critérios objetivos. Aqui jaz a pertinência da utilização de um modelo rigoroso de análise textual, que englobe todos os elementos e características relevantes do texto, para assim se definirem instruções claras face à função textual, que sirvam de guia na produção do TC. Desta forma, o número considerável de traduções possíveis diminui, já que mediante os

(1) O TC é determinado pelo seu skopos. (2) O TC é uma oferta de informação numa cultura e língua de chegada relativa a uma oferta de informação numa cultura e língua de partida. (3) Um TC não inicia uma oferta de informação num modo claramente reversível. (4) Um TC tem de ser internamente coerente. (5) Um TC tem de ser coerente com o TP. (6) As cinco regras acima encontram-se por ordem hierárquica, sendo o skopos a regra predominante (Reiss e Vermeer, 1984: 119).

critérios funcionais estipulados, o tradutor terá uma orientação mais precisa que o ajudará a tomar decisões face às soluções tradutivas possíveis (Nord, 2014).

O processo de tradução passa por uma análise face à tipologia textual. Os fatores intratextuais e extratextuais são considerados como formas de identificar a função textual da cultura de um TP e de um TC. Estas são, posteriormente, comparadas a fim de se poderem identificar e isolar os elementos do TP que devem ser conservados ou adaptados na tradução (Nord, 2014). Existem vários tipos e vários géneros de texto. O texto pode ser de tipo informativo, expressivo, persuasivo, descritivo, narrativo, argumentativo e, quanto à classe existem várias categorias de textos padrão como, por exemplo, previsão meteorológica, oração, canção, manual de instruções, minutas.

A função, ou propósito, constitui um dos princípios-chave através dos quais o tradutor deve orientar o processo tradutivo e apresenta-se como um objetivo previamente definido. No que concerne à função textual, identifico, com base na análise realizada, duas: a primeira e principal é a de propor uma nova forma de existir e viver no planeta Terra, e a outra é revelar e descrever parte da experiência concreta, adquirida pelo autor e respetiva comunidade, enquanto membro da comunidade Tamera e investigador no âmbito da vida em comunidades alternativas ao sistema sociopolítico vigente.

2.2.1 Funcionalismo, lealdade e responsabilidade do tradutor

Como o comum recetor, o tradutor deve ser capaz de reconhecer defeitos no texto e compensá-los através das suas competências de receção textual, conhecimentos gerais e mundivisão. Para partirmos na viagem, a par e passo, que subjaz ao processo tradutivo, iremos começar por distinguir fatores extratextuais e intratextuais, que correspondem às terras que o tradutor terá de atravessar. Nord, metódica, estrutura um mapa em forma de questões a fim de orientar o tradutor na sua caminhada rumo à descoberta das características textuais que definem o texto a nível técnico, funcional e comunicacional. Portanto, os fatores extratextuais ou situacionais, no modelo de análise de Nord, são o emissor, a intenção do emissor, o recetor e a função do texto, e cada um destes parâmetros é abordado como um elemento independente, pelo efeito distinto que exerce sobre os fatores intratextuais. A abordagem funcionalista, construída através do pensamento de diversos autores, conta, de acordo com cada um deles, com ênfases distintas face à importância dos vários parâmetros extratextuais. É interessante perceber que é possível traduzir de acordo com modelos e estratégias diferentes mantendo, porém, uma abordagem funcionalista: por exemplo, Reiss e

Vermeer (1984) privilegiam o tipo de texto e a função textual; Wilss (1977), a relação entre o emissor e o recetor; Koller (1979) opta por se focar nas características do recetor e Thiel (1974) salienta as bases de conhecimento prévio do recetor como um fator crucial para estruturar o processo tradutivo. Por sua vez, aliados aos fatores extratextuais consideram-se os chamados pressupostos situacionais que, geralmente, incluem os fatores da situação comunicativa do TP: tempo, local e, ainda, a motivação para a comunicação, assim como as características comunicativas do emissor e do recetor (Nord, 2014). No presente trabalho, a ênfase recai sobre os fatores extratextuais e no princípio de lealdade do tradutor descrito por Christiane Nord.

Uma abordagem funcionalista do processo de tradução parte do princípio de que a tradução é um processo circular e recursivo em vez de linear e progressivo. Por conseguinte, traduzir inclui um número indeterminado de retroalimentações, sendo imprescindível ao tradutor voltar a fases anteriores para poder continuar a avançar. O modelo aqui utilizado e que, na perspectiva de Nord, melhor descreve o processo tradutivo - o modelo circular - está intimamente ligado à pessoa do tradutor. Sendo o tradutor a figura central do processo de transferência intercultural entre textos, cabe-lhe a ele considerar e articular, em simultâneo, o contexto de partida e o TP, o contexto de chegada e o TC, e os vários passos da análise e produção do TC. Desta forma, o tradutor caminha, num processo que é muito seu, ora para trás, revendo fatores já analisados, confirmando e/ou corrigindo dados, ora continuando a avançar, de acordo com as descobertas que vão sendo feitas através de um processo dinâmico de gestão de todas estas variáveis (Nord, 2014).

Para haver tradução, é necessário haver um TP e um TC e uma relação entre estes, podendo essa relação variar em termos de qualidade e quantidade (Nord, 2014). É através da análise desta relação que se define a função textual, a qual, por sua vez, será o guia do trabalho do tradutor pois fornece-lhe os critérios de decisão sobre que elementos preservar e adaptar no TC. Para além da compatibilidade entre o material fornecido pelo TP e o exigido pelo TC, deve existir uma compatibilidade entre a intenção do emissor e a função do TC. Na cultura ocidental, desde que o autor da obra assine a tradução enquanto tal, espera-se que a lealdade do tradutor seja para com o autor e, portanto, que não falsifique a intenção do autor. Similarmente, o tradutor deve lealdade ao recetor do TC, já que é para ele que escreve. O tradutor encontra-se, como tal, bilateralmente comprometido: com o TP e com o TC, com o emissor e com o recetor, sendo estes compromissos de responsabilidade aquilo que Nord define como o princípio de lealdade do tradutor. Este conceito de lealdade define-se como: “(...) um princípio ético indispensável nas relações entre os seres humanos, que são parceiros

de cooperação de um processo de comunicação” (Nord, 2014: 63). Este conceito distingue-se do conceito de ‘fidelidade’, que se refere às semelhanças técnicas entre textos diferentes assim como se distingue do conceito de ‘equivalência’, um dos mais controversos da disciplina, por vezes tomado como ‘fidelidade’, e que é considerado por Jakobson como sendo “the cardinal problem of language and the pivotal concern of linguistics.” (Jakobson, 2004: 141). O conceito de ‘equivalência’ permanece alvo de discussões entre teóricos⁷ precisamente porque a tradução de um texto não se faz só de aspetos técnicos ou intratextuais, mas também de parâmetros humanos e culturais, impossíveis de quantificar, como, por exemplo, a função que o recetor atribui ao texto ao lê-lo.

O conceito de ‘lealdade’ foi introduzido, em 1989, por Christiane Nord no enquadramento da teoria do Skopos⁸, como forma de, justamente, enfatizar as especificidades culturais subjacentes aos diversos conceitos e parâmetros tradutológicos e, assim, criar um filtro ético que permitisse limitar o intervalo amplo de skopos possíveis de um TP. Foi como criar uma ferramenta teórica para ajudar o tradutor a precisar a função de qualquer TP, sempre respeitando os intervenientes das CP e CC e suas subdivisões. Um dos aspetos interessantes relativo a esta proposição teórica de Nord é revolucionar, de certa forma, o conceito controverso e amplamente discutido de fidelidade. A autora conjectura que a lealdade pode substituir a fidelidade a qual, regra geral, se refere a parâmetros linguísticos ou estilísticos referentes à similitude entre TP e TC, negligenciando parâmetros extralinguísticos, referentes à situação comunicativa como a intenção ou expectativas envolvidas. Com efeito, a lealdade consciencializa e responsabiliza o tradutor face ao conjunto de fatores a considerar e decisões-chave a tomar ao produzir o TC. A lealdade é uma categoria interpessoal referente à relação social estabelecida entre indivíduos. Para assegurar a ética do tradutor, Nord introduziu este conceito e, como o próprio subtítulo do seu artigo indica, ela propõe “Loyalty as a corrective to radical functionalism” (Nord, 2007: 1). O que significa que há algo a acrescentar às perspetivas funcionalistas mais radicais, como a Teoria do Skopos, proposta por Vermeer. A tarefa do tradutor complexifica-se através do princípio de lealdade, tornando-o, portanto, o responsável enquanto mediador da relação de

⁷ teóricos como: Bassnett (1980/2002), Jakobson (1959/2004), Koller (1979/89), Newmark (1981 & 1988), Nida (1964 -1969).

⁸ A teoria do skopos, apresentada por Vermeer em 1978 vem salvaguardar o intervalo de possibilidades subjacente ao que pode ser a finalidade da tradução de determinado texto e, preservar, ao mesmo tempo, o aspeto da função da tradução (Nord, 2007). O skopos é a finalidade, função ou propósito e não é um elemento fixo ou final, mas antes um elemento fluído pois encara o texto como um “contínuo entre mundos”. A teoria do skopos assume a função comunicativa ou finalidade do texto como critério principal na orientação do trabalho do tradutor (Nord, 2007).

cooperação estabelecida entre emissor, autor e público-alvo (Nord, 2007). É um compromisso que implica a antecipação, por parte do tradutor, de quaisquer discordâncias, conflitos comunicativos ou mal-entendidos entre os diferentes intervenientes por eventuais diferenças entre concepções e expectativas face ao TC (Nord, 2007). Como revela a autora “[i]t is the translator’s task to mediate between the two cultures, and I believe that mediation can never mean the imposition on the concept of one culture on members of another.” (Nord, 2007: 3). O princípio da lealdade visa, também, promover a confiança entre todos os intervenientes do processo tradutivo. Esta relação de confiança irá beneficiar todos os intervenientes e permitir uma maior abertura e comunicação mais fluída entre tradutor, autor e emissor, permitindo mais trocas e uma tradução mais rica, assim como uma abertura maior por parte do público, que se sentirá compreendido nas suas necessidades comunicativas.

O princípio da lealdade proposto por Nord traz dois aspetos chave para a abordagem funcionalista ao convidar o tradutor a considerar as diferenças advindas dos conceitos de tradução específicos de cada cultura e a respeitar a intenção comunicativa de cada interveniente individualmente. Por sua vez, estes aspetos vão limitar a universalidade da aplicação da teoria do Skopos (Nord, 2007). Depreende-se, portanto, que o princípio da lealdade vem complementar o princípio de funcionalidade da teoria de skopos, conferindo ao tradutor a sensibilidade e responsabilidade acrescidas, enquanto mediador entre autor, emissor e recetor, de poder decidir acerca da viabilidade da tradução. O processo tradutivo transforma-se, pois, numa atividade de cooperação entre estes quatro agentes, no qual o tradutor é obrigado a revelar o propósito da tradução tal como a justificar todas as suas decisões tradutivas. A lealdade pressupõe reduzir a ambiguidade no TC ao retirar a responsabilidade interpretativa do recetor e colocá-la sobre o tradutor. É por isso que o tradutor tem a obrigação moral de justificar com precisão todas as suas escolhas tradutivas, através de um prefácio, notas de rodapé, notas de tradutor ou glossário e, assim, assumir a sua posição particular. Existem casos de tradução em que, por haver uma distância acentuada entre a intenção comunicativa do emissor e a cultura de chegada, deve ser o tradutor (em conjunto com o emissor, se possível) a decidir que tipo de função um tal texto pode ter na cultura de chegada. Por exemplo, transformar o texto numa tradução-documento, conferindo-lhe uma função linguística predominantemente informativa é uma boa solução porém, pode perder-se informação importante. Nord diz que, em tal situação, o princípio da lealdade guia o tradutor a optar por uma tradução exotizante que, por um lado, respeite e preserve a função e intenção do emissor e que, por outro, seja compreensível para o público-alvo sem o induzir em erro (Nord, 2007). Este exemplo corresponde à estratégia que

adotei para traduzir *Terra Nova* para português, um texto que, embora informativo, compreende uma voz autoral exacerbadamente expressiva e vários conceitos novos e estranhos. A solução que adotei foi enfatizar o tom informativo e diluir a expressividade do autor, conferindo ao texto um caráter mais objetivo, decisão que justifico em detalhe mais adiante.

A função textual deste trabalho de tradução é, respeitando o princípio de lealdade do tradutor de Nord, dar a conhecer algo novo em vez de domesticar a natureza selvagem e utópica do TP. A intenção do autor é dar a conhecer a Terra Nova ao público, propor novos horizontes e conceitos e, ainda, disseminar os frutos da sua experiência social como membro da Tamera. A expectativa do público é conhecer algo novo, alternativo, revolucionário, inspirador e que lhe traga novos conhecimentos. E assim, estão justificadas todas as novas expressões que, apesar de terem uma tonalidade estranha ou não-familiar, aportam novas formas de expressão e de pensamento.

Neste trabalho irei dar particular atenção ao recetor ou público-alvo e às suas expectativas, estando ciente de que quanto maior é a distância cultural, temporal e espacial entre o público-alvo e o TP, mais difícil será para o tradutor preencher essa distância (Nord, 2014). A análise das expectativas do emissor pode constituir um bom ponto de partida para compreender as expectativas do recetor do TC porém, como já anteriormente referido, esta torna-se uma tarefa árdua se considerarmos que estas expectativas dependem da personalidade de cada recetor. Embora o público-alvo seja considerado como um dos fatores mais importantes na análise proposta por Nord, este é frequentemente negligenciado na prática da tradução (Nord, 2014). Papel comunicativo, expectativas relativas ao emissor, bagagem comunicativa, conhecimentos prévios, ambiente sociológico, posição face ao assunto e características linguísticas do texto são os principais parâmetros a analisar para compreender e poder identificar o público-alvo. O facto de que as condições de produção do TP são diferentes daquelas em que se encontram os recetores do TC prediz a importância de adaptar todos estes elementos díspares que separam emissor, intenção, recetor e receção. É bastante útil fazer uma comparação entre os dados que caracterizam o recetor do TC e os que caracterizam o recetor do TP, para se poder estabelecer um paralelo e, através da comparação, poder traçar um perfil mais claro do público-alvo do TC. Iremos, portanto, identificar ambos os públicos-alvo através da idade, sexo, educação, ambiente social, origem geográfica, status social, papel desempenhado junto ao emissor, *background* comunicativo, intenção e expectativas. Por sua vez, as informações obtidas acerca do público-alvo podem fornecer dados sobre o emissor: intenção, tempo e local da comunicação, função do texto e, até, sobre

as características intratextuais do texto. É importante frisar que todos estes aspetos e fatores irão influenciar a organização estilística do TC. Embora, a informação relativa ao público possa obter-se também através do paratexto, do título, do género textual, da intenção do emissor e de fatores situacionais.

Com base na minha análise e observação, o público-alvo do presente trabalho é alguém já dentro do assunto e que procura, particularmente, este tipo de informação, o que prediz algo sobre a sua bagagem de conhecimento, mundivisão e expetativas. O livro está disponível no website da Tamera e em livrarias dedicadas à literatura esotérica, espiritual, de saúde e auto-desenvolvimento. O que significa que para ter acesso ao livro, o leitor tem de percorrer um determinado caminho que nos permite antecipar a sua bagagem de conhecimento anterior. O recetor é alguém com um background cultural que o aproxima do conteúdo estrangeiro do TP e uma base de conhecimento prévia de busca de desenvolvimento pessoal, social e espiritual, com abertura para descobrir novo conhecimento, já que é um texto não-literário que transmite informação face a uma experiência socio-antropológica de vida em comunidade, única e inédita. Portanto, é alguém que tem interesse em conhecer o trabalho pacifista, social e político realizado por Tamera. Ao mesmo tempo, espera ser surpreendido e encontrar informação nova, misteriosa, transformadora. É alguém que quer mudar a sua vida, o seu mundo e que procura amor, revolução e cura. O contexto cultural recriado no texto é utópico, embora seja alimentado por diversa informação objetiva e ancorada na realidade, inclusive conhecimento técnico e científico já comprovado, como por exemplo, o campo da morfogenética e a área da restauração de ecossistemas, havendo várias menções a autores científicos de referência. O assunto tratado no texto é dado explicitamente pelo título e subtítulo.

Dentro de um hipertexto podem existir vários outros textos, e cada um deles pode pertencer a um emissor diferente. No caso de um texto não-literário, esses outros textos aparecem, por exemplo, através de citações; no caso de um texto literário aparecem, por exemplo, através de informação comunicada por via de diferentes personagens. O nosso texto é um texto não-literário e recorre a diversas citações e informação comunicada através de textos que dão voz a emissores completamente distintos do emissor original. Através das referidas citações viajamos no tempo e no espaço, já que são citações de textos ora de escritores nossos contemporâneos (Eckhart Tolle), ora da antiguidade (Lao Tzu) e vêm de culturas distantes temporalmente, mas, também, geograficamente: Índia, China, EUA. Esta riqueza atribuída ao texto por Duhm obrigou-me ora a procurar traduções já existentes das citações de Eckhart Tolle e Lao Tzu, e a traduzir as restantes de K.O. Schmidt, Sri

Aurobindo, por ainda não existirem traduções portuguesas. É comum, e isso acontece no nosso texto, que a informação situacional relativa aos intratextos seja cedida pelo emissor do hipertexto. É possível, caso esta não surja nas palavras do emissor original, ser o tradutor a cedê-la.

Ao responder à questão "Que tipo de informações sobre os vários intervenientes podem ser relevantes para a tradução?" (Nord, 2014: 80), Nord cita as perspectivas de vários autores: Neubert privilegia: a idade, a origem, o ambiente social e a educação; Vermeer: a atitude, o status, o papel, a estratégia, o comportamento e atividade; Johannes Schmidt: as condições socioeconómicas, socioculturais, intelectuais e cognitivas, condições físicas e biográficas; e Gülich e Raible: o tom, a alegria, o mau humor e a imagem que emissor e recetor têm um do outro. Nord acrescenta, porém, que esta lista está incompleta, alertando para a necessidade de compreendermos o contexto histórico do mundo apresentado no TP. As mesmas categorias que nos permitem compreender o mundo são igualmente válidas para compreender o mundo de um texto (Nord, 2014). Será através de dimensões base como o tempo e o espaço, determinantes para a caracterização de qualquer situação, que a análise textual começa. Segue-se o segundo aspeto fundamental, a dimensão cultural que caracteriza a situação. E, em terceira instância, surge a importância de ligar e perceber qual é a relação entre a situação, devidamente caracterizada e a função comunicativa do texto ou funções da linguagem (Nord, 2014).

Começamos por analisar os fatores extratextuais que, embora tenham um cariz mais subjetivo e abstrato, podem oferecer um fundamento para a análise dos fatores intratextuais (Nord, 2014). Em primeiro lugar, o tradutor deve buscar saber qual é a cultura ou "mundo" referidos no texto. Aqui, distingue-se entre textos factuais e textos ficcionais. A diferença está entre o texto e a realidade assumida, embora tanto possa haver realidade no texto ficcional, como informação fictícia num texto factual. A nuance interessante deste tipo de caracterização é que esta não depende somente da estrutura do texto em si. É o autor e, sobretudo, o leitor quem classifica o texto como um ou outro, de acordo com o conceito de realidade aceite e defendido na sua cultura – conceito esse determinado por convenções filosóficas e sociológicas. Um texto pensado para ser factual, pelo emissor do TP, pode ser "compreendido" como fictício por um recetor do TC com uma visão da realidade diferente e culturalmente específica, assim como pode, também, acontecer o inverso.

Uma outra questão que surgiu como relevante ao longo do nosso trabalho foi: Qual o impacto da intenção do emissor sobre o léxico por ele utilizado? Como se reflete a intenção

do emissor no texto? Será certamente através do tipo de linguagem, seleção de palavras, da sua tonalidade, utilização de figuras de estilo.

O nosso autor, Duhm, utiliza uma linguagem sobretudo familiar para se aproximar do leitor, mas também porque, apesar de toda a informação objetiva que pretende passar, ele está a expressar a sua perspetiva e opinião sinceras, com tamanha segurança e confiança que o fazem dar vários conselhos ao leitor, com base no seu conhecimento e largos anos de experiência. Dieter Duhm caminhava para os 80 anos de idade quando publicou *Terra Nova*. Este tipo de abordagem abundantemente expressiva, apelativa e persuasiva num livro não-literário e com uma função predominantemente referencial é, porém, contestável. Ora, se *Terra Nova* é um texto que pretende ser informativo e factual, constituído de saberes justificados por várias autoridades espirituais e científicas - as quais Duhm vai invocando ao longo do texto - e que é alicerçado numa organização lógica, coerente, bem estruturada e de carácter objetivo, é deveras desadequado, ora pois, que o autor a quase cada parágrafo nos diga o que sente ou o que não sente, por várias razões que passo a enumerar. Primeiro, isto pode dar azo à descredibilização de todo o conteúdo factual do livro e, por isso, da mensagem que o livro quer transmitir, por haver um contraste derivado da dicotomia razão/emoção, naturezas opostas que dificilmente se misturam de acordo com o dogma presente na nossa cultura ocidental fundamentado pelo trabalho desenvolvido pelo mundo académico. Segundo, de qualquer forma, este tipo de escrita demagógica é, de acordo com uma perspetiva benjaminiana, invasivo para o leitor, já que não lhe concede espaço para ser ele a fazer as suas próprias interpretações e desenvolver os seus próprios sentimentos e opiniões relativamente aos fatos e significados objetivos que lhe são apresentados (Benjamin, 2010). O autor ocupa este espaço emocional com as suas próprias emoções, opiniões, posicionamentos e arrebatava o espaço do leitor. Eu, enquanto tradutora, recuso-me a fazê-lo, isto é, a minha lealdade face ao recetor impede-me de considerar como opção arrebatá-lo o espaço para se poder escutar a si próprio e desenvolver os seus próprios sentimentos, emoções, posicionamentos e opiniões. Esse aspeto de estimular o desenvolvimento pessoal de cada um julgo ser, também, uma das funções deste texto. Encontro-me, portanto, num dilema face à responsabilidade para com o autor e para com o leitor.

Por conseguinte, optei por reescrever um texto feito, sobretudo, de construções verbais em vez de construções nominais, por me parecer conceder ao texto uma distribuição de detalhes informacionais mais equilibrada. Procurei respeitar a tonalidade ou tom, a modulação, o ritmo, velocidade, sonoridade, intensidade, pausas e entonação do emissor, suavizando situações de excessivo dramatismo, o tom catastrófico, assim como o seu recurso

recorrente ao imperativo, substituindo-os por um tom mais neutro em vez de calamitoso, e uma ênfase sugestiva em vez de autoritária, para atingir a finalidade prioritária de respeitar o leitor, assim como a assertividade da informação do TP e, sobretudo, eliminar o proselitismo implícito na voz do autor. Por conseguinte, nesta tarefa de tradução, decidi não ser fiel à voz do autor por sentir, como leitora, que esta prejudica a função fundamental à qual o texto aspira e, simultaneamente, pelo desrespeito face ao leitor. Porém, para me manter leal, enquanto tradutora, é minha obrigação dialogar com o autor sobre a questão da tonalidade demagógica que ostenta ao longo do texto e através da qual, muitas vezes, se dirige ao leitor. Tentar perceber se ele está consciente dessa denotação demagógica no seu discurso e perguntar-lhe se a quer manter. Pois, caso a queira manter, isso irá quebrar a minha capacidade de aplicar o princípio de lealdade de Nord e de prosseguir com o trabalho de tradução, já que não poderei continuar a traduzir a obra por ter como princípio pessoal ser contra qualquer tipo de movimento proselitico. Ao analisar a seleção variada de linguagem feita por Duhm, o seu tom ora familiar, persuasivo e corrente, ora imagético, poético e permeado de metáforas, ora objetivo, técnico e científico, faz-me colocar a questão sobre quem, para ele, será o recetor ou público-alvo? Será que ele se dirige aos habitantes, amigos, conhecidos de Tamera e aos interessados e curiosos que, por isso, já estão minimamente informados sobre Tamera e com quem ele sente tamanha familiaridade que se permita utilizar este tipo de linguagem? Será que, por ser um sénior já muito experiente e ser um dos cofundadores de Tamera, Duhm se sente tão confiante que julga poder exercer uma certa autoridade sobre os demais e, por isso, fazer tais inferências demagógicas no seu livro? Será que utiliza a linguagem familiar como uma simples estratégia fática, para se aproximar ao máximo do público e o conseguir convencer, persuadir ou manipular melhor? A única forma de responder a estas questões será dialogar com o autor.

Em suma, por lealdade ao recetor e à função textual (mas não propriamente à voz do autor) vi-me obrigada a proceder à alteração de determinadas unidades semânticas e lexicais. De igual forma, alterei o tom do texto, que revelou ser um aspeto da mais alta importância. Trata-se de um texto sério, porém, delicado, já que envolve espiritualidade, política, ciência e transformação, todas elas matérias passíveis de ser tratadas de forma objetiva, racional e assertiva. O tom familiar e demagógico transmitido por Duhm, ao longo do texto, pode ser rapidamente mal interpretado, precisamente pela contradição ideológica entre espiritualidade e ciência incrustada na nossa sociedade dominada por uma ordem científica. Por outras palavras, o livro é feito de uma forte componente espiritual que, por sua vez, à luz da sociedade europeia atual, exacerbadamente científica e intelectual, tem tendência a ser,

espontaneamente, descredibilizada. Ora o tom familiar e demagógico contribuirá para favorecer este fenómeno de desvalorização e descredibilização do conteúdo do livro. “Quanto mais estranho o assunto, maior a probabilidade de o recetor reagir de maneira confusa, sem compreender o assunto e desistindo da leitura.” (Nord, 2014: 231). Ora, mediante o tom com o qual o texto é apresentado, poder-se-á conferir-lhe maior ou menor credibilidade e, assim, afetar a forma como os leitores irão avaliar o texto, a intenção, a personalidade e a autoridade do emissor e autor.

Por outro lado, visto que o texto faz referência a uma experiência socio-antropológica, julgo ser importante conferir, através do texto, a relatividade de ser uma experiência válida, sim, mas apenas uma possibilidade num universo de possibilidades, e não uma verdade absoluta e universalmente aplicável como o autor pretende denotar. A intenção do autor é, também, poder transmitir de certa forma a sua experiência pessoal enquanto cofundador e elemento de uma comunidade construída sob a alçada de princípios espirituais, humanos e científicos, no qual ele trabalha e vive há mais de 20 anos. É compreensível, por isso, que ele se misture a si próprio com a informação alusiva a Tamera. Porém, a minha intenção enquanto iniciador/emissor do TC é fornecer ao leitor comum, de língua materna portuguesa, material para que possa conhecer a realidade e o mundo paralelo de Tamera, a acontecer no Alentejo, de forma concreta e objetiva. Por conseguinte, a perspetiva pessoal de Duhm é considerada como um contributo secundário e, em vários excertos do texto, é mesmo um empecilho. O autor, depreendo-o pela sua entoação e escolha lexical, quer com o livro não só informar, mas também convencer e persuadir o leitor do caminho certo para um futuro sustentável sem guerra nem violência e que respeite as necessidades do planeta Terra. Mas como diz Nord “(...) a comunicação só pode ter sucesso se falante e ouvinte aceitam, implicitamente, uma quantidade suficiente das mesmas pressuposições.” (Nord, 2014: 170). Forçar uma perspetiva é praticamente impossível e é, hoje, eticamente condenável.

Ativar o interesse do leitor face a um assunto que lhe é estranho pode exigir ao tradutor a construção de uma ponte comunicacional, recorrendo a um assunto mais familiar para facilitar o acesso do leitor a esse mundo diferente. Este método é particularmente útil no caso de um leitor sem pressupostos nem conhecimentos prévios (Nord, 2014). Dito isto, pergunto-me se Duhm, ao escrever, chegou sequer a considerar o público que o iria ler.

2.3 Afinal, qual o papel do tradutor?

Em *After Babel*, obra basilar de George Steiner e do campo de estudos de tradução, ele define a sua abordagem hermenêutica como a necessidade de estudar uma amostra de discurso, oral ou escrito, e experimentar transpor este processo para um modelo geral de significação (Steiner, 1998). O trabalho deste autor concentra-se, primeiramente, no funcionamento psicológico e intelectual do tradutor, sucedido de uma discussão do processo de significação e compreensão subjacentes ao processo tradutivo (Steiner, 1998). A hermenêutica da tradução de Steiner corresponde à ação de transferência apropriativa de significado (Steiner, 1998), e o autor dá ênfase à importância da importação do estrangeiro para a cultura de chegada, considerando uma estrangeirização, não-fluente, como uma boa tradução. Steiner descreve quatro movimentos do tradutor; o primeiro, ao qual chama confiança iniciadora, corresponde ao investimento de convicção, crença e confiança face à possibilidade de inteligibilidade do TP; o segundo é a agressão e refere-se ao ato de compreensão e captura que o tradutor faz do TP como um ato apropriativo e violento, pois é feito com base na sua forma de ler e de interpretar idiossincráticas. Um outro conceito muito interessante de Steiner é a afinidade eletiva, que descreve o fenómeno decorrente da atração que o tradutor sente por determinado texto, tal e qual como o que se sente por uma alma gémea, por nele se reconhecer a si próprio. Este aspeto, diz Steiner, dará seguramente expressão a uma boa tradução, revelando como o íntimo do tradutor pode, de certa forma, influenciar o resultado da tradução. Ao traduzir *Terra Nova*, optei por considerar todos estes parâmetros como prioridades para o processo tradutivo.

A posição, pressupostos de conhecimento e intenção do tradutor são elementos-chave, como também nos diz Nord, considerados fundamentais para o sucesso do processo de tradução. Estas variáveis têm vindo a ser cada vez mais discutidas e consideradas como relevantes enquanto objeto de estudo, principalmente desde a entrada do novo milénio (Munday, 2009). Questões como a visibilidade ou invisibilidade do tradutor, a lealdade do tradutor e a responsabilidade social do tradutor têm vindo a suscitar discussão entre teóricos. A ética e a sociologia, assim como os estudos culturais e antropológicos aliados aos estudos de tradução, são auxílios preciosos na tentativa de encontrar respostas para estas questões.

Para Vinay & Darbelnet, o papel do tradutor é, taxativamente, saber escolher entre as opções metodológicas disponíveis, as que são mais adequadas para expressar as nuances da mensagem do TP para o TC (Vinay e Darbelnet, 1958/1995). Já Lawrence Venuti vai mais longe e defende que todos os tradutores devem desenvolver uma autoconsciência teórica e

cultural sobre o lugar e a função do seu trabalho, e não é o único. André Lefevere (1992), Maria Tymoczko (2003), Mona Baker (2009), Sarah Maitland (2014), entre outros, defendem o mesmo ponto de vista teórico, desenvolvendo-o através das suas próprias teorias, expostas mais adiante, e que iluminam, como também o fez Steiner, o papel do funcionamento psicológico e intelectual do tradutor.

A tradução é, em si, sob esta perspectiva, considerada como uma tarefa subjetiva dada a existência de vários fatores implícitos ao caráter individual de cada tradutor; fatores manifestos na complexidade das suas dimensões pessoal, ideológica e linguística, na configuração da sua história como leitor, do seu background ideológico, cultural e de conhecimentos e saberes, todos fatores que nos impedem de emitir um parecer objetivo ou conceber o processo de traduzir como objetivo (Reiss, 2000).

Friedrich Schleiermacher (1768-1834) parte do Romantismo alemão - movimento de inícios do século XIX, cujo interesse era, entre outros, o modo como a tradução podia ser uma forma de melhorar a literatura e cultura alemãs - e apresenta na sua célebre obra “Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens” (1813) uma abordagem hermenêutica que enfatiza o sentimento e compreensão individuais em vez de procurar estabelecer uma ‘verdade absoluta’ e universal (Munday, 2012). Para Schleiermacher existem dois tipos de tradutor, o ‘Dolmetscher’ que traduz textos técnicos e de negócios e o ‘Übersetzer’ que trabalha textos artísticos e académicos e quem, através do seu trabalho tradutivo, pode dar uma nova vida à língua, enriquecendo e amplificando-a (Schleiermacher, 2004: 44). A questão principal que o autor coloca face ao trabalho de tradução é a de como provocar o encontro entre o escritor do TP e o leitor do TC, nascendo, assim, a estratégia de ‘trazer o leitor ao escritor’ (Schleiermacher, 2004). De acordo com a hermenêutica de Schleiermacher, o tradutor pode optar por usar um de dois métodos, opostos entre si, o método ‘assimilatório’ que prevê alinhar o TP com os padrões típicos da LC, ou o método ‘dissimilatório’ que prevê sublinhar o valor estrangeirizante do TP assegurando ao máximo a fidelidade face ao TP, à LP e à expressão única do autor. Este método possibilita, simultaneamente, ao tradutor ser fiel ao sentido e tom do TP e importar os conceitos e a cultura estrangeiros para a LC.

Lawrence Venuti retoma esta perspectiva em 1998, implementando-a no contexto atual da tradução Anglo-americana e reflete sobre a questão preponderante relativa à invisibilidade do tradutor, que irá levantar outras questões relativas à influência das agendas política e cultural na prática tradutiva (Munday, 2012). Paralelamente à questão da invisibilidade do tradutor, Venuti identifica dois tipos de tradução possíveis, opostos entre si: a domesticação e a estrangeirização. Estes dois métodos, tipos ou estratégias tradutivas, funcionam como um

espectro de ação do tradutor, que vai do extremo da ‘domesticação’, que pressupõe minimizar o carácter estrangeiro e novo associado à cultura do TP, até ao extremo da ‘estrangeirização’ que opta por expor a identidade estrangeira do TP, tornando o recetor ou público-alvo consciente das diferenças culturais e linguísticas inerentes ao texto estrangeiro. A invisibilidade do tradutor está, portanto, dependente do tipo de tradução que este escolhe utilizar quanto mais domesticante for uma tradução, mais invisível serão o tradutor e o seu trabalho. É importante frisar que esta prática faz referência tanto ao método de tradução como à escolha do texto a traduzir (Venuti, 1998). Venuti critica e lamenta a redução etnocêntrica que uma tradução domesticante acarreta face aos valores culturais do TP, já que ela “implica traduzir num estilo transparente, fluente, “invisível” a fim de minimizar o carácter estrangeiro do TC.” (Munday, 2012/2014: 234). A estrangeirização, por sua vez, é caracterizada pela escolha do tradutor de desenvolver um método de tradução que siga orientações totalmente diferentes às aceites pelos valores culturais dominantes da CC, conferindo um carácter novo e exótico ao TC. Apesar de defender a tradução estrangeirizante, Venuti está ciente de que qualquer tradução envolve sempre alguma domesticação, já que existirá sempre uma diferença entre os valores culturais do TP e os valores culturais do TC. Será, pois, em função dos valores culturais da LC que a estrangeirização se irá construir. No final, a estrangeirização mostra as suas limitações enquanto tradução, enquanto que a domesticação esconde-as (Venuti, 2008: 28). Venuti considera que a escolha pela estrangeirização é como uma “intervenção cultural estratégica” (Munday, 2012: 235), com a qual todos ficamos a ganhar. O leitor ganha consciência das diferenças culturais e linguísticas inerentes ao texto estrangeiro e o texto estrangeiro e respetivo autor são respeitados. Através de um estilo heterogéneo, não-fluente, estranhante, através do qual é possível ver o trabalho do tradutor e salientar a identidade estrangeira do TP, é possível mostrar ao leitor que o que está a ler é uma tradução. Colagem à estrutura e à sintaxe do TP, decalques, justaposição de arcaísmos com expressões coloquiais modernas são todos procedimentos que servem para produzir um discurso heterogéneo. Cada uma das escolhas do tradutor e respetivas justificações relativas a uma tradução, seja ela mais domesticante ou mais estrangeirizante são, para Venuti, sempre escolhas ou atitudes éticas do tradutor em relação ao TP, que poderão ou não contribuir para expandir o alcance da cultura de chegada.

Este é um ponto-chave da teoria de Venuti a sublinhar: a ética em tradução. Ele salienta a importância dos efeitos éticos produzidos 1) pela escolha do texto a traduzir, 2) pela estratégia criada para o traduzir, enfatizando que são aspetos, fundamentalmente, da responsabilidade do tradutor ou pelos quais o tradutor deve assumir, no fim de contas, total

responsabilidade (Venuti, 2008: 19). Antoine Berman (1942-1991), antecessor de Venuti, tinha já referido o aspeto ético associado ao respeito pelo estrangeiro do TP afirmando que “a finalidade ética propriamente dita do ato de traduzir é receber o estrangeiro como estrangeiro” (Munday, 2012: 238).

No meu caso, enquanto tradutora, não tinha outra opção senão utilizar o método da estrangeirização, tendo optado por manter vários termos ‘estranhos’, novos e exóticos para assim me manter fiel e leal ao sentido e significado da mensagem transmitida pelo TP, assim como à intenção do autor e às expectativas do público-alvo. ‘Ananda’, ‘força crística’, ‘enteléquia’ são exemplos de termos que não estão diretamente relacionados com a LP, mas sim com um tipo de linguagem técnica, filosófica e espiritual que nos transporta para uma outra forma de ver e pensar a informação e o significado das palavras. Sobretudo o conceito de força crística, que é abordado no capítulo 9, mostrou-se como um verdadeiro desafio tradutivo, já que Cristo é uma referência histórica, social e cultural bem ancorada e com um significado preponderante, manifestamente no contexto cultural português e brasileiro, ainda bastante influenciados pela religião católica. O capítulo 9, dedicado à força crística, por invocar uma figura tão emblemática, foi traduzido de maneira diferente para francês, e é pela mesma razão que na versão portuguesa optei por criar um híbrido entre as duas versões (tradução francesa e original alemão), articulando-as. Esta resultou numa amplificação que, deliberadamente, prolonga a clarificação que distingue Cristo enquanto símbolo da religião cristã e uma nova forma de pensar, compreender e conotar Cristo. Esta amplificação justifica-se pela preponderância em clarificar com exatidão que o TP e o autor falam de novos conceitos, em nada relacionados com o conceito enraizado na cultura portuguesa por força da religião católica. Existem ainda conceitos como ‘campo morfogenético’, ‘biótopos de cura’ e ‘matriz sagrada’, que são inéditos e nunca foram antes escritos em português, daí ter havido uma necessidade enorme de criar um glossário para poder dar conta da transmissão adequada do significado que todos estes novos conceitos e palavras, trazem consigo, sem amplificar em demasia o TC.

2.4. A tradução como ato político: tradução, política e desenvolvimento social

Umberto Eco enuncia que “[a] verdadeira língua da Europa é a tradução”, afirmação que reflete a grande importância e impacto do trabalho do tradutor e do intérprete no contexto da União Europeia, assim como a nível transnacional. A linguagem da tradução tem um papel

ideológico, como diz Levine, “Uma tradução deve ser um ato crítico...suscitando dúvidas, colocando questões ao leitor, recontextualizando a ideologia do texto original.” (1991: 13). Similarmente, através do trabalho de Venuti, assim como do de Nord, entre vários outros autores aqui mencionados, compreendemos que o tradutor enquanto pessoa real, assim como o seu papel e posição profissionais, está, indubitavelmente, inscrito em contextos políticos com aspetos quantitativos e critérios éticos a considerar. Como afirma Bernstein, “(...) todos os aspetos da escrita refletem a política e a estética da sociedade em que se inserem; na realidade, o estético e o político fazem uma poética inseparável.” (Bernstein, 1997: 120).

Porém, para articular estudos de tradução com política e ativismo, ninguém melhor do que Mona Baker, antiga professora de estudos de tradução e antiga diretora do centro de tradução e estudos interculturais da Universidade de Manchester.

Ao abordar a questão de formação de tradutores e intérpretes, a autora professa que não faz sentido nem é realista focarmo-nos exclusivamente nas necessidades e preconceitos dos clientes e ignorar “as responsabilidades éticas e sociais de tradutores e intérpretes como cidadãos que participam ativamente da produção de todos os aspetos do ambiente em que vivem.” (Zaidan & Baker, 2019: 16). A tradução, sob os seus muitos disfarces, tem desempenhado um papel fundamental no combate à opressão e à hegemonia, através de uma gama abundante de estudos que documentam as várias contribuições de tradutores e intérpretes à resistência contra o racismo, o fascismo, a colonização e a ditadura (Zaidan & Baker, 2019). Dado o impacto da globalização e da interconetividade, este papel e posicionamento politicamente marcados dos profissionais de tradução assumem, hoje, particular relevância, indo desde o reconhecimento dos conflitos a decorrerem pelo mundo fora à arena da prática tradutiva, e ao setor académico. Há quem manifeste posições radicais como Maria Calzada Pérez, que diz que “na era do novo consumismo, os estudos de tradução devem tornar-se numa plataforma de resistência ideológica” (2007: 246), convocando, pois, os estudiosos da tradução a contribuírem para a resistência à ideologia hegemónica do novo consumismo, ao exporem-se e contestarem alguns dos aspetos negativos da publicidade e da indústria editorial, posição apoiada e, também, exposta por Lawrence Venuti.

Através da sua abordagem narrativa, Baker apresenta-nos a esfera da tradução ativista e voluntária, que é feita não de escolhas tradutivas tidas como desafios linguísticos pontuais, mas antes, e principalmente, de práticas humanas que visam um impacto direto sobre a vida social e política do contexto onde são produzidas (Zaidan & Baker, 2019). Esta teoria diz que quando uma história conta uma determinada experiência, ela fala a partir de um determinado ponto de vista, e ao fazê-lo, convida-nos, implicitamente, a emitir um juízo de valor, atribuir

responsabilidades e posicionarmo-nos a nível social, cultural e relacional. Consequentemente, estabelece-se uma relação de contiguidade entre cada escolha tradutiva, a narrativa produzida e a ideologia apoiada: cada escolha do tradutor pode ser considerada, potencialmente, como uma espécie de indício que ativa uma determinada narrativa, da qual ele deve estar consciente. Por conseguinte, a abordagem narrativa incita-nos a ver a tradução não como uma mera prestação de serviços a ser aperfeiçoada, mas antes como um esforço ético sobre o qual devemos refletir criticamente (Zaidan & Baker, 2019). Um aspeto fundamental e bastante pertinente da teoria narrativa de Baker é que, por uma questão de estratégia, esta promove a resistência do tradutor face à simplificação das suas escolhas enquanto profissional e agente principal do processo tradutivo. Escolhas simplificadas como ter de decidir entre naturalização e exotização ou entre domesticação e estrangeirização podem conduzir o tradutor a um processo de reflexão empobrecido e, por vezes reduzido às vicissitudes técnicas da tradução. A abordagem narrativa reconhece que, no mundo real, e sobretudo em situações de conflito intenso, tradutores e intérpretes devem poder selecionar estratégias que lhes permitam atingir objetivos políticos concretos em vez de terem de se preocupar em aderir a princípios abstratos ou a formatos textuais específicos (Zaidan & Baker, 2019). A abordagem narrativa baliza, portanto, estudos mais engajados que rejeitam níveis altos de abstração, favorecendo caracterizações complexas e reflexivas sobre o impacto da tradução em situações concretas da vida real (Zaidan & Baker, 2019). É verdade que, hoje, já existe uma cultura de resistência transversal a todo o planeta, e não há dúvida de que tradutores e intérpretes ativistas têm tido um papel preponderante na gestão e reforço das conexões comunicativas que mantêm tal cultura viva (Zaidan & Baker, 2019). Termino com uma longa, porém bastante lúcida citação de Bernstein revelando ao tradutor a necessidade fundamental de considerar que traduzir implica sempre optar por e tomar uma determinada posição ideológica:

A ideologia, seja num ponto de vista restrito e particular, seja num modo de ouvir, seja na tendência das preferências e desagradados, dá, sempre e em todas as circunstâncias, forma à poesia e confere-lhe, mesmo quando se trata dos aspetos mais especificamente ligados ao som, a densidade de uma existência social materializada que se expressa tanto através da música de uma obra, como nas suas referências multifoliáceas. Fingir que não se é militante, que se está acima do combate, separando o “melhor” do “pior” sem “rancores ideológicos” - como dizia recentemente um poeta por sinal bem militante, afirmando a sua militância no ato mesmo de a negar - é uma forma, por demais recorrente, de mistificação e má-fé, que tem como objetivo reforçar a autoridade das nossas próprias afirmações. (Bernstein, 1997: 103).

Surgem então as questões: Para quê traduzir? Porque é que se decide traduzir determinado documento? Pela sua utilidade? Pela sua relevância pragmática, técnica, cultural, artística, política, social ou porque é um serviço pelo qual seremos pagos? Para quê serve a comunicação e esta ferramenta tão poderosa que é a linguagem e a capacidade de traduzir e amplificar o raio de ação de determinado tipo de informação, língua e cultura? Como já vimos até aqui, o trabalho de tradução está intimamente ligado ao contexto cultural, mas também ao contexto social e político do tradutor e do recetor. Por conseguinte, e porque o texto por mim traduzido é classificado como socio-antropológico, tendo uma forte conotação política, dedicarei alguns parágrafos à abordagem sociológica de Boaventura de Sousa Santos, sobre as condições da diversidade epistemológica do mundo, focando-me exclusivamente no espaço que vai da sociologia das ausências e das emergências ao trabalho de tradução, como forma de justificar a minha escolha de traduzir o texto Terra Nova.

A vida e experiência humanas fazem-se dentro do conjunto de experiências sociais disponíveis, mas também daquelas que ainda estão por vir e que existem como possíveis futuras experiências sociais. Boaventura de Sousa Santos (2006) formula este fenómeno, identificando duas sociologias não convencionais, marcadas pela dimensão ética da axiologia do cuidado e pelo facto de a sua objetividade ser dependente da qualidade da sua dimensão subjetiva: a sociologia das ausências e a sociologia das emergências (Santos, 2006: 118). A sociologia das ausências atua no campo das experiências sociais e corresponde ao conjunto de experiências sociais já disponíveis, o qual pode ser continuamente amplificado, já que novas experiências surgem como fruto de ausências identificadas no presente, sendo estas posteriormente adicionadas e disponibilizadas. Por sua vez, a sociologia das emergências atua no campo das expectativas sociais e corresponde às experiências possíveis do futuro, frutos de uma reflexão sobre o presente e da busca por alternativas concretas possíveis para a sociedade futura (Santos, 2006: 118).

Estas alternativas, assim como a adição de novas experiências ao conjunto de experiências sociais disponíveis, pressupõem o ato de identificar quais foram as possibilidades e capacidades excluídas pela razão metonímica, reguladora da organização da sociedade moderna. É precisamente o espaço criado pela discrepância entre experiências disponíveis e expectativas face ao futuro, ou entre sociabilidade das ausências e sociabilidade das emergências, que vem responder e preencher o Ainda-Não e o Não-Lugar. Estas

sociabilidades e estes não-espacos atuam como possibilidades ou potencialidades, assim como capacidades ou potências de criar, no presente, o nosso mundo (Santos, 2006).

O autor vai mais longe ao considerar que uma tal “ampliação simbólica do possível como experiência social é essencial para identificar as tendências de futuro (o Ainda-Não ou o não-lugar/utopia) sobre as quais é possível atuar para maximizar a probabilidade de esperança em relação à probabilidade de frustração” (Santos, 2006: 118). O Ainda-Não de Santos é uma possibilidade de sentido sem direção, pois tanto pode terminar em esperança como em desastre. Da mesma forma, a utopia, ou o não-lugar, é uma projeção de um sentido para o qual podemos ou não caminhar, dependendo da direção tomada. Mas a decisão é sempre nossa. Assim como a tradução nasce de um sentido, enquanto possibilidade, a direção que o tradutor escolhe para a concretizar será determinante face ao grau de adequação do resultado. É neste sentido que busco trabalhar a tradução enquanto utopia concreta e, assim, enquadrada no contexto sociopolítico que habito, utilizando-a como forma de atividade ou ativismo social e político.

A multiplicação e diversificação das experiências disponíveis e possíveis de que nos fala Boaventura é, no fundo, uma forma de imaginação sociológica e política que alberga dois grandes objetivos: conhecer melhor as condições de possibilidade de esperança e definir princípios de ação que promovam a realização dessas condições. Uma e outra visam alimentar ações coletivas de transformação social que exigem sempre um envolvimento emocional, seja ele de entusiasmo ou de indignação (Santos, 2006: 122).

O futuro é assim encarado como um fator de ampliação do presente, já que é no presente que cuidamos do futuro - a constrição do futuro contribui para a ampliação do presente. Um futuro de possibilidades plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, faz-se no presente através de atividades de cuidado. Eu, enquanto tradutora, assumo a tradução e o processo tradutivo como sendo atividades de cuidado e, porque não, de ativismo social e político. Nas palavras de Santos: “O trabalho de tradução procura captar estes dois momentos: a relação hegemónica entre as experiências e o que nestas está para além dessa relação.” (Santos, 2006: 124). É assim possível, através da tradução, estabelecermos relações de inteligibilidade e respeito recíprocas entre experiências diferentes a decorrerem no mundo, tanto as disponíveis como as possíveis, à medida que estas vão sendo reveladas pela dinâmica da sociologia das ausências e da sociologia das emergências, mas também pelas dinâmicas comunicativas, linguísticas e culturais. Em suma, ao ser criado um aumento de diversidade de experiências disponíveis e possíveis, a tradução surge como

meio de criar inteligibilidade, coerência e articulação num mundo multicultural e multilinguístico, rico em diversidade e multiplicidade.

Santos, ao definir tradução, propõe que esta pode assumir a forma de uma hermenêutica diatópica, ora através do trabalho de interpretação entre duas ou mais culturas, ora entre várias concepções de sabedoria ou de mundivisões diferentes (Santos, 2006: 125). Um dos aspetos mais relevantes da abordagem da hermenêutica diatópica é que esta parte do princípio de que todas as culturas são incompletas e podem, por isso, ser enriquecidas pelo diálogo e pelo confronto entre elas, perspectiva partilhada por diversos outros autores, anteriormente mencionados. O autor diz que, para a tradução dar frutos tem de haver um cruzamento de motivações convergentes originadas nas diferentes culturas. Para o tradutor e o TC produzido serem entendidos pelo recetor, tem de haver uma abertura de cada um face ao outro, abertura essa, que deve ser ancorada em conhecimentos e pressupostos comuns e em motivações convergentes, bases consideradas fundamentais ao ato comunicativo.

Por sua vez, o trabalho de tradução é também vital para criar inteligibilidade recíproca entre formas de saberes enquanto saberes aplicados, isto é, transformados em práticas e materialidades, desde formas de organização a objetivos de ação concretos, como o pretende fazer Duhm em Terra Nova. Ao adotar esta função, a tradução transforma-se num antídoto face à “teoria geral”, que acaba por ficar aquém do que se pretende explicar, ao colocar “tudo” no mesmo saco. Ao trabalharmos a tradução como um mero instrumento, totalmente dedicado à tecnicidade e metodologia, corremos o risco de perder informação muito importante para a tradução da mensagem, pois como diz Santos: “Sem reconhecer a impossibilidade e inviabilidade de uma teoria geral, o trabalho de tradução é um trabalho colonial, por mais pós-colonial que se afirme” (Santos, 2006: 29).

Como Baker, este autor também afirma que a tradução não se pode reduzir aos seus componentes técnicos, já que tais componentes e respetivo modo de aplicação ao longo do processo de tradução devem ser objeto de debate e decisão democráticos, e enquadrados no panorama cultural, social e político onde a tradução será produzida. Para ele

[a] tradução é, simultaneamente, um trabalho intelectual e um trabalho político. E também emocional, porque pressupõe o inconformismo perante uma carência decorrente do carácter incompleto ou deficiente de um dado conhecimento ou de uma dada prática. (Santos, 2006: 129),

indo ainda mais longe na sua reflexão, ao concluir que o trabalho de tradução

(...) é o procedimento que nos resta para dar sentido ao mundo depois de ele ter perdido o sentido e a direção automáticos que a modernidade ocidental pretendeu conferir-lhes ao planificar a história, a sociedade e a natureza (Boaventura de Sousa Santos, 2006: 134).

E realmente, o trabalho de tradução pode ser “um trabalho de imaginação democrática e epistemológica que nos permite concretizar vários objetivos fundamentais.” (Santos, 2006: 135). Através dele podemos criar alternativas fidedignas ao que hoje se designa por globalização neoliberal, podemos construir novas e plurais concepções de emancipação social, assim como novas redes de saberes e de práticas e novos sentidos e direções. Sem dúvida, faço minhas as palavras de Santos quando o autor diz que

o trabalho de tradução permite-nos criar justiça cognitiva a partir da imaginação epistemológica; permite-nos criar condições para uma justiça social global a partir da imaginação democrática; permite-nos criar condições para emancipações sociais concretas, de grupos sociais concretos, num presente cuja injustiça é legitimada com base num enorme desperdício de experiência. (Santos, 2006: 135).

É este o tipo de transformação social subjacente ao trabalho de tradução que quero sublinhar com este trabalho de projeto final.

Para o colocarmos em prática basta que “as constelações de sentido criadas pelo trabalho de tradução se transformem em práticas transformadoras e novos manifestos.” (Santos, 2006: 135).

2.5. Tradução como utopia concretizável

Uma tradução nunca é, verdadeiramente, considerada como produto final, pois há sempre a possibilidade de ser reeditada ou até mesmo reescrita, como acontece com vários textos clássicos. A flexibilidade e permeabilidade inerentes ao processo tradutório e tradutivo são premonitórias da importância dos estudos de tradução. Por sua vez, pode inferir-se que tal abertura corresponde ao utópico, à imaginação, ao *continuum* comunicacional que, através da tradução, nos permite interligar cultura, pensamento e línguas diferentes entre si. A tradução é utopia quando se propõe encontrar uma nova forma de expressão para determinada ideia ou significado; a tradução é utopia quando manifesta a expansão informativa e comunicacional de ideias formuladas em culturas, línguas e contextos sociais distintos. A tradução também corresponde ao ato de sonhar, criar e imaginar através de um novo idioma, e partilhar

objetivos e novos significados, transmitindo-os ou transportando-os além-fronteiras e além-mar. A tradução corresponde à utopia da possibilidade de comunicação universal.

Walter Benjamin (1969), inspirado pela tradição mística da Cabala judaica e pelos Românticos alemães, contemplava a linguagem como um instrumento mágico, que tinha como função a revelação de conteúdo espiritual, visão na base do seu célebre ensaio “Die Aufgabe des Übersetzers” (Benjamin, 2007). Ora, ao explicar que “Languages are not strangers to one another, but are, a priori and apart from all historical relationships, interrelated in what they want to express.” o autor enfatiza o valor e importância universal da comunicação para todos e quaisquer falantes, independentemente da língua que falam (Benjamin, 2007: 72).

A tradução para Benjamin é um meio de prolongar a vida de um TP, de estimular o crescimento da LC, assim como de adquirir novos conhecimentos e sabedoria codificados na relação central de reciprocidade entre duas línguas, relação essa que só é revelada graças ao processo tradutivo (Benjamin, 2007). A tradução para Benjamin é expansiva e criativa, e não busca igualizar os dois textos, mas antes harmonizá-los. Esta harmonização depreende consequências e resultados bastante positivos, já que, para além de contribuir para a expansão da LC através do TC, dá à luz uma linguagem pura e elevada fruto da, anteriormente mencionada, relação central recíproca entre textos. Esta é uma língua pura, por surgir da alquimia translativa inerente à tradução e, nas palavras de Munday “[e]sta ‘linguagem pura’ é libertada pela coexistência e a complementação da tradução com o original.” (2012/2014: 270). Para que este processo ocorra é essencial que o idioma estrangeiro afete vivamente a LC. Pura alquimia. Por sua vez, este fenómeno pressupõe um intercâmbio cultural, componente basilar da tradução. Será da inteira responsabilidade do tradutor, compreender, decifrar e decidir como estabelecer e facilitar esta mediação cultural entre os dois textos, os dois idiomas e os dois públicos.

Segundo Sarah Maitland, a tradução cultural, mais do que uma mera estratégia de tradução, é uma perspectiva teórica que pretende responder aos desafios propostos pelo ato de comunicar num mundo multicultural globalizado, compreendendo a origem e o impacto da tradução enquanto componentes do diálogo ideológico estabelecido entre diferentes grupos. No enquadramento da ‘tradução cultural’, a categoria ‘tradução’, refere-se ao processo geral de comunicação entre grupos culturais distintos, mais do que a aspetos de produção linguística ou cultural (Maitland, 2014). Para a autora existem dois pontos fulcrais no trabalho de tradução: i) o compromisso cognitivo do tradutor para com um texto e ii) para com as necessidades, os conhecimentos, as expectativas e a lacuna percetiva do recetor, face

ao texto (Maitland, 2014). O ato de nos (re)conhecermos a nós próprios, assim como o ato de (re)conhecer o texto são igualmente essenciais na prática da tradução.

Maitland concebe uma abordagem crítica do conceito de tradução cultural e através dela pretende identificar os limites da compreensão humana, assim como revelar e opor-se aos movimentos de dominância, exploração e opressão (Maitland, 2014). Ela salienta ser fundamental trazermos a tradução cultural para o centro da comunicação humana, enquanto meio através do qual produzimos e interagimos com a produção cultural, política e social num mundo multicultural a desenvolver-se na era da globalização. Por conseguinte, a tradução cultural pode ser utilizada como um instrumento de transformação social e política, já que corresponde ao ato de interpretar objetos do mundo enquanto “textos de partida” com os quais podemos e devemos interagir, transmitindo esta interpretação a um público-alvo, utilizando “(...) deliberate, purposeful acts of interpretations that aim to impact specific audiences in specific ways.” (Maitland, 2014: 53). Implícitos a esta afirmação estão o autoconhecimento, a consciência e a responsabilidade do tradutor, atributos sem os quais não seria possível agir interpretativamente de forma deliberada e determinada. Tão pouco seria possível consciencializarmo-nos face ao impacto específico de um texto específico num público específico, se o tradutor não se souber situar face a ele próprio e aos outros, no mundo que habitamos. Este reconhecimento implica, no mínimo, ter uma certa consciencialização do enquadramento social, cultural e político, de si próprio e do público-alvo.

Ao localizarmos gestos e motivações políticas no mundo da expressão social, aproximamo-nos da mesma determinação e desejo associados comumente à tradução interlinguística focada no recetor. A tradução cultural de Maitland recorre a métodos interpretativos utilizados por hermenêuticas filosóficas para compreender o desconhecido e induzir transformação. Por conseguinte, a interpretação cultural é um gesto de interpretação que implica um trabalho de reflexão profunda sobre um assunto específico, para assim proporcionar “the transformation of human hearts and minds.” (Maitland, 2014: 53) O tradutor deve, portanto, para além de ler e interpretar o texto, ler e interpretar as necessidades, os conhecimentos e as expectativas dos seus recetores, assim como os seus próprios, para depois ser capaz de criar um texto seu, ao qual os recetores sejam responsivos e com o qual se possam relacionar.

Ao invocar o conceito de hermenêutica elaborado por Ricoeur, Maitland propõe que questionemos os limites da nossa própria capacidade de interpretação, ação que é mais do que uma simples questão de conhecimento teórico ou do que um método de análise textual, mas é

antes um imperativo ontológico que, no final, nos permite compreender quem somos e onde nos posicionamos perante o objeto a ser interpretado (Maitland, 2014). Traduzir tem tanto de autoconhecimento e de reconhecimento das limitações da nossa compreensão como de trabalho para as ultrapassar. Paralelamente, a tradução é, também, a prática de abraçar a existência do outro, do desconhecido, do estrangeiro e de encontrar significados nesse mundo exterior, novo e desconhecido. É através do texto, no seu sentido lato - através das tradições, inscrições e instituições culturais e sociais - que nós comunicamos o que somos e quem somos no mundo. Ler o mundo como se de um texto se tratasse é compreender de que somos feitos e qual a sua relevância para a nossa vida. Como explicita concisamente a autora:

No form of communication - whether word or deed - exists outside the spatiotemporally constructed domain of human creation” (Maitland, 2014: 4). (...) making translation is not just a touchstone for what we see, do and say in public life, but also who we are. (Maitland, 2014: 11).

A noção de que

[a] tradução perfeita é como um duplicado do TP, que repete a mensagem sem qualquer tipo de distorção, acabará sempre por nos desiludir. Porém, se aceitarmos a noção de processo de distorção, decorrente da tradução, como parte de um processo criativo de renovação, podemos começar a encarar a tradução não como uma apropriação, mas antes como uma revolução (Maitland, 2014: 109).

Podemos assumir que a transformação faz parte da tradução pelo puro e simples facto de que, como diz Benjamin, o texto tem vida própria e é fruto da sua própria época. Mesmo antes de ser transformado pelo tradutor, o próprio texto está, por si só, a passar por um processo constante de transformação, tomando novas formas e novos significados, com o avançar do tempo e as modificações do espaço e, por acréscimo, da língua e da cultura nas quais foi produzido. Por sua vez, qualquer tradução está destinada ao mesmo ciclo de transformação, desde ser um contributo para o desenvolvimento da sua própria língua até ser, eventualmente, absorvida pela mesma (Benjamin, 2007: 73). A existência da própria tradução depende da presença deste outro elemento estrangeiro, vindo de fora. A tradução celebra esta dependência, honrando o original precisamente por não o querer substituir, mas antes estabelecer com ele uma relação de reciprocidade. Uma “tradução verdadeira é transparente; não tenta encobrir o original, nem ofuscar a sua luz própria, pelo contrário, uma tradução

verdadeira permite que a linguagem pura flua naturalmente, iluminando o original⁹” (Benjamin, 2007: 79).

Interpretar um texto envolve sempre trazer ou dar nova vida ao texto (Maitland, 2014). Isto acontece porque é através da interpretação de um texto que nós o compreendemos e, aquilo que nós compreendemos é, em certa medida, uma construção nossa daquilo que o texto nos apresenta. Maitland lança a metáfora: “It is like a moon that both illuminates, as well as obscures the source.” (Maitland, 2014: 118). Apesar de ser discutível, na perspectiva de Maitland, esta ‘apropriação’ por parte do tradutor ao interpretar o texto é positiva e considerada não só como um ganho, mas também como parte do processo natural inerente ao ato de traduzir. Benjamin diz que traduzir implica passar por um *continuum* de transformações (Benjamin, 2007). Traduzir deve preocupar-se com criar, construir e inovar em vez de tentar imitar o TP o melhor que conseguir, só para dar o prazer ao tradutor de poder satisfazer a máxima “compreender o autor melhor do que ele se compreende a si próprio¹⁰” (Maitland, 2014: 124). Por conseguinte, a natureza transformativa da tradução pode ser considerada como um meio em si mesmo, que promove uma abordagem tradutiva que transforma, em vez de replicar. Tendo em conta a apropriação que se comete no ato interpretativo do texto, podemos deduzir que irá sempre haver um processo de transformação inerente à tradução e que os próprios TP e TC se relacionam também através desse processo de transformação. Maitland convida-nos a aceitar este *continuum* de transformações pelo qual o TP tem de passar para, dessa forma, conseguirmos gerir melhor as nossas expectativas e trabalho como tradutores.

O fenómeno proposto por Maitland apela ao ato de tomar consciência e, assim, controlar o potencial transformativo implícito à tradução para logo o podermos utilizar de forma precisa e atingir fins específicos. Com base na abordagem benjaminiana, ela descreve que este fenómeno é conseguido quando o tradutor se deixa guiar pelo potencial puro da LP e o consegue deixar fluir e, assim, enriquecer a sua própria língua ou LC. Desta maneira, o

⁹ Tradução minha de “A real translation is transparent; it does not cover the original, does not block its light, but allows the pure language, as though reinforced by its own medium, to shine upon the original all the more fully.”

¹⁰ Tradução minha de “understanding the author better than he understands himself.” expressão oriunda do trabalho de Dilthey intitulado “Entstehung der Hermeneutik” onde ele menciona o parâmetro “understand better than the author understood himself”. Wilhelm Dilthey, *Gesammelte Schriften*, Vol. V.: 335 citado por Bollnow, 1979: 2). O trabalho de Dilthey foi bastante influenciado pelo de Schleiermacher, que diz “in general, there is some truth in the formula that the highest perfection of interpretation consists in understanding an author better than he could account for himself.” (Friedrich Schleiermacher, *Werke*, part 3, Vol. III, p. 362; cf. also Vol. V: 437 citado por Bollnow, 1979: 2).

tradutor cumpre a tarefa de tradução ao dar à luz a possibilidade do novo, abrindo-se também ele próprio a um processo transformativo. Descrito pela própria autora:

We gain from Benjamin the notion that the translational encounter with otherness is not just one of interpretation, but one in which the foreign source has the power to affect the local receiver, to emancipate it through the challenge of the foreign (Maitland, 2014: 127).

A tradução pode ser um encontro com o estrangeiro que nos toca e, por isso, nos transforma. Um encontro transformativo. Se a distância entre o tradutor e o texto significa que a apropriação que lhe é inerente transformará sempre o texto, mais vale aproveitarmos este fenómeno como uma oportunidade para implementar criatividade e, até mesmo, uma posição de resistência que contribua para desafiar o *status quo* e, quem sabe, mudar formas de pensar e de sentir.

Para Benjamin “The task of the translator consists in finding that intended effect [Intention] upon the language into which he is translating which produces in it the echo of the original.” (Benjamin, 2007: 76). Embora seja verdade que existem múltiplas formas de conceber um texto, através das múltiplas interpretações possíveis, é fundamental recorrer à metodologia tradutológica para podermos justificar e validar qualquer que seja a nossa interpretação. A arte de interpretar deve ser judiciosamente conduzida, ao estabelecer-se um diálogo com o texto, buscando compreender todas as suas nuances assim como o seu enquadramento geral. A tarefa principal da hermenêutica é compreender um mistério, algo desconhecido, para podermos chegar a uma interpretação cuja função é fornecer ou conferir inteligibilidade a um texto. Esta deve ser validada, não só por nós, mas também pelos outros. E os outros, no caso concreto da tradução, são os recetores, assim como o emissor e o autor. Só pesando todos estes elementos na balança poderemos, pois, contribuir para criar uma argumentação que justifique a nossa interpretação e as escolhas tradutológicas e tradutivas dela derivadas. Maitland, como Nord, diz que este “é um processo de investigação circular, feito de retrocessos e progressões sujeitos a condicionantes históricas, recordando-nos de que a compreensão humana é, também ela, um trabalho contínuo de contestação.” (Maitland, 2014: 134). A resposta e a interpretação de um texto diferem de pessoa para pessoa, já que resultam de uma estratégia hermenêutica idiossincrática ou, por outras palavras, de uma forma particular de ler e interpretar. Nenhuma elaboração metodológica de um texto pode ser uma ‘verdade universalmente reconhecida’, pois as nossas ilações são tendenciosas por natureza. Na medida em que aceitamos que a nossa interpretação só por nós pode falar,

podemos, então, descartar a concepção do autor e do recetor como “donos” dos textos que lemos. A possibilidade de que um texto seja interpretado e lido de maneira diferente e contrastante à nossa é uma constante e, por isso, é sempre possível argumentar contra ou a favor, confrontar, mediar entre interpretações e procurar uma possibilidade de conciliação. Maitland convida-nos a substituímos a pergunta “Qual é o significado deste fenómeno, símbolo, texto, ação, etc.?” pela pergunta “O que é que estes elementos querem significar?” ou, ainda melhor ‘o que é que eu quero que eles signifiquem?’” (Maitland, 2014: 138).

CAPÍTULO 3 - TEXTO TRADUZIDO PARA PORTUGUÊS: Terra Nova: revolução global e a cura do amor

Um novo campo morfogenético: a “primeira” célula planetária

O conceito de biótopos de cura surgiu com a ideia de conceber uma estrutura base - à qual chamamos “cristal cultural”. Quando suficientemente madura e bem desenvolvida, esta estrutura, à semelhança de uma célula biológica, inicia um processo de auto-replicação. Este cristal cultural aspira a ser uma estrutura universal e capaz de ser aplicada a todos os povos e a todos os continentes. Trata-se de uma estrutura que, através da replicação, possibilita criar um campo morfogenético para um novo mundo humano (uso aqui a noção de campo morfogenético como foi desenvolvida originalmente pelo biólogo britânico Rupert Sheldrake). Este é um conceito crucial, já que o avanço evolutivo acontece através do desenvolvimento de campos morfogenéticos (ver Capítulo 30).

Vivemos atualmente num campo morfogenético de guerra.

Apesar dos muitos esforços morais individuais, toda a nossa sociedade é caracterizada por um campo morfogenético de guerra que nos influencia desde as decisões económicas e políticas até às decisões tomadas dentro das relações afetivas. É necessário transformar este campo morfogenético de guerra num de paz. Ressonância e comunicação em vez de violência, cooperação em vez de competição, perdão em vez de vingança - são alguns exemplos das características do novo campo morfogenético.

Para criar este campo morfogenético, cristalizou-se a imagem de um "biótopo de cura". Um biótopo de cura é a "célula planetária original" do organismo da futura humanidade. Para formar uma célula planetária original deve-se, em primeiro lugar, definir com precisão prioridades e parâmetros para que depois estes possam desenvolver-se gradualmente, a par e passo com o processo de crescimento da nova comunidade planetária. O projeto dos Biótopos de Cura, a nível global, corresponde ao ato de criar uma célula planetária original, que dará origem a outras células semelhantes, através de um processo de interajuda co-criado pela cooperação ativa estabelecida por uma rede global de novas células. Trata-se, portanto, de gerar no corpo informativo da humanidade, a noosfera, uma "condensação morfogenética" que irá, gradualmente, provocar por todo o mundo, a formação de muitos outros biótopos de cura ou variantes da célula planetária original. Da mesma forma

que o fenómeno da evolução biológica ocorreu a partir da primeira célula, há quatro mil milhões de anos, também hoje a evolução social pode acontecer partindo de uma célula planetária original e sua auto-replicação, contribuindo assim para criar um campo morfogenético correspondente. (Este processo, aqui descrito de forma tão linear, é, na realidade, um processo histórico que envolve a participação de muitos grupos e projetos).

A célula original, contém a matriz de informação fundamental; o "código genético" da nova civilização e, dentro dela, reúnem-se as mais diversas formas de vida. Por conseguinte, formam-se novas ligações, novas sinergias, novas linhas de energia e de significado, que conduzem a novas direcções de desenvolvimento. Desde o trabalho das formigas, aranhas, abelhas e andorinhas, às atividades desempenhadas pelas crianças e pelos animais de estimação; desde o trabalho dos nenúfares em lagoas e das árvores de fruto em jardins de permacultura ao trabalho de artesãos, técnicos, investigadores, cientistas e sacerdotisas até ao trabalho dos espíritos da natureza, desenvolve-se um sistema cada vez mais coerente. A capacidade de crescimento e força de um sistema é tanto maior quanto maior for a sua coerência. O seu desenvolvimento vai acontecendo cada vez mais natural e autonomamente, isto é, por si só. Na verdade, experienciamos este fenómeno de auto-organização espontânea dentro do nosso projeto; foi sobretudo em momentos difíceis e sem solução que se desenvolveram espontaneamente, dentro da comunidade, novas forças criativas que nos permitiram encontrar soluções.

A conexão e coerência entre as diferentes áreas de trabalho da célula original são condições essenciais para o seu desenvolvimento. De forma a assegurar esta coerência adotámos o termo "sistemas informacionais coerentes" ou (SIC), que se tornou um conceito central no processo de construção dos novos centros. Num biótopo de cura, todos os subprojectos devem ser intelectual e espiritualmente compatíveis, o que significa que devem partir da mesma base informacional e serem orientados para os mesmos objetivos. A matriz informacional que orienta a educação das crianças deve ser coerente com a base informacional da escola do amor, da política, da nutrição, da tecnologia, da ecologia, etc. A estabilidade de um sistema depende, totalmente, da sua coerência com a Matriz Sagrada e da coerência estabelecida entre os seus subsistemas, áreas de trabalho e subprojectos. O princípio de um sistema informacional coerente (SIC) implica um elevado grau de responsabilidade moral: Quantas mentiras conseguimos continuar a tolerar, se quisermos criar um mundo pacífico? Quantos bens produzidos industrialmente podemos continuar a utilizar quando conhecemos a brutalidade e crueldade implícitas nos processos de fabricação e distribuição? Será que podemos continuar a consumir o leite em pó ou a comer o chocolate

produzido pela Nestlé? Estas são questões sérias para uma comunidade que quer ser coerente, já que abordam o tema da cumplicidade e conivência com tipos de funcionamento e sistemas informacionais específicos. Note-se que, ao refletirmos sobre a questão da cumplicidade, não nos podemos restringir unicamente às questões alusivas ao consumo, pois também somos cúmplices ao aceitarmos participar nas formas de pensamento e de expressão emocional destrutivas, características da sociedade convencional. É fundamental colocarmo-nos questões sobre a nossa cumplicidade com o convencional, sem, contudo, deixá-las levar-nos ao fanatismo moral, à tirania ou à inquisição mútua, pois estas questões destinam-se a servir a paz e o amor.

A criação da célula original é um empreendimento comum que cresce a partir de relações complexas estabelecidas dentro de uma comunidade humana, e das relações deste grupo com a rede global. A comunicação contínua entre a comunidade Tamera, indivíduos e grupos de todo o mundo é essencial para afinar e amadurecer, morfogeneticamente, o projeto, e para esta finalidade, as precisamos desenvolver as dimensões alusivas ao Eros, à Religião e à Economia.

1.3. O trauma coletivo: O campo morfogenético do medo

Por trás da crise atual que todos vivemos, esconde-se uma crise nuclear relativa às relações humanas. Por trás dos massacres atrozés como o que ocorreu na Síria em 2014, esconde-se um pensamento coletivo padrão, que parece surgir da mesma forma em todos os continentes como um padrão estrutural de medo. Podemos dizer então que, no plano de fundo da nossa civilização se esconde um campo morfogenético de medo. O medo está na origem de excessos de crueldade, os quais nada mais são do que tentativas nossas de suprimir esse medo de nós próprios. Se queremos estabelecer a paz na Terra, devemos transformar este padrão estrutural de medo num padrão estrutural de confiança. Falar é fácil, mas na realidade o medo está profundamente enraizado em nós, estando presente mesmo nas nossas próprias células. Tornou-se já parte da nossa composição genética e fisiológica; funcionando como um reflexo inconsciente. Mikhail Gorbachev disse: "O medo deve ser erradicado da Terra". Naquela época, talvez sem compreender a profundidade da sua própria afirmação, Gorbachev acaba por, através dela, nomear o derradeiro e mais abrangente objetivo da atualidade se queremos dar à nossa evolução uma direção humana. O derradeiro objetivo do trabalho de cura é viver sem medo. O referido campo morfogenético do medo deve ser substituído, na íntegra, por um campo morfogenético de confiança.

O medo é produto dos últimos milénios de história. No seu livro *'Eros und Religion'* Walter Schubart diz que na raiz de todo o sofrimento psicológico está o mesmo medo original: o medo de separação. É o medo de separação que nos leva a cometer os atos mais insanos. Medo de separação da pátria, do lar, da família, do companheiro amoroso, de um grupo - haverá algo comum a todos estes medos? Um medo original de separação primordial, talvez? É difícil descrever por palavras algo tão etéreo e espiritual como a origem da alma humana. Geração após geração, o ser humano tem sido consecutivamente separado daquilo que por natureza mais ama, daquilo que ama como uma criança, que ama simplesmente por ser um ser sensual, um ser que respira e que está vivo. Afastámo-nos da unidade inerente à vida e, agora, já não conseguimos encontrar o caminho de volta. Vivemos em "exílio", como diz Friedrich Weinreb. A cura significaria, portanto, reconectar a humanidade à sua natureza original. Esta é a direção entelética para a evolução aqui proposta: reconectar o ser humano à unidade e naturalidade inerentes à vida, ao amor e aos preceitos da Matriz Sagrada.

O medo não é um problema pessoal, mas antes uma consequência psicológica derivada das crueldades cometidas coletivamente pela humanidade durante um período histórico conturbado. O trabalho de paz global tem como função dissolver o trauma presente no subconsciente coletivo da humanidade há milhares de anos, responsável por perpetuar a guerra, a ostracização, a traição e a fraude.

Teremos nós consciência de que toda a nossa cultura, os nossos Estados e as nossas nações são o resultado de várias guerras? Onde outrora habitavam povos indígenas, pessoas com as suas próprias crenças, casais apaixonados e crianças brincalhonas, existem hoje Estados construídos em territórios tomados como espólios de guerra. Os Estados Unidos da América tiveram de erradicar várias tribos nativo-americanas e escravizar milhões de africanos para poderem construir a sua nação. São, de facto, péssimos alicerces para se construir uma civilização humana. A economia dos países ocidentais é alimentada, entre outras coisas, pela produção e comércio de armas. A guerra tornou-se a tal ponto normal que, sem darmos por isso, habituámo-nos a viver numa "sociedade de guerra" que por razões económicas não consegue fomentar a paz. Se hoje a Alemanha abandonasse o comércio de material militar, milhões de pessoas ficariam sem emprego. Porém, elas poderiam ajudar a estabelecer uma nova economia baseada na paz.

A nossa civilização é dominada por uma idiotice profunda e por uma verdadeira doença da mente. O código de um mundo humano, coerente com o grande plano da vida, não alberga a ideia de que seres humanos disparem deliberadamente uns contra os outros. A guerra é um erro resultante de uma aberração inconcebível. Ao assumir-se que a guerra

"sempre existiu" pode dizer-se, enfim, que é tempo de acabar com esta loucura histórica. A partir de agora, a guerra não tem lugar na cultura humana, tal como o ciúme não tem lugar no amor. Foi realmente necessário passarem-se milhares de anos para podermos descobrir esta simples verdade? Será incompreensível para os nossos descendentes que seres humanos se possam matar uns aos outros por ciúmes. Muito menos compreenderão como podemos disparar uns contra os outros, ou perpetrar crueldades ainda piores. A nova cultura é, definitivamente, uma cultura sem guerra. É inútil tentar contra-argumentar fazendo referência à violência no reino animal ou citando Heráclito: "A guerra é a mãe e rainha de todas as coisas." Tais argumentos assentam no pressuposto de que o mundo deve permanecer tal como "sempre" foi, ignorando, simultaneamente, a capacidade de transformação do ser humano, assim como o seu poder criativo. Não somos nem produto do passado, nem determinados por leis naturais. Somos, sim, os criadores das nossas próprias vidas. Somos livres e podemos escolher como contribuir para a tarefa de construir um mundo melhor que, porém, só funcionará se se enquadrar nas regras da Matriz Sagrada. Não existem nem leis de evolução fixas, nem leis fisiológicas finais que definam o nosso corpo, existem apenas hábitos comportamentais fixos. E existe uma liberdade dentro de nós que nos faz ascender a uma forma de vida cada vez mais sublime. Cito, assim, Satprem, um discípulo do filósofo indiano Sri Aurobindo e de Mira Alfassa, conhecida como a Mãe de Auroville. Ele escreve:

Depois de atravessarmos todas as camadas evolutivas, atingimos subitamente um lugar nas profundezas do corpo, onde as antigas leis do mundo perdem todo o poder. E apercebemo-nos de que este poder era apenas uma possante sugestão coletiva. Um velho hábito. Somente um hábito. Afinal, não existem "leis", existem apenas hábitos fossilizados. O processo de transformação do ser humano consiste em quebrar cada um destes hábitos. (...) O objetivo é que o corpo viva de forma espontânea e natural, para que desta forma, consiga libertar-se de todos e quaisquer condicionamentos. É então que experienciamos algo de realmente fantástico. Consigo imaginar o quão fantástico deve ser o primeiro voo para um pássaro. Mas a dada altura, existiu um réptil velho que, ao levantar voo, se transformou num pássaro.

Quando trazemos à luz as realidades horríveis imanes da palavra "guerra", vemos as imagens de horror armazenadas na memória ancestral da humanidade: imagens de genocídios, mutilações, refugiados e fome. Há centenas e milhares de anos que, geração após geração, estas experiências se repetem e são gravadas no mais profundo da memória genética da humanidade, como um pesadelo que paira sobre a alma humana.

Há, encapsulada dentro de todos nós, uma 'mina traumática' suscetível de explodir a qualquer momento. Claude Anshin Thomas, veterano de guerra e monge budista peregrino que dedicou a vida ao trabalho pela paz, disse: "Cada um de nós tem o seu Vietname".

Excessos de violência como os que acontecem nas lutas entre gangues, nas prisões juvenis, nas escolas, em bairros periféricos, nos estádios de futebol e nas câmaras de tortura, são consequência de um trauma global que se perpetuará até que a raiz desta violência seja, definitivamente, erradicada.

São estas imagens tenebrosas, fruto de uma longa história de guerra, que formam a essência traumática da humanidade. Essência traumática que exerce, de forma inconsciente, uma tirania sobre o mais profundo das nossas almas, fornecendo imagens de medo ao nosso organismo. Imagens que traem o amor e ridicularizam a fé; que produzem padrões de interpretação negativos que enviesam a nossa mundivisão; que propõem combater todas as formas de pensar diferentes; que produzem definições erradas de doença e de cura; que condicionam os nossos processos psicossomáticos, as nossas percepções e reflexos, as nossas hormonas, o nosso sistema nervoso e, as nossas contrações musculares. O nosso subconsciente está sintonizado com a matriz informacional do trauma e, por isso, vivemos, a nível subconsciente, num cenário de perigo constante e omnipresente, o qual nos torna defensivos. O mundo parece transformar-se num júri anónimo, contra o qual temos de nos justificar e proteger, criando-se um sentimento coletivo permanente de se estar a ser julgado. Na raiz de todas as disfunções psíquicas, formas de neurose e de psicopatia, está uma doença que afeta toda a humanidade: o grande trauma coletivo.

Quero citar um excerto do livro “Um novo Mundo” de Eckhart Tolle. Ele chama ao trauma coletivo "corpo de dor". Ele escreve:

"A este campo energético de emoções antigas, mas ainda muito vivas, que habita dentro de quase todos os seres humanos dou o nome de corpo de dor.

Contudo, o corpo de dor não tem uma natureza apenas individual. Também acarreta a dor sofrida por inúmeros seres humanos ao longo da História da Humanidade, que é uma história de permanentes guerras tribais, de escravidão, pilhagens, violações, tortura e outras formas de violência. Esta dor ainda vive na psique coletiva da Humanidade e é ampliada diariamente, como podemos verificar nas notícias ou nos dramas das relações interpessoais.”

Habitúamo-nos a assistir a notícias de terror e de violência que nos deixam enturpecidos. Ao despertarmos, assalta-nos um pensamento estranho: Será tudo isto verdade? Seremos nós, realmente, participantes desse mundo? E: Como saímos dele? Ao compreender como funciona a sociedade existente, torna-se difícil continuar a caminhar na mesma direção. Precisamos realmente de mudar de direção? Mas como? E para onde?

De facto, para nos conseguirmos libertar e deixar de vez o sistema social dominante, necessitamos de ter uma alternativa onde nos possamos integrar, que ainda não existe na sua

forma final, mas que nasce com a criação de centros de transformação cultural; os berços de um novo mundo. É necessária a colaboração de centenas, milhares, milhões de pessoas para construirmos em conjunto as novas estruturas, os novos locais de trabalho e o novo sistema de profissões necessárias para desenvolver o projeto “Terra Nova”. Todos aqueles que têm uma função significativa na sociedade existente ou formação especializada podem utilizá-la reorientando-a para este projeto, pois a revolução precisa tanto de ativistas radicais como de mediadores entre o velho e o novo mundo.

Subjacente ao trauma coletivo existe um padrão de perturbações da comunicação interpessoal que, na maioria dos casos, se expressa através de um conjunto de dogmas subconscientes que perpetuam, de forma contínua, a guerra latente e subjacente às relações humanas.

Quero apresentar três exemplos:

1. Muitas pessoas vivem com a crença inconsciente de não serem aceites pelos outros, o que, por conseguinte, as influencia na sua interpretação das reações dos outros. Um elogio pode, assim, ser entendido como irónico; um olhar atento como um julgamento; uma pergunta como uma agressão; um bom conselho como uma crítica, e por aí fora. É assim que, de forma subconsciente, surgem interferências graves nas nossas relações interpessoais, interferências de que raramente temos conhecimento e que podem, portanto, levar-nos ao ódio. Em muitos grupos de discussão política, as conversas tornam-se cada vez mais longas e sem sentido, uma vez que são impulsionadas pela angústia de crenças subconscientes, que nada têm a ver com os assuntos em discussão. Tais padrões de interpretação neuróticos tornam-se particularmente desastrosos nas relações românticas. Quando dois amantes se deparam com os meandros de tais mal-entendidos, raramente encontram uma saída, já que a situação está fechada a qualquer possibilidade racional de resolução. Ao seguirem o padrão interpretativo da não-aceitação, quantas não serão as relações que fracassam por os parceiros se magoarem um ao outro? E uma vez que entram em total desacordo, a hipótese da não-aceitação confirma-se, de forma óbvia. Este é um exemplo notável de uma profecia auto-confirmatória. O neurótico tem então reunidos todos os motivos para perceber a sua fantasia como realidade. Por conseguinte, defender-se-á contra tudo o que o possa curar. É, de facto, um problema basilar da nossa sociedade; como um mecanismo de defesa profundamente enraizado na mente humana que rejeita, a priori, tudo aquilo que poderia vir a curá-la.

2. Um segundo exemplo, estreitamente relacionado com o primeiro, é o medo da separação no amor. Como consequência do trauma coletivo muitas pessoas vivem com a crença de não serem amadas e ao encontrarem um parceiro amoroso, continuam a não

acreditar no seu amor. Vivem, por isso, relações afetivas com desconfiança e medo de perda latentes. Por conseguinte, é precisamente por fazerem de tudo para evitar a separação que ativam o perigo real de separação. Apegar-se, queixar-se, choramingar, chantagear, pressionar são estratégias incompatíveis com o amor, ativadas pelo medo de separação. Como terapeuta, tenho testemunhado o padrão nocivo de profecia auto-confirmatória na maioria das relações afetivas, pois numa sociedade cujas convenções sexuais obrigam a maioria das pessoas a mentir aos seus parceiros, é difícil acreditar no amor. A resposta terapêutica é, em última análise, criar uma comunidade onde ninguém seja forçado a mentir.

3. A Primeira Guerra Mundial, acreditem ou não, é mais um exemplo do impacto subconsciente do trauma coletivo na humanidade. Todas as nações que iniciaram a guerra - Alemanha, Áustria-Hungria, Rússia e França - viviam na expectativa de serem atacadas por uma das outras partes. Os historiadores concordam não ter havido uma razão racional para a guerra. Foi, sem dúvida, uma encenação psicológica sem paralelo. Poderia ser transformada numa comédia teatral, se não tivessem morrido cerca de quinze milhões de pessoas. Esta situação é um exemplo clássico dos meandros psicopatológicos subjacentes à organização política mundial, dirigida por pessoas que não resolveram o seu trauma subconsciente.

Formei-me como psicanalista e, no geral, nunca abandonei esta profissão, tendo continuado a exercê-la ao longo de quase quarenta anos de trabalho em grupo, aprofundando e aperfeiçoando-a. Para conseguir compreender o que acontece entre os seres humanos, tive de aprender a conhecer a multiplicidade de camadas que constituem a alma humana: as camadas conscientes e as inconscientes, as camadas expostas e as recalcadas, as camadas biográficas e as cárnicas. Conheci mais de uma centena de grupos e projetos de toda a parte, e vi os mesmos padrões básicos de neurose repetirem-se de forma semelhante. O meu melhor objeto de estudo fui eu próprio; pouco a pouco, pude identificar em mim os processos psicológicos, as reações e os disfarces habituais, as imagens e impulsos reprimidos que juntos constituem a guerra subliminar do nosso tempo. A guerra também estava latente em mim. No entanto, havia um ponto no meu interior a partir do qual conseguia reconhecer e corrigir as minhas neuroses. Chamamos-lhe o "ponto de deus" no ser humano. Este é um ponto de reflexão interna a partir do qual recebemos um reflexo imediato que nos permite mantermo-nos focados no caminho entelético. Acredito ser parte de cada um de nós. Tendencialmente todos deveríamos conseguir reconhecer a nossa própria alienação e optar por viver de forma mais responsável.

O primeiro passo e condição essencial para o sucesso do trabalho de cura aplicado à humanidade, é dissolver o núcleo traumático coletivo. Com base nesta observação, colocamo-nos fora de todos os conceitos revolucionários desenvolvidos ao longo da história. Precisamos de formas de vida capazes de nos fazer ultrapassar esta nossa herança histórica desastrosa. Hoje, a principal questão é: como criar tais modos de vida? Constata-se de imediato que este fenómeno não pode ser resolvido nem por uma revolução política, nem através de terapia individual. Precisamos de soluções coletivas, de uma cura ao nível dos fundamentos psíquicos.

Através dos muitos anos dedicados ao trabalho de cura, sabemos como é difícil dissolver as consequências psíquicas deste trauma coletivo. Os grupos que, hoje, trabalham nas frentes política e humana, necessitam ter um conhecimento imperturbável face à vida e face às suas próprias capacidades de cura, para serem capazes de gerir conflitos. Podemos ativar as forças de cura através de cada uma das nossas ações. O trabalho realizado nos novos centros é, fundamentalmente, um trabalho de consciencialização. É necessário haver formação a nível coletivo para que possamos continuar a apoiar o lado positivo. Os velhos hologramas da raiva e do medo têm de ser transformados num novo holograma de confiança e amor, o que irá exigir um empenho histórico. Podemos fazê-lo com todas as nossas forças e em colaboração com grupos e projetos de paz pelo mundo, até que a paz se torne uma componente estável do sistema genético do homo sapiens.

PARTE II

Capítulo 6: O que acontecerá após o colapso dos sistemas globais dominantes?

Uma rede de novos centros

A era patriarcal começou aquando da construção das pirâmides egípcias e desde então houve uma reorientação histórica, que alterou decisivamente a evolução da consciência humana. A busca primordial pelo eterno e pelo sagrado passou a ser deturpada pelo impulso de dominação. As pirâmides, que foram construídas para receber e reunir forças cósmicas, tornaram-se num símbolo e num instrumento de dominância terrestre. Este período caracterizado pelo poder masculino e imperialista, tendo como consequência a aniquilação das fontes de vida femininas, começou há cinco mil anos. Os traços psicológicos fundamentais, que hoje caracterizam o mundo atual, foram historicamente estabelecidos há dois mil anos, a partir do triunfo de Roma. Os séculos XIX e XX foram moldados pelas leis do capital, que se expandiram rapidamente pelo planeta. Este é um exemplo clássico do efeito de campos morfogenéticos que, infelizmente, tomaram uma direção catastrófica. Todas as áreas da vida humana: a produção, a gestão energética, a gestão da água, a alimentação, a arte, a moral, o amor, o desporto, entre outras, passaram a estar sujeitas às leis do capital e a humanidade seguiu estas leis. Hoje em dia, um quadro, por mais trivial que seja, é considerado artisticamente valioso quando é vendido em leilão por dez milhões de dólares. Uma empresa é considerada como próspera e bem-sucedida quanto mais lucro conseguir produzir, apesar de os meios e métodos que utiliza para o efeito. Uma empresa de flores obteve sucesso ao criar plantações de flores em África, cujo sistema de irrigação priva as populações locais das suas fontes de água. Todo o planeta sofreu, e continua a sofrer, com a barbárie internacional pela qual já ninguém está disposto ou capaz de assumir responsabilidades. Quem quiser sobreviver dentro do sistema dominante tem de concordar com as regras deste jogo bárbaro. Hoje, na política internacional assistem-se a acontecimentos insólitos, sinais de uma paralisia e perda de orientação generalizadas. O sistema já não parece ser capaz de se sustentar a si próprio. O que acontecerá a seguir?

Em suma, podemos dizer: os antigos mega sistema podem ser substituídos por sistemas descentralizados, pequenos e completamente autossuficientes, que cobrirão as necessidades básicas dos seus participantes a nível material (água, energia, alimentação) bem como a nível cultural, espiritual e erótico. Este movimento conduzirá a uma dissolução gradual dos Estados-nação. Estes serão substituídos por uma cidadania planetária. O lar de

uma pessoa será determinado pela sua posição e colaboração no grande projeto, não pela sua terra natal. Serão formados novos grupos internacionais em todos os continentes para a criação da Terra Nova. Os jovens encontrarão o lugar onde melhor poderão contribuir para a transformação. As novas comunidades estarão organicamente interligadas por sistemas de comunicação, tecnológicos, políticos e espirituais; e juntas formarão a estrutura básica de uma nova sociedade global. A próxima era emergirá de uma rede de centros autônomos; a sua tarefa será construir um campo morfogenético para a fundação de uma nova cultura. Para tal, estas comunidades irão colaborar numa rede global de comunicação e informação, partilhando entre si as suas experiências e novidades. É através de um processo histórico de criação de um corpo informacional cada vez mais rico e completo sobre a Terra Nova, que se desenvolve o novo campo morfogenético.

A nova comunidade planetária expandir-se-á rapidamente, uma vez que os primeiros modelos comecem a funcionar. É provável que, dentro de duas ou três décadas, já possamos ver estruturas como: biótopos de cura, universidades modelo, centros culturais regionais, novas aldeias protótipo a funcionar através de paisagens de retenção de água, bairros ecológicos, cidades futuristas desérticas, novas redes e sistemas de comunicação global, serem construídas pelo mundo. O mundo está grávido com o grande plano de Terra Nova. Enquanto este plano estiver a ser implementado algures, haverá sempre um impulso planetário subjacente, que conduz à sua manifestação. Por todo o mundo - desde os grupos Anastasia na Rússia, aos grupos de defesa dos direitos humanos europeus, às aldeias de paz na Colômbia - formar-se-ão novos centros unidos pela consciência e ideia central de 'dar à luz' uma nova Terra: a Terra Nova.

Se este modelo resultar, formar-se-ão, por todo o mundo, milhares de novas células, já que quase todos os solos podem ser transformados em solos férteis e capazes de fornecer à humanidade alimento suficiente. A informação de que tanto a humanidade como a natureza são completamente curáveis espalhar-se-á com grande força, por todo o planeta, dando novos impulsos à consciência coletiva da humanidade. Quando os vários elementos da grande família da vida, hoje dispersos, se reunirem, quando os novos grupos anteriormente referidos estabelecerem redes de comunicação entre si e quando o amor puder voltar a entrar nos corações dos jovens revolucionários, aí sim, a reação global em cadeia será imparável.

A era imperialista, vigente há cinco mil anos, atravessa hoje um processo de rutura por já não corresponder à ordem fundamental que sustenta a vida e o planeta no qual vivemos. Quanto mais profundo for o reconhecimento da humanidade face à ordem fundamental da vida, maior possibilidade haverá de se conseguir curar o trauma coletivo que

um terrível impasse histórico implantou no coração da humanidade. Trata-se, à escala global, de uma profunda transformação espiritual e mental (Metanoia), que está na base da transformação global já em curso. É a conversão do ser humano, uma revolução antropológica.

Terra Nova: uma alternativa à colonização de Marte

A NASA, conjuntamente com outros institutos privados, envolveu-se num enorme projeto de investigação que visa colonizar o planeta Marte. Não, não é uma piada. Ao preverem a inabitabilidade do planeta Terra, os cientistas buscam novas possibilidades de habitação. O inóspito planeta Marte é uma delas; situado a cinquenta milhões de quilómetros da Terra, surge, pois, como um hipotético novo lar para a humanidade. Sinto-me fascinado com a natureza utópica de tais projetos, por ser tão ilustrativa das possibilidades tecnológicas de que, hoje, dispomos. No entanto, o que escapa a estes visionários é o facto de que irão também exportar para o novo planeta as mesmas formas de funcionamento social, mental e espiritual que levaram à destruição do planeta Terra. Quanta energia, inteligência e dinheiro são, pois, investidos num projeto tão absurdo? Não seria mais inteligente começar a pensar em novas formas de viver no nosso próprio planeta, as quais nos permitam ter um futuro que valha a pena viver aqui na Terra? Seria isto realmente mais difícil do que colonizar Marte? Na verdade, a possibilidade de continuarmos a habitar o planeta Terra mantém-se válida. Começamos agora a descobri-lo. Todos os campos de investigação vão abrindo novas portas: seja no campo médico, científico, tecnológico, desportivo ou educativo, somos, hoje, confrontados com revelações que consideráramos absolutamente disparatadas há apenas algumas décadas atrás. Neste contexto, apelo aos trabalhadores de alta tecnologia de Silicon Valley e a todos os visionários do mundo digital: utilizem os vossos recursos para colaborar no projeto Terra Nova. O mundo digital e o mundo espiritual estão intimamente ligados - ambos são baseados em informação. É, por isso, possível traduzir o sistema de informação espiritual, o sistema de informação dos seres vivos e o sistema de informação da consciência humana para sistemas de informação digital. Lanço, pois, um apelo: que se ative informação de paz e de amor, que se digitalize o código Crístico, que se encontre um programa de informação para a noosfera em que a frequência universal da vida, a frequência Alfa, esteja em harmonia com o código Crístico. Insiram-no, por favor, nos vossos sistemas de informação. Esta seria uma fascinante tarefa de investigação, já que pode servir como o modelo digital do campo morfogenético descrito neste livro.

O projeto Terra Nova é um novo conceito de colonização do planeta Terra, através do qual poderemos aproveitar ao máximo o potencial proporcionado pela cooperação sinérgica

entre os humanos e a Terra. Enquanto Marte é ainda amplamente desconhecido, o planeta Terra é-nos já familiar: a sua areia, a sua água, as suas criaturas e a sua forma de vida única - Como irá a humanidade gerir a água quando aplicar as descobertas de Viktor Schaubergger? Este homem já revelou informação que irá, num futuro próximo, revolucionar a nossa gestão de água e de energia. A última era tem sido caracterizada pela exploração da Terra e dos seres que nela coabitam; a nova era será caracterizada pela cooperação entre as suas forças e criaturas. Digo-o literalmente: cooperação mesmo com ratos e com tudo e todos os que, até aqui, consideramos e combatemos como "pragas". Um dos aspetos mais surpreendentes na nossa investigação de campo foi, precisamente, a cooperação com os ratos. Ao estabelecermos com elas uma amizade sincera, estes deixaram de andar pelas nossas casas e, em grande medida, cumpriram com as regras acordadas. (Aconselho a quem pergunta como é possível algo assim funcionar, a analisar o conceito de "devas"). Também os ratos são membros da grande família da vida, tal como o somos nós, seres humanos. Ao tomarmos parte nesta família, melhor iremos compreender a estreita relação de união entre todos os seres que dela fazem parte. Vamos apoiá-los em vez de os destruir. É este o paradigma da nova era: estendermos as mãos, em espírito de solidariedade, a todas as criaturas terrestres que aqui coabitam.

Capítulo 7 - O operador interno

Satprem, discípulo de Sri Aurobindo, conta-nos a maravilhosa história de como se conseguiu salvar da morte. Ao partilhar a sua experiência, mostra-nos como um assassinato é impedido pela intervenção de uma consciência superior: Certa manhã estava Satprem no local onde costumava fazer a sua meditação matinal, junto a um desfiladeiro, quando, de repente, apareceram três homens encarregados de o matarem. Ele adotou uma posição de observador externo, sem manifestar quaisquer reações. Logo em seguida, a mão erguida prestes a cometer o crime baixa-se e os assassinos desatam a fugir. Já não conseguiam executar o assassinato. As instruções de violência desapareceram pois Satprem não lhes respondeu com qualquer tipo de reação, reagindo sem qualquer medo ou ódio. O "operador interno" interveio e transformou o cenário do crime, possibilitando a Satprem permanecer inerte e não sentir o medo que, normalmente, deveria ter sentido. Por não ter havido reação face à violência, através do medo ou da contra violência, as intenções de assassinar Satprem desapareceram de imediato, levando os assassinos a fugir.

Esta história recorda-nos o treino do samurai, o qual só é bem-sucedido quando o samurai consegue reagir sem medo ou ódio aos golpes dos seus adversários. Esta é uma regra

basilar para assegurar a eficácia do trabalho de paz. Quando se confronta um adversário, nunca se deve reagir com medo ou ódio, da mesma forma que quando nos confrontamos com a atual situação do mundo, nunca devemos reagir com medo ou ódio já que sempre que estamos com medo ou ódio, perdemos força. Por conseguinte, o sucesso do trabalho de paz e de cura carece de um estado interior permanentemente livre de medo e de ódio. Para atingir tal atitude interior é necessário aceder ao conhecimento de uma consciência superior que nos capacite. Lao Tzu escreve no Tao Te Ching:

Assim, escutei
que se vivermos do modo correto,
quando atravessamos o país
não precisamos de temer as armas.
O touro não encontraria nenhum lugar para estocar os seus chifres,
o tigre nenhum lugar para espetar as suas garras,
a espada nenhum lugar para introduzir a sua ponta.
Porquê? Porque não há nenhum lugar algum em ti
para a morte entrar.

O que Lao Tzu afirma, aqui, é incrível: Ele fala-nos da existência de uma orientação interior inerente à vida, feita para nos proteger de todo e qualquer mal. Se estivermos na frequência interior certa, nada nos poderá magoar. Quem se lançar de uma cascata e permanecer ligado ao seu Hara, alcançará o fundo em segurança. Isto significa que existe uma frequência que assegura a sobrevivência. Mas será que ela existe mesmo?

Conheço-a por experiência própria. Há um operador interno que, em situações críticas, nos traz uma consciência mais profunda, ou que assume o controlo quando já não encontramos nenhuma manobra de salvamento. O famoso "anjo da guarda" existe para cada um de nós. Podemos pensar nele como um órgão imanente da nossa consciência, que nos dá instruções ou executa a ação necessária à cura ou salvamento. O nosso potencial interno parece ser ilimitado. Patente está o facto de que cada um de nós possui uma espécie de supercérebro que nos dá faculdades muito além das que habitualmente conhecemos. O campo da parapsicologia refere-se a elas como capacidades psi, provenientes de um meta-mundo. Para uma compreensão mais detalhada do assunto, é necessário um estudo aprofundado das funções e leis vigentes no mundo espiritual. Mas, independentemente da forma como as explicamos, sabe-se que quanto mais recetivos e abertos estivermos aos seus princípios funcionais, melhor conseguiremos usufruir das nossas capacidades extrassensoriais. K.O. Schmidt, um especialista na cura espiritual, escreve:

Há um poder em mim que é onnipresente, omnisciente e onipotente. Ele conhece tudo aquilo que contribui para o meu bem-estar e sabe como o conseguir. Se eu me mantiver aberto e recetivo às suas instruções e ajuda, este poder de origem divina, atua no meu ser e no meu corpo, assim como no meu meio-ambiente, ordenando, harmonizando, guiando, ajudando e curando tudo o que for necessário, para assegurar o meu bem-estar.

Seremos nós realmente capazes de compreender o significado de tais afirmações?

Este poder existe, é real, chegando mesmo a ser o órgão central da consciência humana. Quando nos encontramos numa situação desesperada, ele reage à velocidade da luz, enviando-nos impulsos para nos salvar. Perante os seus assassinos, Satprem conseguiu alterar a sua consciência com tal rapidez que estes viram-se forçados a cessar o ataque.

Um belo dia, seguia eu por uma estrada coberta de gelo, na cordilheira de Harz, quando o meu carro se despistou para a faixa de sentido contrário e, eis que, à velocidade da luz, surge um poder superior que tomou conta do meu volante. Podemos denominá-lo de formas diferentes: "o operador", o "eu superior", o "supercérebro", a "supermente" ou simplesmente "Deus". O fundamental aqui é começarmos a reconhecer e aceitar este poder e, dar-lhe o seu devido valor e importância. Nas universidades da Terra Nova, a presença, a lógica e as funcionalidades operativas deste poder superior devem ser estudadas e lecionadas como disciplinas.

Sri Aurobindo, famoso filósofo e yogi indiano, trabalhou ao lado dos revolucionários na luta pela independência da Índia face aos britânicos e, quando estava prestes a ser condenado à morte, juntamente com o seu irmão, recebeu a visita inesperada de Vasudeva (Deus hindu) que lhe disse:

Lembra-te, nunca temas, nunca hesites. Observa, compreende que sou eu quem age e não tu ou alguém outro. Qualquer que seja a tempestade, quaisquer que sejam os perigos e urgências, quaisquer que sejam as dificuldades, quaisquer que sejam as impossibilidades: nada é impossível, nenhuma dificuldade insuperável, pois sou eu quem age.

Mesmo tendo cometido o mesmo "crime" que o irmão, Sri Aurobindo foi libertado, ao passo que o irmão foi executado.

Eis uma primeira informação sobre o que poderá ser este poder interior. Refere-se a si próprio como "eu" - fala de si mesmo na primeira pessoa; autodenomina-se "Deus". Deus (Vasudeva) diz ao humano: "Eu sou este poder, não tu nem qualquer outra pessoa, mas eu." Se, porém, como nos diz K.O. Schmidt, este poder está, inerentemente, no ser humano, podemos assumir que existe em cada um de nós um eu superior - paralelo ao nosso "eu habitual" - que nos guia se estivermos abertos a receber tal orientação. Apresenta-se, pois,

perante nós, uma hipótese épica sobre como poderá vir a ser a nossa existência na nova era: a de que nós "pequenos" seres humanos podemos conter no nosso interior esta grande entidade superior acima à qual, e acima de todas as coisas, colocámos outrora o que designámos como Deus. As forças, as capacidades e o potencial que, anteriormente, projetamos num criador externo passarão a existir dentro de nós. Em última análise, o elemento-mistério do mundo, o eu divino, seremos nós próprios, uma vez estabelecida a ligação com o nosso eu superior. Este pode ser o passo seguinte na história da nossa evolução cultural: a transição do eu-ego para o eu-universal ou divino, do pensamento privado para a consciência universal, da força individual para a universal. Quanto mais o ser humano progredir nesta transição, mais poder ganhará sobre si próprio, sobre as suas emoções e sobre os seus hábitos. Desta forma, a humanidade caminhará rumo à reconquista do seu poder e força perdidos.

É este o caminho da cura. É esta a mensagem do futuro. É esta a grande promessa subentendida da frase: "Let God do". Sob tal orientação ninguém terá necessidade de se preocupar porque " (...) não sois vós que falais, mas o Espírito Santo". (Marcos 13:11). Há algo que nos guia quando nós próprios já não conseguimos continuar; uma inteligência para além da nossa, um conhecimento que se activa quando os canais adequados são abertos - é como se de repente os cem por cento do nosso cérebro fossem ativados (em oposição aos habituais dez por cento utilizados). Apresenta-se, desta forma, um fio condutor para a evolução espiritual da humanidade, que implica delegar a direção das nossas próprias vidas a uma inteligência superior, a qual é, em última análise, nossa. É nesta entrega que reside o significado e o propósito da presente transformação.

Capítulo 8 - A Matriz Sagrada

Como é possível existir uma linguagem simbólica universal que, ao longo da história cultural da humanidade, se tem repetido por toda a parte? Porque é que o código genético e o I Ching partilham o mesmo padrão matemático básico? Porque é que os arquitetos ao longo dos séculos tentaram, consecutivamente, projetar edifícios de acordo com a geometria sagrada? É porque existe um padrão universal e transversal a tudo aquilo que existe. O fenómeno da analogia entre o I Ching e o código genético é bastante ilustrativo. Ambos são expressões de uma espécie de "fórmula geral" - o I Ching no meio místico e o código genético no campo da biologia molecular. As estruturas de ambos os códigos são, matematicamente, quase idênticas; é possível identificar o mesmo padrão cósmico fundamental em duas disciplinas completamente distintas.

A Matriz Sagrada, aqui abordada, é um padrão cósmico que é o campo morfogenético do universo na base da organização da vida universal. É ela que guia a informação e as energias necessárias à evolução e manutenção da vida. Ao conectarem-se com esta orientação, os seres humanos abrem canais para as forças de cura. Ao procurarem harmonizar a sua existência terrena, os seus sistemas de habitação, estruturas sociais, sistemas de gestão de energia, água e alimentação com a Matriz Sagrada, ativam a abertura dos canais responsáveis por libertar as forças de cura a nível global. O princípio da cura global, aqui abordado, é baseado na congruência das nossas ações com as linhas de força, sentido e ordem inerentes à Matriz Sagrada. Esta congruência está codificada na estrutura da concepção, pois a Matriz Sagrada está também inscrita no padrão genético do ser humano, isto é, na própria estrutura molecular do ADN humano. Na nossa vida psíquica ela forma a matriz original do amor, e na nossa vida social ela forma a matriz original da comunidade. A cura decorre da ativação da matriz original.

A matriz original da comunidade humana exige a adoção de uma nova forma de coexistir com todos os membros da grande família da vida. Precisamos de uma nova forma de "comunismo" ou de "socialismo". Embora, ao longo da história, estes termos tenham vindo a desgastar-se e a perder significância, hoje voltam a ganhar sentido. O novo socialismo, aqui proposto, abraça tudo o que pertence à matriz original da comunidade: a libertação da sexualidade, a cooperação com a natureza e a comunicação com os seres cósmicos. Uma das tarefas dos nossos dias é a de traduzir esta matriz para uma linguagem política que lhes permita governar e coordenar, sem recorrer à violência, a nova comunidade mundial.

Há um padrão genético base responsável por orientar o nosso comportamento. A partir da influência advinda da herança cultural construída pela humanidade, certos aspetos deste padrão, isto é, certos segmentos de ADN humano foram estimulados e ativados, ou adormecidos e desativados. Como resultado produz-se uma orientação social coletiva, através da ativação de uma matriz informacional específica. Hoje em dia, quem trabalha pela paz tem como principal tarefa mudar esta matriz informacional e produzir informação orientada para respeitar as regras e conceitos da Matriz Sagrada. Isto deve acontecer a nível simbólico (como na geometria sagrada) e, também, a nível pragmático para se construírem novos sistemas sociais. Uma vez que os novos sistemas se compatibilizem com os preceitos da Matriz Sagrada, esta implementar-se-á a nível global, já que todos os seres humanos estão ligados a ela.

Capítulo 9 - A força crística

A Matriz Sagrada incorporada no ADN da humanidade, constitui-se por um sistema informacional, que podemos denominar “código crístico”. Porém, pela polémica que tal título pode provocar nos dias de hoje, sobretudo entre revolucionários, quero começar por esclarecer o leitor sobre o porquê de ter escolhido usar Cristo e a designação força crística como referências basilares desta obra. De facto, aqui tocamos num ponto sensível pelas possíveis associações à religião cristã. Nas atuais lutas ideológicas e de foro emocional, este surge como problema recorrente com o qual tenho sido frequentemente confrontado. Falar de Cristo com a vanguarda revolucionária provoca clamor e discórdia. É verdade que em nome de Cristo já morreram demasiadas pessoas, perpetuaram-se incontáveis mentiras, formas de sofrimento e de opressão. Não foram outrora as grandes religiões do Oriente e do Ocidente utilizadas para subjugar os povos, para que servissem os objetivos dos poderes vigentes? Não aconteceram as coisas mais diabólicas em nome do Senhor, em nome de Yehova e em nome de Alá? Por que não renunciar definitivamente à religião e começar a resolver os nossos problemas de forma mais sóbria e humana? Em 1968, fui porta-voz do movimento marxista e defendi ardentemente a afirmação "a religião é o ópio do povo", porque, de facto, a religião foi como uma droga para o povo. Estou, pois, ciente das dificuldades implícitas à utilização deste tipo de vocabulário, pelas subjacentes conotações históricas, porém desconheço qualquer outro termo que me permita expressar com igual rigor a ideia que aqui pretendo trabalhar. Ressalvo que, ao utilizar este termo, não me refiro nem à história de Jesus nem à doutrina da igreja cristã que, durante séculos, nos têm sido impostas. Da mesma forma, não faço referência a uma religião em particular, mas antes a uma realidade estrutural do universo. O código crístico a que me refiro é um fenómeno transversal a todos os seres humanos, independentemente da cultura e religião com que nasceram. Se existem outros termos possíveis para o mesmo fenómeno oriundos de outras culturas, é algo que me escapa. Apelo, pois, à compreensão e tolerância por parte do leitor quando aqui forem utilizados os termos “Cristo” ou “força crística”. Ao longo da história, temos sido tão reprimidos que acabámos por perder bastante da nossa consciência crística; é fundamental reencontrá-la e redefini-la para podermos aceder às forças de cura, inerentes a toda a vida terrena. Por conseguinte, o que quero, aqui, descrever é o fenómeno produzido sempre que duas ou mais pessoas se encontram em estado de sinergia. Isto cria uma abertura para as forças de cura, que dissolve quaisquer hostilidades e medos. Ao testemunhar este efeito, não me ocorrem outras palavras senão a designação "poder crístico". No trabalho de cura que temos realizado observamos que, quando esta força se manifesta, uma série de sintomas físicos como

distúrbios digestivos, inflamação abdominal e eczema agudo desaparecem, e que mesmo pessoas invisuais conseguem recuperar a visão. Existem já vários testemunhos de tais curas milagrosas. Nas nossas peregrinações à Colômbia e a Israel-Palestina, vimos velhos inimigos caírem nos nossos braços um do outro ao serem tocados por esta força. É uma força universal, que vai muito além de qualquer tradição cultural ou religiosa e que atua onde quer que a dita abertura ocorra.

É verdade que, hoje em dia, é difícil chegar a um entendimento sobre o fenómeno de Cristo. A maioria das pessoas que, ao longo dos últimos cinco mil anos, tiveram a coragem de escutar e seguir a entelúquia de Cristo foram eliminadas por discordarem do sistema vigente e se manifestarem contra os métodos de opressão e violência instituídos. Ao ligar-se com o mundo divino o ser humano é capaz de manifestar dentro de si esta figura divina, a mesma figura divina de que nos falam todas as tradições religiosas e espirituais, designada ora de "Atman", "Buda", "Shekinah", "Cristo" ou de "Eu Superior". Optei pela designação "Cristo" pois sinto ser aquela que, entre todas as variações históricas, é a mais próxima da natureza e do espírito do amor. Cristo é a encarnação do amor. Quem sente a palavra Cristo demasiado associada ao masculino pode substituí-la por "natureza mariana" já que este é o aspeto feminino equivalente, a nível da representação, da figura cósmica de Cristo. Seres como Jesus, Mani e milhares de outros que permaneceram fiéis à sua consciência crítica falharam perante a supremacia e poder avassaladores do sistema vigente. Tais indivíduos isolados não tinham qualquer hipótese contra um aparelho de poder tão bem organizado. Muitos acabaram na fogueira como Johannes Hus ou nos campos de concentração de Hitler como Dietrich Bonhoeffer, e Jesus, o homem em quem o padrão de Cristo se manifestou de forma tão poderosa, morreu na cruz. O sistema instituído era mais forte do que o poder de Deus presente em Jesus. Este processo de "assassínio de Cristo" não se limitou a uma religião específica, um país específico ou uma época específica, mas percorreu todos os sistemas de poder da época imperialista e continua a ser empregue até hoje, seja através de propaganda disseminada pelos meios de comunicação social, seja através das medidas políticas e das câmaras de tortura da polícia secreta. Quem hoje, ocupa uma posição pública, por exemplo, no Deutscher Bundestag ou no Conselho de Supervisão da Siemens, e ouse falar sobre a ativação da natureza imanente de Cristo será alvo de chacota, apelidado de "menino do coro" pela imprensa e, posteriormente, afastado do cargo por alegada incompetência. É verdade que vivemos, há séculos, num holograma de medo e violência; e que na base do desenvolvimento da psique coletiva, está um campo morfogenético de guerra. Apesar de todos os seres humanos serem condicionados por este campo morfogenético, nem todos podem ser

considerados como "malfeitores". Na verdade, muitos de nós albergamos, inatamente, uma ética benevolente e altruísta que implementamos sempre que possível seguindo, desta forma, uma força à qual podemos chamar de força crística da humanidade. O objetivo dos biótopos de cura é permitir criarmos uma base social comum, facilitadora do desenvolvimento da força crística. A nova civilização será baseada numa rede global de centros de força crística. Na atual situação global, já não precisamos de evangelismo religioso, mas sim de meios de explorar o funcionamento interior inerente ao mundo espiritual do qual somos todos oriundos. Existem descobertas na cosmologia espiritual que nos desafiam a utilizar certos termos, mesmo quando estes têm sido alvo de apropriação e, por isso, utilizados de maneira distorcida durante séculos. Cristo é um arquétipo intrínseco à alma coletiva da humanidade estando, por isso, profundamente enraizado na nossa matriz genética e psicológica. Mesmo que o rejeitemos conscientemente, todos conhecemos a imagem de Cristo e sentimos amor ao invocá-la. Cristo é um protótipo da alma humana. Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço e um dos pioneiros da psicologia profunda, fala-nos de tais imagens prototípicas através do seu conceito dos 12 arquétipos do inconsciente coletivo. Podemos considerar Cristo como um arquétipo do inconsciente coletivo. Dentro de cada arquétipo encontram-se forças poderosas que se multiplicam quando este é ativado. Da mesma forma, quando ativamos o arquétipo de Cristo, são mobilizadas forças que de outra forma não se manifestariam. Estas são, sobretudo, as forças do amor, da cura e de poderes superiores como os da consciência, da visão e da realização.

A essência de todas as religiões autênticas é possibilitar uma mudança paradigmática da consciência e da conceção do eu, mudança esta que ocorre ao nível do ponto interno de articulação¹¹ entre uma identidade do eu separada de uma identidade divina ou "eu superior". Esta é a consciência divina tal como o ser humano individual a experiência ou, nas palavras de Teilhard de Chardin, "a morada interior de Deus". Ao aceitarmos a nossa identidade divina, aceitamos que diferentes impulsos e informações entrem no nosso organismo. Os nossos cérebros começam a funcionar de forma diferente, libertando novas substâncias mensageiras (neuropeptídeos), e as nossas células produzem novas proteínas.

Aventuro-me a caminhar numa direção utópica quando digo que o ser humano do futuro será um "ser humano crístico". Está assim predestinado, é o nosso propósito entelético; o objetivo imanente para o qual tende a nossa evolução. Quando hoje falamos de paz, cura e amor, estamos a avançar nessa direção. Nas palavras de Ernst Bloch, esta é a "consciência da

¹¹ Ou assemblage point.

nossa vinda". Vivemos num estado de "latência utópica", e ativamos esta utopia latente quando reconhecemos as realidades inerentes à nossa natureza humana, transversais a todas as religiões. Fazemo-lo em nome de uma nova Terra: Terra Nova. Já vimos que Cristo é uma entidade cósmica inscrita na alma humana enquanto imagem arquetípica sagrada. Compreender que ela pertence ao ser humano e, não a uma igreja pode, por si só, mudar o mundo. Da mesma forma, quando existirem grupos capazes de ativar internamente a sua natureza crística, desencadear-se-á uma onda morfogenética que nos tocará a todos, pois o padrão crístico encontra-se dentro de todos nós. Reconhecer e aceitar a existência da "força crística", e a representação de Cristo aqui apresentada, não é particularmente uma questão de fé, mas antes um ditame para pessoas esclarecidas. Ao compreendermos o significado e importância do fenómeno aqui descrito, alteramos as nossas concepções de amor e de cura. Nada pode mudar mais profundamente o relacionamento amoroso entre duas pessoas do que a descoberta do seu núcleo crístico. E nada mudará mais profundamente as nossas ideias sobre cura do que a descoberta do nosso poder crístico.

A nossa natureza crística assinala a constância da Matriz Sagrada no sistema genético humano. Ao ativá-la conscientemente, entramos, enquanto humanidade, numa nova etapa evolutiva a nível erótico, social e político, já que nos abrimos às forças divinas do mundo. Esta ativação e abertura concretizam-se quando os seres humanos, em plena confiança, se encontrarem e, assim, conseguirem reconhecer-se uns aos outros. As promessas de amor e de felicidade, feitas por velhas religiões, têm um fundo de verdade, mas essa encontra-se aqui na Terra e a sua concretização terá lugar nas relações entre nós, humanos. Para manifestar o "reino celestial de Deus" já não é necessária a crença religiosa, mas sim a criação de novas estruturas sociais que englobem toda a comunidade humana.

Atravessamos a tempestade de uma era historicamente forjada pela guerra, na qual o comportamento da humanidade se tem afastado da natureza crística que lhe é inerente. Para que os trabalhadores da paz possam, hoje, alcançar o seu objetivo global, devem estabelecer um novo "sistema" no qual o poder semelhante ao de Cristo esteja inserido na ordem social e ecológica das novas comunidades. A força capaz de oferecer à evolução uma nova direção, consistente com a Matriz Sagrada, já não virá do poder de indivíduos isolados, mas emergirá de um sistema complexo de humanos, animais, águas e forças naturais. Cristo é uma figura futurista, como um protótipo do homem do futuro, inerente a nós como a borboleta é inerente à lagarta. As transformações que a lagarta tem de sofrer para se manifestar como borboleta podem ser vistas como análogas às transformações que, hoje, a humanidade tem de sofrer para realizar o objetivo inerente à sua entelúquia. Embora nos antigos sistemas de poder

político e religioso este objetivo tenha sido menosprezado, foi, ao longo da história humana, ganhando cada vez mais relevância. Na verdade, pouco importa como designamos este fenômeno energético, o importante é reconhecê-lo e tomar a decisão de ativar e trabalhar com a força crística. Na teoria das ideias de Platão é feita uma referência à bondade absoluta, representada por Agathon. Esta ideia só pôde surgir porque Agathon é uma possibilidade latente de expressão do ser humano. Não é apenas no mundo do pensamento dos grandes filósofos que encontramos provas da existência de um poder semelhante ao de Cristo; também o encontramos no meio dos horrores da guerra. Os relatos de Jacques Lusseyran sobre as suas experiências em Buchenwald oferecem-nos uma compreensão comovente da natureza crística de velhos criminosos, com quem viveu em cativeiro. Para compreender o grande propósito da transformação aqui proposta e concretizarem o grande potencial subjacente ao futuro ser humano, os participantes deste processo, devem desformatar-se e libertar-se de forma consciente da sua crisálida e, abrir caminho até à sua verdadeira forma através de libertarem o amor original de toda a falsa moral e sentimentalismo que o condicionam. Embora a humanidade se tenha afastado a passos largos da sua própria alma crística, a possibilidade de transformação (metanoia), subjacente a esta força é incontornável. Aqui é o indivíduo contra o sistema. Seja contra o sistema vigente ou contra o campo morfogenético de guerra, um ser humano sozinho não tem qualquer hipótese de ganhar. Hoje, se quisermos vencer temos de construir um novo "sistema" que incorpore o poder crístico nas novas comunidades a nível social e ecológico. A este sistema chamo de "Terra Nova". De acordo com a Matriz Sagrada, o indivíduo deixa de empregar as suas próprias forças e energia de forma isolada, para as passar a implementar de forma sistémica, através da ação de um sistema complexo composto por pessoas, animais, água e ajudantes invisíveis. Eis o ponto-chave! Deixaremos de nos apresentar como indivíduos particulares para passarmos a ser representantes da Terra Nova, uma entidade superior na hierarquia espiritual do universo. A coragem pessoal deixa de prevalecer para dar lugar à força espiritual do novo sistema, acontecimento que impactará até as mais pequenas coisas. Quando um ativista transcende a ordem do sistema existente e faz contas à vida, percebe que há uma grande diferença a nível energético entre dizer "Não consigo aceitar esta ordem" e dizer "Trabalho para desenvolver o projeto Terra Nova".

Um dos principais objetivos das novas comunidades será dar vida ao arquétipo de Cristo presente no interior de cada um dos participantes, ou seja, permitir que este se desenvolva e se manifeste, plena e concretamente, na vida real.

Ao vermos fotografias do jovem Vladimir Putin, podemos imaginar como este homem, hoje considerado violento, poderia ter-se desenvolvido, se em vez de forças como a tristeza, a desconfiança e o ódio, se tivesse ativado, desde cedo, a sua força crística. Como de costume, temos o exemplo de um jovem que fechou o coração porque vivia num ambiente inadequado à ativação do arquétipo de Cristo. Quando reconhecemos estes factos, torna-se evidente a necessidade de construirmos uma sociedade humana na qual o poder crístico imanente seja ativado em lugar do diabo imanente, como é costume acontecer. Uma criança que cresce num ambiente de amor e confiança irá, com certeza, concretizar a natureza crística que lhe é inerente, em vez de se transformar num criminoso. Esta é uma das ideias básicas para criar um futuro digno de ser vivido.

A manifestação coletiva da alma Crística é um pré-requisito para um futuro sem guerra. O arquétipo de Cristo pode manifestar-se em cada ser humano, da mesma forma que se manifestou em Jesus. Esta é a configuração interna de um ser humano superior, o "Adam Kadmon" da Cabalá, uma figura-chave representativa do ser humano, num mundo humano. Ela consta no interior de cada um de nós; costumamos chamá-la de "eu superior". Ao aproximarmo-nos da nossa natureza Crística, permitimos que uma porta muito especial da vida se abra para nós e passamos, então, a olhar o mundo através de uma perspetiva e espírito de amor. A história do projeto Tamera é um exemplo deste tipo de jornada, que acabou de começar. Todos os grupos e projetos que hoje trabalham para alcançar um plano mais elevado irão passar por este processo. Quando o arquétipo do amor se vir livre de todo o sentimentalismo e moralismo que lhe têm sido atribuídos, os membros das novas comunidades vão, enfim, reconhecer o grande objetivo para o qual todos caminhamos.

Jesus, ao incorporar a imagem cósmica de Cristo produziu um efeito a nível global. Ele estabeleceu uma relação de ressonância com uma força latente, presente em todos os humanos. Assim como outrora, continua hoje a acordar esta força no interior de muitas pessoas. O "campo de força incorporado e disseminado por Jesus" não se desenvolveu nem expandiu devido à apropriação, censura e falsificação da mensagem e evangelho originais por parte do império romano e, mais tarde, da Igreja. Só a partir de uma nova abordagem cultural conseguiremos libertar-nos destes velhos poderes opressores e, finalmente, apreender a mensagem original de Cristo e abordá-la através de um novo plano de ação. Em primeiro lugar devemos despertar e incorporar a força crística aplicando-a a todas as áreas fundamentais da vida humana, especialmente às áreas onde, até hoje, esta força raramente tem sido empregue, como a área das relações de amor entre géneros. É, sobretudo, no encontro entre homem e mulher que a verdadeira força crística se manifesta para assim "dar

vida” ao grande renascimento. Gostava muito que todos os leitores pudessem vivenciar o desenrolar deste processo através da realidade social de uma comunidade dinâmica e ativa. O sexo manifesta-se através de gestos de desejo, Cristo através de gestos de amor. Embora possa ser surpreendente, sexo e Cristo não são opostos.

Cristo é a impressão genética da Matriz Sagrada no Homo sapiens. Ao ativarmos, conscientemente, tal padrão genético, entramos numa nova fase da evolução humana a nível das esferas erótica, social e política. E, ao ativarmos a matriz-crística, abrimos caminho para as forças divinas, a nível global.

Dhyani Ywahoo, uma índia Cherokee, escreveu:

"Ao tomarmos a decisão consciente de viver de forma sagrada, atraímos para nós mesmos a compreensão, os ensinamentos e as informações que nos vão ajudar a desenvolver os nossos dons e a poder contribuir para o bem comum."

Será que existe uma utopia humana concreta? A resposta é clara: sim, existe. Ela existe através do homem que consegue alcançar e manifestar a sua força crística. A consciência crística contém em si uma combinação bastante específica entre poder e amor, que permite expressar autoridade sem severidade, brandura sem frouxidão e objetividade sem insensibilidade. As comunidades do futuro fazem-se de pessoas que conseguiram descobrir a natureza crística no interior umas das outras. Entre elas não existem inimizades. Este fenómeno é fruto do encontro entre a força crística e a força Mariana, que ao se depararem uma com a outra se reconhecem como iguais. Este encontro marca o momento a partir do qual se começa a desenvolver uma cultura humana de confiança e solidariedade absolutas. É esta imagem que expressa a natureza universal intrínseca à humanidade, e o verdadeiro significado da palavra "humanidade". Quem consegue identificar esta imagem já está a contribuir para a sua concretização.

A força de Cristo exerce um efeito poderoso sobre as relações humanas, especialmente ao nível do amor. Ela descomplica a "relação" e permite-nos ascender a uma base mais elevada de amor. Quando vibramos na frequência crística, deixamos de nos relacionar uns com os outros, passamos antes a vermo-nos, a reconhecermos-nos e apoiarmos-nos mutuamente. Porém, deixamos de manter um relacionamento no sentido pessoal porque nos relacionamos com um terceiro. Dia após dia, o conceito de "relação pessoal" tem destruído o amor, já que funciona através de um sistema onde acreditamos ter de estar sempre ao lado um do outro e, acabamos por nos magoarmos sempre que um não cumpra as regras impostas pelo outro. Ao longo dos anos quase todos os relacionamentos pessoais acumulam decepção, raiva ou tédio. O sistema estrutural da relação pessoal está

intimamente ligado à mágoa, à reprovação, à compensação e ao medo de separação. Por outro lado, no campo de Cristo, encontramos-nos desde logo uns aos outros, a um nível diferente e comum a ambos – ambos conhecem esse nível, ambos sabem que o amor só pode ser realizado assim. De repente, o amor amplifica-se e torna-se muito real. Trabalhamos em nome do amor mesmo se entramos em conflito com alguém. Ninguém se magoa a nível pessoal. E se alguém se magoa, é por ainda funcionar através da formatação do antigo sistema. Quem trabalha na sua própria transformação tem em conta tais mal-entendidos. E no final, a recompensa é grande já que a pessoa encontra o tesouro do amor. Se este fenómeno acontecer entre duas pessoas, elas podem "casar" pois já não têm de temer a separação. Agora um grande sonho pode realizar-se, o sonho do amor. Está geneticamente inscrito nas nossas almas. Cada ser humano é um potencial Cristo. Caso me perguntem porque é que permaneço fiel à minha parceira Sabine Lichtenfels, a resposta é simples: porque, desde início, vi nela a natureza de Cristo ou natureza Mariana. Assim que a natureza crística do ser humano for concretizada pelos primeiros grupos, formar-se-á um novo campo morfogenético de amor e a grande mudança cultural será bem-sucedida. Sem ele, ela nunca chegará a acontecer. A formação do campo morfogenético do amor só funcionará quando a força crística se difundir e se manifestar entre os seres humanos; Cristo é a base intelectual da nova cultura.

Até agora, a consciência Crística tem sido representada, individualmente, por pessoas isoladas, e nunca pelo coletivo. O desenvolvimento do campo morfogenético de amor é impossível, se entrar em conflito com a organização e estrutura da sociedade vigente. Hoje deparamos-nos com a tarefa de criar uma organização social que corresponda à matriz crística e que nos conduza por um caminho coletivo de amor. Isso não é só mais um sonho, é uma tarefa objetiva e o núcleo da Terra Nova.

Quando as primeiras comunidades conseguirem ativar a natureza Crística em si, irão desencadear uma onda morfogenética que irá atingir toda a gente, tocando o que de idêntico existe em todos nós. Fiquei pessoalmente tocado pela natureza Crística de todos aqueles que me ajudaram durante a minha grave doença. Ao libertarem as imagens de amor primordiais de conotações morais e sentimentalistas, os membros das novas comunidades conseguirão reconhecer o propósito principal do seu próprio caminho. Todos os projetos que contribuem para manifestar o grande plano hão de passar por este processo de transformação. **Embora a frase "Deus é amor" tenha, há muito, perdido o seu significado talvez possamos hoje, quiça, compreendê-la novamente mediante uma nova perspectiva. Em suma, Terra Nova é um caso e uma história de amor.**

Capítulo 10: Ananda

Ao lado do mundo atormentado pela violência existe um outro: o mundo da alegria, o mundo de Ananda. A nova cultura será formada pelas leis de Ananda. O Ananda é considerado pelos yoguis indianos como o estado natural e original do ser humano. Ananda é como uma espécie de alegria original, parte integrante da vida, caso não seja perturbada. Cães e gatos brincalhões, estão cheios de Ananda. Ficamos comovidos pela sua alegria porque reconhecemos, instintivamente, o que eles estão a fazer e a sentir. Nós humanos também possuímos o "gene Ananda" em nós. O mundo vegetal está também repleto dele. Ananda é fonte de vida; é impressionante observar o quão rápido uma paisagem seca se regenera depois de introduzidas bacias de retenção de água. Em pouco tempo, um terreno seco e erodido transforma-se num biótopo abundante de biodiversidade. Como exemplos temos o trabalho do especialista em permacultura Sepp Holzer, assim como as "paisagens com lagos" de Tamera. É preciso ver para crer. É como se na natureza já existisse o programa Ananda à espera que os seres humanos reúnam as condições necessárias para o ativar. A matriz original presente na natureza está somente à espera de ser compreendida pelos humanos para, enfim, poder despertar. O mesmo se aplica em relação aos animais. Os animais vão ao encontro dos humanos com alegria e sem reservas quando reconhecem que já não precisam de os temer. Em Tamera, existem já vários exemplos da crescente confiança dos animais em relação aos humanos. As tartarugas nos nossos lagos nadam em nossa direção e até nos tocam. As cobras aquáticas enrolam-se à volta das nossas pernas; uma delas deitou-se no estômago de uma mulher. Os porcos saltam de alegria assim que saímos de casa e nos encaminhamos em direção a eles. Um em particular consegue fazer uma pirueta perfeita. Os abutres e as águias fazem círculos ao voar. Sentimos a alegria da mútua descoberta entre todos os seres vivos. Todos já vimos fotografias enternecedoras que captam a confiança estabelecida entre animais e humanos: a de um guarda do jardim zoológico abraçado por leões ou a de um bebé a acariciar a cabeça de uma enorme pitão. Podemos sentir a alegria partilhada que os seres vivos experimentam quando se descobrem uns aos outros. Poderá este mundo vir a ser um paraíso? Após séculos de medo e separação, todos anseiam por contacto e união. O mundo desperta da paralisia e começa a entrar na dança da alegria como o faz o antílope no deserto namibiano quando, depois de um longo período de seca, chove pela primeira vez. Este é o prazer puro da criação. É uma utopia concreta em toda a sua abundância. É Terra Nova.

Mantendo-nos conscientes desta realidade harmoniosa, quando olhamos para a realidade quotidiana dos matadouros, das fábricas de peles e dos laboratórios de testagem animal, podemos quase observá-la como uma retrospectiva histórica. O contraste entre estas

duas realidades não podia ser mais gritante. Cada um de nós é confrontado com uma decisão inevitável: quanto tempo estamos dispostos a participar, direta ou indiretamente, em tal barbaridade? A cumplicidade é uma questão ética e política. O estabelecimento de sistemas autônomos de abastecimento no quadro da Terra Nova é imperativo, quanto mais não seja por razões éticas: para nos libertarmos da dependência de sistemas bárbaros de produção e consumo. Não podemos entrar em plena cooperação com o mundo divino enquanto atormentamos ou ignoramos as suas criaturas, pois elas fazem parte da mesma família de vida, à qual nós também pertencemos. A restauração desta união original entre todos os seres vivos é um pré-requisito para um futuro sem medo. A aliança sagrada entre todos os seres vivos quer ser restaurada. Sim, é perfeitamente possível, podemos ver já com clareza um mundo livre de medo. Assim que os seres humanos deixarem de temer e atormentar os animais, os animais deixarão de temer e atormentar os humanos. Nenhum ser humano temerá um outro quando já não houver causa para ódio ou violência. Existe um pacto sagrado entre todos os seres; está escrito no plano da Criação; e mesmo que este não fosse o plano do velho mundo, vamos manifestá-lo no novo mundo. O velho medo profundamente enraizado será substituído por uma alegria primordial e incondicional de viver - pois a vida é feita da alegria primordial. Isto é demonstrado por cada gato, cada cão, cada criança; a vida é alegria primordial; e nós quase a esquecemos. Ao celebrarmos a natureza estamos a duplicar a celebração do amor. O Santo Graal já não se encontra nas florestas sombrias, mas no prazer da existência de todas as criaturas. Quando, perante a situação mundial, nos sentirmos oprimidos pelo horror, devemos recordar-nos de Ananda como uma base para curar o mundo.

Capítulo 11 - A Terra Santa

É uma festa poder construir a nova Terra em aliança com todas as outras criaturas terrestres. Onde houver uma tal celebração, surge a Terra Santa. É realizado o sonho de Jesus relativo à chegada à Terra do "reino de Jerusalém celestial", a chegada à terra prometida de "Canaã". Porém, esta terra não se encontrará somente nas proximidades do rio Jordão, mas antes por toda a parte onde o ser humano a deseje construir. Para isso não é necessário a expulsão de qualquer povo ou a destruição de qualquer biótopo. Conhecemos os mitos sagrados da "terra santa" e do "reino celeste na terra". A ideia de transformar um reino terrestre num reino celestial surgiu no início da história patriarcal com a construção das pirâmides egípcias, pontos de ligação cósmica entre o mundo humano e o divino. O faraó Akhenaten fundou a cidade de Amarna para trazer o mundo divino à Terra. Porém, as suas

tentativas falharam porque, apesar da possível genuinidade do “esclarecimento primordial”, esta intenção deteriorou-se e transformou-se em êxtase de poder imperialista. Faltava-lhes o poder transformativo do amor.

Há dois mil anos, Jesus de Nazaré demonstrou como as nossas vidas na Terra poderiam estar ligadas ao mundo divino através do amor. Até hoje, Jesus é considerado por muitos como uma figura de referência, um guia da vida e do destino humanos. De certa forma, estamos hoje a seguir os seus passos, ao tentarmos continuar no seu caminho, tendo em conta as condições sociais necessárias para o fazer. Desde a época de Jesus, foram feitas várias tentativas para unificar o reino divino com o dos humanos. De Jerusalém a Brasília, têm-se tentado desenvolver arquiteturas semelhantes de acordo com a geometria sagrada. No entanto, todas estas tentativas de trazer o reino celeste à Terra esquecem a dimensão do Eros. Descrevi no meu livro *Die Heilige Matrix* como todas as utopias sociais até à data têm excluído o "problema principal": as relações interpessoais. É inconcebível que a humanidade nas suas muitas buscas espirituais tenha, quase sempre, negligenciado a questão central das nossas vidas. É um assunto controverso, com o qual todos nós nos confrontamos, uma questão que, ao longo da história, ficou tão ligada ao ciúme, à vingança e à violência, que deixou de ser abordada. Porém, sem respondermos à questão da sexualidade, sem realizarmos a maravilhosa promessa do encontro positivo e não violento entre sexos, não poderá existir um mundo livre.

A Terra Santa não está ligada a nenhuma religião, está antes onde quer que as pessoas vejam e realizem esta proeminente visão. Será como um tapete brilhante, tecido por todos os países, estendendo-se, gradualmente, pelo planeta. Estamos a trabalhar para criar uma base original de vida na terra, e isso envolve todos os habitantes deste planeta. Estejamos sempre cientes de que os biótopos de cura e as novas comunidades existem em nome de um movimento global, que trabalha para implementar uma ética apoiada e desejada por todos. Não serão pequenos grupos egocêntricos, mas antes, o eu global do nosso planeta que irá gerar este movimento. Nós humanos somos uma parte do mundo, o qual ferimos e o qual queremos agora curar, respeitando a sua matriz natural. A Terra Santa é o testamento do século XXI e, aplica-se a todos os povos da Terra. Toda a vida está destinada a ser curada. É esta a mensagem. Concretizar o significado desta mensagem é a derradeira tarefa dos novos grupos.

“Se quiserem, não é um conto de fadas” foi o apelo de Theodor Herzl aos seus amigos judeus quando quis criar a visão de um novo Estado israelita. Contudo ele ignorou os palestinianos que já lá viviam, assim como os pressupostos internos relativos à sexualidade,

sociedade e ecologia inerentes a um mundo humano. "Se quiserem, não é um conto de fadas" repeti-o ao referir-me a uma humanidade unida que, em cooperação profunda com as forças criativas, será capaz de viver como previsto no programa entelético de todos os seres.

De momento e através de todas as promessas da ciência e da religião, a nossa principal conclusão é a de que vamos entrar num mundo onde passaremos a amar e a cuidar do ambiente, por reconhecermos a presença do divino como transversal à natureza e a todos os seres vivos. Veremos cada planta como um símbolo do mundo superior, uma vez que o segredo nela inscrito nos seja revelado. A nossa vida transformar-se-á quando conseguirmos ver, verdadeiramente, uma flor.

Capítulo 12 - Água, alimento e energia gratuitos e acessíveis a todos

A natureza produz em abundância tudo o que a humanidade necessita - oxigénio, água e alimento. Se a economia global fosse orientada pelas leis da natureza em vez das leis do capital, todos os seres humanos e animais teriam acesso aos alimentos de que necessitam. A matriz original da natureza apenas aguarda que a humanidade a reconheça e a desperte novamente.

As atividades políticas e económicas do capitalismo globalizado e, em particular, as lutas pela água, alimento e recursos energéticos, estão a destruir o nosso planeta. Regiões inteiras estão a ser devastadas e despojadas dos seus recursos naturais para a produção de energia, alimentos e outros bens de consumo. Ao observarmos a situação das inúmeras vítimas provocadas pela implementação de medidas impostas pela globalização, reconhecemos a necessidade absoluta de criar novos parâmetros de autonomia que permitam à população mundial satisfazer as suas necessidades materiais de forma independente de quaisquer cartéis ou sindicatos. A governança descentralizada assegura a maior autossuficiência possível e apresenta-se como uma condição prévia inerente ao desenvolvimento de uma civilização não violenta. Uma estratégia energética que requer a construção de grandes barragens é incompatível com as leis superiores da criação e da natureza. O que é que acontece às pessoas que vivem em locais onde as empresas multinacionais planeiam explorar os seus recursos? O que é que acontece aos animais, ao tecido vivo e à natureza que aí habitam e contribuem, com a própria existência, para o equilíbrio do grande organismo da vida? Conseguimos identificar os milhões de grutas, nichos, ninhos e micro-biótopos outrora casa para tantos animais e que agora foram impiedosamente inundados, centímetro a centímetro? Hoje em dia, a máquina imparável do extermínio avança a todo o vapor pelo mundo inteiro. Em Portugal, o que é que aconteceu à

vida selvagem quando a barragem do Alqueva foi construída? O que é que está a acontecer no Brasil como resultado do projeto hidroelétrico de Belo Monte, onde mais de 40.000 indígenas estão a ser expulsos das suas casas? Que efeito tem tudo isto sobre a alma da natureza e da humanidade? É indescritível como tais projetos orientados para o lucro são impostos através de esquemas de corrupção, intrigas e desinformação intencional.

Não precisamos nem de grandes barragens, nem de centrais nucleares ou outros megaprojetos para assegurar o fornecimento de energia e alimentos, porque a natureza já os fornece em abundância. Quando se começarem a utilizar, a nível global, as tecnologias propostas por Viktor Schauberger, Sepp Holzer, Masanobu Fukuoka, Nikola Tesla e Jürgen Kleinwächter, haverá recursos naturais disponíveis para todos. Várias experiências agrícolas levadas a cabo na China e em África mostraram como a natureza é capaz de se regenerar rapidamente quando deixa de ser controlada por métodos de exploração agrícola que negligenciam as suas necessidades. Recebemos a visita do famoso cineasta John D. Liu, activista empenhado na reflorestação de terrenos secos. Através do seu trabalho sobre regeneração ambiental, o realizador John Liu fornece-nos uma visão sobre as possibilidades de regeneração de terrenos totalmente secos, e a possibilidade de aplicar estes métodos à reflorestação de desertos; ele mostrou-nos como uma vasta área deserta na China - o Planalto de Loess - foi regenerada através da utilização de métodos simples. Documentou exemplos semelhantes de revitalização da natureza na Etiópia, no Ruanda e outros países. Estes modelos mostram o potencial da humanidade quando esta deixar de ser bloqueada pelas grandes indústrias e seus lóbis políticos.

Rajendra Singh, também conhecido como o "Gandhi da água", conseguiu, em 25 anos, reflorestar mais de 8.600 quilómetros quadrados de deserto no Rajastão, Índia, ao utilizar os tradicionais "johads" (pequenos lagos de retenção de água). Ao utilizarem técnicas simples, comunidades de diversas aldeias construíram uma paisagem de retenção de água, reconstituindo assim um lençol freático. Dezenas de milhares de pessoas podem, hoje, subsistir a partir desta terra, tendo deixado de ser obrigadas a migrar para as cidades. Sete rios foram restaurados e fluem durante todo o ano, a chuva regressou e os habitantes organizaram-se, fundando um "parlamento fluvial", com a finalidade de proteger a água e impedir a exploração da natureza.

Existem já vários projetos semelhantes por todo o mundo que oferecem ajuda e apoios de forma ativa, mas que ainda se encontram relativamente isolados. É necessário criar uma união a nível internacional para que um campo global de uma nova Terra possa ser desenvolvido. A restauração da natureza, a autossuficiência regional e a colaboração

internacional são condições básicas para acabar com a fome no mundo. Cada novo centro deve ter um gabinete de partilha e comunicação internacional.

Muitos outros desenvolvimentos estão em curso em todo o mundo com o objetivo de descentralizar o abastecimento de água e de energia. Muitos deles ainda não podem ser implementados porque não se enquadram no paradigma científico corrente e, portanto, não são financiados. É o caso da investigação sobre "energia livre" e do trabalho do engenheiro e inventor Jürgen Kleinwächter sobre novas possibilidades de utilização de energia solar e a possibilidade de criar comunidades energeticamente autossuficientes. Ele chama "Vilas Solares¹²" ao sistema que será instalado em Tamera.

Quando uma humanidade livre começar a utilizar as ferramentas já disponíveis, nenhuma criança voltará a passar fome. Haverá alimento onde quer que as pessoas o semeiem ou plantem. O direito à autossuficiência deve ser concedido a todos os povos da terra de forma rápida e incondicional. É evidente que os novos centros autónomos acima mencionados vão entrar em conflito com os interesses do "outro lado". A "nova ordem mundial" que as forças do capitalismo global procuram estabelecer não pode tolerar a autossuficiência regional. Mas este "outro lado" são apenas seres humanos e, provavelmente, os dias do sistema que eles servem estão contados. Esperamos ter oportunidades de cooperação. A luta pelo poder entre as forças da vida e as forças do lucro deve, na medida do possível, ser transformada num novo modelo de cooperação. Isto deve tornar-se possível, pois o tempo da luta revolucionária acabou. Não haverá uma "batalha final". O movimento pela paz deve desenvolver um conceito inteligente de colaboração com as partes do império capitalista que já conseguiram reconhecer a sua insensatez a nível económico e humanitário. Não devemos apressar-nos a julgar este tipo de pensamentos como ingénuos. Pelo contrário, eles são bastante realistas, uma vez que já recebemos em Tamera representantes do atual sistema governamental com a finalidade de explorarem as possibilidades de colaboração. Eles vêem que os métodos que têm vindo a utilizar (na gestão da água, por exemplo) não vão funcionar por muito mais tempo. Uma vez aberta a porta ao conceito universal da vida, as possibilidades são ilimitadas.

12 Do termo original inglês "Solar villages"

Capítulo 13 - A realidade da utopia concreta

Terra Nova é o sonho de uma nova humanidade, que habita num planeta Terra curado. Rios limpos, prados floridos, florestas perfumadas e uma humanidade unificada e em pleno contacto criativo com todos os seres. Este sonho é mais do que um desejo, é uma possibilidade real no mundo de hoje. Os rios auto-purificam-se, quando deixamos de os poluir. Todas as formas de vida tendem para uma certa direção intencional, para uma entelúquia ou um objetivo intrínseco. O desenvolvimento futuro aqui abordado, encontra-se inscrito na própria vida. Tal como a imagem do carvalho está inerentemente inscrita na bolota, a utopia concreta está inscrita em cada ser. Estamos todos a caminho da realização de um objetivo, que está codificado em nós, mas que ainda não alcançámos. Este "ainda não" não é um estado de carência, mas um impulso interior de vida. Ernst Bloch refere-se a este, usando o termo latino "nondum", o grande "ainda não" da história: o objetivo de desenvolvimento inerente e comum a todas as formas de vida, designando-o como "latência utópica". Tal como o sonho da árvore está contido na sua semente, o sonho da Terra Nova é a utopia latente da humanidade, o "nondum" de Bloch, uma possibilidade oculta, mas real. Como Jesus disse aos discípulos: "o reino de Deus está dentro de nós", podemos dizer hoje: "Terra Nova está dentro de nós". Para aqueles que preferem formulações científicas, poderíamos descrever Terra Nova como um holograma presente na "ordem implícita", pronto a ser descarregado, através das frequências apropriadas. A realização ou não desta utopia depende da informação que introduzimos no corpo global da vida. Com cada ação, cada palavra e cada pensamento, ativamos ou bloqueamos este processo histórico, ativamos a utopia ou o seu oposto.

O futuro encontra-se contido em cada célula. A famosa lagarta torna-se a famosa borboleta. Esta é a realidade da sua utopia concreta. A borboleta é a utopia latente da lagarta. A lagarta nada sabe sobre ela e, ainda assim, dentro dela reside a matriz da sua futura existência, a informação relativa à borboleta. Será possível que também os seres humanos transportem informação entelética relativa a um futuro que ainda não existe? Não poderiam as noções de "eu superior" ou "Cristo interior" estar relacionadas com a utopia do futuro?

Enquanto ela estava num estado de transe, perguntei à minha parceira Sabine Lichtenfels o que fazer após os desastres em Fukushima, Oslo, Londres e outros locais. Ela respondeu-me: "Apesar de tudo o que se está a passar no mundo, é preciso olharmos para a realidade que está intacta, pois o saudável continua sempre a existir. Quanto mais nos abirmos às suas frequências, mais esta energia saudável poderá irradiar e fazer milagres."

O sagrado está sempre presente e pode concretizar-se sempre que é por nós reconhecido e ativado. Da mesma forma, a utopia concreta realiza-se ao ser reconhecida e desejada. A possibilidade de cura global tem de ser, antes de mais, reconhecida e desejada. Em cada ser, por mais traumatizado que esteja, existe uma matriz original intacta e sagrada que começa a agir assim que é reconhecida, abordada e ativada. Estes princípios quando devidamente aplicados, poupar-nos-ão muito sofrimento.

Por detrás de cada doença está uma matriz intacta que começa a tornar-se realidade assim que é reconhecida. O que se manifesta no mundo depende da nossa perceção e do nosso pensamento. As forças de cura imanentes permanecem operacionais mesmo quando a ciência médica não prevê nenhuma hipótese. Jacques Lusseyran sobreviveu quando, de acordo com a medicina, já devia ter morrido há muito tempo (ver Capítulo 17). Quanto mais conseguirmos desenvolver uma ordem social, sexual, ecológica e política compatíveis com a ordem superior da vida (ou Matriz Sagrada), mais atraímos as forças de cura e mais nos aproximamos da utopia que aspiramos alcançar. As forças da Matriz Sagrada concretizam-se através das nossas relações e das nossas ações. A Terra Santa é um futuro desejado que concretizamos ao seguirmos as leis contidas em nós.

Todas as grandes mentes, orientais e ocidentais, sabiam que a evolução humana tende para um objetivo espiritual que, a nível mais profundo, consiste na reunificação completa do ser humano com a sua origem divina. Hoje ainda estamos ligados a uma identidade limitada, da qual nos conseguiremos libertar um dia. Ainda nos identificamos com o corpo tangível e com uma pessoa que pode ser chamada pelo nome próprio. Reutilizando a metáfora da lagarta e da borboleta, podemos dizer que ainda nos continuamos a identificar e a viver no estado de lagarta. Se disséssemos a uma lagarta que ela se tornaria uma borboleta, ela chamar-nos-ia loucos abreviando a discussão. O mesmo se passa connosco, humanos. Hoje em dia, se quisermos falar sobre a natureza divina inerente ao ser humano com alguém, corremos o risco de sermos suspeitos de pertencer a um culto ou sermos um caso psiquiátrico. É por isso cada vez mais importante encontrar uma linguagem clara e científica, que todos os humanos pensantes possam seguir e compreender. Sabemos que estamos apenas no início do nosso desenvolvimento mental e espiritual e que em cada um de nós existe uma natureza crística, que está apenas à espera de ser reconhecida e ativada.

A substância invisível

Tenho uma maçã na mão. Quem a criou? A força sobrenatural ao mundo que criou a maçã é a mesma capaz de pôr fim à guerra. Nós próprios somos oriundos desta força, e

transportamo-la dentro de nós. No futuro aprenderemos a usá-la para criar um campo de força espiritual, que irá mudar o mundo enquanto "substância invisível". Esta é uma das tarefas da era futura. Nos Upanishads, um dos mais antigos livros de sabedoria da humanidade, esta substância invisível é a força criativa contida no núcleo da figueira, é a força que faz a árvore crescer, assim como faz crescer tudo o resto. A força criadora é a essência fundamental do mundo, idêntica a Atman, o eu de todos os seres. Portanto, existe uma essência interior que é a mesma em todos os seres. Referimo-nos a esta essência invisível quando dizemos que todos os seres participam e perfazem o mesmo ser e consciência.

A realidade não é uma substância já feita, mas uma manifestação de campos energéticos e informacionais invisíveis, uma manifestação de forças de consciência, dos nossos pensamentos e imagens. No tecido do mundo, a consciência e a realidade material interagem constantemente. Através dos nossos pensamentos, estamos continuamente envolvidos na Criação. Com uma visão forte, mudamos a realidade. Para a mente, nada é impossível, pois "a fé move montanhas". Se o mundo é ou não curável, depende da nossa própria vontade de o curarmos e de sermos capazes de encontrar os pensamentos e as imagens certas para concretizarmos a cura. É a substância invisível do nosso pensamento que move o mundo, os nossos pensamentos e o mundo que nos rodeia são feitos da mesma substância. Queremos criar uma coerência entre estes aspetos, para dar origem ao novo e poderoso campo morfogenético de Terra Nova.

A substância invisível rodeia-nos permanentemente sob a forma de radiação e de frequências de todo o tipo. Quando ligo o rádio, por exemplo, recebo frequências sob a forma de música. O mundo está cheio de ondas e a substância invisível está por todo o lado. Há ondas que podem ser recebidas e transformadas com dispositivos tecnológicos, tais como rádios e televisores. Existem ondas espirituais que nós humanos recebemos conscientemente ou inconscientemente. A substância invisível está ligada a todas as áreas: biológica, psicológica, técnica e espiritual. Se aprendermos a ativar a substância invisível da Terra Nova em todas estas áreas, um grande poder de manifestação surgirá no corpo da vida - semelhante ao poder que propicia a árvore emergir da substância invisível da semente.

Terra Nova é a imagem de uma Terra intacta. Esta imagem não é uma invenção do autor, mas sim a possibilidade objetiva de uma outra vida na Terra, que ainda não se manifestou, mas que é inerente ao tecido holográfico do mundo, e pode ser manifestada em qualquer lugar e a qualquer momento. Se pudéssemos ver o mundo invisível da informação e do pensamento, vê-lo-íamos num universo luminoso. É semelhante às imagens e fotografias do espaço. Onde em tempos os físicos pensavam que o espaço estava vazio, estamos agora a

começar a reconhecer um universo cheio de redes de luzes e de estruturas imateriais. Nada é impossível, tudo depende de nós e dos sistemas de informação que decidimos ativar. Não há dúvida de que podemos conseguir criar uma sociedade humana onde deixará de haver um impulso para a violência, onde os ciúmes deixarão de fazer parte do amor, e onde ninguém acreditará que se podem resolver conflitos através da guerra. No sistema emocional da humanidade futura, não haverá mais impulsos para a violência, porque a informação que os desencadeou deixará de ser ativada. Desta forma, podemos largar os nossos velhos guiões de vida, baseados no medo, pois eles já não serão confirmados por perigos reais. Assim, a vida ficará livre de medo. Neste estado verdadeiramente sem medo, experimentaremos muitas coisas novas, porque a interpretação das nossas experiências irá mudar. Deixaremos de reagir de acordo com as nossas projeções de medo e hostilidade, para passarmos a agir de acordo com o nosso eu superior - mudança estrutural fundamental inscrita na substância invisível.

Estamos a falar de uma transformação coletiva. Transpusemos a era do ego e agora estamos a entrar numa nova fase de desenvolvimento da consciência. Estamos a trabalhar para estabelecer um novo campo morfogenético para assegurar o nosso futuro na Terra. Este campo morfogenético é a substância invisível que conduzirá o desenvolvimento interno do mundo. Repito uma máxima que já utilizei antes: "Há o mundo que criamos e o mundo que nos criou. Estes dois mundos têm de se unir. Este é o objetivo da nossa viagem". E "Biomorfismo" é a palavra-chave que mais sobriamente descreve este tipo de pensamento elevado: moldar o nosso mundo de acordo com as leis da vida e não com as leis do dinheiro.

Capítulo 14: As forças de concretização

Até hoje, são identificados como os dois principais modos de concretização a magia e a tecnologia, e creio que, no futuro, iremos experimentar novos sistemas que articulam magia e tecnologia. Para podermos realizar as novas tarefas, tanto interna como externamente, precisamos de utilizar, para além das forças materiais, forças espirituais. As forças metafísicas ou divinas em particular, devem ser redescobertas, reexperimentadas e reescritas. Estas são as forças da visão, visualização, concentração e oração. Para isso, os novos centros precisam de um instituto totalmente dedicado a este propósito, o qual nós, em Tamera, chamamos de "ashram político". Aqui os estudantes aprendem de que forma os poderes espirituais da Matriz Sagrada podem influenciar o mundo material, e como somos, portanto, todos capazes de mudar o mundo através da utilização de tais forças espirituais. Para descobrir e ativar estas forças, os estudantes estudam textos, praticam oração, arte e a visualização de objetivos desejados. Aumentamos e melhoramos as nossas aptidões físicas e

trabalhamos o corpo, também, através de exercícios espirituais e mentais, como nos mostra o livro de Eugen Herrigel, "Zen in the Art of Archery", por exemplo, o qual fornece material de suporte maravilhoso para o efeito. Dominar estas práticas requer trabalho e remete-nos para um processo gradual. O importante não é obter sucesso imediato, mas antes conseguir reconhecer o potencial curativo presente em cada ser humano, assim como conseguimos reconhecer a possibilidade de luz e fogo em cada pedaço de madeira. Devemos contemplar bem esta analogia. Por detrás do mundo visível há um mundo paralelo de possibilidades insuspeitas. Surge assim, um novo tipo de escola que nos permite encontrar um novo lugar na selva do 'multiverso'. Trata-se de uma reconexão fundamental com a força que é mais forte do que qualquer tipo de violência. Para alguns, pode parecer estranho a utilização de terminologia religiosa após tantos séculos de abusos por parte de entidades religiosas, porém, faço a ressalva de que o trabalho desenvolvido em Tamera não é um regresso ao passado, nem consiste em adotar sistemas de crenças antigos e obsoletos. Pelo contrário, é um passo em direção a um novo continente situado para além das velhas conceções religiosas e científicas. Quando o movimento pela paz estabelecer ligação com as forças do meta-mundo, nada os poderá separar e, quanto mais integrados estiverem, mais bem-sucedidos serão.

Visão e realidade

Estamos numa fase de descoberta de novas ligações entre o mundo espiritual e o mundo material. A velha mundivisão de orientação materialista transforma-se, gradualmente, numa nova mundivisão de orientação espiritual. Esta mudança de paradigma tem consequências importantes no nosso comportamento face às relações humanas. Se, por exemplo, formarmos na nossa mente uma imagem positiva de um parceiro amoroso, um parceiro de negócios, ou mesmo um inimigo, e se formos capazes de manter esta imagem firme e estável, ela também se formará instantaneamente no sistema celular da outra pessoa. Portanto essa pessoa mover-se-á inconscientemente em direção a esta imagem "ideal". É como escrever algo na minha mente, que depois aparece num ecrã de computador. O mundo cibernético está constantemente a lidar com tais processos de transferência (ver Capítulo 30). Quanto mais a consciência humana avança na sua busca, mais fascinantes se tornam as possibilidades. Se a imagem mental e espiritual que formamos de uma outra pessoa for compatível com as suas possibilidades genéticas e com a sua enteléquia, essa imagem começa a atuar no organismo dessa pessoa, no preciso momento em que a formamos. Trata-se de uma reformulação de saberes misteriosos ancestrais. Para obter este conhecimento, é necessário compreender as estruturas holográficas e espirituais da realidade. A força que cria em nós a

imagem ideal do outro é também a força que provoca nele o correspondente movimento celular. Podemos extrapolar esta afirmação: É a mesma força que nos permite criar a imagem de uma comunidade ideal e manifestar as mudanças correspondentes para criar essa comunidade. A força que gera determinada visão é a mesma que nos permitirá manifestar essa visão. Em ambos os casos, trata-se não da “minha” força, mas antes da força do meta-mundo.

Ouvimos falar da cura à distância, como praticada, por exemplo, pelo curandeiro americano Adam McLeod. Esta baseia-se no mesmo princípio de transformação, o de que uma imagem mental ou pensamento se pode transformar num resultado material. Isto poderia ser aplicado a conflitos de grande escala, por exemplo, ao serviço da reconciliação entre trabalhadores pela paz e paramilitares na Colômbia, ou entre israelitas e palestinos. Este fenómeno funciona sempre que uma visão foque aspetos reais e concretos, já latentes na realidade.

A corrente transformação da consciência humana tem-nos conduzido a áreas de investigação anteriormente caracterizadas como demasiado misteriosas ou pertencentes ao oculto. Reconhecemos que o mundo material é influenciado pelo fruto de forças espirituais e mentais. Compreendemos, pois, que o poder necessário à realização de tarefas futuras vem do meta-mundo que não é superior a nós, mas que está, antes, dentro de nós. Este é o Deus imanente, que nos dá, em simultâneo, a capacidade de visualização e a capacidade de concretização.

O princípio do magnetismo espiritual

Dhyani Ywahoo, mestre espiritual dos índios Cherokee, disse: "Com a decisão consciente de viver de uma forma sagrada, atraímos a compreensão, informação e ensinamentos que nos ajudarão a desenvolver os nossos dons para benefício de todos."

Com cada decisão consciente contribuimos para criar um 'campo magnético espiritual', que atrai o que é necessário para o manifestar. Esta é a lei da atração espiritual. O sucesso de um projeto depende francamente da precisão com que é planificado, da definição clara de objetivos e da sua estrutura espiritual base. Muitos grupos falharam simplesmente por não disporem de uma base espiritual bem ponderada nem de uma visão conceptual que sustentasse o desenvolvimento do seu projeto. As partículas de ferro, dentro de um campo magnético, movem-se por si próprias até à posição correta. Este admirável fenómeno pode, de certa forma, ser transposto para o campo social. Quando a base espiritual é estável e suficientemente forte funciona como um íman que atrai tudo o necessário à sua manifestação,

fenômeno que acontece por si só. As pessoas agem por si, de forma espontânea, quando unidas pelo espírito de um plano sólido e coerente. É o plano que assume a liderança do grupo; a base espiritual passa a ser a guia, sem serem necessárias nem a interferência de autoridade hierárquica, nem de pressão de grupo. Se o plano base for coerente com a Matriz Sagrada, os participantes poderão contar com o apoio adicional de um campo energético de forças produzido pela ressonância estabelecida entre o trabalho do grupo e a ordem cósmica da vida. A única dificuldade reside na conceção do enquadramento espiritual e respetiva transmissão à comunidade. Quanto mais extenso e complexo for o plano, mais difícil será comunicá-lo de forma clara a todos os membros da comunidade. O plano global dos Biótopos de Cura é excecionalmente complexo por se referir a um processo de transformação repleto de novidades e que gera dificuldades várias. Desta forma é um grande desafio implementá-lo numa comunidade de mais de cem pessoas e assegurar a harmonia e união entre todos os membros. Espero que consigamos alcançar o nosso objetivo, mas, mesmo se a Tamera não o conseguir cumprir na totalidade, a validade e relevância da implementação do plano dos Biótopos de Cura mantêm-se.

O princípio de "por si só"

A ordem universal da vida funciona segundo uma lógica que é fundamentalmente diferente da lógica mecânica dos sistemas tecnológicos. A grande transformação começará quando o ser humano deixar de se guiar por constrangimentos externos, se libertar do medo de represálias e, conseguir, enfim, traçar por ele próprio, o seu percurso de vida. Este fenómeno, por sua vez, dará lugar à mudança radical dos sistemas reguladores de energia e influência: a regulação da vida, em vez de se realizar por influência de pressões externas, passará a acontecer através de um mecanismo de autorregulação inerente à própria vida. As crianças conseguem aprender a língua materna de forma natural, sem necessidade de recorrerem a métodos de estudo especializados. Aprendem por si próprias, se intrinsecamente motivadas para o fazer. São capazes de desenvolver com sucesso os seus próprios jogos, as suas próprias regras, o seu próprio circo, ou mesmo, uma peça de teatro, desde que não sejam forçados à perfeição. Os adultos dão tudo de si quando motivados por um objetivo ao qual conferem grande valor. *And last but not least*, os nossos órgãos sexuais funcionam naturalmente, se livres de pressões externas. A impotência sexual desaparece assim que o corpo se liberta de todas e quaisquer obrigações.

O princípio da autorregulação também acontece na vida comunitária, uma vez que se estabelece um campo de confiança suficientemente forte. Em lugar de serem tomadas

individualmente, as decisões passam por uma inteligência superior à qual podemos chamar de "eu comunitário". O eu comunitário age através de cada um dos participantes individuais e organiza, assim, as necessidades de toda a comunidade - de forma informal e espontânea. Quando os membros de uma comunidade se unem face à concretização de um plano comum, assistimos a milagres de manifestação como o que vimos acontecer na comunidade de paz colombiana *San José de Apartadó*, ao construírem, em apenas algumas semanas, um novo centro em Mulatos. Para criar o seu novo centro de contemplação e estudo tiveram de transportar todos os materiais e maquinaria de construção por caminhos longos e quase intransitáveis, atravessaram regiões montanhosas, parte da selva amazônica, tudo longe de quaisquer estradas pavimentadas e, sem terem acesso a eletricidade.

Suspeito que, dentro de alguns anos, veremos novos biótopos de cura emergirem espontaneamente na terra, frutos da expansão do campo espiritual correspondente à vontade de manifestar Terra Nova.

O princípio da autorregulação poupa-nos trabalho e muitos problemas. Ao compatibilizarmos as nossas ações, pensamentos e movimentos com os princípios do sistema da Matriz Sagrada, conseguimos alcançar espontaneamente objetivos que, de outra forma, exigiriam muito trabalho e esforço da nossa parte. O princípio do "por si só" é minuciosamente descrito e aperfeiçoado pela tradição do Zen Budismo e pelos grandes mestres espirituais do Oriente como os yoguis e os samurais. Estes mestres têm demonstrado as conquistas incríveis de que o ser humano é capaz quando aprende a servir-se deste princípio fundamental da vida. O mesmo princípio que tem sido objeto de estudo e treino espiritual durante séculos no Oriente parece ser difícil de alcançar no Ocidente, pois ainda vivemos sob a alçada de padrões de pensamento da era materialista. E no entanto, este não deixa de ser o princípio fundamental da vida universal. Tudo cresce, floresce, trabalha, e se multiplica por si mesmo, de forma livre e sem esforço. Cada abelha e cada aranha realiza o seu milagre de acordo com este princípio. A teia da aranha, a viagem da enguia, o voo do morcego, o salto do salmão - tudo funciona de acordo com este princípio de "alta tecnologia" biológica. Esta lógica de funcionamento espontânea aplica-se transversalmente a todo o mundo natural originando resultados precisos, sem serem necessários trabalhos forçados ou esforço acrescido para os atingir. A natureza realiza os seus milagres não através de esforço ou stress, mas sim através de tentativa e erro, de movimentos de rotação e de oscilação.

Acredito que o futuro da humanidade estará firmemente alinhado com este princípio. Aprenderemos a aplicar a lógica do funcionamento cósmico às nossas ações quotidianas. É provável que nos ofereça perspectivas interessantes mesmo sobre como podemos abordar as

nossas questões económicas: Não serão os princípios de funcionamento da natureza uma revelação para criar um novo e mais eficaz modelo económico global? O cosmos cria-se e transforma-se por si só, sem ser preciso a ajuda ou esforços de uma equipa de engenheiros. Tudo se faz ao “não se fazer nada”. O princípio de “por si só” não é apenas utilizado no tiro ao arco ou na confeção de arranjos de flores, é também um princípio de vida no contexto da oficina cósmica da Terra Nova. Nos anos 90, no deserto de La Graciosa (Ilhas Canárias), organizámos vários acampamentos sob o lema taoista: "Quando alcançamos o “não fazer nada”, nada fica por fazer.” Nos "mosteiros" do futuro iremos, seguramente, estudar e praticar este princípio do Zen Budismo.

A frequência universal e o sistema Alfa

O mundo é um sistema vibratório: todas as coisas comunicam entre si através de frequências e, todos os seres vivos estão interligados por uma frequência universal. Conseguimos sentir esta vibração ou frequência basilar sempre que experimentamos um estado de total confiança. Podemos chamá-la de frequência Alfa, mas é também chamada de frequência da eternidade, ou frequência de Deus. De qualquer forma, é a frequência do meta-mundo ou mundo espiritual. É a frequência da existência universal ou “Um” e da consciência universal, transversal a tudo e todos. Este tipo de conhecimento, antes acessível apenas através de experiências místicas, é hoje estudado pela ciência, e orientará, no futuro, o desenvolvimento de todas as estruturas sociais. O encontro com a existência universal ou "Um" é a base de todas as religiões e filosofias autênticas; e é, também, um elemento-chave para a nossa teoria de cura. Contudo, não é necessário procurar compreender o “Um” ou a existência universal através de experiências religiosas, pois ele existe na nossa vida quotidiana, sempre que houver um espaço de verdadeira confiança onde os corações possam genuinamente abrir-se uns aos outros. O "Um" está sempre presente, mesmo quando é encoberto por mil outras camadas. Mesmo quando as frequências da raiva, da agressão ou do medo estão em primeiro plano, a frequência universal mantém-se presente interiormente, pois sem ela nenhum organismo consegue viver. Para podermos usufruir do espectro de cura imanente da frequência universal, necessitamos desarmar as “minas” psicológicas resultantes do nosso passado histórico de guerra, assim como demolir as barreiras que nos continuam a bloquear a nível interpessoal e relacional. Acabamos por voltar sempre à mesma temática fundamental: restabelecer a confiança entre todos os seres.

É o ritmo da frequência universal que nos mantém permanentemente ligados à vida e ao amor e é assim, ao vivermos sintonizados com ela, que podemos estabelecer uma ligação

de confiança com todos os outros animais e seres humanos. Valores éticos objetivos como a verdade, o apoio mútuo, a solidariedade e o amor assumem, espontaneamente, o comando. Nenhum ser humano ligado à frequência universal pode mentir ou trair outra pessoa, muito menos maltratar um animal. A frequência universal ativa a entelúquia inerente a todos os seres. Ela contém em si, a matriz informacional da paz e, desta forma encarrega-se de gerar paz genuína, já que entra em ressonância com todas as formas de vida. Quando um projeto entra em sintonia com a frequência universal, ele irá agir e mudar o mundo inteiro, independentemente da sua localização. Se este projeto produzir informação nova, relevante para a evolução global, a informação será, espontaneamente, difundida por todo o mundo e, assim, emergirá um novo campo de forças. Aqui começa um processo morfogenético global que manifesta, por si só, uma mudança que de outra forma seria difícil de alcançar (ver Capítulo 30).

Ao longo de uma história permeada de catástrofes, a humanidade tem-se vindo a desligar do sistema de direção cósmica imanente da frequência alfa. A maioria dos sistemas pelos quais a humanidade se guia - tanto na política, economia, religião ou ética - encontram-se hoje em dissonância com a ordem universal desta frequência. Esta dissonância manifesta-se a uma escala global através de doenças individuais e epidemias, fome, destruição da natureza, várias formas de violência e guerra. Adicionalmente, todas as atuais dificuldades de foro psicológico comuns como a preocupação extrema ou ansiedade, a solidão, a depressão, o ódio epidémico, e alienação psicológica são fruto de vivermos em dissonância com a frequência Alfa. Já todos experimentámos este tipo de problemas e tentámos ultrapassá-los recorrendo a diversos métodos de carácter ideológico, terapêutico ou religioso. Mas só teremos sucesso quando juntos, nos sintonizarmos com a frequência universal. Para o conseguirmos fazer, devemos primeiro aliviarmo-nos de todo o sofrimento que em nós vive recalcado. Uma vez que as primeiras comunidades tiverem dissolvido este nó traumático, a frequência Alfa penetrará completamente no organismo humano.

A frequência Alfa é um sistema guia que está sempre presente, sempre ativo, mas somos nós que, muito frequentemente, vivemos sintonizado com uma frequência diferente. "Estou sempre convosco, mas, infelizmente, vocês raramente estão em casa". Gradualmente, consegui enfim compreender o que quis dizer o mestre Eckhart quando fez Deus pronunciar estas palavras. Quem vive permanentemente recetivo ao sistema informacional da frequência Alfa está sempre protegido; mesmo na noite mais escura conseguirá ver o caminho sem dificuldades. Funciona de forma semelhante ao sistema de orientação dos morcegos. Na sua busca espiritual, Satprem quis testar a magia implícita à sintonia com a frequência Alfa. Para

isso, decidi caminhar descalço pela selva amazônica, mesmo conhecendo os inúmeros perigos que nela habitam. Saiu ileso da experiência. Ele já tinha experienciado situações semelhantes num campo de concentração que resume através de uma visão épica:

“Há momentos na vida em que de repente nos sentimos invencíveis - como se nada nos pudesse tocar. No meio do campo de batalha, sentimo-nos escapar por entre balas ou, ao sermos apanhados numa tempestade em alto-mar, e temos a certeza, sorridentes, de que as ondas gigantes que por nós passam, nada podem contra nós. Face a assassinos enviados para nos matar, algo dentro de nós fica perfeitamente inerte, como se tudo fosse apenas um espetáculo e, nada nos pudesse tocar. E, de facto, nada pode.

Quem já teve tais experiências compreende que de repente, nós humanos conseguimos escapar à "regra". (...) conseguimos escapar ao aparentemente inevitável e, no espaço de alguns segundos abençoados, conseguimos sair do circuito corrente e, aí, nada mais nos toca, já nada nos pode tocar.

Lembro-me do que Lao Tzu escreveu há mais de 2500 anos: "Aquele que é hábil na gestão da vida, viaja na terra sem ter de fugir do rinoceronte ou do tigre... "

O que aqui é descrito não é uma exceção, mas um facto básico da vida. Se estabelecermos para a vida novos sistemas de espaço-tempo cujo magnetismo espiritual nos conduza a harmonizar com a frequência Alfa, conseguiremos realizar um holograma protetor e de cura. Ao nos libertarmos de medos antigos, beneficiaremos do princípio cósmico de proteção e de cura, os quais também se aplicam às feridas internas de foro psicológico. Quem vive na frequência Alfa não pode ser ferido psicologicamente. Um sábio americano, nosso contemporâneo e peregrino pela paz, expressou-se com tamanho rigor que quero aqui citá-lo:

“Nada nem ninguém exterior a mim pode magoar-me internamente. Porém, compreendi que todas as feridas psicológicas de que fui alvo tiveram origem ou na minha forma de agir - a qual consigo controlar - ou na minha forma de reagir que, apesar de ser mais complexa, é-me possível controlar também. Adicionalmente, posso ferir-me psicologicamente através da minha própria inação em situações específicas, tal como perante a atual situação mundial, já que esta exige ação da minha parte (...). Tu tens total controle sobre se te magoas psicologicamente ou não, és tu quem decide; és tu que escolhes quando parar de te magoar a ti próprio.

CAPÍTULO 4 - PRINCIPAIS DESAFIOS TRADUTOLÓGICOS E TRADUTIVOS

Querer avaliar a nossa própria tradução significa ir muito além do recenseamento simples de eventuais erros ou defeitos. Significa essencialmente apresentar, problematizar e discutir questões e dificuldades encontradas, e depois fundamentar, com argumentos sólidos, as nossas opções tradutivas. Por conseguinte, uma avaliação pode e deve ser objetiva, precisa e imparcial e, por isso, deve procurar distinguir erros e problemas assim como identificar decisões corretas e soluções perspicazes do tradutor, louvando-o tanto quanto criticando-o (Reiss, 2000). Há, portanto, uma distinção chave, essencial para o presente trabalho, entre erro de tradução e problema de tradução. De acordo com Christiane Nord, um problema de tradução é um elemento valioso e catalisador da aprendizagem e do ensino no campo da translação, já que através da identificação dos problemas de tradução de determinado texto é possível criar uma diretriz das principais questões tradutológicas e tradutivas a abordar no contexto pedagógico específico desse texto. Por conseguinte, a identificação e classificação dos problemas de tradução agudiza a consciência crítica do tradutor e do avaliador, aumentando as suas competências discriminatórias (Nord, 2014). Para Nord, existem quatro categorias de problemas de tradução, os relativos i) ao texto de partida, ii) ao par de línguas, iii) ao par de culturas e iv) os de origem pragmática.

O principal e primeiro problema que se colocou no início deste trabalho foi, em relação ao texto de partida, se eu enquanto tradutora conseguiria ganhar distância suficiente face aos meus próprios vieses ideológicos de modo a assegurar o máximo de objetividade e imparcialidade, na estruturação e realização tanto da tradução como da reflexão teórico-prática, aqui apresentadas. Como exposto na introdução, o presente trabalho nasce, em grande parte, da tomada de decisão consciente, da minha parte, de adotar um posicionamento ideológico específico, tanto social como politicamente marcado. O presente trabalho nasceu do meu desejo e da necessidade de poder contribuir, com uma tradução, para disseminar informação alusiva a uma utopia concreta que fornece, no meu entender, uma base de reflexão sobre a situação sociopolítica atual, que aborda várias problemáticas e desafios relativos ao desenvolvimento pessoal e interpessoal do ser humano e nos coloca numa situação ora de observador ora dando-nos a possibilidade de sermos agentes ativos no nosso próprio processo de desenvolvimento pessoal. Enquanto membro participante de uma cultura, sociedade e enquadramento político específicos, vi na profissão de tradutora uma via justa de ação, para poder contribuir e enriquecer as minhas cultura e língua maternas tendo por isso

escolhido este texto. Através da reflexão teórica e metodológica exposta nos capítulos 1 e 2, concluo que, apesar de estar ideologicamente comprometida com a mensagem expressa pelo texto, consegui contornar os vieses que este meu posicionamento, politicamente comprometido, me poderia levar a cometer. Para o justificar é necessário analisar detalhadamente as características intratextuais do texto, como foi feito no capítulo 2. Ao longo do texto, compreendi que o próprio autor, por estar bastante comprometido com a mensagem que quer expressar, não conseguiu ganhar ele próprio distância suficiente para poder conferir ao texto uma tonalidade neutra, informativa e expositiva e poder, assim, respeitar o processo de compreensão, pensamento e reflexão do leitor. Ora este ponto colocou em evidência a incompatibilidade entre a concretização válida do meu trabalho como tradutora, segundo o princípio de lealdade de Nord por mim conscientemente adotado, e manter-me totalmente fiel à voz do autor e às características intratextuais do TP. A minha lealdade é para com a mensagem que o texto transmite, para com o leitor e só por último para com o autor, já que este se propõe narrar a história de uma comunidade, feita de várias vozes que no seu texto são abafadas pela sua própria, que utiliza de forma persuasiva, dramática e invasiva. Como explicado no capítulo 2, decidi suavizar a demagogia expressa ao longo de todo o texto, através da substituição de verbos - por exemplo: substituí *wir müssen* (devemos) por *wir können* (podemos), dando a ideia de possibilidade e não de obrigatoriedade, eliminar palavras ou frases repetitivas, suavizar termos que apelam ao dramatismo ou ao excesso. Embora tenha tentado o meu melhor, o texto é na sua maioria apelativo e persuasivo, tendo por isso sido impossível redigir um texto, como eu o proporia, de cariz informativo e descritivo. A voz e intervenção do autor são elementos muito presentes e impossíveis de eliminar ou mesmo suavizar sem alterar completamente o texto, algo que não quis, nem posso fazer, de acordo com o princípio de lealdade de Nord.

Seguem-se vários exemplos do dramatismo, proselitismo e de momentos em que o autor dá a sua opinião como se de um facto se tratasse, sem qualquer fundamentação outra que não a sua própria autoridade.

Dramatismo

- “Die Vereinigten Staaten von Amerika mussten Indianervölker ausrotten und Millionen von Afrikanern versklaven, um ihre Nation aufbauen zu können.” (Duhm, 2014: 31).
- Os Estados Unidos da América tiveram de erradicar várias tribos nativo-americanas e escravizar milhões de africanos para poderem construir a sua nação.

- “In unserer Zivilisation herrscht ein tiefer Idiotismus, eine echte Erkrankung des Geistes.” (Duhm, 2014: 31).
- A nossa civilização é dominada por uma idiotice profunda e por uma verdadeira doença da mente.
 - “Wir leben seit Jahrtausenden in einem Hologramm von Angst und Gewalt; auf dem Grund der kollektiven Seele liegt ein morphogenetisches Feld des Krieges.” (Duhm, 2014: 77).
- É verdade que vivemos, há séculos, num holograma de medo e violência; e que, na base do desenvolvimento da psique coletiva, está um campo morfogenético de guerra.
 - “Hier hat, wie so oft, ein junger Mann sein Herz verschlossen, weil er in einer Umwelt lebte, die nicht geeignet war, seinen Christus-Archetyp zu aktivieren. Wenn wir diese Tatsachen zur Kenntnis nehmen, wird es unausweichlich, dass wir eine menschliche Gesellschaft aufbauen müssen, in welcher der immanente Christus aktiviert wird und nicht, wie bisher, der immanente Teufel.” (Duhm, 2014: 79).
- Como de costume, temos o exemplo de um jovem que fechou o coração porque vivia num ambiente inadequado à ativação do arquétipo de Cristo. Quando reconhecemos estes factos, torna-se evidente a necessidade de construirmos uma sociedade humana na qual o poder crístico imanente seja ativado em lugar do diabo imanente, como é costume acontecer.
 - “Das System der persönlichen Beziehung ist verbunden mit Verletzung, Vorwurf, Aufrechnung und Angst vor Trennung.” (Duhm, 2014: 82).
- O sistema estrutural da relação pessoal está intimamente ligado à mágoa, à reprovação, à compensação e ao medo de separação.
 - “Kein Kind muss verhungern, wenn eine freie Menschheit anfängt, die vorhandenen Möglichkeiten zu nutzen.” (Duhm, 2014: 92).
- Quando uma humanidade livre começar a utilizar as ferramentas já disponíveis, nenhuma criança voltará a passar fome.
 - “Hinter der Krise unserer Zeit steckt die Kernkrise der menschlichen Beziehung.” (Duhm, 2014: 31).
- Por trás da crise atual que todos vivemos, esconde-se uma crise nuclear relativa às relações humanas.
 - “In uns allen steckt eine traumatische Kapsel, die jederzeit hochgehen kann.” (Duhm, 2014: 33).

- Há, encapsulada dentro de todos nós, uma ‘mina traumática’ suscetível de explodir a qualquer momento.

Opinião/intervenção do autor

- “Die Präsenz und Funktionsweise der höheren Macht sollte ein Unterrichtsfach sein in den Hochschulen der neuen Erde.” (Duhm, 2014: 73).
- Nas universidades da Terra Nova, a presença, a lógica e as funcionalidades operativas deste poder superior devem ser estudadas e lecionadas como disciplinas.
 - “Ob es dafür in anderen Kulturen einen anderen Namen oder überhaupt einen Namen gibt, entzieht sich meiner Kenntnis.” (Duhm, 2014: 77).
- “Se existem outros termos possíveis para o mesmo fenómeno oriundos de outras culturas, é algo que me escapa.”
 - Das ist kein Witz.” (Duhm, 2014: 68).
 - Não, não é uma piada.
 - “Wieviel Kraft, wieviel Intelligenz und Geld wird investiert in so ein irrwitziges Projekt! Wäre es nicht intelligenter, sich über neue Lebensformen auf unserem eigenen Planeten Gedanken zu machen, so dass eine lebenswerte Zukunft hier auf Erden möglich wird?” (Duhm, 2014: 69).
- Quanta energia, inteligência e dinheiro são, pois, investidos num projeto tão absurdo? Não seria mais inteligente começar a pensar em novas formas de viver no nosso próprio planeta, as quais nos permitam ter um futuro que valha a pena viver aqui na Terra?
 - “Wenn wir Fotos von dem jungen Vladimir Putin sehen, dann können wir uns vorstellen, wie sich dieser gewalttätige Mensch entwickelt hätte, wenn früh seine inneren Christuskräfte aktiviert worden wären und nicht seine Kräfte von Trauer, Misstrauen und schließlich Hass.” (Duhm, 2014: 79).
- Ao vermos fotografias do jovem Vladimir Putin, podemos imaginar como este homem, hoje considerado violento, poderia ter-se desenvolvido, se em vez de forças como a tristeza, a desconfiança e o ódio, se tivesse ativado, desde cedo, a sua força crística.
 - “Die Möglichkeiten im Universum sind grenzenlos, wenn einmal das Tor für das universelle Lebenskonzept geöffnet ist.” (Duhm, 2014: 93).
- Uma vez aberta a porta ao conceito universal da vida, as possibilidades são ilimitadas.

- “Das beste Forschungsobjekt war ich selbst, denn nach und nach haben sich in mir selbst die seelischen Vorgänge, die Reaktionsbildungen und Tarnungen, die verdrängten Bilder und Impulse offenbart, aus deren Gesamtheit sich der untergründige Krieg in unserer Zeit zusammensetzt. Der Krieg war latent auch in mir. Aber da war ein innerer Punkt, von dem aus ich die Dinge erkennen und korrigieren konnte.” (Duhm, 2014: 37).
- “O meu melhor objeto de estudo fui eu próprio; pouco a pouco, pude identificar em mim os processos psicológicos, as reações e os disfarces habituais, as imagens e impulsos reprimidos que juntos constituem a guerra subliminar do nosso tempo. A guerra também estava latente em mim. No entanto, havia um ponto no meu interior a partir do qual conseguia reconhecer e corrigir as minhas neuroses.” (tradução portuguesa).
- “Ich vermute, dass wir in wenigen Jahren erleben werden, wie auf der Erde von selbst immer mehr Heilungsbiotope entstehen, weil sich ein weltweites kohärentes Geistgerüst für Terra Nova ausgebreitet hat.” (Duhm, 2014: 103).
- Suspeito que, dentro de alguns anos, veremos novos biótopos de cura emergirem espontaneamente na terra, frutos da expansão do campo espiritual correspondente à vontade de manifestar Terra Nova.

Proselitismo

- “Die kollektive Verwirklichung der Christusseele ist die Voraussetzung einer Zukunft ohne Krieg. “ (Duhm, 2014: 80).
- A manifestação coletiva da alma Crística é um pré-requisito para um futuro sem guerra.
- “Es ist der Weg der Heilung. Es ist die Botschaft der neuen Zeit.” (Duhm, 2014: 74).
- É este o caminho da cura. É esta a mensagem do futuro.
- “In dieser Übergabe liegen Sinn und Ziel der gegenwärtigen Transformation.” (Duhm, 2014: 74).
- É nesta entrega que reside o significado e o propósito da presente transformação.

- “Es ist eine Aufgabe unserer Zeit, diese Urmatrix in eine neue politische Sprache zu übersetzen und die „Regierungsformen“ zu finden, mit denen sich die Zellen der neuen Weltgesellschaft gewaltfrei koordinieren.”(Duhm, 2014: 76).
- Uma das tarefas dos nossos dias é a de traduzir esta matriz para uma linguagem política que lhes permita governar e coordenar, sem recorrer à violência, a nova comunidade mundial.
- “Dans la situation globale actuelle, nous n'avons plus besoin d'évangélisation religieuse, mais d'explorer le fonctionnement intérieur du monde spirituel d'où nous venons tous.” (Duhm, 2014: 76).
- Na atual situação global, já não precisamos de evangelismo religioso, mas sim de meios de explorar o funcionamento interior inerente ao mundo espiritual do qual somos todos oriundos.
- “Nous connaissons et aimons tous cette image, même si nous la rejetons.” (Duhm, 2014: 76).
- Mesmo que o rejeitemos conscientemente, todos conhecemos a imagem de Cristo e sentimos amor ao invocá-la.
- “Wenn ein Aktivist eine Anordnung des bestehenden Systems überschreitet und zur Rechenschaft gestellt wird, dann ist es energetisch ein großer Unterschied, ob er sagt: „Ich kann diese Anordnung nicht akzeptieren“ oder: „Ich arbeite für Terra Nova”. (Duhm, 2014: 78).
- Quando um ativista transcende a ordem do sistema existente e faz contas à vida, percebe que há uma grande diferença a nível energético entre dizer “Não consigo aceitar esta ordem” e dizer “Trabalho para desenvolver o projeto Terra Nova”.
- “Christus ist der genetische Abdruck der Heiligen Matrix im Homo sapiens.” (Duhm, 2014: 81).
- Cristo é a impressão genética da Matriz Sagrada no Homo sapiens.
- “Gibt es eine konkrete Utopie des Menschen? Darauf gibt es eine klare Antwort: Ja, die gibt es. Es ist der Mensch, der seine Christusseele verwirklicht hat.” (Duhm, 2014: 82).

- Será que existe uma utopia humana concreta? A resposta é clara: sim, existe. Ela existe através do homem que consegue alcançar e manifestar a sua força crística.
 - “Durch das Konzept der „persönlichen Beziehung” ging bisher jede Liebe kaputt. Es ist das System, in dem man immer meint, füreinander da zu sein, und immer verletzt ist, wenn der andere die Spielregeln dieses Füreinanders nicht einhält. Fast jede persönliche Beziehung füllt sich im Laufe der Jahre mit einem Untergrund von Enttäuschung, Ärger oder Langeweile.” (Duhm, 2014: 82).

- Dia após dia, o conceito de "relação pessoal" tem destruído o amor, já que funciona através de um sistema onde acreditamos ter de estar sempre ao lado um do outro e, acabamos por nos magoarmos sempre que um não cumpra as regras impostas pelo outro. Ao longo dos anos quase todos os relacionamentos pessoais acumulam decepção, raiva ou tédio.
 - “Deren Gesetze sollen die Grundlage bilden für die neue Kultur.” (Duhm, 2014: 84).

- A nova cultura será formada pelas leis de Ananda.
 - “Wenn uns das Entsetzen über die Vorgänge in der Welt überwältigen will, dann sollen wir wissen, dass Ananda eine bessere Grundlage ist, um die Welt zu heilen.” (Duhm, 2014: 86).

- Quando, perante a situação mundial, nos sentirmos oprimidos pelo horror, devemos recordar-nos de Ananda como uma base para curar o mundo.
 - “Jesus ist bis heute für sehr viele Menschen eine Leitfigur für das Leben, wie es „eigentlich” sein sollte.” (Duhm, 2014: 87).

- Até hoje, Jesus é considerado por muitos como uma figura de referência, um guia da vida e do destino humanos.
 - “Die konkrete Utopie steckt in jedem Wesen als Zielbild seiner Entwicklung, wie der Plan des Apfelbaumes schon in seinem Samenkorn vorgezeichnet ist.” (Duhm, 2014: 94).

- Tal como a imagem do carvalho está inerentemente inscrita na bolota, a utopia concreta está inscrita em cada ser.

- “Das Heile ist immer da.” (Duhm, 2014: 95).
- O sagrado está sempre presente (...).
- “Wir selbst sind aus dieser Weltmacht hervorgegangen – und wir tragen sie in uns.
- Nós próprios somos oriundos desta força, e transportamo-la dentro de nós.
- Wir werden lernen, uns ihrer in vollem Umfang zu bedienen.” (Duhm, 2014: 96).
- No futuro aprenderemos a usá-la para criar um campo de força espiritual, que irá mudar o mundo enquanto "substância invisível".
- “Wir erkennen, dass die materielle Welt tatsächlich von geistigen Kräften hervorgebracht und gesteuert wird.” (Duhm, 2014: 101).
- Reconhecemos que o mundo material é influenciado pelo fruto de forças espirituais e mentais.
- “Um den Heilungsraum der universellen Schwingung zu betreten, müssen wir die Trennwände beseitigen und die seelischen Minenfelder auflösen, die infolge der historischen Kriegsgeschichte unsere Beziehungen blockieren. Wir kommen immer auf dasselbe Grundthema: die Herstellung von Vertrauen.” (Duhm, 2014: 105).
- Para podermos usufruir do espectro de cura imanente da frequência universal, necessitamos desarmar as “minas” psicológicas resultantes do nosso passado histórico de guerra, assim como demolir as barreiras que nos continuam a bloquear a nível interpessoal e relacional. Acabamos por voltar sempre à mesma temática fundamental: restabelecer a confiança entre todos os seres.
- “Es sollte eine universelle Struktur sein, die für alle Völker und Kontinente gilt.” (Duhm, 2014: 177).
- Este cristal cultural aspira a ser uma estrutura universal e capaz de ser aplicada a todos os povos e a todos os continentes.
- “Es sollte im Informationskörper der Menschheit (Noosphäre) eine „morphogenetische Verdichtung“ geschaffen werden, aus der sich nach und nach viele weitere solche Zellen herauskristallisieren.” (Duhm, 2014: 178).

- Trata-se, portanto, de gerar no corpo informativo da humanidade, a noosfera, uma "condensação morfogénica" que irá, gradualmente, provocar por todo o mundo, a formação de muitos outros biótopos de cura ou variantes da célula original planetária.

- “Die Informationsmatrix für das Kinderaufwachsen soll zum Beispiel übereinstimmen mit den Kerninformationen der Liebesschule, des politischen Unterrichts, der Ernährung, der Technologie, Ökologie etc.” (Duhm, 2014: 179)

- A matriz de informação através da qual nos orientamos para educar crianças deve ser compatível com a informação base da escola do amor, com a educação política, a nutrição, a tecnologia, a ecologia, etc.

- “Die Stabilität eines Systems hängt ab von seiner Kohärenz mit der Heiligen Matrix und von der Kohärenz seiner Subsysteme (Arbeitsbereiche oder Unterprojekte) untereinander.” (Duhm, 2014: 179).

- A estabilidade de um sistema depende, totalmente, da sua coerência com a Matriz Sagrada e da coerência estabelecida entre os seus subsistemas, áreas de trabalho ou subprojectos.

Ao analisarmos as funções da linguagem presentes no texto, detalhadamente definidas no capítulo 1, as que mais sobressaem são efetivamente a função apelativa e a função fática. Seguem-se vários exemplos.

Função referencial

- “Die Historiker sind sich einig, dass es keinerlei rationalen Grund für einen Krieg gab.” (Duhm, 2014: 36).

- A Primeira Guerra Mundial, acreditem ou não, é mais um exemplo do impacto subconsciente do trauma coletivo na humanidade.

- “Die letzten zwei Jahrhunderte (seit 1800) folgten dem Feldgesetz des Kapitals, welches sich schnell über den ganzen Planeten ausbreitete – ein klassisches Beispiel morphogenetischer Feldbildung, leider in katastrophaler Richtung.” (Duhm, 2014: 66).

- Os séculos XIX e XX foram moldados pelas leis do capital, que se expandiram rapidamente pelo planeta. Este é um exemplo clássico do efeito de campos morfogenéticos que, infelizmente, tomaram uma direção catastrófica.

- “Die imperialistische Epoche hat fünftausend Jahre gedauert.” (Duhm, 2014: 68).

- A era imperialista, vigente há cinco mil anos, atravessa hoje um processo de rutura por já não corresponder à ordem fundamental que sustenta a vida e o planeta no qual vivemos.

- “Ananda nennen indische Yogis den Urzustand des Seins.” (Duhm, 2014: 84).

- O Ananda é considerado pelos yoguis indianos como o estado natural e original do ser humano.

- “Landwirtschaftliche Experimente in China und Afrika haben gezeigt, wie schnell sich die Natur regenerieren kann, wenn sie nicht durch eine naturfremde Art der Bewirtschaftung daran gehindert wird.” (Duhm, 2014: 91).

- Várias experiências agrícolas levadas a cabo na China e em África mostraram como a natureza é capaz de se regenerar rapidamente quando deixa de ser controlada por métodos de exploração agrícola que negligenciam as suas necessidades.

Função expressiva

- “Wir sollten solche Sätze nicht überlesen. Was wäre, wenn sie wahr wären? (Duhm, 2014: 73).

- Seremos nós realmente capazes de compreender o significado de tais afirmações?

- “Ich habe als Therapeut mitangesehen, wie dieses fatale Muster der sich selbst erfüllenden Prophezeiung in fast allen Paarbeziehungen präsent war.” (Duhm, 2014: 36).

- Como terapeuta, tenho testemunhado o padrão nocivo de profecia auto-confirmatória na maioria das relações afetivas, pois numa sociedade cujas convenções sexuais obrigam a maioria das pessoas a mentir aos seus parceiros, é difícil acreditar no amor.

Função apelativa

- “So selbstverständlich ist der Krieg geworden, und so gedankenlos haben wir uns daran gewöhnt!” (Duhm, 2014: 31).

- A guerra tornou-se a tal ponto normal que nos habituámos a viver com ela sem darmos por isso e, hoje, é tida como parte da nossa sociedade.

- “Wenn Deutschland auf die Kriegswirtschaft verzichten würde, würden Millionen Menschen arbeitslos. Sie alle könnten mithelfen am Aufbau einer neuen Friedenswirtschaft.” (Duhm, 2014: 31).

- Se a Alemanha abandonasse o comércio de material de guerra, milhões de pessoas ficariam sem emprego. Porém, elas poderiam ajudar a estabelecer uma nova economia baseada na paz.

- “Wir sind die Schöpfer unseres Lebens.” (Duhm, 2014: 32).

- Somos, sim, os criadores das nossas próprias vidas.

- “Wir haben die Freiheit und die Aufgabe, eine bessere Welt aufzubauen, und sie wird funktionieren, wenn sie mit den Regeln der Heiligen Matrix übereinstimmt.” (Duhm, 2014: 32).

- Somos livres e temos a tarefa de construir um mundo melhor, que funcionará se se enquadrar nas regras da Matriz Sagrada.

- “Dieser traumatische Kern vollführt in der Kellern der Seele eine unterbewusste Tyrannei, er schießt Angstbilder in unsere Organismus, er verrät die Liebe und verhöhnt den Glauben, er produziert für alle Dinge negative Deutungsmuster und bekämpft die Andersgläubigen, er produziert falsche Vorstellung von Krankheit und Heilung; er steuert unsere psychophysischen Vorgänge, unsere Wahrnehmungen und Reflexe, unsere Hormonausschüttungen, unsere Bewusst auf die Informationsmatrix des Traumas eingestellt.” (Duhm, 2014: 33).

- Essência traumática que exerce, de forma inconsciente, uma tirania sobre o mais profundo das nossas almas, fornecendo imagens de medo ao nosso organismo. Imagens que traem o amor e ridicularizam a fé; que produzem padrões de interpretação negativos que enviesam a nossa mundivisão; que propõem combater todas as formas de pensar diferentes; que produzem definições erradas de doença e de cura; que condicionam os nossos processos psicossomáticos, as nossas percepções e reflexos, as nossas hormonas, o nosso sistema nervoso e, as nossas contrações musculares.

- “Wir müssen dies mit allen Kräften tun, in allen Friedensgruppen und Projekten, weltweit, bis die Information des Friedens eine feste genetische Größe im Zellsystem des Homo sapiens geworden ist.” (Duhm, 2014: 38).
- Podemos fazê-lo com todas as nossas forças e em colaboração com grupos e projetos de paz pelo mundo, até que a paz se torne uma componente estável do sistema genético do homo sapiens.
 - “Das kommende Zeitalter bildet sich aus einem Netzwerk solcher autonomer Zentren. Sie haben die Aufgabe, für die neue Kulturbildung ein neues morphogenetisches Feld aufzubauen.” (Duhm, 2014: 67).
- A próxima era emergirá de uma rede de centros autónomos; a sua tarefa será construir um campo morfogenético para a fundação de uma nova cultura.
 - “Wir stehen somit vor einer gewaltigen Hypothese, welche das Leben der ganzen kommenden Epoche bestimmen könnte: dass wir „kleinen“ Menschen selbst jene große Instanz in uns tragen, die wir früher über alle Dinge gestellt und „Gott“ genannt haben. Wir haben die Kräfte, die Fähigkeiten und Möglichkeiten in uns selbst, die wir früher auf einen äußeren Weltenschöpfer geworfen haben!” (Duhm, 2014: 73/74).
- Apresenta-se, pois, perante nós, uma hipótese épica sobre como poderá vir a ser a nossa existência na nova era: a de que nós "pequenos" seres humanos podemos conter no nosso interior esta grande entidade superior à qual, outrora, colocámos acima de todas as coisas e designámos de Deus.
 - “Ich wünsche, alle Leser könnten erleben, wie dieser Vorgang sich in der sozialen Wirklichkeit einer lebendigen Gemeinschaft abspielt.” (Duhm, 2014: 81).
- Gostava muito que todos os leitores pudessem vivenciar o desenrolar deste processo através da realidade social de uma comunidade dinâmica e ativa.
 - “Wenn wir hineinleuchten in die Schicksale der unzähligen Lebewesen, die den Maßnahmen der Globalisierung zum Opfer fallen, dann erkennen wir die absolute Notwendigkeit neuer Autarkie-Konzepte, welche der Erdbevölkerung die Möglichkeit geben, unabhängig von Kartellen und Syndikaten ihre materiellen Lebensbedingungen zu erfüllen.” (Duhm, 2014: 90).
- Ao observarmos a situação das inúmeras vítimas provocadas pela implementação de medidas impostas pela globalização, reconhecemos a necessidade absoluta de criar novos

parâmetros de autonomia que permitam à população mundial satisfazer as suas necessidades materiais de forma independente de quaisquer cartéis ou sindicatos.

- “Können wir hineinschauen in die Millionen von Höhlen, Nischen, Nestern und Kleinbiotopen, in denen die Tierwelt ihre Heimat hatte, und die jetzt gnadenlos überflutet werden? Zentimeter für Zentimeter! Ein Symbol für die unaufhaltsame Walze der Vernichtung, die heute über den Erdball rollt. Was ist in der Natur von Portugal passiert, als sie den Staudamm Alqueva gebaut haben? Was geschieht zur Zeit in Brasilien durch das Staudamm-Projekt Belo Monte, wo über vierzigtausend Ureinwohner von ihren Heimatplätzen vertrieben werden? Was geschieht in der Seelenwelt der Natur und was in der Seelenwelt der menschlichen Gesellschaft? Es ist unbeschreiblich, mit welchen Methoden von Bestechung, Intrige und gezielter Falschinformation solche Profit-Projekte durchgedrückt werden.” (Duhm, 2014: 90/91).
- Conseguimos identificar os milhões de grutas, nichos, ninhos e micro-biótopos outrora casa para tantos animais e que agora foram impiedosamente inundados, centímetro a centímetro? Hoje em dia, a máquina imparável do extermínio avança a todo o vapor pelo mundo inteiro. Em Portugal, o que é que aconteceu à vida selvagem quando a barragem do Alqueva foi construída? O que é que está a acontecer no Brasil como resultado do projeto hidroelétrico de Belo Monte, onde mais de 40.000 indígenas estão a ser expulsos das suas casas? Que efeito tem tudo isto sobre a alma da natureza e da humanidade? É indescritível como tais projetos orientados para o lucro são impostos através de esquemas de corrupção, intrigas e desinformação intencional.
- “Nichts ist unmöglich, alles hängt davon ab, welche Informationssysteme wir betätigen.” (Duhm, 2014: 98).
- Nada é impossível, tudo depende de nós e dos sistemas de informação que decidimos ativar.

Observações:

Os exemplos apresentados contêm, de facto, ainda que indiretamente, um apelo; mas nem todos, na sua forma de expressão, compreendem uma função apelativa explícita. Porém, o autor recorre, muitas vezes, a uma forma indireta de apelo, ao induzir a génese de imagens

que estimulam a capacidade de visualização e imaginação do leitor redirecionando-a para um sentido ou direção específicos.

Função fática

- “Wissen wir, dass unsere ganze Kultur, unsere Staaten und Nationen aus Krieg hervorgegangen sind?”(Duhm, 2014: 31).
- Teremos nós consciência de que toda a nossa cultura, os nossos Estados e as nossas nações são o resultado de várias guerras?
 - “Wir sind aus der Einheit herausgefallen und finden nicht den Weg zurück.” (Duhm, 2014: 31).
- Afastámo-nos da unidade e, agora, já não conseguimos encontrar o caminho de volta.
 - “Die Welt erscheint wie eine anonyme Gerichtsbarkeit, vor der wir uns schützen und rechtfertigen müssen”(Duhm, 2014: 34).
- O mundo parece transformar-se num júri anónimo, contra o qual temos de nos justificar e proteger.
 - “Die Revolution braucht nicht nur radikale Aktisiten, sondern auch Mittler zwischen der alten und der neuen Welt.”(Duhm, 2014: 35).
- A revolução precisa de ativistas radicais, mas também de mediadores entre o velho e o novo mundo.
 - “Was wird jetzt folgen?” (Duhm, 2014: 66).
- O que acontecerá a seguir?
 - “In diesem Zusammenhang appelliere ich an die High-Tech-Arbeiter in Silicon Valley und an alle Visionäre der digitalen Welt: Nutzt eure Möglichkeiten für die Mitarbeit an dem Projekt Terra Nova.” (Duhm, 2014: 69).
- Neste contexto, apelo aos trabalhadores de alta tecnologia de Silicon Valley e a todos os visionários do mundo digital: utilizem os vossos recursos para colaborar no projeto Terra Nova.
 - “Wäre es nicht intelligenter, sich über neue Lebensformen auf unserem eigenen Planeten Gedanken zu machen, so dass eine lebenswerte Zukunft hier auf Erden möglich wird? Sollte dies wirklich schwieriger sein als eine Kolonisierung des Mars?” (Duhm, 2014: 69).

- Não seria mais inteligente começar a pensar em novas formas de viver no nosso próprio planeta, as quais nos permitam ter um futuro que valha a pena viver aqui na Terra? Seria isto realmente mais difícil do que colonizar Marte?

Observações:

A voz autoritária e proselítica do autor cria, em diversos momentos do texto, uma forma expressiva rígida, com frases curtas e concisas, como se de ordens ou leis se tratasse. Enquanto tradutora, optei por fazer fluir o texto, ligando-as, conferindo, portanto, uma fluência entre ideias, fomentando a coerência conceptual da mensagem e facilitando a leitura, enquanto em alguns casos consegui eliminar a presença demagógica do autor. Seguem-se alguns exemplos.

Fazer fluir o texto

- “Die ganze Evolution entwickelt sich durch morphogenetische Feldbildung.” (Duhm, 2014: 177)

- Este é um conceito crucial, já que o avanço evolutivo acontece através do desenvolvimento de campos morfogenéticos (ver Capítulo 30)

- “Das ist leicht gesagt, aber die Angst ist tief verankert im Zellsystem unseres Organismus.” (Duhm, 2014: 30).

- Falar é fácil, mas na realidade o medo está profundamente enraizado em nós, estando presente mesmo nas nossas próprias células.

- “Sie ist ein fester Bestandteil unseres genetischen und physiologischen Systems geworden, sie funktioniert reflexartig und ohne Bewusstsein.” (Duhm, 2014: 30).

- Tornou-se já parte da nossa composição genética e fisiológica; funcionando como um reflexo inconsciente.

- “Die Angst ist kein privates Problem, sie ist der seelische Niederschlag einer falsch gelaufenen Epoche. Sie ist entstanden in den kollektiven Grausamkeiten der Menschheit.” (Duhm, 2014: 30).

- O medo não é um problema pessoal, mas antes uma consequência psicológica derivada das crueldades cometidas coletivamente pela humanidade durante um período histórico conturbado.

- “Der Krieg ist ein fester Bestandteil unserer Gesellschaft geworden. Wir leben in einer Kriegsgesellschaft, die sich aus wirtschaftlichen Gründen den Frieden nicht leisten kann.” (Duhm, 2014: 31)

- A guerra tornou-se a tal ponto normal que, sem darmos por isso, habituámo-nos a viver numa "sociedade de guerra" que por razões económicas não consegue fomentar a paz.

- “Wir sind unterbewusst auf die Informationsmatrix des Traumas eingestellt. Wir leben im unterbewussten Szenario einer allgegenwärtigen Gefahr, gegen die wir uns wehren müssen.” (Duhm, 2014: 34).

- O nosso subconsciente está sintonizado com a matriz informacional do trauma e, por isso, vivemos, a nível subconsciente, num cenário de perigo constante e omnipresente, o qual nos torna defensivos.

- “Die Welt erscheint wie eine anonyme Gerichtsbarkeit, vor der wir uns schützen und rechtfertigen müssen. Es gibt ein kollektives Gefühl, verurteilt zu werden.” (Duhm, 2014: 34).

- O mundo parece transformar-se num júri anónimo, contra o qual temos de nos justificar e proteger, criando-se um sentimento coletivo permanente de se estar a ser julgado.

- “Ich habe als Therapeut mitangesehen, wie dieses fatale Muster der sich selbst erfüllenden Prophezeiung in fast allen Paarbeziehungen präsent war. Es ist nicht leicht, an die Liebe zu glauben in einer Gesellschaft, deren Sexualgesetze die meisten Menschen zur heimlichen Lüge gegenüber ihrem Partner zwingen.” (Duhm, 2014: 36).

- Como terapeuta, tenho testemunhado o padrão nocivo de profecia auto-confirmatória na maioria das relações afetivas, pois numa sociedade cujas convenções sexuais obrigam a maioria das pessoas a mentir aos seus parceiros, é difícil acreditar no amor.

- “Die patriarchale Epoche begann mit dem Aufbau der ägyptischen Pyramiden. Damals geschah eine historische Weichenstellung in der Evolution des Bewusstseins.” (Duhm, 2014: 66).
- A era patriarcal começou aquando da construção das pirâmides egípcias e desde então houve uma reorientação histórica, que alterou decisivamente a evolução da consciência humana.
- “Seitdem sind 5000 Jahre vergangen. Diese Zeit war geprägt durch die Feldgesetze männlich-imperialistischer Macht und durch die Vernichtung der weiblichen Lebensquellen.” (Duhm, 2014: 66).
- Este período caracterizado pelo poder masculino e imperialista, tendo como consequência a aniquilação das fontes de vida femininas, começou há já cinco mil anos.
- “Dieses Bild ist nicht die Erfindung des Autors, sondern es ist das objektive Bild einer neuen Lebensmöglichkeit auf der Erde. Diese Möglichkeit ist noch nicht verwirklicht, aber sie existiert im holografischen Weltengewebe an jeder Stelle.” (Duhm, 2014: 98)
- Esta imagem não é uma invenção do autor, mas sim a possibilidade objetiva de uma outra vida na Terra, que ainda não se manifestou, mas que é inerente ao tecido holográfico do mundo, e pode ser manifestada em qualquer lugar e a qualquer momento.
- “Zwei Hauptwege der Verwirklichung gab es in der bisherigen Geschichte: Magie und Technik. Wir werden neue Systeme kennenlernen, in denen Magie und Technik miteinander verbunden sind.” (Duhm, 2014: 99)
- Até hoje, são identificados como os dois principais modos de concretização a magia e a tecnologia, e creio que, no futuro, iremos experimentar novos sistemas que articulam magia e tecnologia.

Eliminei a voz do autor e fiz fluir o texto

- „*Die Angst muss von der Erde verschwinden!*“, hat Michael Gorbatschow gesagt. Ich weiß nicht, ob er die Tiefe dieser Aussage verstanden hat; er hat das tiefste und umfassendste Ziel genannt, vor dem wir heute stehen, wenn wir der Evolution eine humane Richtung geben wollen.”(Duhm, 2014: 31).

- Mikhail Gorbachev disse: "O medo deve ser erradicado da Terra". Naquela época, talvez sem compreender a profundidade da sua própria afirmação, Gorbachev acaba por, através dela, nomear o derradeiro e mais abrangente objetivo da atualidade se queremos dar à nossa evolução uma direção humana.

- “(...) - scheint nicht durch alle diese Ängste etwas Gleiches hindurch: eine Urangst vor einer Urtrennung?” (Duhm, 2014: 31)

- haverá algo comum a todos estes medos? Um medo original de separação primordial, talvez?

- “Und wenn behauptet wird, dass es schon immer Krieg gegeben hätte, dann **antworten wir**, dass es höchste Zeit wird, diesen historischen Wahnsinn zu beenden.” (Duhm, 2014: 32)

- Ao assumir-se que a guerra "sempre existiu" **pode dizer-se**, enfim, que é tempo de acabar com esta loucura histórica.

- “Wir haben die Freiheit und die Aufgabe, eine bessere Welt aufzubauen, und sie wird funktionieren, wenn sie mit den Regeln der Heiligen Matrix übereinstimmt.” (Duhm, 2014: 32).

- Somos livres e podemos escolher como contribuir para a tarefa de construir um mundo melhor que, porém, só funcionará se se enquadrar nas regras da Matriz Sagrada.

Respeitando o princípio da lealdade de Nord, fiz o possível para suavizar a demagogia imanente da voz do autor, sem porém alterar demasiado o texto, pois isso significaria escrever um livro novo. Infelizmente, o autor encontra-se num estado de saúde muito debilitado e foi impossível estabelecer contacto com ele a fim de abordar a temática do proselitismo na sua voz. Optei por conservar muita da informação com dramatismo excessivo, por não ter outra escolha. Porém, tomei a decisão de não continuar a traduzir este texto, estando ainda assim grata pela oportunidade de aprendizagem que este exercício de tradução me proporcionou.

Outro problema foi a adequação da minha linguagem ao público ao qual quero chegar, que começou por ser demasiado ambiciosa: ‘o mundo inteiro de falantes lusófonos’ passando para um nicho de curiosos sobre a temática ‘comunidades alternativas’, espiritualidade,

sociologia e política alternativas, falantes de português de Portugal e do Brasil, com um nível de escolaridade e de cultura, regra geral, médio-alto. Esta questão é analisada e discutida em detalhe no capítulo 2.

O capítulo 9 intitulado A Força Crística, trouxe consigo uma questão deveras interessante. Ora, este capítulo foi, na tradução francesa, redigido de forma diferente do original alemão. A tradução francesa deste capítulo é mais extensa, mais detalhada e recente, contendo mais repetições das ideias centrais apresentadas pelo autor. Compreendi que a necessidade de alargar este capítulo deriva das conotações religiosas associadas à palavra e figura de Cristo, fortemente enraizadas em diversas culturas por todo mundo, e em particular nas culturas ocidentais, incluindo as culturas aqui abordadas: francesa, alemã e portuguesa. Foi por isso que decidi, ao redigir o texto em português, criar um híbrido entre a versão original alemã e a versão traduzida para francês, que resultou numa expansão do capítulo 9. De acordo com o conceito de expansão de Antoine Berman, este pode ser um procedimento que leva a uma explicitação vazia deformadora do ritmo e da voz do autor. Porém, no caso específico deste trabalho, senti justificada a expansão, precisamente porque a figura de Cristo e as palavras a ela associadas são empregues de uma nova forma, totalmente diferente daquela que cada um de nós tem enraizada dentro de si. E foi, por estar a ser apresentado um novo olhar, uma nova perspetiva sobre esta figura que senti que a expansão funcionaria como um auxílio espacial, dando mais terreno ao leitor, sob a forma de texto, claro está, para este poder gradualmente processar e compreender que a figura invocada não é aquela que todos nós conhecemos, mas uma outra, bem diferente. Há, tendencialmente, alguma redundância que, no meu entender, funciona simplesmente como pavimento para a construção e assimilação de algo tão inédito como introduzir um novo significado numa figura ou termo já tão impregnado de significação. Esta situação foi também já discutida no capítulo 2.

Conclusão

O presente exercício de tradução possibilitou-me estudar e compreender qual é exatamente a minha posição enquanto tradutora. Posso dizer que encontrei fundamentos para compreender de que é feita a tradução, como é feita e quais os impactos que, hoje, tem aos níveis político, social e cultural. Consegui responder às questões: 1) como é que o enquadramento sociopolítico influencia o tradutor e o seu trabalho e 2) como é que o tradutor influencia o enquadramento sociopolítico com o seu trabalho?

A visibilidade do tradutor é, regra geral, um elemento imprescindível para se obter uma tradução de qualidade, já que significa uma boa mediação cultural e, por isso, respeito simultâneo pelas duas culturas em jogo, assim como um respeito pelo leitor e a sua capacidade de abertura a novos horizontes e conhecimentos. Por sua vez, a consciência imanente do tradutor face aos seus próprios vieses, raízes culturais, pressupostos ideológicos e posicionamento sociopolítico é uma qualidade imprescindível ao processo de tradução.

Dado o proselitismo embutido no texto Terra Nova, a tarefa tradutiva implicou um caminho árduo de tomada de decisões, todas elas feitas com base no princípio de lealdade de Nord. No final, este é um texto que, enquanto tradutora comprometida com este princípio, tenho de me recusar a traduzir. Embora considere o conteúdo e mensagem bastante relevantes e um acréscimo enriquecedor para a cultura e língua portuguesas, a demagogia da qual o texto está impregnado e a invasão consecutiva por parte do autor, do espaço do público-leitor por via da demagogia, impedem-me de prosseguir conscientemente com a tradução.

Traduzir é, pois, o ato de assumir uma responsabilidade no ato de criar utopias concretizáveis, de dar voz ao possível que ainda não existe, ao ato de alimentar determinadas realidades, vias de comunicação e reforçar fontes de conhecimento e informação específicas, tendo sempre consciência do seu impacto no enquadramento sociopolítico atual. É, portanto, de uma importância vital que o tradutor procure conhecer-se a si mesmo, enquanto leitor e enquanto parte de um todo sociopolítico, de um circuito informacional que contribui para o desenvolvimento dinâmico desse todo, assim como procurar conhecer esse ambiente onde habita e trabalha. Estes são os critérios fundamentais a apurar antes do início de qualquer trabalho de tradução.

Bibliografia:

- Baker, M. & Saldanha G.** (2009). *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, Routledge, Parte II: History and Traditions.
- Bassnett, S.** (1980). *Translation Studies*, Routledge.
- Bassnett, S. & Lefevere A.** (1990). *Translations, History and Culture*, Pinter.
- Benjamin, W.** (2007). The task of the translator. Em *Illuminations*. Pimlico.
- Benjamin, W.** (2010). *A obra de arte na época da sua reprodução mecanizada*. Biblioteca da Escola Superior de Teatro e Cinema; Sebentas, Coleção Textos Fundamentais.
- Berman, A.** (2004). Translation and the trials of the foreign. Em L. Venuti (2004), *The Translation Studies Reader*, (pp. 276-89). Routledge: Londres e Nova Iorque.
- Bernstein, C.** (1997). A-Poética. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (47), CES, Coimbra.
- Bollnow, O. F.** (1979). What does it mean to understand a Writer better than He understood Himself. Em *Philosophy Today*, 22(1-4), 10-22.
- Calzada Pérez, M.** (2007). Translators and Translation Studies. Em *The Translator*, 13:2, (pp. 243-269).
- Duhm, D.** (2014). *Terra Nova: Globale Revolution und Heilung der Liebe*. Verlag Meiga
- Holmes, S. J.** (2004). The Name and Nature of Translation Studies. Em *Translated Papers on Literary Translation and Translation Studies*, L. Venuti, (pp. 180-192). Brill Academic Publications.
- Lefevere, A.** (1992). *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*, Routledge.
- Maitland, S.** (2017). *What is cultural translation?*. Bloomsbury.
- Munday, J.** (2012). *Introdução aos estudos de tradução: teorias e aplicações*. Routledge.
- Newmark, P.** (1981). *Approaches to Translation*. Pergamon.
- Newmark, P.** (2009). The linguistic and communicative stages in translation theory. Em *The Routledge companion to translation studies*. (pp. 20-35). Routledge.
- Nord, C.** (1997). *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome.
- Nord, C.** (2014). *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. Rafael Copetti Editor.
- Nord, C.** (2005). *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Rodopi.

- Reiss, K.** (2000). *Translation Criticism: Potential and Limitations*. Manchester: St. Jerome and American Bible Society.
- Reiss, K. e Vermeer, H. J.** (1984). *Towards a general theory of translational action: Skopos theory explained*. Routledge.
- Rocha, M. R.** (2001). Funções da linguagem, outra vez. Ciberdúvidas da língua portuguesa, ISCTE-IUL. Disponível em:
[<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/funcoes-da-linguagem-outra-vez/7438#>]
- Schleiermacher, F.** (2004). On the different methods of translating. Em L. Venuti (2004), *The Translation Studies Reader*, (pp.43-63). Routledge.
- Sousa Santos, B.** (2013). *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez Editora.
- Steiner, G.** (1998). *After Babel: Aspects of Language and Translation*. Oxford University Press.
- Tymoczko, M.** (2003). Language and Identity. Em *Twentieth-Century Irish Culture*. Maria Tymoczko and Colin Ireland. Special issue of *Éire-Ireland*. 38(1-2), 203.
- Tzu, L.** (2022). *Tao Te Ching*. Lisboa: Penguin Random House.
- Venuti, L.** (2008). *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. Routledge.
- Venuti, L.** (1998). *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. Routledge.
- Vermeer, H. J.** (2004). Skopos and commission in translational action. Em Lawrence Venuti (2004) *The Translation Studies Reader* (pp. 227-38). Routledge.
- Vinay, J. P. & Darbelnet J.** (1995). *Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation*. John Benjamin Publishing Co., Amsterdam.
- Zaidan, J. & Baker, M.** (2019). Tradução e transformação social: uma entrevista com Mona Baker. Em *PERcursos Linguísticos* 9(21), 14-35.

Glossário

Agathon: Termo grego para designar “o Deus”, aquele que é o mais elevado e supremo bem, do ponto de vista moral, *summum bonum*. Para Platão é impossível dar uma definição precisa do que é Agathon, porém, uma vez que o conseguimos ver, iremos conseguir compreender tudo o resto.

Ananda: Palavra do Páli e do Sânscrito que significa “felicidade”. Na filosofia Indiana, utiliza-se para fazer referência ao estado primordial de felicidade inerente à vida.

Campo morfogenético: Campo informativo imaterial que influencia e determina a forma ou o padrão de todas as coisas e armazena os hábitos coletivos de cada espécie. Segundo Rupert Sheldrake, é graças aos campos morfogenéticos que uma nova ocorrência, ação ou comportamento são mais facilmente reproduzidos algures, num outro local. A evolução acontece através da criação de novos campos morfogenéticos. Neste livro o termo é utilizado como extensão lógica do conceito original, aplicando a teoria dos campos morfogenéticos às realidades social e política.

Código Crístico: Matriz informacional contentora da natureza crística inscrita na alma e genoma humanos.

Deva: Palavra do sânscrito para divindade; entidades espirituais dos animais e de todos os seres vivos, também conhecida como a alma do grupo de uma espécie.

Enteléquia: Conceito originalmente desenvolvido por Aristóteles no enquadramento dos seus ensinamentos sobre potencialidade e atualidade, podendo ser traduzido como “being at an end”. É considerado como o objetivo máximo e expoente potencial da perfeição inerente a todos os seres vivos. De acordo com o biólogo Hans Driesch a enteléquia é um “fator abstrato de casualidade” organizador da génese morfológica subjacente ao código genético. A enteléquia está presente em todos os estádios de desenvolvimento, independentemente do alinhamento de determinado ser vivo. É a intenção natural presente de e contida em cada ser vivo, que orienta o seu desenvolvimento rumo à perfeição.

Frequência Alfa: Também conhecida como “ondas alfa”, corresponde às oscilações neuronais de frequências compreendidas entre 7.5 - 12.5 Hz e origina-se da coerência de uma atividade cerebral elétrica produzida por um estado elevado de consciência e associada a efeitos restauradores do organismo. A frequência alfa é compatível com a ressonância do campo magnético terrestre de Schumann.

Geometria sagrada: É a geometria utilizada no planeamento e na construção de edifícios sagrados como templos, igrejas, catedrias, etc. A geometria sagrada tenta expressar e manifestar padrões, energias e símbolos sagrados através de formas geométricas e proporções específicas.

Holograma: Registo fotografico de um campo de luz que pode ser reconstruído como uma imagem tridimensional. É possível armazenar uma vasta quantidade de informação dentro de um único registo fotográfico e imagens diferentes podem ser reconstruídas, de forma seletiva, em função do ângulo através do qual a luz é projetada. Um número crescente de cientistas concluíram que o universo funciona de acordo com princípios holográficos, permitindo-nos mudar de uma realidade A para uma realidade B ao mudarmos o nosso ponto de vista.

Holon: Derivado da palavra grega para “todo”. É algo que, simultaneamente, é um todo e uma parte. Os holons são sistemas amplos, auto-organizados e independentes, em evolução constante, e estão simultaneamente contidos em holons subornidados e holons superiores e mais abrangentes. Todos os níveis de organização do universo - desde os mais pequenos sistemas presentes no espaço subatomico até aos sistemas maiores presentes no espaço intergalático - podem ser descritos como holons.

Matriz original: Padrão de informação ou estrutura subliminal de um organismo. A matriz original é inerente ao processo de cura de cada organismo e está contida no seu próprio código genético. Está presente mesmo em casos de doença, distorção ou alienação extremas; a sua ativação pode proporcionar a cura até nas situações mais desesperadas.

Matriz sagrada: Padrão universal que organiza as estruturas, leis e movimentos da vida, a todos os níveis da existência.

Metonoia: Palavra grega para “arrependimento”. Significa transformação espiritual profunda, e refere-se à jornada de transformação da mente, do coração, do eu ou do estilo de vida de um indivíduo.

Natureza Crística: Termo cunhado por Wilhelm Reich para designar a essência humana original, intrinsecamente criativa, compassiva e capaz de amar, livre de medo, ganância e narcisismo assim como de intenção de controlar ou dominar o outro. Segundo Reich, todos os recém-nascidos são um potencial “novo Cristo”. Similarmente, Rudolf Steiner descreve a entidade cósmica que incorpora todas estas características como a consciência crística.

Noosfera: Termo introduzido por Pierre Teilhard de Chardin na sua obra *Cosmogenesis*. É a esfera global de informação e pensamento humano referente à Terra, expressa de forma imaterial. É como o corpo espiritual da humanidade e do planeta Terra.

Paisagens de retenção de água: Forma descentralizada de gestão da água introduzida para revitalizar paisagens danificadas, restaurar os ciclos hídricos naturais e reverter a desertificação. As paisagens de retenção de água são concebidas respeitando princípios naturais, utilizando a água da chuva absorvida pela terra, para restaurar o solo e reabastecer os lagos.

Ponto de articulação/Assemblage point: Termo cunhado por Carlos Castañeda. É o epicentro de energia dentro do campo energético humano, “o ponto onde toda a percepção é articulada.” É considerado como um ponto central para ambas as nossas existências física e psíquica. No livro “*The Power of Silence*”, Castañeda escreve, “Quando o ponto de articulação é alterado, possibilita-nos a percepção de um mundo completamente diferente - tão objetivo e factual como aquele que percebíamos antes da sua alteração.

Psi: Termo derivado da 23ª letra do alfabeto grego, é utilizado pela parapsicologia para descrever o poder inexplicável que está na base de fenómenos perceptivos extra sensoriais e da telecinese.

Trauma coletivo: Termo cunhado por Dieter Duhm que descreve a estrutura de medo transpessoal e profundamente enraizada, que quase todas as pessoas, hoje, transportam dentro de si. Esta estrutura resulta de vários milénios de guerra, opressão e genocídio.

Utopia Concreta: Termo cunhado por Ernst Bloch referente ao estado resultante da transformação da sociedade. É uma “utopia tornando-se concreta.”

Ein neues morphogenetisches Feld: die „planetarische Urzelle“

Die Idee der Heilungsbiotope erwuchs aus dem Gedanken, dass es eine Struktur geben müsse – wir nannten sie den „Kulturkristall“ –, die wie eine biologische Zelle einen Prozess der Selbstvermehrung einleitet, sobald sie reif genug durchdacht und entwickelt ist. Es sollte eine universelle Struktur sein, die für alle Völker und Kontinente gilt. Es ging mit anderen Worten darum, ein „morphogenetisches Feld“ aufzubauen für eine neue, humane Welt. (Ich benutze den Begriff des morphogenetischen Feldes in logischer Erweiterung der ursprünglichen Form, wie sie von dem britischen Biologen Rupert Sheldrake entwickelt worden ist.) Die ganze Evolution entwickelt sich durch morphogenetische Feldebildung (siehe S. 213).

Wir leben heute im morphogenetischen Feld des Krieges.

Von den wirtschaftlichen und politischen Entscheidungen bis zu den Vorgängen in den Liebesbeziehungen ist diese Gesellschaft – trotz aller moralischen Bemühungen der Einzelnen – geprägt vom morphogenetischen Feld des Krieges. Wir müssen es umwandeln in ein morphogenetisches Feld des Friedens. Die zukünftige Zivilisation entwickelt sich aus dem morphogenetischen Feld des Friedens. Resonanz statt Gewalt, Kooperation statt Kollision, Vergebung statt Rache – das sind einige Merkmale des neuen morphogenetischen Feldes.

Für den Aufbau des morphogenetischen Feldes kristallisierte sich ein Bild heraus, das sich langsam verdichtete: das Bild eines „Heilungsbiotops“. Das Heilungsbiotop ist demnach die „planetarische Urzelle“ im Organismus der kommenden Menschheit. In dieser Urzelle müssen die Schwerpunkte und Parameter einigermaßen richtig gesetzt sein, damit sie sich im wachsenden Organismus der neuen planetarischen Gemeinschaft richtig auswachsen können. Der Plan der globalen Heilungsbiotope besteht darin, eine erste solche Urzelle zu erschaffen, um dann mithilfe eines globalen Netzwerks die Bildung weiterer solcher Zellen zu bewirken. Es sollte im Informationskörper der Menschheit (Noosphäre) eine „morphogenetische Verdichtung“ geschaffen werden, aus der sich nach und nach viele weitere solche Zellen herauskristallisieren. Was in der biologischen Evolution vor vier Milliarden Jahren mit der ersten Zelle geschah, könnte in der sozialen Evolution unserer Zeit mit der planetarischen Urzelle geschehen: die Vervielfältigung auf dem Wege der „morphogenetischen Feldebildung“. (Was in diesen Sätzen so linear formuliert wird, ist in Wirklichkeit ein

historischer Prozess, an dem viele Gruppen und Projekte beteiligt sind.)

Die Urzelle enthält die grundlegende Informationsmatrix, den „genetischen Code“ der neuen Zivilisation. In ihr sind die verschiedensten Lebensformen versammelt. Dadurch entstehen neue „Synapsen“, neue Synergien, neue Energielinien und neue Sinnlinien, die zu neuen Wachstumsrichtungen führen. Von den Arbeiten der Ameisen und Spinnen, der Bienen und Schwalben bis zu den Tätigkeiten von Haustieren, Hunden und Kindern, von den Seerosen in den Teichbiotopen bis zu den Fruchtbäumen der Permakultur, von den Aktionen der Handwerker, Techniker, Baggerführer, Wissenschaftler und Priesterinnen bis zu den Handlungen der Naturgeister entwickelt sich ein wachsendes System in zunehmend kohärenter Richtung. **Je höher die Kohärenz, desto machtvoller das System und seine Wachstumskraft. Man merkt, wie es immer mehr „von selbst“ geschieht.** Der erstaunlichste Vorgang, den wir in den schweren Jahren unseres Projekts wahrnehmen konnten, war der Vorgang der Selbstorganisation. Wenn Engpässe entstanden, für die keine Lösung sichtbar war, entstanden in der Gemeinschaft neue Kräfte von Kreativität und Selbstorganisation, mit denen eine Öffnung gefunden werden konnte.

Eine wesentliche Voraussetzung für die Entwicklung der Urzelle ist die innere Kohärenz der in ihr zusammengefassten Arbeitsbereiche. Für diese Kohärenz entstand in Tamera der Begriff des „Kohärenten Informationssystems“ („KIS“). KIS war und ist ein zentraler Gedanke für den Aufbau der neuen Zentren. In einem Heilungsbiotop müssen alle Unterprojekte geistig übereinstimmen, d.h. sie müssen von einer einheitlichen

Grundinformation und einer einheitlichen Zielorientierung getragen sein. Die Informationsmatrix für das Kinderaufwachsen soll zum Beispiel übereinstimmen mit den Kerninformationen der Liebesschule, des politischen Unterrichts, der Ernährung, der Technologie, Ökologie etc. Wenn dies gegeben ist, haben wir ein kohärentes Informationssystem von hoher Stabilität und Unverletzlichkeit. **Die Stabilität eines Systems hängt ab von seiner Kohärenz mit der Heiligen Matrix und von der Kohärenz seiner Subsysteme (Arbeitsbereiche oder Unterprojekte) untereinander.** Das Prinzip des kohärenten Informationssystems trägt eine hohe moralische Verantwortung in sich: Wieviele heimliche Schwindeleien sind noch erlaubt, wenn wir ernsthaft eine Welt des Friedens erschaffen wollen? Wieviele Konsumgüter aus der industriellen Welt darf man noch benutzen, wenn man weiß, auf welche barbarische Weise diese Produkte erzeugt und verteilt werden? Kann man noch Dosenmilch benutzen, die von Nestlé produziert wurde? Das sind ernsthafte Fragen einer KIS-Gemeinschaft. Sie betreffen das Thema der Mittäterschaft. Man sollte dieses Thema nicht zu einseitig auf Fragen des Konsums konzentrieren, denn ein wesentlicher Teil unserer Mittäterschaft besteht darin, an den destruktiven Denkformen und den untergründigen Emotionen der bestehenden Gesellschaft teilzunehmen. Die Fragen der Mittäterschaft dürfen nicht verdrängt werden, dürfen aber auch niemals zu moralischem Fanatismus und zu wechselseitiger Inquisition führen, denn sie sollen dem Frieden und der Liebe dienen.

Die Urzelle ist ein Gemeinschaftsunternehmen, sie entwickelt sich aus den komplexen Beziehungen einer menschlichen Gemeinschaft. Dazu gehören auch die Beziehungen, die eine Gruppe im globalen Netzwerk aufgebaut hat. Es ist die ständige Kommunikation mit Personen und Gruppen in aller Welt, welche die Tamera-Gemeinschaft braucht, um das Projekt richtig zu justieren, bis die „morphogenetische Reife“ erreicht ist. Dafür muss vor allem in den Bereichen von Eros, Religion und Ökonomie noch weitere Entwicklungsarbeit betrieben werden.

Chapter 1.3 Das kollektive Trauma

Das morphogenetische Feld der Angst

Hinter der Krise unserer Zeit steckt die Kernkrise der menschlichen Beziehung. Hinter den grauenhaften Massakern unserer Zeit, wie wir sie heute (2014) exemplarisch in Syrien erleben, steckt ein kollektives Seelenmuster, das offenbar in allen Kontinenten ungefähr dasselbe ist. Es ist ein Muster der Angst. Im Hintergrund unserer Zivilisation steht das „morphogenetische Feld“ der Angst. Es entstehen Formen von exzessiver Grausamkeit, mit denen die Angst im eigenen Inneren gleichsam „totgeschlagen“ wird. Wenn wir auf der Erde einen dauerhaften Frieden erzeugen wollen, müssen wir dieses Seelenmuster der Angst umwandeln in ein Grundmuster des Vertrauens. Das ist leicht gesagt, aber die Angst ist tief verankert im Zellsystem unseres Organismus. Sie ist ein fester Bestandteil unseres genetischen und physiologischen Systems geworden, sie funktioniert reflexartig und ohne Bewusstsein. „*Die Angst muss von der Erde verschwinden!*“, hat Michael Gorbatschow gesagt. Ich weiß nicht, ob er die Tiefe dieser Aussage verstanden hat; er hat das tiefste und umfassendste Ziel genannt, vor dem wir heute stehen, wenn wir der Evolution eine humane Richtung geben wollen. Das Ziel der Heilungsarbeit besteht in der Ermöglichung eines Lebens ohne Angst. Das morphogenetische Feld der Angst muss vollkommen ersetzt werden durch ein morphogenetisches Feld des Vertrauens.

Die Angst ist das Resultat der letzten Jahrtausende. Walter Schubart hat in seinem Buch „Religion und Eros“ geschrieben, dass auf dem Grund allen seelischen Leidens eine Urange liege: die Angst vor Trennung. Es ist die Angst vor Trennung, die uns Menschen zu den irrsinnigsten Taten veranlasst. Trennung von der Heimat, von der Familie, vom Liebespartner, von der Gruppe oder der *gang* – scheint nicht durch alle diese Ängste etwas Gleiches hindurch: eine Urange vor einer Urtrennung? Es ist schwer, diese seelischen Urgründe mit Worten zu erreichen. Immer wieder – Generation für Generation – wurde der Mensch getrennt von dem, was er in seiner ursprünglichen Natur am tiefsten liebt, was er liebt wie ein Kind, einfach weil er ein Mensch ist, ein atmendes, sinnliches, lebendiges Wesen. Wir sind aus der Einheit herausgefallen und finden nicht den Weg zurück. Wir leben in der „Verbannung“, wie Friedrich Weinreb es genannt hat. Heilung wäre dann die Wiederverbindung des Menschen mit seiner eigentlichen Heimat. Dies ist die entelechiale Richtung der gegenwärtigen Evolution: die Wiedervereinigung der Menschenwelt mit ihrer ursprünglichen Heimat im Leben, in der Liebe, in den Geboten der Heiligen Matrix.

Die Angst ist kein privates Problem, sie ist der seelische Niederschlag einer falsch gelaufenen Epoche. Sie ist entstanden in den kollektiven Grausamkeiten der Menschheit. Im Rahmen einer globalen Friedensarbeit geht es darum, jenes kollektive Trauma aufzulösen, welches eine mehrtausendjährige Geschichte von Krieg und Vertreibung, von Verrat und Betrug im kollektiven Unterbewusstsein der Menschheit hinterlassen hat.

Wissen wir, dass unsere ganze Kultur, unsere Staaten und Nationen aus Krieg hervorgegangen sind? Überall, wo heute ein Staat ist, gab es einmal ein anderes Volk und ein Land, das erobert wurde, da waren gläubige Menschen, Liebespaare und spielende Kinder.

Die Vereinigten Staaten von Amerika mussten Indianervölker ausrotten und Millionen von Afrikanern versklaven, um ihre Nation aufbauen zu können. Wahrlich keine guten Voraussetzungen für die Entwicklung einer humanen Zivilisation! Die Wirtschaft der westlichen Länder lebt unter anderem von Rüstungsindustrie und Waffenhandel. So selbstverständlich ist der Krieg geworden, und so gedankenlos haben wir uns daran gewöhnt! Der Krieg ist ein fester Bestandteil unserer Gesellschaft geworden. Wir leben in einer Kriegsgesellschaft, die sich aus wirtschaftlichen Gründen den Frieden nicht leisten kann.

Wenn Deutschland auf die Kriegswirtschaft verzichten würde, würden Millionen Menschen arbeitslos. Sie alle könnten mithelfen am Aufbau einer neuen Friedenswirtschaft.

In unserer Zivilisation herrscht ein tiefer Idiotismus, eine echte Erkrankung des Geistes. Dass Menschen absichtlich aufeinander schießen, gehört nicht zum Plan des Lebens, nicht zum Code einer humanen Welt. Krieg ist die Folge einer ungeheuerlichen Verirrung. Und wenn behauptet wird, dass es schon immer Krieg gegeben hätte, dann antworten wir, dass es höchste Zeit wird, diesen historischen Wahnsinn zu beenden. Krieg gehört ab heute nicht zur menschlichen Kultur, ebenso wie Eifersucht nicht zur Liebe gehört. Haben wir Tausende von Jahren gebraucht, um diese einfache Wahrheit zu entdecken? Unsere Nachfahren werden es nicht verstehen können, dass Menschen sich aus Eifersucht gegenseitig umgebracht haben.

Ebenso wenig werden sie verstehen können, dass sie tatsächlich aufeinander geschossen und noch viel Schlimmeres getan haben. Die neue Kultur ist definitiv eine Kultur ohne Krieg. Da helfen keine Hinweise auf die Gewalt in der Tierwelt oder auf ein Zitat von Heraklit. Solche Argumentationen gehen davon aus, dass die Welt so bleiben muss, wie sie „immer schon“ war. Sie übersehen die Schöpfernatur des Menschen und die Möglichkeiten der

Umgestaltung. Wir sind definitiv nicht das Produkt der Vergangenheit, nicht determiniert durch Naturgesetze. Wir sind die Schöpfer unseres Lebens. Wir haben die Freiheit und die Aufgabe, eine bessere Welt aufzubauen, und sie wird funktionieren, wenn sie mit den Regeln der Heiligen Matrix übereinstimmt. Es gibt in der Evolution keine fertigen Gesetze, es gibt auch keine endgültigen physiologischen Gesetze unseres Leibes, es gibt nur fixierte Verhaltensgewohnheiten. Und es gibt in unserem Inneren eine Freiheit, mit der wir uns zu einer höheren Lebensform erheben können. Ich möchte hier ein Zitat von Satprem anführen. Satprem war ein Schüler des indischen Philosophen Sri Aurobindo und der „Mutter“ in Auroville.

Er schreibt: „Nachdem all die evolutionären Schichten durchdrungen sind, erreicht man in der Tiefe des Körpers auf einmal etwas, in dem die alten Gesetze der Welt keine Macht mehr haben. Man merkt, dass ihre Macht einzig aus einer ungeheuren kollektiven Suggestion bestand. Aus einer alten Gewohnheit, und NUR aus einer Gewohnheit. Es gibt keine Gesetze, es gibt nur fossilierte Gewohnheiten. Und der ganze Weg besteht aus dem Durchdringen dieser Gewohnheiten. (...) Das Ziel aber ist, dass der Körper spontan und natürlich immer in diesem Zustand lebt; das heißt, der Körper muss von all seinen Bedingtheiten befreit werden. Dann gelangt man zu etwas ganz und gar Phantastischem. Ich kann mir vorstellen, wie phantastisch der erste Gleitflug eines Vogels gewesen sein musste! Es gab diesen Augenblick, in dem ein altes Reptil abhob und Vogel wurde.“

Wenn wir hineinleuchten in die fürchterlichen Dinge, die hinter dem Wort „Krieg“ stecken, dann sehen wir die Schreckensbilder, die im Erbgedächtnis der Menschheit gespeichert sind, Bilder von Massenmord, Verstümmelung, Flucht und Hunger. Das sind Erfahrungen, die sich Generation für Generation über Jahrhunderte und Jahrtausende wiederholt haben. Sie haben sich tief in das kollektive Erbgedächtnis der Menschheit eingepägt. Auf der Kollektivseele der Menschheit lastet ein Alptraum.

In uns allen steckt eine traumatische Kapsel, die jederzeit hochgehen kann. „*Ein jeder hat sein Vietnam*“, hat Claude AnShin Thomas gesagt, der als Kriegsveteran und buddhistischer Mönch durch die Lande gepilgert ist, um für den Frieden zu arbeiten. Was sich heute in den Exzessen der Gewalt, in Bandenkriegen und Jugendgefängnissen, Schulen, Stadtvierteln, Fußballstadien, Folterkellern abspielt, ist die Folge eines menschheitlichen Traumas, das sich

so lange wiederholen wird, bis die Ursachen der Gewalt ein für allemal beseitigt sind.

Es sind die in langer Kriegsgeschichte entstandenen unterbewussten Schreckensbilder, die zusammen den „traumatischen Kern“ der Menschheit bilden. Dieser traumatische Kern vollführt in den Kellern der Seele eine unterbewusste Tyrannei, er schießt Angstbilder in unseren Organismus, er verrät die Liebe und verhöhnt den Glauben, er produziert für alle Dinge negative Deutungsmuster und bekämpft die Andersgläubigen, er produziert falsche Vorstellungen von Krankheit und Heilung; er steuert unsere psychophysischen Vorgänge, unsere Wahrnehmungen und Reflexe, unsere Hormonausschüttungen, unsere Nerventätigkeiten und Muskelkontraktionen. Wir sind unterbewusst auf die Informationsmatrix des Traumas eingestellt. Wir leben im unterbewussten Szenario einer allgegenwärtigen Gefahr, gegen die wir uns wehren müssen. Die Welt erscheint wie eine anonyme Gerichtsbarkeit, vor der wir uns schützen und rechtfertigen müssen. Es gibt ein kollektives Gefühl, verurteilt zu werden. Hinter allen seelischen Fehlentwicklungen, allen Neurosen und Psychopathien steckt das große kollektive Trauma, eine Krankheit der ganzen Menschheit.

Ich möchte hier eine Textstelle aus dem Buch „Eine neue Erde“ von Eckhart Tolle einfügen. Tolle spricht beim kollektiven Trauma vom „Schmerzkörper“ der Menschheit. Er schreibt:

„Dieses Energiefeld alter, aber noch sehr lebendiger Emotionen, das jeder Mensch in sich trägt, ist der Schmerzkörper. Der Schmerzkörper ist jedoch seinem Wesen nach nicht nur auf das Individuum beschränkt, er hat auch Anteil an dem Schmerz, den unzählige Menschen im Lauf der Menschheitsgeschichte, einer Geschichte von anhaltenden Stammeskriegen, Sklaverei, Plünderung, Vergewaltigung, Folter und anderen Formen der Gewalt, erlitten haben. Dieser Schmerz ist in der kollektiven Psyche der Menschheit noch immer lebendig und wird täglich vermehrt, wie man sieht, wenn man die Abendnachrichten im Fernsehen oder die Beziehungsdramen bei seinen Mitmenschen sieht.“

Wir haben uns an die Horrornachrichten gewöhnt, sie haben uns eingenebelt. Im Augenblick des Erwachens überfällt uns ein seltsamer Gedanke: Ist das alles wirklich wahr? Haben wir da tatsächlich mitgemacht? Und: Wie kommen wir da wieder raus? Es ist kaum möglich, die inneren Mechanismen der bestehenden Gesellschaft zu durchschauen und trotzdem die alten

Wege weiterzugehen. Müssen wir aussteigen? Aber wie? Wohin? Um aussteigen zu können, brauchen wir eine Alternative, in die wir „einsteigen“ können. Die gibt es noch nicht in fertiger Form, sondern sie entsteht durch den konkreten Aufbau der neuen Welt und ihrer Zentren. Hier werden Hunderte, Tausende und Millionen von Mitarbeitern gebraucht, die zusammen die neuen Strukturen, die neuen Arbeitsplätze und die neuen Berufssysteme schaffen, welche für die Entwicklung von Terra Nova gebraucht werden. Alle Zeitgenossen, die noch ein sinnvolles Amt in der bestehenden Gesellschaft haben, mögen es nutzen für die Weichenstellung in Richtung Terra Nova. Die Revolution braucht nicht nur radikale Aktivisten, sondern auch Mittler zwischen der alten und der neuen Welt.

Infolge des großen Traumas kommt es im zwischenmenschlichen Nahverkehr zu typischen Störungen, die bei fast allen Menschen nach einem ähnlichen Strickmuster ablaufen. Es sind unterbewusste Glaubenssätze, durch die der latente Krieg im zwischenmenschlichen Untergrund dauernd neu erzeugt wird.

Ich möchte drei Beispiele nennen:

1. Viele Menschen leben in der unbewussten Vorstellung, von anderen nicht akzeptiert zu werden. Die Folge ist, dass sie die Reaktionen ihrer Gesprächspartner in diesem Sinne deuten. Ein Lob kann dann als Ironie aufgefasst werden, ein nachdenklicher Blick als Verurteilung,

eine Frage als Aggression, ein guter Vorschlag als Kritik etc. Dadurch entstehen im Untergrund der Kontakte heftige Störfelder, die oft nicht durchschaut werden und dadurch bis zum Hass führen können. In vielen politischen Gesprächsgruppen erlebt man Diskussionen, die immer länger und immer sinnloser werden, weil sie untergründig gesteuert werden von den Schmerzfeldern unterbewusster Glaubenssätze, die gar nichts mit dem anstehenden

Sachthema zu tun haben. Besonders fatal werden derlei neurotische Deutungsmuster in den Liebesbeziehungen. Wenn sich zwei Liebespartner in den Schlingen solcher Missverständnisse verfangen haben, dann gibt es meistens keinen Ausweg mehr, weil jede rationale Korrekturmöglichkeit verschlossen ist. Wieviele Beziehungen scheitern an den Verletzungen, die sich die Partner im Deutungsmuster der Nicht-Akzeptanz gegenseitig zufügen! Und wenn sie sich gründlich zerstritten haben, findet die Vorstellung der Nicht-Akzeptanz eine offensichtliche Bestätigung. Das ist ein krasses Beispiel der „self-fulfilling prophecy“. Der Neurotiker hat dann allen Grund, seine Wahnvorstellung für Realität zu halten. Er wehrt sich dann gegen alles, was ihn heilen könnte. Das ist tatsächlich ein Kardinalproblem unserer Gesellschaft: die tief in ihrem psychologischen System verankerte Abwehr gegen alles, was sie heilen könnte.

2. Ein zweites Beispiel, eng verwandt mit dem ersten, ist die Trennungsangst in der Liebe. Infolge des großen Traumas leben viele Menschen in der Vorstellung, nicht geliebt zu werden. Wenn sie einen Liebespartner gefunden haben, glauben sie innerlich dennoch nicht an dessen Liebe und leben deshalb in latentem Misstrauen und latenter Trennungsangst. Die Folge ist, dass sie alles tun, um die Trennung zu verhindern und gerade dadurch eine wirkliche Trennungsgefahr heraufbeschwören. Denn die Methoden, mit denen man in der Trennungsangst agiert, Methoden wie Klammern, Jammern, Schimpfen, Erpressen etc. sind nicht geeignet für die Liebe. Ich habe als Therapeut mitangesehen, wie dieses fatale Muster der sich selbst erfüllenden Prophezeiung in fast allen Paarbeziehungen präsent war. Es ist nicht leicht, an die Liebe zu glauben in einer Gesellschaft, deren Sexualgesetze die meisten Menschen zur heimlichen Lüge gegenüber ihrem Partner zwingen. Die therapeutische Konsequenz besteht schließlich darin, eine Gemeinschaft aufzubauen, in der niemand lügen muss.

3. Ein schier unglaubliches Beispiel für die Wirkung unterbewusster Paradigmen liefert uns der Erste Weltkrieg. Hier herrschte auf allen Seiten die unbewusste Vorstellung, angegriffen zu werden – ein typisches Relikt des großen historischen Traumas. Die Nationen, die den Krieg in Gang brachten – neben Deutschland waren es vor allem Österreich-Ungarn, Russland und Frankreich – lebten in der Meinung, bald von irgendeiner Seite her angegriffen zu werden. Die Historiker sind sich einig, dass es keinerlei rationalen Grund für einen Krieg gab. Es war ein psychologisches Schauspiel ohne Gleichen. Man könnte es mit Humor auf die Bühne bringen, wenn nicht etwa 15 Millionen Menschen daran gestorben wären. Wir haben

hier ein klassisches Beispiel für die psychopathologischen Hintergründe der globalen Politik, solange sie von Menschen betrieben wird, die das unterbewusste Trauma nicht bewältigt haben.

Ich bin ausgebildeter Psychoanalytiker und habe diesen Beruf im Grunde nie verlassen, sondern habe ihn in fast vierzigjähriger Gruppenarbeit fortgeführt, vertieft und korrigiert. Um zu verstehen, was zwischen Menschen passiert, musste ich viele Seelenschichten kennenlernen: bewusste und unbewusste, offene und verdrängte, biografische und karmische. Ich habe über hundert Gruppen und Projekte kennengelernt und gesehen, wie sich überall dieselben neurotischen Grundmuster in ähnlicher Weise wiederholen. Das beste Forschungsobjekt war ich selbst, denn nach und nach haben sich in mir selbst die seelischen Vorgänge, die Reaktionsbildungen und Tarnungen, die verdrängten Bilder und Impulse offenbart, aus deren Gesamtheit sich der untergründige Krieg in unserer Zeit zusammensetzt.

Der Krieg war latent auch in mir. Aber da war ein innerer Punkt, von dem aus ich die Dinge erkennen und korrigieren konnte. Dies nennen wir den „Gottespunkt“ im Menschen. Es ist der innere Reflexionspunkt, von dem aus wir eine unmittelbare Spiegelung erhalten, so dass wir immer auf der entelechialen Bahn bleiben können. Ich vermute, dass er in allen Menschen existiert. Alle Menschen wären somit tendenziell fähig, ihre Unzurechnungsfähigkeit zu erkennen und in ein verantwortliches Leben einzutreten.

Die allererste Bedingung für eine erfolgreiche Heilungsarbeit der Menschheit ist die Auflösung ihres traumatischen Kerns. Mit dieser Feststellung stehen wir außerhalb aller revolutionären Konzepte, die in der bisherigen Geschichte entwickelt worden sind. Wir brauchen Lebensformen, die in der Lage sind, das schlimme Erbe der Geschichte zu überwinden. Die Erzeugung solcher Lebensformen ist das aktuelle Kernthema unserer Zeit. Man begreift auf der Stelle, dass hier ein Phänomen angesprochen ist, welches weder durch eine politische Revolution noch durch individuelle Therapie gelöst werden kann. Wir brauchen eine kollektive Lösung, eine Heilung des seelischen Fundaments.

Wir wissen aus langjähriger Heilungsarbeit, wie schwer die seelischen Folgen des Traumas zu überwinden sind. Die Gruppen, die heute an den menschlichen und politischen Frontlinien

stehen, brauchen ein unerschütterliches Wissen vom Leben und seinen Heilkräften, um den Konflikt gut zu überstehen. Mit jeder Handlung können wir die Kräfte der Heilung aktivieren. Die Arbeit der neuen Zentren ist zum großen Teil eine fundamentale Bewusstseinsarbeit. Es bedarf eines kollektiven Trainings, um kontinuierlich die positive Seite zu wählen. Das alte Hologramm von Wut und Angst muss durch eine historische Aktion umgewandelt werden in ein Hologramm des Vertrauens und der Liebe. Wir müssen dies mit allen Kräften tun, in allen Friedensgruppen und Projekten, weltweit, **bis die Information des Friedens eine feste genetische Größe im Zellsystem des Homo sapiens geworden ist.**

TEIL II KONKRETE UTOPIE

Chapter 2.1 Was kommt nach dem Zusammenbruch der großen Systeme? Ein Netzwerk neuer Zentren

Die patriarchale Epoche begann mit dem Aufbau der ägyptischen Pyramiden. Damals geschah eine historische Weichenstellung in der Evolution des Bewusstseins. Die ursprüngliche Entdeckung des Ewigen und Heiligen hatte sich in einen Machtimpuls verwandelt. Die Pyramiden, mit denen kosmische Kräfte aufgefangen und konzentriert werden sollten, wurden zu einem Symbol und Instrument irdischer Macht. Seitdem sind 5000 Jahre vergangen. Diese Zeit war geprägt durch die Feldgesetze männlich-imperialistischer Macht und durch die Vernichtung der weiblichen Lebensquellen. Spätestens mit dem Sieg Roms vor zweitausend Jahren war die gegenwärtige Welt in ihren psychologischen Grundzügen historisch etabliert. Die letzten zwei Jahrhunderte (seit 1800) folgten dem Feldgesetz des Kapitals, welches sich schnell über den ganzen Planeten ausbreitete – ein klassisches Beispiel morphogenetischer Feldbildung, leider in katastrophaler Richtung. Alle Lebenssysteme – Konsum, Energie, Wasser, Nahrung, Kunst, Moral, Liebe, Sport etc. – wurden dem Kapitalgesetz unterworfen, und die Menschheit folgte dem Gesetz. Ein Gemälde, und sei es noch so banal, gilt heute als künstlerisch wertvoll, wenn es auf dem Kunstmarkt für 10 Millionen Dollar versteigert wurde. Eine Firma gilt als erfolgreich, wenn sie genügend Profit abwirft, egal mit welchen Mitteln und Methoden. Eine Blumenfirma wurde erfolgreich, indem sie in Afrika Blumenplantagen anlegte, für deren Bewässerung den heimischen Siedlungen das Grundwasser entzogen wurde. Die ganze Erde litt und leidet noch unter einer internationalen Barbarei, für die niemand mehr die Verantwortung übernehmen

will oder kann. Wer mithalten will, muss den Spielregeln der Barbarei folgen. Zur Zeit erleben wir seltsame Dinge in der internationalen Politik, es sind Anzeichen einer allgemeinen Verwahrlosung und Orientierungslosigkeit. Das System scheint sich nicht mehr halten zu können. Was wird jetzt folgen?

In äußerster Verkürzung können wir Folgendes sagen: An die Stelle der alten Megasysteme treten dezentrale, kleine, weitgehend autarke Systeme für die Grundversorgung des Menschen mit materiellen Gütern (Wasser, Nahrung, Energie) sowie für die Versorgung mit Kultur, Geist und Eros. Diese Bewegung führt zu einer allmählichen Auflösung der Nationalstaaten. An ihre Stelle tritt ein planetarisches Bürgertum. Der Heimatort des Menschen bezieht sich nicht mehr auf seine Herkunft, sondern auf seine Stellung und Mitarbeit im großen Plan. In allen Kontinenten bilden sich neue internationale Gruppen für den Aufbau von Terra Nova. Junge Menschen finden ihren Ort dort, wo sie mit ihren Kräften am besten mithelfen können. Die neuen Siedlungen sind untereinander organisch verbunden durch technologische, politische und spirituelle Kommunikationssysteme, sie bilden zusammen eine Grundstruktur der neuen Weltgesellschaft. Das kommende Zeitalter bildet sich aus einem Netzwerk solcher autonomer Zentren. Sie haben die Aufgabe, für die neue Kulturbildung ein neues morphogenetisches Feld aufzubauen. Um dies zu ermöglichen, arbeiten sie gemeinsam an einem Netzwerk globaler Kommunikation und Information, in welchem die neuen Erfahrungen an alle Teilnehmer weitergegeben werden. Auf diesem Wege entsteht die morphogenetische Feldbildung als historischer Prozess einer immer dichter werdenden Information. Es ist die Information von Terra Nova.

Die neue planetarische Gemeinschaft wird sich rapide ausbreiten, sobald die ersten funktionierenden Modelle existieren. Der Aufbau von Heilungsbiotopen, Modelluniversitäten, regionalen Zentren, neuen Siedlungsmodellen mit Wasser-Retentionslandschaften, von ökologischen Stadtteilen und futurologischen Wüstenstädten, globalen Kommunikationsformen und Netzwerken neuer Art – das sind Dinge, die wir wahrscheinlich schon in den nächsten zwei bis drei Jahrzehnten weltweit erleben werden. Die Welt geht schwanger mit dem großen Plan von Terra Nova. Sobald dieser Plan irgendwo abgerufen und umgesetzt wird, entsteht auf der Erde eine „Holowelle“ für die Verwirklichung dieses Plans. Überall auf der Erde – von den Anastasia-Gruppen in Russland über die Menschenrechtsgruppen in Europa bis zu den Friedensdörfern in

Kolumbien – werden neue Zentren entstehen, die sich unter dem Dach der neuen Erde miteinander verbunden wissen.

Wenn sich das Modell durchsetzt, werden auf der Erde viele Tausende dieser neuen Lebenszellen entstehen, denn fast jeder Boden kann in fruchtbare Erde umgewandelt werden und den Menschen genügend Nahrung geben. Die Information der vollkommenen Heilbarkeit von Mensch und Natur wird mit hoher Macht über die Erde gehen und neue Initialfunken setzen im Bewusstseinskörper der Menschheit. Wenn die getrennten Elemente der großen Lebensfamilie wieder zusammenfinden, wenn die neuen Gruppen der Welt ihr Netzwerk ausgebreitet haben, wenn die Liebe wieder einziehen kann in die Herzen der jungen Revolutionäre, dann wird die globale Kettenreaktion nicht mehr zu stoppen sein.

Die imperialistische Epoche hat fünftausend Jahre gedauert. Jetzt zerbricht sie, weil sie nicht übereinstimmt mit den Grundordnungen des Lebens und der Erde. Je tiefer eine neue Menschheit diese Grundordnungen anerkennt, desto tiefer wird das Trauma überwunden werden, welches eine furchtbare historische Sackgasse in das globale Herz der Menschheit eingepflanzt hatte. Der Vorgang einer grundlegenden Metanoia (geistige Umwandlung) vollzieht sich weltweit, er bildet den geistigen Ziel-Hintergrund der derzeitigen globalen Transformation. Es ist eine „Anderswerdung“ des Menschen, eine anthropologische Revolution.

Terra Nova – eine Alternative zum Marsprojekt

Ein riesiges Forschungsprojekt der NASA und einiger privater Institute beschäftigt sich mit der Aufgabe, den Mars zu kolonisieren. Das ist kein Witz. Die Wissenschaftler sehen, dass die Erde bald nicht mehr bewohnbar sein könnte, und suchen nach neuen Siedlungsmöglichkeiten. Dabei überlegen sie ernsthaft, den eiskalten Planeten Mars, der 50 Millionen Kilometer entfernt ist, so umzuwandeln, dass er für Menschen bewohnbar wird. Ich bin fasziniert vom utopischen Ausmaß solcher Pläne, zeigen sie doch, was man heute für möglich halten kann, wenn man technisch auf dem Laufenden ist. Diese Visionäre übersehen allerdings, dass sie dann alle die inneren, die menschlichen, sozialen und geistigen Strukturen, die zur Verwüstung der Erde geführt haben, einfach auf einen anderen Stern exportieren würden. Wieviel Kraft, wieviel Intelligenz und Geld wird investiert in so ein irrwitziges Projekt! Wäre es nicht intelligenter, sich über neue Lebensformen auf unserem

eigenen Planeten Gedanken zu machen, so dass eine lebenswerte Zukunft hier auf Erden möglich wird? Sollte dies wirklich schwieriger sein als eine Kolonisierung des Mars? Die Möglichkeiten für eine humane Kolonisierung der Erde sind noch lange nicht ausgeschöpft. Wir fangen gerade erst an, sie zu entdecken. In allen Bereichen der gegenwärtigen Forschung öffnen sich neue Tore. In Wissenschaft und Technik, in Sport, Medizin und Pädagogik stehen wir vor Offenbarungen, die wir noch vor wenigen Jahrzehnten für baren Unsinn gehalten hätten. In diesem Zusammenhang appelliere ich an die High-Tech-Arbeiter in Silicon Valley und an alle Visionäre der digitalen Welt: Nutzt eure Möglichkeiten für die Mitarbeit an dem Projekt Terra Nova. Digitale Welt und geistige Welt liegen nah beieinander, beide basieren auf Information. Es ist deshalb möglich, geistige Informationssysteme – das sind die Informationssysteme der lebendigen Welt und des menschlichen Bewusstseins – in digitale Systeme zu übersetzen. Also bitte: aktiviert die Information des Friedens und der Liebe, digitalisiert den „Christus-Code“, findet ein Informationsmuster für die Noosphäre, in welchem die universelle Lebensschwingung („Alpha-Frequenz“) mit dem Christus-Code verbunden ist. Gebt es ein in eure Informationssysteme. Es wäre eine interessante Forschungsaufgabe, für das in diesem Buch beschriebene morphogenetische Feld der neuen Kultur ein digitales Muster zu entwickeln.

Das Projekt Terra Nova besteht in einem neuen Besiedlungskonzept des Planeten Erde unter Ausnutzung aller Möglichkeiten, die uns in einer synergetischen Kooperation mit der Erde gegeben sind. Der Mars ist noch weitgehend unentdeckt. Gilt nicht dasselbe auch für die Erde, für ihren Sand, ihr Wasser, ihre Geschöpfe und ihr eigenes Leben? Was für eine Wasserwirtschaft wird die Menschheit entwickeln, wenn sie den Entdeckungen von Viktor Schauberger folgt? Diesem Mann waren Geheimnisse eingegeben, welche schon in naher Zukunft zu einer revolutionären Erneuerung der Wasser- und Energiewirtschaft führen werden. Die vergangene Epoche war geprägt durch die Ausbeutung der Erde und ihrer Wesen, die neue Epoche ist geprägt durch die Kooperation mit ihren Kräften und ihren Geschöpfen. Ich meine das wörtlich: Kooperation auch mit Ratten und allem, was wir bisher als „Ungeziefer“ betrachtet und bekämpft haben. Nichts war in der Feldforschung unseres Projekts überraschender als die Kooperation mit Ratten. Sie verließen unsere Häuser, als wir ein wirklich freundliches Feld zu ihnen aufgebaut hatten, und sie hielten sich einigermaßen an die vereinbarten Regeln. (Wer darüber nachdenkt, wie so etwas funktionieren könnte, möge sich mit dem Konzept der „Devas“ befassen.) Auch die Ratten sind ein Mitglied der großen Lebensfamilie, der wir selber angehören. Je mehr wir eintreten in diese Familie, desto

tiefer erkennen wir den Zusammenhang ihrer Lebewesen. Wir werden sie unterstützen, statt sie zu zerstören. Das ist ein Paradigma der neuen Epoche: dass wir allen Mitgeschöpfen hilfsbereit und solidarisch begegnen.

Chapter 2.2 Der innere Operator

Satprem, Schüler von Aurobindo, erzählt uns eine wunderbare Geschichte über seine eigene Rettung. Sie zeigt, wie durch den Eingriff eines höheren Bewusstseins ein Mord verhindert wird: Eines Morgens steht Satprem am Rande des Canyon an der Stelle, wo er seine Morgenmeditationen zu machen pflegte. Auf einmal kommen drei Männer mit dem Auftrag, ihn umzubringen. Er reagiert nicht, sondern sieht das ganze Spektakel wie von außen. Darauf sinkt die Hand, die zum Schlag angesetzt hatte, und die Mörder fliehen. Sie waren nicht mehr fähig, den Mord auszuführen. Die Steuerbefehle der Gewalt waren erloschen, als Satprem ihnen keine Resonanz gab, indem er nicht mit Angst oder Hass reagierte. Hier hatte der „innere Operator“ eingegriffen und die Szenerie verwandelt. Satprem stand da ohne die Angst, die er normalerweise gehabt hätte. Dadurch gab er keine Resonanz auf die Gewalt. Wenn wir der Gewalt keine Resonanz geben durch Angst oder Gegengewalt, dann erlischt sie. Die Steuerbefehle für Gewalt und Mord waren auf einmal erloschen, die gedungenen Mörder konnten ihren Auftrag nicht mehr ausführen, sie rannten einfach weg.

Die Geschichte erinnert an das Training der Samurais, die nur zum Erfolg kommen konnten, wenn sie in der Lage waren, auf die Schläge des Gegners nicht mit Angst oder Hass zu reagieren. Wir treffen hier auf eine Grundregel stabiler Friedensarbeit: Reagiere auf den Gegner nie mit Angst oder Hass. Reagiere auch auf die allgemeine Weltlage nie mit Angst oder Hass. Mit jeder Angst und mit jedem Hass verlieren wir Kraft. Eine innere Dauerhaltung ohne Angst und ohne Hass ist ein Prinzip siegreicher Friedens- und Heilungsarbeit. Wir brauchen dafür die Kenntnis jenes höheren Bewusstseins, welches uns zu solcher Dauerhaltung befähigt.

Laotse schreibt im Tao Te King: *„Wer das Leben recht zu fassen versteht, wandert durch das Land, ohne vor Tiger und Nashorn zu fliehen. Der kann durch Feindesheer ohne Panzer und Waffen ziehen, denn das Nashorn hat nicht, wo es sein Horn einbohrt, der Tiger hat nicht, wo er seine Tatze einschlägt, und das Schwert hat nicht, wo seine Schneide eindringt. Das Reich gewinnt man nicht durch Gewalt.“*

Was Laotse hier behauptet, ist geradezu eine Ungeheuerlichkeit: Er sagt, dass es eine innere Führung im Leben gebe, die einen vor jedem Unheil bewahrt. Wenn wir uns innerlich in der richtigen Frequenz befinden, wird uns nichts passieren. Wer einen Wasserfall hinunterfällt und in seinem Hara (Bauchzentrum) bleibt, wird heil unten ankommen. Es gibt also eine absolute Überlebensfrequenz. Gibt es die wirklich?

Ich kenne sie aus eigener Erfahrung. Es gibt einen inneren Operator, der uns in einer kritischen Situation an ein tieferes Lebenswissen erinnert oder der selbst das Steuer übernimmt, wenn wir nicht mehr in der Lage sind, die rettende Handlung zu finden. Jeder Mensch hat einen sogenannten „Schutzengel“. Wir können dies deuten als ein immanentes Bewusstseinsorgan, welches für die anstehende Heilung oder Rettung die notwendigen Anweisungen gibt oder Aktionen durchführt. Die Möglichkeiten, die in uns stecken, scheinen unbegrenzt zu sein. Offenbar gibt es in uns Menschen eine Art Supergehirn, welches uns Fähigkeiten zuspielt, die außerhalb unseres gewohnten Bereiches liegen. Die Parapsychologie spricht hier von Psi-Fähigkeiten. Egal, wie wir sie deuten, sie stammen aus der Metawelt und fordern für ein genaueres Verständnis ein gründlicheres Studium der in der geistigen Welt geltenden Funktionen und Regeln. Das „Supergehirn“ ist unser Helfer und Retter in kritischen Situationen. Wie weit es uns helfen kann, hängt davon ab, wie weit wir uns für seine Instruktionen offen und empfänglich halten. K.O. Schmidt, ein Experte für das Thema der spirituellen Heilung, schreibt:

„Es gibt eine Macht in mir, die allgegenwärtig, allwissend und allvermögend ist. Sie weiß, was meinem Wohle dient und wie es bewirkt wird. Göttlichen Ursprungs, wirkt sie in meinem Wesen, in meinem Körper und darüber hinaus in meiner Umwelt ordnend und harmonisierend, führend, helfend und heilend in dem Maße, wie ich mich für ihre Weisung und Hilfe offen und empfänglich halte.“

Wir sollten solche Sätze nicht überlesen. Was wäre, wenn sie wahr wären? Diese Macht existiert objektiv, sie ist das höchste Zentralorgan des Menschen. Blitzschnell können von dort die rettenden Impulse kommen, wenn wir uns in einer ausweglosen Situation befinden. Blitzschnell konnte Satprem sein Bewusstsein umschalten, als die gedungenen Mörder vor ihm standen. So konnten sie ihm nichts mehr tun. Blitzschnell hat eine höhere Macht mein Steuer ergriffen, als mein Auto auf einer vereisten Straße im Harz in den Gegenverkehr hinein schleuderte. Wir können dieser Macht verschiedene Namen geben: der „Operator“, das „höhere Selbst“, das „Supergehirn“, das „Supra-Mental“ – oder einfach „Gott“. Wichtig ist in

unserem Zusammenhang nur, diese Macht anzuerkennen und ihr in der künftigen Lebensgestaltung einen weit größeren Raum zu geben als bisher. Die Präsenz und Funktionsweise der höheren Macht sollte ein Unterrichtsfach sein in den Hochschulen der neuen Erde.

Sri Aurobindo, der berühmte indische Yoga-Philosoph, arbeitete im indischen Befreiungskampf gegen England auf der Seite der Revolution und sollte zusammen mit seinem Bruder zum Tode verurteilt werden. Kurz vor der Gerichtsverhandlung erschien ihm Vasudeva (indischer Gott) und sagte ihm:

„Merke dir wohl, dich niemals zu fürchten, niemals zu zögern. (...) Merke, dass Ich es bin, der handelt, nicht du noch irgendein anderer. Was immer für Sturmwolken kommen mögen, was immer für Gefahren und Nöte, was immer für Schwierigkeiten, was immer für Unmöglichkeiten: Es gibt nichts Unmögliches, keine Schwierigkeit, denn Ich bin es, der handelt.“

Aurobindo wurde freigesprochen. Sein Bruder, der dieselbe „Straftat“ begangen hatte, wurde hingerichtet.

Hier erhalten wir eine erste Auskunft auf die Frage, wer denn diese innere Macht sein könnte. Sie nennt sich „Ich“, spricht also von sich selbst in der ersten Person, sie ist „Gott“. Gott (Vasudeva) sagt zum Menschen: „Ich bin diese Macht, nicht du noch irgendein anderer.“ Da aber doch diese Macht im Menschen sein soll, wie K.O. Schmidt geschrieben hat, müssen wir in uns – neben dem gewohnten Ich – ein höheres Ich haben, welches uns jederzeit leitet, sofern wir für diese Leitung bereit sind. Wir stehen somit vor einer gewaltigen Hypothese, welche das Leben der ganzen kommenden Epoche bestimmen könnte: dass wir „kleinen“ Menschen selbst jene große Instanz in uns tragen, die wir früher über alle Dinge gestellt und „Gott“ genannt haben. Wir haben die Kräfte, die Fähigkeiten und Möglichkeiten in uns selbst, die wir früher auf einen äußeren Weltenschöpfer geworfen haben! Das geheimnisvolle Subjekt der Welt, das göttliche „Ich“ – das sind wir letztlich selbst, wenn wir uns mit unserem „höheren Selbst“ verbunden haben. Dies also könnte die Reise sein, die uns in der kommenden Kulturgeschichte bevorsteht: die innere Reise vom Ego-Ich zum Universal-Ich oder Gottes-Ich, vom privaten Denken zum universellen Bewusstsein, von der individuellen Kraft zur Universalmacht. Je weiter der Mensch auf dieser Reise kommt, desto mehr Macht

gewinnt er über sich selbst, seine Emotionen, Affekte und Gewohnheiten. Er ist auf dem Weg, die verlorene Macht zu sich zurückzuholen.

Es ist der Weg der Heilung. Es ist die Botschaft der neuen Zeit. Es ist die große Verheißung hinter dem kleinen Satz „Let God do“. Wer unter solcher Führung steht, der braucht sich nicht mehr zu sorgen, denn „Nicht ihr seid es, die da reden, sondern der heilige Geist ist es.“ (Mk.13:11) Es gibt jemanden, der uns vertritt, wo wir selbst nicht weiterkommen. Eine Intelligenz über unserer eigenen, ein Wissen, welches sich einschaltet, wenn wir die entsprechenden Kanäle öffnen – als wären auf einmal alle hundert Prozent unseres Gehirns aktiviert anstelle der geschätzten zehn Prozent unseres gewohnten Lebens. Hier haben wir eine Linie in der spirituellen Evolution des kommenden Menschen: **die Übergabe unseres Lebens von der eigenen Regie an eine höhere Intelligenz, die letztlich doch unsere „eigene“ ist. In dieser Übergabe liegen Sinn und Ziel der gegenwärtigen Transformation.**

Chapter 2.3 Die Heilige Matrix

Warum gibt es durch die Kulturgeschichte der Menschheit hindurch eine universelle Zeichensprache, die überall wiederkehrt? Warum befindet sich im genetischen Code und im I Ging dasselbe mathematische Grundmuster? Warum haben die Baumeister früherer Zeiten versucht, ihre Bauten nach bestimmten Zahlenmustern der „heiligen Geometrie“ zu entwerfen? Weil es im Universum ein universelles Muster gibt, welches durch alles Existierende hindurchleuchtet. Ein phantastisch anmutendes Beispiel für diesen Tatbestand ist die mathematische Analogie von I Ging und genetischem Code. In beiden Fällen handelt es sich um eine Art von Weltformel. Im I Ging ist es eine Weltformel aus dem Bereich der Weisheitslehren, im genetischen Code ist es eine Weltformel aus dem Bereich der Biogenetik. Die Strukturen beider Weltformeln sind mathematisch fast identisch; dasselbe kosmische Grundmuster in zwei Weltbereichen, die unterschiedlicher nicht sein könnten!

Die Heilige Matrix ist das kosmische Muster, das „morphogenetische Feld“ des Universums, welches der Organisation des universellen Lebens zugrunde liegt. Es steuert die Informationen und Energien, die für die Entwicklung und Erhaltung des Lebens notwendig sind. Wenn sich der Mensch mit dieser Steuerung verbindet, öffnen sich die Kanäle für die Heilungskräfte. Wenn er seine irdische Existenz, seine Wohnsysteme, Energiesysteme,

Wasser- und Nahrungssysteme an der Heiligen Matrix orientiert, öffnen sich globale Kanäle für globale Heilungskräfte. Das Prinzip der globalen Heilung liegt in der Übereinstimmung unseres Handelns mit den Energierichtungen und Sinnlinien der Heiligen Matrix. Diese Übereinstimmung ist im Bauplan der Schöpfung vorherbestimmt, denn die Heilige Matrix befindet sich auch im genetischen Muster des Menschen als molekulare Grundstruktur des genetischen Codes. Sie befindet sich im Seelenleben als Urmatrix der Liebe, und sie befindet sich im Zusammenleben der Menschen als Urmatrix der Gemeinschaft. Heilung entsteht durch die Aktivierung der Urmatrix.

Die Urmatrix der menschlichen Gemeinschaft verlangt eine neue Form des Zusammenlebens mit allen Wesen der großen Lebensfamilie. Es muss eine neue Form des „Kommunismus“ oder „Sozialismus“ sein. Die Begriffe sind historisch abgewirtschaftet, aber inhaltlich fangen sie gerade erst an, sich mit Sinn und Zukunft zu füllen. Der neue Sozialismus enthält alles, was zur Urmatrix der Gemeinschaft gehört, die Befreiung der Sexualität, die Kooperation mit der Natur, die Kommunikation mit kosmischen Wesen. Es ist eine Aufgabe unserer Zeit, diese Urmatrix in eine neue politische Sprache zu übersetzen und die „Regierungsformen“ zu finden, mit denen sich die Zellen der neuen Weltgesellschaft gewaltfrei koordinieren.

Es gibt ein genetisches Grundmuster, welches unser Verhalten steuert. Durch die kulturelle Prägung einer menschlichen Gesellschaft werden bestimmte Informationen in diesem Grundmuster (bestimmte Segmente der DNS) aktiviert und andere deaktiviert bzw. eingeschläfert. Das Ergebnis ist die kollektive Orientierung einer Gesellschaft an einer Matrix aktivierter Informationen. Die Friedensarbeiter unserer Zeit haben die Aufgabe, diese Matrix zu verändern und neue Informationen zu entwickeln, die sich an den Regeln der Heiligen Matrix orientieren. Das soll nicht nur symbolisch geschehen wie in der heiligen Geometrie, sondern konkret und dynamisch im Aufbau der neuen Systeme. **Sobald die neuen Systeme kompatibel sind mit der Heiligen Matrix, können sie sich weltweit durchsetzen, denn alle Menschen sind an diese Matrix angeschlossen.**

Chapter 2.4 Die Christus-Tatsache

Die Heilige Matrix ist im Menschen genetisch abgebildet durch ein Informationsmuster, welches wir den „Christus-Code“ nennen können. Ich weiß, welchen Unmut ich bei vielen Lesern bewirke, wenn ich von „Christus“ spreche, aber ich kenne keine andere Vokabel für

das Gemeinte. Gemeint ist nicht der historische Jesus und auch nicht die christliche Kirche, in deren Namen die wahre Christuskraft verfolgt und unterdrückt wurde. Der Christus-Code steckt in allen Menschen, egal welcher Religion und Kultur sie angehören. Ob es dafür in anderen Kulturen einen anderen Namen oder überhaupt einen Namen gibt, entzieht sich meiner Kenntnis. Ich bitte deshalb um Nachsicht und Verständnis, wenn ich weiterhin das Wort „Christus“ verwende. Im Laufe einer langen historischen Verdrängung ging das Christus-Bewusstsein in der Menschheit weitgehend verloren; wir müssen es auf neuer Ebene wiederfinden, um die Heilungskräfte zu gewinnen, welche allem Leben innewohnen. Wir leben seit Jahrtausenden in einem Hologramm von Angst und Gewalt; auf dem Grund der kollektiven Seele liegt ein morphogenetisches Feld des Krieges. Alle Menschen sind an dieses Feld angeschlossen, aber nicht alle sind deshalb „böse“. Viele haben sich eine ursprüngliche Ethik des Guten bewahrt und befolgen diese Ethik, soweit dies möglich ist. Sie folgen damit einer Kraft, die wir den „Christuskern“ des Menschen nennen können. **Der Plan der Heilungsbiotope folgt dem Ziel, für diesen Christuskern eine gemeinsame soziale Basis zu schaffen. Die neue Zivilisation basiert auf einer „globalen Vernetzung der Christuskern“.**

Christus ist eine kosmische Entität, die als hohes archetypisches Bild in der Menschenseele angelegt ist. Wir alle kennen das Bild, wir lieben es, auch wenn wir es abwehren. Die Christusgestalt steht als kosmisches Muster über allen Konfessionen. Sie gehört zum Menschen, nicht zu einer Kirche. Diese Tatsache allein kann die Welt verändern. **Sobald es einigen Gruppen gelingt, die innere Christusnatur zu aktivieren, könnte eine morphogenetische Welle ausgelöst werden, die alle erfasst, denn in allen steckt das Christusmuster.** Die Anerkennung der Christus-Tatsache ist keine Frage des privaten Glaubens, sondern ein Gebot des aufgeklärten Menschen. Sobald wir verstehen, was hier gemeint ist, verändern sich unsere Vorstellungen der Liebe und der Heilung. Nichts kann die Liebesbeziehung zweier Menschen tiefer verändern als die Entdeckung ihres Christuskerns. Und nichts wird unsere Vorstellungen der Heilung tiefer verändern als die Entdeckung der Christuskraft.

Es ist heute schwer, sich über das Christus-Phänomen zu verständigen. Die meisten Menschen, die in den letzten fünf Jahrtausenden den Mut hatten, ihrer entelechialen Christusgestalt zu folgen, wurden umgebracht. Sie passten nicht in das System, sie erhoben

sich gegen die Methoden von Unterdrückung und Gewalt und mussten deshalb beseitigt werden. Sie landeten wie Johannes Hus auf dem Scheiterhaufen oder wie Dietrich Bonhoeffer in Hitlers Konzentrationslagern. Jesus, der Mann, in dem sich das Christusmuster so stark manifestiert hatte, starb am Kreuz. Das System war stärker als die in Jesus wirkende Gotteskraft. Dieser Vorgang des „Christusmords“ war nicht auf eine spezielle Religion, ein spezielles Land oder eine spezielle Zeit beschränkt, sondern er zog sich durch sämtliche Machtsysteme der imperialistischen Epoche und läuft heute weiter in der Propaganda der Medien, in den Maßnahmen der Politik und in den Folterkellern der Geheimpolizei. Wer heute in einer öffentlichen Position, zum Beispiel im Bundestag oder im Aufsichtsrat von Siemens, von der Aktivierung der immanenten Christusnatur sprechen würde, würde als

„Gutmensch“ verlacht und von der Presse entsprechend verhöhnt, anschließend würde er wegen Inkompetenz seines Amtes enthoben. Das morphogenetische Feld des Krieges erträgt keine Christusmenschen. Die gegenwärtige Menschheit hat sich deshalb von ihrer Christusseele weit entfernt. Und doch liegt allein hier, in der Christusseele der Menschen, die Chance einer epochalen Wandlung – Metanoia.

Jesus, Mani und viele andere, die ihrer Christusseele die Treue hielten, scheiterten an der Übermacht des Systems. Hier stand ein Einzelmensch dem System gegenüber. Ein Einzelmensch gegen das morphogenetische Feld des Krieges – er hatte keine Chance. Wenn wir heute siegen wollen, dann müssen wir ein neues „System“ aufbauen, welches die Christuskraft in der sozialen und ökologischen Ordnung neuer Gemeinschaften verankert.

Dieses System heißt „Terra Nova“. Es ist dann nicht mehr ein Einzelner, der seine Kraft durchsetzen muss, sondern es ist die Bandbreite eines komplexen Systems von Menschen, Tieren, Gewässern und unsichtbaren Helfern, welches in Resonanz steht mit der Heiligen Matrix. Hier liegt ein Schlüssel! Wir treten nicht mehr als Privatpersonen in die Öffentlichkeit, sondern als Vertreter von Terra Nova, einer höheren Entität in der geistigen Hierarchie des Universums. Es ist nicht mehr ein persönlicher Mut, der sich durchsetzen muss, sondern es ist die geistige Macht des neuen Systems. Sie wirkt sich in kleinsten Dingen aus. Wenn ein Aktivist eine Anordnung des bestehenden Systems überschreitet und zur Rechenschaft gestellt wird, dann ist es energetisch ein großer Unterschied, ob er sagt: „*Ich kann diese Anordnung nicht akzeptieren*“ oder: „*Ich arbeite für Terra Nova*“.

Christus ist ein Urbild der menschlichen Seele. Der Tiefenpsychologe C.G. Jung sprach bei solchen Urbildern von den „Archetypen“ des kollektiven Unbewussten. Christus ist ein Archetyp des kollektiven Unbewussten. Ein Archetyp enthält große Kräfte und zieht, wenn er aktiviert wird, weitere Kräfte an. Wenn also der Christus-Archetyp aktiviert wird, werden Kräfte mobilisiert, die sonst nicht in Erscheinung treten. Es sind vor allem Kräfte der Liebe, des Heilens und höhere Kräfte des Sehens und der Verwirklichung. Es ist eine grundlegende Zielsetzung der neuen Gemeinschaften, den inneren Christusarchetyp der Teilnehmer voll ins reale Leben zu bringen. Wenn wir Fotos von dem jungen Vladimir Putin sehen, dann können wir uns vorstellen, wie sich dieser gewalttätige Mensch entwickelt hätte, wenn früh seine inneren Christuskräfte aktiviert worden wären und nicht seine Kräfte von Trauer, Misstrauen und schließlich Hass. Hier hat, wie so oft, ein junger Mann sein Herz verschlossen, weil er in einer Umwelt lebte, die nicht geeignet war, seinen Christus-Archetyp zu aktivieren. Wenn wir diese Tatsachen zur Kenntnis nehmen, wird es unausweichlich, dass wir eine menschliche Gesellschaft aufbauen müssen, in welcher der immanente Christus aktiviert wird und nicht, wie bisher, der immanente Teufel. Das ist einer der Basisgedanken für die Erschaffung einer lebenswerten Zukunft. Ein Kind, welches in einem Milieu von Liebe und Vertrauen aufwächst, kann kein Verbrecher werden, es wird seine Christusnatur verwirklichen

Christus ist eine futurologische Gestalt, ein Zukunftsbild des Menschen. Er ist in uns angelegt wie der Schmetterling in der Raupe. Es spielt keine Rolle, wie wir ihn nennen, wichtig ist allein die Anerkennung der Christus-Tatsache und die Entscheidung, mit dieser Tatsache zu arbeiten. In Platons Ideenlehre finden wir das „Agaton“, das absolut Gute. Diese Idee wäre nicht entstanden, wenn das Agaton nicht als latente Möglichkeit im Menschen angelegt wäre. Die Berichte, die Jacques Lusseyran über seine Erlebnisse im Konzentrationslager Buchenwald geschrieben hat, liefern bewegende Einblicke in die Christusnatur von Mithäftlingen, die vorher als Kriminelle galten. Hier liegt zweifellos ein großes Potential des zukünftigen Menschen, welches sich dann realisieren wird, wenn sich der bewusst werdende Mensch aus seiner Verpuppung befreit und zu seiner eigentlichen Gestalt hinaufgearbeitet hat.

Die kollektive Verwirklichung der Christusseele ist die Voraussetzung einer Zukunft ohne Krieg. Wenn das Wort „Christus“ zu männlich erscheint, dann können wir auf weiblicher Seite von der „marianischen“ Natur sprechen. In jedem Menschen kann sich

Christus manifestieren, so wie er sich in Jesus manifestiert hat. Das ist die innere Gestalt des höheren Menschen, des „Adam Kadmon“ in der Kabbala, es ist die Kernfigur des Menschen in einer humanen Welt. Wir tragen sie in uns in jener Form, die wir oft als unser „höheres Selbst“ bezeichnen. Wo wir uns unserer Christusnatur nähern, da öffnet sich ein ganz spezielles Lebenstor, wir sehen die Welt im Geist der Liebe. Die Geschichte des Projekts Tamera ist die Geschichte einer solchen Hinführung, sie hat gerade erst begonnen. Alle Gruppen und Projekte, die heute am großen Plan mitarbeiten, werden diesen Prozess durchlaufen. Sobald es gelingt, die Urbilder der Liebe von allen Sentimentalitäten und allen moralischen Zeigefingern zu befreien, werden die Mitglieder der neuen Gemeinschaften das große Ziel erkennen, für das wir alle unterwegs sind. Der Satz „Gott ist die Liebe“ hatte lange Zeit seinen Sinn verloren. Vielleicht können wir ihn heute neu verstehen. Terra Nova ist eine Liebesaffäre.

Jesus hatte eine globale Feldwirkung, weil er den kosmischen Christus verkörperte. Er stand damit in Resonanz mit einer Kraft, die in allen Menschen latent vorhanden ist. Er weckte diese Kraft in vielen Menschen und weckt sie heute noch. Dass sich das „Jesus-Feld“ historisch nicht wirklich ausbreiten konnte, lag daran, dass sein Evangelium sofort von den Gegenkräften der römischen Welt und später von den Gegenkräften der Kirche diabolisch verfälscht wurde. (Siehe dazu die Arbeit von Karlheinz Deschner.) Wenn wir uns heute durch einen neuen Kulturansatz von diesen alten Mächten befreien, können wir auf neuer Ebene die Botschaft aufnehmen und in die „Nachfolge“ treten. Vor allem müssen wir die Christuskraft hineinragen in denjenigen Kernbereich unseres Lebens, in dem sie bisher noch kaum zu Hause war: in den Bereich der Geschlechterliebe. Vor allem hier, in der Begegnung von Mann und Frau, kann sich reale Christuskraft manifestieren, um die große Neugeburt in Gang zu bringen. Ich wünsche, alle Leser könnten erleben, wie dieser Vorgang sich in der sozialen Wirklichkeit einer lebendigen Gemeinschaft abspielt. In der Geste des Verlangens manifestiert sich Sexus, in der Geste der Liebe manifestiert sich Christus. Wir werden staunend erleben, dass dies kein Gegensatz ist.

Christus ist der genetische Abdruck der Heiligen Matrix im Homo sapiens. Indem wir bewusst dieses genetische Muster aktivieren, betreten wir eine neue Stufe der menschlichen Evolution im erotischen und sozialen wie im politischen Bereich. Indem wir die Christus-Matrix aktivieren, öffnen wir den Zugang zu den göttlichen Weltkräften.

Die Cherokee-Indianerin Dhyani Ywahoo hat geschrieben: *„Mit der bewussten Entscheidung, in heiliger Weise zu leben, ziehen wir das Verständnis, die Lehren und die Informationen an uns heran, die uns helfen werden, unsere Gaben zum Wohle aller zu entfalten.“*

Gibt es eine konkrete Utopie des Menschen? Darauf gibt es eine klare Antwort: Ja, die gibt es. Es ist der Mensch, der seine Christusseele verwirklicht hat. In der Christusseele steckt eine ganz spezifische Verbindung von Kraft und Liebe; das ist Festigkeit ohne Härte, Weichheit ohne Schwäche, Klarheit ohne Kälte. Die Gemeinschaften der Zukunft bestehen aus Menschen, welche die innere Christusnatur aneinander entdeckt haben. Zwischen ihnen kann es keine Feindschaft geben. Die Christusseele und die marianischen Seelen haben einander gesehen und sich als gleiche erkannt. Von da an entwickelt sich eine menschliche Kultur des Vertrauens und der absoluten Solidarität. Dies ist das Bild einer universellen Menschlichkeit, die eigentlich mit dem Wort „Humanität“ gemeint war. Wer dieses Bild sehen kann, leistet schon dadurch einen Beitrag zur Verwirklichung

Die Christus-Tatsache hat einen mächtigen Effekt auf unsere menschlichen Beziehungen, vor allem in der Liebe. Sie löst nämlich die „Beziehung“ auf und stellt uns auf eine höhere Basis der Liebe. Man bezieht sich nicht aufeinander, wenn man sich im Christusfeld begegnet. Man sieht sich, erkennt sich und unterstützt sich, aber man bezieht sich nicht aufeinander im Sinne einer persönlichen Beziehung, denn man ist gemeinsam auf ein Drittes bezogen. Durch das Konzept der „persönlichen Beziehung“ ging bisher jede Liebe kaputt. Es ist das System, in dem man immer meint, füreinander da zu sein, und immer verletzt ist, wenn der andere die Spielregeln dieses Füreinanders nicht einhält. Fast jede persönliche Beziehung füllt sich im Laufe der Jahre mit einem Untergrund von Enttäuschung, Ärger oder Langeweile. Das System der persönlichen Beziehung ist verbunden mit Verletzung, Vorwurf, Aufrechnung und Angst vor Trennung. Wenn hingegen Menschen sich im Christusfeld begegnen, dann begegnen sie sich von vornherein auf einer anderen, aber beiden gemeinsamen Ebene – und beide kennen diese Ebene, beide wissen, dass sich nur hier die Liebe verwirklichen kann. Auf einmal wird die Liebe sehr groß und sehr sachlich. Wir arbeiten für die Liebe, auch wenn wir streiten. Da wird niemand persönlich verletzt. Wenn doch eine Verletzung geschieht, dann liegt es daran, dass unsere Seelen noch mit dem alten Betriebssystem verbunden sind. Wer an der Transformation arbeitet, nimmt solche Missverständnisse in Kauf. Die Belohnung ist groß, denn man findet tatsächlich den Schatz der Liebe. Wenn dies zwischen zwei Menschen

geschieht, dann können sie „heiraten“, denn dann brauchen sie keine Trennung mehr zu befürchten. Jetzt kann ein großer Traum in Erfüllung gehen, der Traum der Liebe. Der ist genetisch in unsere Seelen eingeschrieben. Jeder Mensch ist ein potentieller Christus. Wenn man mich fragt, warum ich meiner Partnerin Sabine Lichtenfels ein Leben lang treu bleibe, dann ist die Antwort einfach: weil ich in ihr von Anfang an die Christusnatur (die marianische Seele) gesehen habe. Sobald sich die Christusnatur des Menschen in den ersten Gruppen verwirklicht, entsteht ein neues morphogenetisches Feld der Liebe. Mit diesem Feld gelingt der große Kulturwechsel. Ohne dieses Feld gelingt er nicht.

Die morphogenetische Feldebildung, an der wir arbeiten, kann nur in dem Maße gelingen, wie sich die Christusseele unter Menschen ausbreitet und manifestiert, denn Christus ist die entelechiale Basis der neuen Kultur.

Das Christus-Bewusstsein war bisher nur in einzelnen Menschen vertreten, es war noch kein kollektives Feld. Es konnte kein Feld werden, denn die ganze Gesellschaft war anders organisiert. Heute stehen wir vor der Aufgabe, eine gesellschaftliche Organisation zu schaffen, welche der Christusmatrix entspricht und die Menschen auf einen kollektiven Weg der Liebe führt. Das ist jetzt kein Traum mehr, sondern eine objektive Aufgabe und der objektive Kern von Terra Nova.

Chapter 2.5 Ananda

Neben der gequälten Welt gibt es noch eine andere: die Welt der Freude, Ananda. Deren Gesetze sollen die Grundlage bilden für die neue Kultur. Ananda nennen indische Yogis den Urzustand des Seins. Ananda bedeutet so etwas wie Urfreude. Urfreude ist ein Teil des Lebens, solange es nicht gestört ist. Spielende Hunde und Katzen sind voll von Ananda. Wir sind berührt von ihrem Spiel, denn wir wissen instinktiv, was sie tun. Auch wir Menschen tragen das „Ananda-Gen“ in uns. Auch die Pflanzenwelt ist voll davon. Ananda ist der Quell des Lebens. Es ist bewegend zu sehen, wie schnell sich eine fast verdurstete Landschaft regeneriert, wenn in ihr Wasser-Retentionsbecken angelegt worden sind. In kürzester Zeit hat sich die erodierte Trockenzone in ein blühendes Biotop mit vielfältiger Flora und Fauna verwandelt. Beispielhaft dafür sind die Teichlandschaften des Permakultur-Spezialisten Sepp Holzer sowie die Teichlandschaften in Tamera. Man muss es gesehen haben, um es zu glauben. Es ist, als wäre in der Natur das Programm der Lebensfreude immer gegenwärtig und könnte sich sofort verwirklichen, sobald der Mensch die Voraussetzungen dafür schafft.

Die Urmatrix der Natur wartet nur darauf, vom Menschen verstanden und neu geweckt zu werden. Dasselbe gilt für unser Verhältnis zu Tieren. Tiere begegnen dem Menschen mit vorbehaltloser Freude, wenn sie gemerkt haben, dass sie vor ihm keine Angst mehr haben müssen. Wir haben in Tamera viele Beispiele des zunehmenden Vertrauens von Tieren erlebt: Wasserschildkröten kamen auf uns zu geschwommen, bis sie uns berührten, Wasserschlangen wickelten sich um die Beine. Eine Schlange legte sich auf den Bauch einer Frau. Schweine sprangen vor Freude in die Luft, wenn wir morgens das Haus verließen und zu ihnen kamen. Eines drehte dabei in der Luft eine perfekte Pirouette. Adler und Geier ziehen ihre Kreise. Wir spüren die Freude der gegenseitigen Entdeckung zwischen allen Lebewesen. Wir kennen die schönen Fotos, Bilddokumente des Vertrauens zwischen Tier und Mensch: Tierwärter, die von Löwen umarmt werden, oder ein Kleinkind, das einer Riesenschlange den Kopf bürstet. Könnte diese Welt nicht wirklich ein Paradies sein? Nach einem Zeitalter der Angst und Trennung sehnt sich alles nach Kontakt und Vereinigung. Die Welt erwacht aus der Erstarrung und beginnt mit einem Freudentanz wie die Antilopen in der Wüste Namib, wenn nach langer Trockenzeit der erste Regen kommt. Das ist pure Schöpfungswonne. Hier liegt konkrete Utopie in Hülle und Fülle. Hier ist Terra Nova.

Betrachten wir daneben nur ganz kurz die Dinge, die alltäglich in Schlachthöfen, Pelztierfarmen oder Tierlabors geschehen, betrachten wir es fast wie einen historischen Rückblick. Krasser könnte kein Gegensatz sein. Hier stehen wir alle definitiv vor der Entscheidung: Wie lange wollen wir uns noch direkt oder indirekt an solcher Barbarei beteiligen? Das Thema der Mittäterschaft ist ein ethisches und ein politisches Thema. Die autarken Systeme, die im Namen von Terra Nova errichtet werden, sind schon aus ethischen Gründen unumgänglich, weil sie uns aus der Abhängigkeit von einem grausamen Produktions- und Konsumsystem befreien. Wir können nicht voll eintreten in die Kooperation mit der göttlichen Welt, solange wir ihre Geschöpfe quälen oder kontaktlos ignorieren, denn wir alle sind Teile desselben Lebens und Mitglieder derselben Familie. Die Wiederherstellung dieser ursprünglichen Einheit ist eine Grundvoraussetzung für eine Zukunft ohne Angst. Die heilige Allianz der großen Lebensfamilie will wieder zusammenkommen. Wir sehen ja, dass es so sein könnte in der Schöpfung. Wir sehen eindeutig eine Welt ohne Angst. Kein Tier hat Angst vor dem Menschen, wenn der Mensch keine Angst mehr hat vor Tieren und deshalb kein Tier mehr quält. Kein Mensch hat Angst vor dem Menschen, wenn es keinen Grund mehr gibt für Hass und Gewalt. Wir befinden uns in heiliger Allianz mit allen Wesen, so steht es im Schöpfungsplan geschrieben – und wenn es

noch nicht der Plan der alten Welt war, dann ist es der Plan der neuen Welt, den wir in der kommenden Stufe der Evolution verwirklichen wollen. An die Stelle der Urangst tritt eine Lebensfreude, eine Urfreude, die an keine Bedingung gebunden ist, **denn das Leben ist Urfreude**. Das zeigt uns jede Katze, jeder Hund und jedes Kind, sogar Kinder in den Flüchtlingslagern der Kriegsgebiete. Das Leben ist Urfreude, das hatten wir fast vergessen. Zum Fest der Natur gesellt sich das Fest der Liebe. Der heilige Gral befindet sich jetzt nicht mehr in düsteren Wäldern, sondern in der Daseinswonne aller Kreatur. Wenn uns das Entsetzen über die Vorgänge in der Welt überwältigen will, dann sollen wir wissen, dass Ananda eine bessere Grundlage ist, um die Welt zu heilen.

Chapter 2.6 Das Heilige Land

Es ist ein Fest, mit allen Mitgeschöpfen der Natur die neue Erde aufzubauen. Wo Menschen sich gemeinsam in einem solchem Fest befinden, da entsteht das Heilige Land. Der Jesus-Traum von der Ankunft des „Reiches“ geht in Erfüllung, und das „Himmlische Jerusalem“ ist herunter auf die Erde gekommen. Wir sind angekommen im verheißenen Land „Kanaan“, aber dieses Land liegt nicht westlich oder östlich vom Jordan, sondern überall, wo Menschen auferstehen. Dafür muss kein Volk vertrieben und kein Biotop zerstört werden. Wir kennen die sakralen Mythologien vom „Heiligen Land“ und vom „Königreich Gottes auf Erden“. Der Gedanke, das irdische Reich in ein Gottesreich zu verwandeln und umgekehrt, begann früh in der patriarchalen Geschichte. Die großen ägyptischen Pyramiden erstellten eine kosmologische Verbindung zwischen Menschenwelt und Gotteswelt, und der Pharao Echnaton gründete die Sonnenstadt Amarna, um die göttliche Welt auf die Erde zu bringen. Aber diese Versuche scheiterten, weil sich eine ursprüngliche Erleuchtung, die durchaus echt gewesen sein kann, in einen imperialistischen Machtrausch verwandelt hatte. Es fehlte die transformierende Kraft der Liebe.

Es war Jesus von Nazareth, der vor 2000 Jahren vorgeführt hat, wie die Verbindung des irdischen Lebens mit der göttlichen Welt im Sinne der Liebe aussehen könnte. Jesus ist bis heute für sehr viele Menschen eine Leitfigur für das Leben, wie es „eigentlich“ sein sollte. In gewisser Weise stehen wir heute in seiner Nachfolge, indem wir versuchen, seinen Weg fortzusetzen unter Einbeziehung der dafür notwendigen gesellschaftlichen Voraussetzungen. Viele Versuche sind seitdem unternommen worden, um Gottesreich und Menschenreich zu vereinigen. Man hat versucht, neue Bausysteme im Sinne sakraler Proportionen zu entwickeln; von Jerusalem bis Brasilia weht ein Wind in dieser Richtung. Aber bei allen

Versuchen, Gott auf die Erde zu bringen, wurde der Eros vergessen. Ich habe in meinem Buch „Die Heilige Matrix“ gezeigt, wie in allen Sozialutopien bis heute das Thema Nummer Eins ausgeklammert war. Es ist ungeheuerlich zu sehen, wie die Menschheit in ihrer geistigen Entwicklung alles unternommen hat, um den Weg zu Gott zu finden – und wie bei fast allen Versuchen das Kernthema unseres Lebens ausgeklammert blieb. Hier liegt ein Thema, so heiß wie die Atombombe, an dem wir uns alle die Finger verbrannt haben. Ein Thema, welches im Laufe der Geschichte so furchtbar mit Eifersucht, Blut und Rache verbunden wurde, dass niemand es neu aufnehmen wollte. Aber ohne das Thema Sexualität zu lösen, ohne diese wunderbare Verheißung zwischen den Geschlechtern auf eine gute und gewaltfreie Weise einzulösen, wird es keine freie Welt geben.

Das Heilige Land ist nicht an eine Religion gebunden, und es ist auch nicht auf Israel und Palästina beschränkt, denn es ist überall, wo Menschen diese große Sache sehen und realisieren. Es wird ein leuchtender Teppich sein, der sich über die Länder webt und nach und nach die Erde umfasst. Wir arbeiten an einem Urgrund des Lebens, der allen Bewohnern dieses Planeten gemeinsam ist. Das soll immer wieder ins Bewusstsein kommen: Die Heilungsbiotope, die neuen Zentren und Kommunen entstammen einer Weltbewegung und einer Ethik, die von allen Bürgern unseres Planeten gewünscht und unterstützt wird. **Es ist nicht das Ego kleiner Gruppen, sondern das globale Selbst unseres Planeten, welches diese Bewegung hervorbringt.** Wir Menschen sind ein Teil der Welt. Wir haben die Welt verletzt und wollen sie jetzt im Sinne ihrer eigenen Matrix wieder heilen. Das Heilige Land ist das Testament des 21. Jahrhunderts, es gilt für alle Völker der Erde. Alles Leben soll geheilt werden. Das ist die Botschaft. Es ist die ultimative Aufgabe der neuen Gruppen, diese Botschaft „herunterzuladen“ und zu verwirklichen.

„Wenn ihr wollt, ist es kein Märchen!“ hat Theodor Herzl seinen jüdischen Freunden zugerufen, als er ihnen die Vision eines neuen israelischen Volkes nahebringen wollte, aber er ignorierte dabei die palästinensischen Siedlungen, die dort schon existierten, und er kannte noch nicht die inneren sexuellen, sozialen und ökologischen Voraussetzungen einer humanen Welt. *„Wenn ihr wollt, ist es kein Märchen“* – so können wir heute noch einmal sagen, wenn wir dabei eine vereinigte Menschheit meinen, die in tiefer Kooperation mit den Schöpfungskräften das Paradies auf die Erde bringt, wie es im entelechialen Programm aller Wesen vorgesehen ist.

Dies ist die höchste und vorerst letzte Schlussfolgerung, zu der uns die gegenwärtige Reise durch alle wissenschaftlichen und religiösen Verheißungen führt: dass wir in eine Welt eintreten werden, in der wir unsere Umgebung lieben und pflegen, weil wir in ihr die göttliche Gegenwart erkennen. Jede Pflanze wird zu einem Zeichen der höheren Welt, weil in ihr das Geheimnis offenbar geworden ist. Wer wirklich eine Blüte gesehen hat, kehrt mit verändertem Leben daraus zurück.

Chapter 2.7 Wasser, Nahrung und Energie stehen der Menschheit kostenlos zur Verfügung

Die Natur produziert im Überschuss, was der Mensch braucht: Sauerstoff, Wasser, Nahrung. Alle Menschen und alle Tiere der Erde könnten sich ernähren, wenn die Methoden der Weltwirtschaft sich nicht am Kapitalgesetz, sondern am Naturgesetz orientieren würden. Die Urmatrix der Natur wartet nur darauf, vom Menschen verstanden und neu geweckt zu werden.

Die Erde wird zerstört durch die politischen und wirtschaftlichen Maßnahmen der kapitalistischen Globalisierung, besonders durch die Kämpfe um Wasser, Nahrung und Energie. Für die Produktion von Energie, Lebensmitteln und anderen Konsumgütern werden ganze Regionen verwüstet und ihrer natürlichen Ressourcen beraubt. Wenn wir hineinleuchten in die Schicksale der unzähligen Lebewesen, die den Maßnahmen der Globalisierung zum Opfer fallen, dann erkennen wir die absolute Notwendigkeit neuer Autarkie-Konzepte, welche der Erdbevölkerung die Möglichkeit geben, unabhängig von Kartellen und Syndikaten ihre materiellen Lebensbedingungen zu erfüllen. **Dezentrale Autarkie im Sinne einer größtmöglichen Selbstversorgung ist eine Voraussetzung für die Entwicklung einer gewaltfreien Zivilisation.** Ein Energiekonzept, welches Stauseen benötigt, kann nicht im Sinne der Schöpfung sein. Was geschieht mit den Menschen, die dort leben, wo die Konzerne neue Ressourcen erschließen wollen? Was geschieht mit den Tieren und mit dem ganzen Feingewebe der Natur, welches im großen Organismus des Lebens seine Aufgaben erfüllt? Können wir hineinschauen in die Millionen von Höhlen, Nischen, Nestern und Kleinbiotopen, in denen die Tierwelt ihre Heimat hatte, und die jetzt gnadenlos überflutet werden? Zentimeter für Zentimeter! Ein Symbol für die unaufhaltsame Walze der Vernichtung, die heute über den Erdball rollt. Was ist in der Natur von Portugal passiert, als sie den Staudamm Alqueva gebaut haben? Was geschieht zur Zeit in Brasilien durch das Staudamm-Projekt Belo Monte, wo über vierzigtausend Ureinwohner von ihren

Heimatplätzen vertrieben werden? Was geschieht in der Seelenwelt der Natur und was in der Seelenwelt der menschlichen Gesellschaft? Es ist unbeschreiblich, mit welchen Methoden von Bestechung, Intrige und gezielter Falschinformation solche Profit-Projekte durchgedrückt werden.

Wir brauchen weder Staudämme noch Atomkraftwerke noch sonstige Megaprojekte, um Energie und Nahrung zu sichern, denn die Natur stellt uns alles im Überfluss zur Verfügung. Wenn einmal die Methoden benutzt werden, die mit den Namen Viktor Schaubergger, Sepp Holzer, Masanobu Fukuoka oder Nikola Tesla und Jürgen Kleinwächter verbunden sind, wird es keinen Mangel mehr geben. Landwirtschaftliche Experimente in China und Afrika haben gezeigt, wie schnell sich die Natur regenerieren kann, wenn sie nicht durch eine naturfremde Art der Bewirtschaftung daran gehindert wird. Kürzlich war John Liu bei uns, der bekannte Filmemacher, der sich für die Wiederbegrünung großer Trockengebiete einsetzt. Er zeigte uns seine Filme und gab uns einen Einblick in die realen Möglichkeiten der Wüstenbegrünung, die wir weltweit nutzen könnten, wenn es eine Lobby gäbe, welche solche Projekte finanziert. Riesige Wüstengebiete in China konnten mit einfachen Mitteln aufgeforstet werden.

Ähnliche Beispiele der Naturheilung hat er in Äthiopien, Ruanda und anderen Ländern dokumentiert. Derartige Modellversuche zeigen, welche Möglichkeiten der Menschheit zur Verfügung stehen, wenn sie nicht mehr durch Konzerne und ihre politischen Agenten blockiert werden.

Rajendra Singh, den man auch den „Wasser-Gandhi“ nennt, hat in Rajasthan (Indien) in etwa 25 Jahren mit Hilfe von traditionellen „Johads“ (kleinen Retentionsteichen) über 8600 Quadratkilometer Wüste wiederbegrünt. Mit einfachsten Mitteln haben die Dorfgemeinschaften diese Retentionslandschaft angelegt, mit der das Grundwasser wieder aufgefüllt wird. Heute können sich Millionen von Menschen von diesem Land ernähren und müssen nicht in die Städte auswandern. Fünf Flüsse führen wieder ganzjährig Wasser. Und der Regen ist zurückgekommen. Um die Natur gegen erneute Ausbeutung zu schützen, haben sie ein Flussparlament gegründet.

Weltweit existieren etliche Projekte, die in ähnlicher Weise aktive Hilfe anbieten, aber noch relativ alleine stehen. Sie brauchen einen internationalen Zusammenhalt, damit das globale Feld für die neue Erde wachsen kann. Die Heilung der Natur, regionale Selbstversorgung und internationale Zusammenarbeit sind Grundbedingungen für die Beendigung des Welthungers.

Jedes neue Zentrum sollte ein Amt für internationale Information und Kommunikation besitzen.

Viele weitere Entwicklungen für dezentrale Versorgung mit Wasser und Energie sind weltweit im Gang. Viele kommen noch nicht zur Produktreife, weil sie nicht übereinstimmen mit den bestehenden Vorstellungen und deshalb nicht finanziert werden. Dazu gehören auch Forschungen zur Nutzung der „Freien Energie“ oder die Entwürfe und Entwicklungen des Ingenieurs und Erfinders Jürgen Kleinwächter für neue Nutzungsmöglichkeiten der Solarenergie und den Aufbau entsprechender energieautarker Lebenssysteme. „Solarvillage“ nennt er sein System, welches in Tamera installiert werden soll.

Kein Kind muss verhungern, wenn eine freie Menschheit anfängt, die vorhandenen Möglichkeiten zu nutzen. Nahrung entsteht überall, wo der Mensch etwas sät. Allen Völkern der Erde muss dieses Recht auf Selbstversorgung schnell und bedingungslos zurückgegeben werden. Wir sind uns klar darüber, dass die neuen Autarkie-Systeme im Konflikt liegen mit den Vorstellungen der anderen Seite. Die von den Globalisierungsmächten angestrebte „neue Weltordnung“ kann keine regionale Autarkie erlauben. Aber die „andere Seite“ besteht auch nur aus Menschen, und das System, dem sie noch dienen, wird wahrscheinlich nicht mehr lange halten. Wir hoffen auf Möglichkeiten der Kooperation. Der Machtkampf zwischen den Kräften des Lebens und den Kräften des Profits muss umgewandelt werden in ein neues Modell der Kooperation, so weit dies möglich ist. Es muss möglich werden, denn die alten Zeiten des revolutionären Kampfes sind vorbei. Es gibt nicht mehr die „heilige, allerletzte Schlacht“. Die Friedensbewegung sollte ein intelligentes Konzept entwickeln für die Kooperation mit denjenigen Teilen des kapitalistischen Imperiums, die den ökonomischen und humanitären Wahnsinn erkannt haben. Wir sollten nicht zu schnell sein mit der leichtfertigen Behauptung, dass solche Gedanken zu naiv seien. Sie sind nicht naiv, denn auch hohe Vertreter des gegenwärtigen Systems kommen nach Tamera, um Möglichkeiten der Zusammenarbeit zu erkunden. Sie sehen, dass ihre Methoden (z.B. in der Wasserwirtschaft) nicht mehr lange funktionieren können. Die Möglichkeiten im Universum sind grenzenlos, wenn einmal das Tor für das universelle Lebenskonzept geöffnet ist.

Chapter 2.8 Die Realität der konkreten Utopie

Terra Nova ist der Traum einer neuen Menschheit auf einer geheilten Erde. Saubere Flüsse, blühende Wiesen, duftende Wälder und eine vereinigte Menschheit im kreativen Kontakt mit allen Mitgeschöpfen – dieser Traum ist mehr als bloßer Wunschtraum, denn er ist real in der gegenwärtigen Welt enthalten. Die Flüsse reinigen sich von selbst, wenn wir sie nicht weiter verschmutzen. Alles Lebendige hat eine intentionale Richtung, eine Entelechie, eine innere Zielgestalt. Die Zukunft ist dem Leben eingeschrieben. Die konkrete Utopie steckt in jedem Wesen als Zielbild seiner Entwicklung, wie der Plan des Apfelbaumes schon in seinem Samenkorn vorgezeichnet ist. Wir alle befinden uns unterwegs zu einem Ziel, das in uns angelegt ist, das wir aber noch nicht erreicht haben. Dieses „Noch-Nicht“ ist kein Mangelzustand, sondern ein innerer Motor des Lebens. Ernst Bloch spricht hier in genauer lateinischer Übersetzung vom großen „Nondum“, dem „Noch-Nicht“ der Geschichte, dem Entwicklungsziel, das als „utopische Latenz“ dem Leben eingebaut ist, so wie der Traum des Baumes in seinem Samen enthalten ist. Der Traum von Terra Nova ist die konkrete Utopie der Menschheit, das große „Noch-Nicht“, das Bloch'sche Nondum, das real als Möglichkeit in ihr steckt. „Das Königreich Gottes ist inwendig in euch“, hat Jesus seinen Anhängern zugerufen. (Lk.17:20-21) Ebenso können wir heute sagen: „Terra Nova ist inwendig in uns“. Wenn wir Freude haben an wissenschaftlichen Formulierungen, können wir sagen: Terra Nova ist das Hologramm, das jetzt abrufbereit in der „impliziten Ordnung“ liegt und durch die richtigen Frequenzen heruntergeladen werden kann. Ob sich diese Utopie manifestieren wird oder nicht, hängt ab von den Schlüsselinformationen, die wir in den globalen Lebenskörper eingeben. Mit jeder Handlung, jedem Wort und jedem Gedanken aktivieren oder blockieren wir den historischen Vorgang, aktivieren wir die konkrete Utopie oder ihr Gegenteil.

Die Zukunft sitzt in jeder Zelle. Aus der berühmten Raupe wird der berühmte Schmetterling. Das ist die Realität ihrer konkreten Utopie. Der Schmetterling ist die latente Utopie der Raupe. Die Raupe weiß nichts davon, und doch lebt in ihr die Matrix ihrer zukünftigen Existenz, nämlich die Information des Schmetterlings. Könnte nicht in analoger Weise auch im Menschen eine entelechiale Information liegen, die bislang nicht verwirklicht werden konnte? Wenn wir vom „höheren Selbst“ sprechen oder vom „inneren Christus“, könnte damit nicht die konkrete Utopie des Menschen gemeint sein, auf deren Realisierung wir zugehen?

In einer Séance fragte ich meine Partnerin Sabine Lichtenfels: Was ist jetzt zu tun, nach den Katastrophen von Fukushima, Oslo, London etc.? Es kam die Antwort: *„Ihr müsst der Welt zum Trotz das Heile sehen, denn das Heile ist parallel immer da. Je mehr ihr dafür die Frequenzen öffnet, desto weiter kann es strahlen und Wunder bewirken.“*

Das Heile ist immer da. Es verwirklicht sich, wenn es von uns gesehen und „angestoßen“ wird. Die konkrete Utopie kann sich verwirklichen, wenn sie von den ersten Menschen gesehen und gewollt wird. **Die Möglichkeit der globalen Heilung muss gesehen und gewollt werden. In jedem Wesen, und sei es noch so deformiert, steckt eine heile, heilige Urmatrix und beginnt sofort zu wirken, wenn sie gesehen, angesprochen und aktiviert wird.** Das sind Lehrsätze, die viel Leid ersparen, wenn sie richtig angewendet werden.

Hinter jeder Krankheit steckt eine heile Matrix, welche sich sofort zu verwirklichen beginnt, wenn sie gesehen wird. Es hängt von unseren geistigen Wahrnehmungen und Gedanken ab, was sich in der Welt verwirklicht. Die immanenten Heilkräfte wirken auch dann noch, wenn die ärztliche Wissenschaft keine Chance mehr sieht. Lusseyran konnte weiterleben, als er nach medizinischen Kriterien längst hätte tot sein müssen (siehe S. 126). **Je mehr es uns gelingt, eine gesellschaftliche Ordnung zu entwickeln, eine soziale, sexuelle, ökologische, politische Ordnung, die mit der höheren Lebensordnung, der Heiligen Matrix, übereinstimmt, desto mehr heilende Kräfte ziehen wir an und desto mehr Utopie kann in Erfüllung gehen. Die Kräfte der Heiligen Matrix realisieren sich in unseren Beziehungen und Handlungen. Das Heilige Land ist eine gewünschte Zukunft, die wir real verwirklichen, indem wir den Weisungen folgen, die wir in uns tragen.**

Alle hohen Geister im Osten wie im Westen wussten, dass die menschliche Evolution einem allertiefsten geistigen Ziel entgegengeht, welches in der vollen Wiedervereinigung des Menschen mit seiner göttlichen Herkunft besteht. Wir stecken heute noch in geistigen Identifizierungen, die wir morgen verlassen werden. Identifizierungen mit dem Leib, den man anfassen kann, und mit der Person, die man rufen kann. Um im vorigen Bild zu bleiben: Wir sind mit der Raupe identifiziert. Wenn wir der Raupe sagen würden, dass sie bald ein Schmetterling sein wird, würde sie uns für verrückt erklären und jede weitere Diskussion abbrechen. Ähnlich beim Menschen. Wenn man dem heutigen Menschen etwas von seiner

göttlichen Natur, die in seinem entelechialen Programm enthalten sei, erzählt, riskiert man Sektenverdacht oder psychiatrische Einweisung. Umso wichtiger ist es, hier eine klare, wissenschaftliche und für jeden denkenden Menschen nachvollziehbare Sprache zu finden. Wir wissen, dass wir erst am Anfang unserer geistigen Entwicklung stehen und dass in uns allen das entelechiale Programm der Christusnatur enthalten ist, welches darauf wartet, erkannt und abgerufen zu werden.

Die unsichtbare Substanz

Ich halte einen Apfel in der Hand. Wer hat ihn erschaffen? Die Weltmacht, die diesen Apfel erschaffen hat, ist auch in der Lage, den globalen Krieg zu beenden. Wir selbst sind aus dieser Weltmacht hervorgegangen – und wir tragen sie in uns. Wir werden lernen, uns ihrer in vollem Umfang zu bedienen. Das gehört zu den Aufgaben der neuen Epoche. Es ist ein Teil des kommenden Unterrichts, an dem wir als Lehrer und als Schüler teilnehmen werden. Wir werden es lernen, uns dieser Weltmacht zu bedienen und dadurch ein geistiges Kraftfeld zu schaffen, welches als unsichtbare Substanz die Welt verändert. In den Upanischaden, einem der ältesten Weisheitsbücher der Menschheit, ist die unsichtbare Substanz das Urschöpferische im Kern der Frucht eines Feigenbaumes, aus dem der Baum erwuchs und auch alles andere hervorgegangen ist. Das Urschöpferische ist die Grundessenz der Welt, die identisch ist mit „Atman“, dem Selbst aller Wesen. Es gibt demnach eine innere Essenz, die in allen Wesen dieselbe ist! Diese unsichtbare Essenz ist die Basis unserer Aussage, dass alle Wesen in dem Einen Sein und dem Einen Bewusstsein miteinander verbunden sind.

Die Wirklichkeit ist keine fertige Substanz, sondern eine Manifestation unsichtbarer Energie- und Informationsfelder, eine Manifestation von Bewusstseinskräften, von Gedanken und Bildern. Im Weltgewebe interagieren dauernd Bewusstsein und materielle Realität. Wir sind immerwährend durch die Macht unserer Gedanken an der Schöpfung beteiligt. Mit einer starken Vision verändern wir die Wirklichkeit. Dem Geist ist nichts unmöglich, denn „der Glaube kann Berge versetzen“. Ob die Welt heilbar ist, hängt auch davon ab, ob wir sie heilen wollen und ob wir für diese Heilung die richtigen Gedanken und Bilder finden. Es ist die unsichtbare Substanz unseres Denkens, die die Welt bewegt. Beide, die Welt und unsere Gedanken, sind aus demselben Stoff, Weltstoff. Den wollen wir in eine kohärente Richtung bringen, bis er das neue Kraftfeld zur Geburt bringt.

Die unsichtbare Substanz umgibt uns permanent in Form von Strahlungen und Frequenzen aller Art. Wenn ich ein Radio einschalte, empfangen diese Frequenzen als Musik. Überall ist die Welt voller Frequenzen, überall ist unsichtbare Substanz. Es gibt Frequenzen, die durch technische Geräte, zum Beispiel Radio oder Fernseher, aufgenommen und umgesetzt werden. Es gibt spirituelle Frequenzen, die – bewusst oder unbewusst – von uns Menschen aufgenommen werden. Es ist verständlich, dass alle Bereiche der unsichtbaren Substanz – der biologischen, der psychologischen, der technischen und der spirituellen – miteinander in Verbindung stehen. Wenn wir es lernen, in allen uns verfügbaren Bereichen die unsichtbare Substanz von Terra Nova aufzubauen, dann entsteht im Lebenskörper eine hohe Kraft der Manifestation – ähnlich wie der Baum aus der unsichtbaren Substanz im Samen kommt.

Terra Nova ist das Bild einer heilen Erde. Dieses Bild ist nicht die Erfindung des Autors, sondern es ist das objektive Bild einer neuen Lebensmöglichkeit auf der Erde. Diese Möglichkeit ist noch nicht verwirklicht, aber sie existiert im holografischen Weltengewebe an jeder Stelle. Wenn wir die unsichtbare Welt von Informationen und Gedanken sehen könnten, dann würden wir in ein leuchtendes Universum schauen. Es ist ähnlich wie bei den Weltraum-Fotos der modernen Astronomie, wo an die Stelle des leeren Raums, an den die Physik früher glaubte, eine Welt voller Lichtgewebe und immaterieller Strukturen getreten ist. Die sichtbare Welt ist aus unsichtbaren Energie- und Informationssystemen hervorgegangen. Nichts ist unmöglich, alles hängt davon ab, welche Informationssysteme wir betätigen. Zweifellos kann es gelingen, eine menschliche Gesellschaft zu erschaffen, in der die Gewaltimpulse gelöscht sind, die Eifersucht nicht mehr zur Liebe gehört und Konflikte nie mehr durch Krieg gelöst werden sollen. Im Nervensystem der zukünftigen Menschheit existieren keine Gewaltimpulse, weil keine Informationen aktiviert werden, die sie auslösen könnten. Auf diese Weise können die alten Angstfilme erlöschen, weil sie nicht mehr durch reale Gefahr bestätigt werden. Das Leben ist dann frei von Angst. Im Zustand der tatsächlichen Angstfreiheit erfahren wir viel Neues, denn es ändern sich unsere Deutungsmuster für das, was wir erleben. Wir reagieren nicht mehr im Sinne alter Angst- oder Feindprojektionen, sondern im Sinne unseres höheren Ichs. Das ist der Beginn eines fundamentalen Programmwechsels in der unsichtbaren Substanz.

Wir befinden uns in kollektivem Wandel. Wir haben das Ego-Zeitalter durchlaufen und betreten jetzt eine neue Formation des Bewusstseins, wir arbeiten am Aufbau eines neuen morphogenetischen Feldes für unsere zukünftige Existenz auf der Erde. Dieses

morphogenetische Feld soll als unsichtbare Substanz die innere Entwicklung auf der Erde leiten. Ich wiederhole den Satz auf unserer Tafel: *„Es gibt die Welt, die wir erschaffen. Und es gibt die Welt, die uns erschaffen hat. Die beiden müssen zusammenkommen. Das ist das Ziel der Reise.“*

„Biomorphie“ heißt das nüchterne Schlüsselwort dieses hohen Gedankens: die Gestaltung unserer Welt nach den Gesetzen des Lebens und nicht nach den Gesetzen des Geldes.

Chapter 2.9 Kräfte der Verwirklichung

Zwei Hauptwege der Verwirklichung gab es in der bisherigen Geschichte: Magie und Technik. Wir werden neue Systeme kennenlernen, in denen Magie und Technik miteinander verbunden sind. Neben den mechanischen Kräften der materiellen und physikalischen Welt gibt es die geistigen Kräfte der immateriellen Metawelt. So wie es neben dem materiellen Körper einen immateriellen Geistkörper gibt, der nicht nach physikalischen, sondern nach geistigen Gesetzen funktioniert. Für die Bewältigung der neuen Aufgaben im Inneren wie im Äußeren brauchen wir neben den mechanischen auch die spirituellen Kraftsysteme. Vor allem die metaphysischen (göttlichen) Kräfte müssen neu entdeckt, neu erfahren und neu beschrieben werden. Das sind die Kräfte von Vision, Konzentration und Gebet. Dafür brauchen wir in den neuen Zentren eine Einrichtung, die wir in Tamera den „politischen Ashram“ nennen. Hier lernen die Studenten, wie die geistigen Kräfte der Heiligen Matrix in die materielle Welt hineinwirken und wie wir deshalb die Welt durch geistige Kräfte verändern können. Es bedarf zunächst einer Grundschulung, wo die geistigen Kräfte entdeckt und aktiviert werden durch Studium und Visionsarbeit, durch Gebet, durch Kunst und durch Visualisierung der angestrebten Ziele. Auch die Steigerung körperlicher Kräfte durch geistige Methoden, wie sie etwa in Eugen Herrigels Buch über „Zen und die Kunst des Bogenschießens“ beschrieben sind, liefern wunderbaren Stoff der neuen Bildung und Ausbildung. Wir müssen diese Dinge nicht gleich können. Wir sollten nur wissen, dass es sie gibt und dass sich in ihnen eine Möglichkeit zeigt, die im Prinzip in allen Menschen steckt, so wie zum Beispiel in jedem trockenen Stück Holz die Möglichkeit von Licht und Feuer steckt. Wir müssen uns dieses Gleichnis gut anschauen. Hinter der sichtbaren Welt steckt eine Parallelwelt voller ungeahnter Möglichkeiten. Es ist eine Schule neuen Typs, die hier entsteht, um uns Menschen neu zu justieren im Gestrüpp des Multiversums. Es geht um eine grundlegende Verbindung mit jener Kraft, die stärker ist als alle Gewalt. Es mag seltsam klingen, nach so vielen Jahrhunderten des religiösen Missbrauchs noch einmal auf religiöse

Begriffe zurückzugreifen. Dazu kann ich nur sagen: Das ist kein Zurück in alte Schablonen, sondern es ist ein Schritt vorwärts in einen neuen Kontinent, der jenseits alter religiöser oder wissenschaftlicher Vorstellungen liegt. Es ist der „immanente Gott“, der uns führt, wenn wir die Arbeit aufnehmen. Wenn die Friedensbewegung sich mit der Macht der Metawelt verbindet, kann sie nicht verlieren. Je fester sie sich dort verankert, desto gewisser ist der Erfolg.

Vision und Wirklichkeit

Wir begegnen neuen Zusammenhängen zwischen geistiger und materieller Welt. Das bisherige Weltbild war materiell orientiert, das kommende wird geistig orientiert sein. Dieser Paradigmenwechsel hat bedeutende Folgen für unser Verhalten im menschlichen Nahbereich. Wenn wir zum Beispiel im Geist ein positives Bild eines Liebespartners oder eines Verhandlungspartners oder gar eines Feindes formen und wenn wir dieses Bild fest und ruhig sehen können, dann formt es sich instantan auch im Zellsystem unseres Partners. Der Partner formt sich unbewusst in Richtung des idealen Bildes. Es ist, als würde ich im Geist etwas schreiben, das dann real auf einem Bildschirm erscheint. Wir haben es in der technischen Computerwelt am laufenden Band mit solchen Übertragungsvorgängen zu tun (siehe S. 212 ff. über die morphogenetische Feldbildung). Je weiter die forschende Menschheit voranschreitet, desto faszinierendere Möglichkeiten werden sich auftun. Wenn das geistige Bild, das wir von einem Menschen formen, übereinstimmt mit seinen genetischen und entelechialen Möglichkeiten, wirkt es im Leibessystem dieses Menschen im selben Augenblick, in dem wir das Bild erstellen. Es handelt sich um eine Neuformulierung alten Mysterienwissens. Um dieses Mysterienwissen zu gewinnen, ist ein Studium erforderlich, ein Wissen von den holografischen und spirituellen Zusammenhängen der Welt. Die Kraft, welche in uns das Idealbild des Partners schafft, ist dieselbe Kraft wie die, welche in ihm die entsprechende zelluläre Bewegung bewirkt. Wir können es erweitern: Die Kraft, welche in uns das Idealbild einer Gemeinschaft schafft, ist dieselbe wie die, welche in der Gemeinschaft die Tendenz zu den entsprechenden Veränderungen bewirkt. Die Kraft, welche die Vision erzeugt, ist dieselbe wie die Kraft, welche die (latente, tendenzielle) Verwirklichung erzeugt. Es ist in beiden Fällen nicht „meine“ Kraft, sondern die der geistigen Metawelt.

Wir hören immer wieder von Fernheilungen, wie sie zum Beispiel von dem amerikanischen Heiler Adam Dreamhealer vollzogen werden. Sie beruhen auf demselben Prinzip der „Übertragung“ eines geistigen Bildes oder Gedankens in ein materielles System. Dies könnte auch in größeren Konfliktfällen angewandt werden, zum Beispiel für die Versöhnung von Friedensarbeitern und Paramilitärs in Kolumbien oder von Israelis und Palästinensern bei Fragen der Wasserversorgung. Es funktioniert immer dann, wenn in der Vision eine reale Möglichkeit gesehen wird, die als latente Realität bereits existiert.

Die gegenwärtige Transformation des menschlichen Bewusstseins führt uns in Forschungsbereiche, die wir früher als zu okkult und mysteriös bezeichnet hätten. Wir erkennen, dass die materielle Welt tatsächlich von geistigen Kräften hervorgebracht und gesteuert wird. Die logische Folge ist, dass wir mit zunehmender Intensität die geistigen Kräfte einsetzen werden, wenn es darum geht, die materielle Welt wirkungsvoll zu verändern. Die Vollmacht, die wir für die anstehenden Aufgaben brauchen, liegt in der Metawelt, aber die ist nicht mehr über uns, sondern in uns. Es ist der immanente Gott, der beides hervorbringt: die Vision und die Verwirklichung.

Das Prinzip der geistigen Magnetfelder

Noch einmal der Satz von Dhyanis Ywahoo: *„Mit der bewussten Entscheidung, in heiliger Weise zu leben, ziehen wir das Verständnis, die Informationen und die Lehren an uns heran, die uns helfen werden, unsere Gaben zum Wohle aller zu entfalten.“*

Mit jeder bewussten Entscheidung wird ein „geistiges Magnetfeld“ erzeugt, welches die Dinge anzieht. Wir sprechen hier vom Prinzip der spirituellen Anziehung. Der Erfolg eines Projekts hängt weitgehend davon ab, wie klar und präzise der zugrunde liegende Plan ist, das Bild der Zielgestalt, das „Geistgerüst“. Viele Gruppen sind ganz einfach daran gescheitert, dass sie kein geistiges Konzept, kein inneres Bild von ihrem Projekt hatten. Wenn das Geistgerüst stark ist, dann wirkt es als Attraktor, es zieht die Dinge an, die zu seiner Verwirklichung nötig sind. Es geschieht „von selbst“! Die Eisenfeilspäne bewegen sich von selbst, um ihre Position im Magnetfeld einzunehmen. Dieses erstaunliche Phänomen lässt sich ein gutes Stück weit auf den sozialen Bereich übertragen: Die Menschen tun von selbst die nötige Arbeit, wenn sie durch einen starken geistigen Plan zusammengeführt werden.

Wenn der Plan mit der Heiligen Matrix übereinstimmt, dann kommt durch die Resonanz mit der kosmischen Ordnung eine zusätzliche Kraft hinzu. Die gemeinsame Arbeit verläuft nach den „Kraftlinien“ des Plans. Der Plan übernimmt die Leitung der Gruppe, das Geistgerüst ist der Chef, wir brauchen keine autoritären Vorgesetzten und keinen Gruppenzwang. Die Schwierigkeit liegt allein darin, das Geistgerüst herzustellen und der Gruppe zu vermitteln. Je größer und komplexer ein Plan, desto schwieriger wird es, ihn einer Gemeinschaft überzeugend mitzuteilen. Der Plan der globalen Heilungsbiotope enthält eine höchste Komplexität, entsprechend neuartig und schwierig ist der Prozess, diesen Plan in einer Gemeinschaft von über hundert Menschen zu verankern. Ich hoffe, dass wir dieses Ziel erreichen, möchte aber hinzufügen, dass der Plan der Heilungsbiotope auch dann gültig und notwendig ist, wenn dieses Ziel in Tamera noch nicht voll erreicht wird.

Das Von-Selbst-Prinzip

In der universellen Lebensordnung wirkt eine Funktionslogik, die sich von der mechanischen Logik technischer Systeme grundsätzlich unterscheidet. Sobald der Mensch sein eigenes Leben gefunden hat und nicht mehr durch äußeren Zwang und Strafangst gesteuert wird, beginnt die große Veränderung. Es kommt zu einem grundlegenden Wechsel der dirigierenden Steuer- und Energiesysteme: Es ist der Wechsel von der Steuerung durch äußeren Druck zur Selbststeuerung des Lebens.

Kinder lernen von selbst die Sprache, ohne je eine Vokabel gepaukt zu haben. Sie lernen von selbst, wenn sie eine eigene (intrinsische) Motivation haben. Sie entwickeln ihre eigenen Spiele, ihre eigenen Regeln, ihren eigenen Zirkus oder ihr Theater mit höchster Vollendung, wenn sie zu keiner Vollendung gezwungen werden. Erwachsene geben von selbst ihre letzten Kräfte, wenn sie ein großes Ziel vor Augen haben. Und last not least: Unsere Sexualorgane funktionieren immer von selbst, wenn sie von jedem Zwang befreit sind. Die sexuelle Impotenz schwindet, wenn der Körper von jedem Müssen befreit ist.

Die Selbststeuerung findet auch in einer Gemeinschaft statt, sobald das Lebensfeld des Vertrauens hergestellt ist. An die Stelle der individuellen Entscheidungsträger tritt dann jene höhere Intelligenz, die wir als „kommunitäres Ich“ bezeichnen können. Das kommunitäre Ich wirkt durch die einzelnen Teilnehmer hindurch und organisiert auf diese Weise zwanglos die Dinge, die im Interesse der Gemeinschaft getan werden müssen. Wenn die Teilnehmer einer

Gemeinschaft durch einen gemeinsamen Plan miteinander verbunden sind, dann vollbringen sie Wunder der Verwirklichung, wie wir zum Beispiel bei der kolumbianischen Gemeinschaft von San José de Apartadó gesehen haben, als sie in nur wenigen Wochen ihr neues Zentrum Mulatos bauten. Sie trugen dazu alles erforderliche Baumaterial und Maschinen in stundenlangen Märschen über unwegsames Gebiet den Berg hinauf, an einen Ort mitten im Regenwald, fernab von Straßen und Stromleitungen, um hier ihr neues Zentrum für Besinnung und Studium einzurichten.

Ich vermute, dass wir in wenigen Jahren erleben werden, wie auf der Erde von selbst immer mehr Heilungsbiootope entstehen, weil sich ein weltweites kohärentes Geistgerüst für Terra Nova ausgebreitet hat.

Das Prinzip der Selbststeuerung erspart uns viel Mühe und Arbeit. Wenn es uns gelingt, in unseren Taten, Gedanken und Bewegungen ganz mit dem Steuersystem der Heiligen Matrix übereinzustimmen, dann erreichen wir anstrengungslos jene Ziele, für die wir sonst eine Menge von Mühe und Kraft einsetzen müssten. Nirgends wird das Von-Selbst-Prinzip eindringlicher beschrieben und vorgeführt als im Zen-Buddhismus und verwandten Disziplinen.

Eugen Herrigel schießt nach jahrelangem Training seinen Pfeil in die Mitte der Zielscheibe, weil er „sich“ aus dem Vorgang herausgenommen hat. „Wu Wei“ und „Mo Chi Chu“ sind die Zen-Worte für dieses Weltprinzip. Dieses Prinzip, welches im Osten jahrhundertlang trainiert wurde, erscheint uns im Westen noch kaum erreichbar, denn wir stecken noch in den Denkformen der materialistischen Epoche. Und doch ist es das Prinzip des universellen Lebens. Alles wächst, blüht, arbeitet und vermehrt sich von selbst, in freier Schwingung ohne Stress. Jede Biene, jede Spinne vollbringt ihre Wunder nach diesem Prinzip. Das Netz der Spinne, der Wanderweg der Aale, der Sprung der Lachse flussaufwärts über die Wasserfälle, der Flug der Fledermäuse – alles orientiert sich an diesem High-Tech-Prinzip biologischer Technologie. In der Natur treffen wir überall auf diese Funktionslogik, mit der ein Höchstmaß an Präzision durch anstrengungsfreie Methoden erreicht wird. Nicht mit Mühe und Stress, sondern tastend, kreiselnd und oszillierend vollbringt die Natur ihre Wunderwerke. Die spirituellen Meister des Ostens, die Yogis und Samurai, haben eindrucksvoll vorgeführt, zu welchen Leistungen der Mensch emporsteigen kann, wenn er dieses hohe Lebensprinzip erlernt.

Ich glaube, dass die zukünftige Menschheit fest verbunden sein wird mit diesem Prinzip. Sie wird wahrscheinlich auch für ihre ökonomischen Fragen eine interessante Entdeckung machen: Ist in den Funktionsprinzipien der Natur nicht ein real funktionierendes Weltwirtschaftsmodell enthalten? Der Kosmos erbaut sich „von selbst“. Kein schwitzender Baumeister ist je daneben gestanden. Durch „Nicht-Tun“ wird alles getan. Wir werden uns der kosmischen Funktionslogik bedienen lernen, um unsere anstehenden Aufgaben zu bewältigen. Wu Wei und Mo Chi Chu ist nicht nur ein Prinzip für Pfeile-Schießen oder Blumen-Binden, sondern ein Prinzip für die Entwicklungen im großen Raum der neuen Schöpfung Terra Nova. In den Neunziger Jahren des vorigen Jahrhunderts haben wir auf einer kleinen kanarischen Insel (La Graciosa) einige Wüstencamps durchgeführt unter dem taoistischen Motto: „Die Schöpfung geht aus dem Nicht-Tun hervor, und nichts bleibt ungetan.“ Wir werden in den kommenden Klöstern neben der Christus-Tatsache dieses Prinzip des Zen-Buddhismus studieren und betreiben.

Die universelle Schwingung und das Alpha-System

Die Welt ist ein schwingendes System. Alle Dinge kommunizieren miteinander über Schwingungen. Alles Lebendige ist durch eine universelle Lebensschwingung miteinander verbunden. Wir erleben diese Grundschwingung, wenn wir uns im totalen Vertrauensmodus befinden. Wir können sie die „Alpha-Schwingung“ nennen. Es ist die Frequenz der Metawelt. Wir können sie auch die „Ewigkeitsschwingung“ oder „Gottesschwingung“ nennen. **Es ist die Schwingung des Einen Seins und des Einen Bewusstseins, das in allem dasselbe ist.**

Was sich einst in der mystischen Erfahrung offenbarte, wird heute von der modernen Wissenschaft umkreist und morgen das soziale Leben lenken. Die Begegnung mit dem Einen war die Grundlage aller authentischen Religionen und Philosophien, sie ist auch eine Grundlage unserer Heilungstheorie. Nur brauchen wir dieses Eine nicht unbedingt in der religiösen Ekstase zu suchen, denn es existiert auch im Elementarbereich unseres alltäglichen Lebens, nämlich überall dort, wo sich in einem Raum des wirklichen Vertrauens die Herzen öffnen. Das „Eine“ ist immer vorhanden, auch dann, wenn es überdeckt ist durch Tausend andere Schichten. Auch wenn die Frequenzen von Wut, Aggression oder Angst im Vordergrund stehen, gibt es im Inneren die universelle Grundschwingung. Ohne sie könnte kein Organismus leben. Um den Heilungsraum der universellen Schwingung zu betreten, müssen wir die Trennwände beseitigen und die seelischen Minenfelder auflösen, die infolge

der historischen Kriegsgeschichte unsere Beziehungen blockieren. Wir kommen immer auf dasselbe Grundthema: die Herstellung von Vertrauen.

Im Rhythmus der universellen Schwingung formt sich von Augenblick zu Augenblick die Kraft des Lebens und der Liebe. Wenn wir uns in der universellen Schwingung befinden, dann entsteht Vertrauen zu Mensch und Tier. Es entstehen von selbst die Werte der objektiven Ethik, Werte wie Wahrheit, gegenseitige Unterstützung, Solidarität und Liebe. Kein Mensch, der sich in der universellen Schwingung befindet, könnte lügen, betrügen oder ein Tier quälen. Die universelle Schwingung aktiviert das entelechiale Grundmuster aller Wesen. Sie enthält die gesamte Informationsmatrix des Friedens und bewirkt dadurch realen Frieden, denn sie steht in Resonanz mit allen Dingen. Wenn irgendwo ein Projekt entsteht, welches mit der universellen Schwingung übereinstimmt, dann wirkt dieses Projekt auf alle anderen Dinge. Wenn dieses Projekt eine neue Information enthält, die für die globale Evolution von Bedeutung ist, dann wird sich diese Information auf der Erde verbreiten. Es entsteht ein neues Kraftfeld auf der Erde. Jetzt beginnt der „morphogenetische Weltprozess“ (siehe S. 212), der von selbst eine Veränderung bewirkt, die mit anderen Mitteln kaum erreichbar wäre.

Der Mensch ist durch die historische Katastrophe aus dem kosmischen Navigationssystem der Alpha-Schwingung herausgefallen. Seine gesellschaftlichen Steuersysteme in Politik, Wirtschaft, Religion und Moral stehen meistens nicht mehr in Resonanz mit der universellen Ordnung des Alpha-Systems. Dadurch entstehen die weltweiten Dissonanzen, die als Krankheit, Epidemie, Hungersnot, Naturzerstörung, Gewalt und Krieg in Erscheinung treten. Durch das Fehlen der **Alpha-Resonanz** entstehen auch im Inneren die bekannten seelischen Schwierigkeiten unserer Zeit: Liebeskummer, Vereinsamung, Depression, epidemischer Hass und geistige Umnachtung. Wir alle haben diese Schwierigkeiten kennengelernt, und wir alle haben versucht, mit verschiedenen ideologischen, therapeutischen oder religiösen Mitteln damit fertig zu werden. **Gelingen wird der Versuch erst dann, wenn wir gemeinsam wieder in die universelle Lebensschwingung eintreten. Um das zu können, müssen wir unsere Seelen vom Druck unaufgelöster Schmerzen befreien.** Die Alpha-Schwingung wird

voll in den menschlichen Organismus eindringen, sobald in den ersten Kommunen der traumatische Knoten aufgelöst ist.

Das Alpha-System ist ein Steuersystem, welches immer präsent, immer eingeschaltet ist, nur befinden wir uns oft auf einer anderen Frequenz. „*Ich bin immer bei euch, nur ihr seid so selten zu Hause,*“ – man versteht langsam, was Meister Eckhart gemeint hat, als er Gott diese Worte sagen lässt.³⁰ Wer voll in der Alpha-Frequenz lebt und in jedem Augenblick für ihre Informationen empfänglich bleibt, steht in jeder Situation unter hohem Schutz. Er/sie wird auch in dunkler Nacht den Weg finden, ohne gegen Bäume zu laufen. Es wirkt dieselbe Magie wie bei Fledermäusen. Satprem hat auf seiner Gottessuche diese Magie auf die Probe gestellt, indem er im brasilianischen Urwald barfuß lief, obwohl er wußte, dass dort Schlangen, giftige Spinnen und manche anderen Wesen lebten. Es ist ihm nichts passiert. Er hatte ähnliche Erfahrungen schon im Konzentrationslager gemacht und fasste sie schließlich in einer gewaltigen Schau zusammen:

„Es gibt Augenblicke im Leben, in denen man auf einmal wie unbesiegbar ist: nichts kann einen mehr berühren. Inmitten eines Schlachtfeldes spürt man sich zwischen den Kugeln durchschlüpfen oder man gerät auf See in einen Sturm und weiß lachend, dass diese riesigen Wellen, die vorbei prasseln, einem nichts anhaben können. Attentäter kommen, um einen umzubringen, und etwas in einem bleibt so vollkommen unbewegt, als sei dies alles ein Schauspiel und als könnten sie einen nicht berühren – und sie können es nicht.

Viele Menschen erleben diese Erfahrung in irgendeiner Form: Plötzlich entkommt man dem „Gesetz“. Man entkommt dem scheinbar Unabwendbaren – man schlüpft hindurch. (...) Für einige begnadete Sekunden entschlüpft man dem Netz, und nichts berührt einen mehr, nichts kann einen berühren.“

Ich erinnere an die Worte von Laotse: *„Wer das Leben recht zu fassen versteht, wandert durch das Land, ohne vor Tiger und Nashorn zu fliehen...“*

Was hier beschrieben wird, ist eigentlich keine Ausnahme, sondern eine Grundtatsache des Lebens. Wenn wir für unser Leben neue Raum-Zeit-Systeme aufbauen, welche uns durch ihren geistigen Magnetismus in die Alpha-Schwingung führen, dann verwirklicht sich ein Hologramm des Schutzes und der Heilung. Wir stehen unter einem kosmischen Prinzip von Schutz und Heilung, wenn wir uns aus den alten Ängsten lösen. Der Schutz bezieht sich auch auf innere, seelische Verletzungen. Wer in der Alphawelle lebt, kann nicht seelisch verletzt werden. Das hat Peace Pilgrim, die amerikanische Pilgerin für den Frieden, so eindringlich formuliert, dass ich es hier zitieren möchte:

„Nichts, was von außen kommt, kein Ding und kein Mensch – kann mich innerlich verletzen. Ich erkannte, dass ich psychisch nur von meinen eigenen falschen Aktionen verletzt werden konnte, über die ich die Kontrolle habe; durch meine eigenen falschen Reaktionen – sie sind kompliziert, aber ich habe auch sie unter Kontrolle – oder durch mein eigenes Nicht-Handeln in gewissen Situationen, wie die gegenwärtige Weltlage, die Handlungen von mir verlangt. (...) Du hast volle Kontrolle darüber, ob du dich seelisch verletzen lässt oder nicht, und du kannst jederzeit aufhören, dich selbst zu verletzen.“

La cellule originelle pour une nouvelle culture planétaire

Le concept des « biotopes de guérison » est né de l'idée qu'il devait y avoir une structure – nous l'appelions le « cristal culturel » – qui initie un processus d'auto-réplication (tout comme une cellule biologique) une fois la structure suffisamment développée et complexe. Ce cristal culturel serait une structure universelle applicable à tous les peuples et à tous les continents. En d'autres termes, il s'agissait de créer un champ morphogénétique pour un nouveau monde humain. (J'utilise la notion de champ morphogénétique dans l'extension logique de sa forme originelle, qui a été développée par le biologiste britannique Rupert Sheldrake.) L'évolution toute entière avance par la création de champs morphogénétiques (voir [Chapitre 30](#)).

Nous vivons actuellement dans un champ morphogénétique de guerre. Toute notre société, des décisions économiques et politiques jusqu'aux relations amoureuses – est caractérisée par un champ morphogénétique de guerre, en dépit de tous les efforts moraux des individus. Nous devons le transformer en un champ morphogénétique de paix. La civilisation future émergera du champ morphogénétique de paix. La résonance au lieu de la violence, la coopération au lieu de la compétition, le pardon au lieu de la vengeance – voilà quelques-unes des caractéristiques de ce nouveau champ morphogénétique.

Pour créer ce champ morphogénétique, une image s'est peu à peu concrétisée: l'image d'un « biotope de guérison ». Un biotope de guérison est une « cellule originelle » de l'organisme planétaire de l'humanité à venir. Dans cette cellule originelle, les priorités et les paramètres doivent être réglés de manière suffisamment correcte, pour qu'ils puissent ensuite se préciser dans l'organisme grandissant de la nouvelle communauté planétaire. Le projet des biotopes de guérison globale consiste à créer une première telle cellule originelle. Cette cellule donnera ensuite naissance à d'autres cellules similaires, ce qui requiera l'aide d'un réseau global. En d'autres mots, il s'agit de créer une « condensation morphogénétique » dans la noosphère (le corps informationnel de l'humanité), qui provoquera ensuite la formation progressive de beaucoup d'autres biotopes de guérison. Ce qui s'est passé il y a quatre milliards d'années dans l'évolution biologique avec la première cellule pourrait se produire aujourd'hui dans l'évolution sociale avec la cellule originelle d'une nouvelle culture planétaire: la multiplication des biotopes de guérison par la création du champ morphogénétique

correspondant. (Ce processus, décrit ici de façon si linéaire, est en réalité un processus historique auquel contribuent de nombreux projets et groupes.)

La cellule originelle contient la matrice d'informations fondamentales, « l'ADN » de la nouvelle civilisation. Elle rassemble en elle les formes de vie les plus diverses, pour permettre la formation de nouvelles connexions, de nouvelles synergies, de nouvelles lignes d'énergie et de signification, ce qui conduit à de nouvelles directions de développement. Des actions des fourmis, araignées, abeilles et hirondelles aux activités des enfants et animaux domestiques, des nénuphars dans les étangs aux arbres fruitiers dans les jardins de permaculture, du travail des artisans, techniciens, chercheurs, scientifiques et prêtresses aux actes des esprits naturels, il se développe un système qui devient de plus en plus cohérent.

Plus un système devient cohérent, plus sa puissance et sa capacité de croissance augmentent: son développement se passe de plus en plus « tout seul ». Ainsi, le phénomène le plus étonnant que nous avons vécu dans les moments difficiles de notre projet était l'auto-organisation: quand il n'y avait aucune solution en vue, de nouvelles forces créatives se développaient au sein de la communauté et permettaient de trouver une issue.

Une condition essentielle pour le développement de la cellule originelle est la cohérence des domaines de travail réunis en elle. À Tamera, nous avons inventé le terme « système d'information cohérent », afin de nous rappeler de veiller à cette cohérence. Le système d'information cohérent était et est une idée centrale dans la mise en œuvre des nouveaux centres. Dans un biotope de guérison, tous les sous-projets doivent être compatibles intellectuellement et spirituellement, ce qui signifie qu'ils doivent s'appuyer sur les mêmes informations de base et être orientés vers les mêmes objectifs. La matrice d'information selon laquelle nous nous orientons pour élever des enfants par exemple doit être compatible avec les informations de base de l'École de l'Amour, avec l'éducation politique, la nutrition, la technologie, l'écologie et ainsi de suite. Quand ceci est acquis, nous obtenons un système d'information cohérent de grande stabilité et invulnérabilité. **La stabilité d'un système dépend de sa cohérence avec la Matrice Sacrée et de la cohérence de ses sous-systèmes (domaines de travail ou sous-projets) entre eux.** Le principe d'un système d'information cohérent entraîne une responsabilité morale élevée. Combien de tromperies secrètes pouvons-nous encore tolérer si nous voulons sérieusement créer un monde de paix? Combien de biens de consommation produits industriellement pouvons-nous encore utiliser lorsque

nous connaissons les formes barbares dans lesquelles ils ont été fabriqués et distribués? Pouvons-nous encore boire du lait en conserve ou manger du chocolat produit par Nestlé? Ce sont des questions sérieuses dans une communauté qui veut devenir cohérente. Elles touchent le thème de la complicité. Nous ne devrions pas nous focaliser trop unilatéralement aux questions de consommation, car nous sommes aussi complices lorsque nous participons aux modes de pensée destructeurs et aux émotions subliminales de la société conventionnelle.

Nous ne devons pas refouler les questions concernant notre complicité, mais nous ne devons jamais les laisser conduire au fanatisme moral ou à l'inquisition mutuelle, car elles sont destinées à servir la paix et l'amour.

La création de la cellule originelle est une entreprise communautaire. Elle se développe à partir des relations complexes au sein d'une communauté humaine, et des relations que ce groupe a établies avec le réseau mondial. La communication continue de la communauté Tamera avec des individus et des groupes du monde entier est nécessaire pour affiner le projet jusqu'à sa « maturité morphogénétique ». À cette fin, plus particulièrement les aspects de l'éros, de la religion et de l'économie doivent encore davantage être développés.

Chapitre 3: Le traumatisme collectif –

Le champ morphogénétique de la

peur

Derrière la crise de notre temps se cache la crise centrale des relations humaines. Derrière les massacres atroces, tels que ceux actuellement (en 2014) perpétrés en Syrie, se cachent des structures psychiques collectives, qui semblent être similaires partout dans le monde. Ce sont des structures de peur. Derrière toute notre civilisation se cache le champ morphogénétique de la peur. La peur est à l'origine des excès de cruauté, qui sont en réalité des tentatives pour tuer la peur qui est en nous. Si nous voulons créer une paix durable sur Terre, nous devons transformer cette structure de peur en une structure fondamentale de confiance. C'est facile à dire, mais la peur est profondément ancrée dans le système cellulaire de notre organisme. Elle est devenue une partie intégrante de notre constitution génétique et physiologique; elle fonctionne comme un réflexe inconscient. Mikhaïl Gorbatchev a dit: « *La peur doit disparaître de la Terre!* » Je ne sais pas s'il connaissait la profondeur de cette déclaration, mais il a nommé l'objectif le plus profond et le plus complet auquel nous sommes confrontés aujourd'hui si nous voulons donner une direction humaine à l'évolution. Le but du travail de

guérison est de permettre une vie sans peur. Le champ morphogénétique de la peur doit être remplacé dans sa totalité par un champ morphogénétique de la confiance.

La peur est le résultat de l'histoire des derniers millénaires. Dans son livre *Religion und Eros*, Walter Schubart écrit qu'à la base de toute souffrance psychologique il y aurait une même peur originelle: la peur de la séparation. C'est cette peur de la séparation qui nous pousse vers les actes les plus fous. En effet, qu'il s'agisse de la peur d'être séparé de notre patrie, de notre foyer, de notre famille, de notre partenaire amoureux, de notre groupe – n'y a-t-il pas quelque chose de commun à toutes ces peurs? Une sorte de peur originelle d'une séparation originelle? Difficile de rendre par des mots ces fin-fonds de l'âme. À maintes reprises, génération après génération, l'être humain a été séparé de ce que sa nature originelle chérit le plus, de ce qu'il aime à la manière d'un enfant, qu'il aime simplement parce qu'il est un être humain, un être sensuel, respirant et vivant. Nous sommes tombés en dehors de l'Unité et nous ne trouvons pas le chemin du retour. Nous vivons dans « l'exil », comme le dit Friedrich Weinreb. Guérir signifierait donc reconnecter l'humanité avec ses attaches naturelles. C'est la direction entéléchiale de notre évolution actuelle: reconnecter le monde humain avec ses attaches naturelles dans la vie, l'amour, les préceptes de la Matrice Sacrée.

La peur n'est pas un problème personnel, c'est la conséquence psychologique d'une civilisation qui a mal tourné. La peur est un résultat des cruautés collectives de l'humanité. Un travail de paix global doit dissoudre le traumatisme collectif, que des milliers d'années de guerre et d'expulsion, de trahison et d'escroquerie, ont accumulé dans le subconscient collectif de l'humanité.

Avons-nous conscience que toute notre culture, nos États et nos nations sont issus de la guerre? Chacun des États d'aujourd'hui existe sur des terres conquises où il y avait autrefois des indigènes; il y avait des gens croyants, des couples amoureux et des enfants qui jouaient. Les États-Unis d'Amérique devaient éradiquer les tribus indigènes et asservir des millions d'Africains pour pouvoir construire leur nation. Vraiment, ce ne sont pas de bonnes conditions pour construire une civilisation humaine. L'économie des pays occidentaux est alimentée, entre autres, par l'industrie de l'armement. À un tel point la guerre est devenue normale; et à un tel point nous nous y sommes habitués sans réfléchir! La guerre est devenue un élément incontournable faisant partie de notre société. Nous vivons dans une « société de guerre » qui, économiquement, ne peut pas se permettre la paix. Si nos sociétés occidentales abandonnaient l'économie de guerre, des millions de personnes perdraient leur emploi.

(Cependant, elles pourraient toutes aider à établir une nouvelle économie fondée sur la paix.)

Notre civilisation est dominée par une profonde idiotie, par une véritable maladie du mental et de l'esprit. Que des Hommes tirent délibérément les uns sur les autres ne fait pas partie du plan de la vie; cela ne fait pas partie du code d'un monde humain. La guerre est le résultat d'une aberration inconcevable. Quand on prétend que la guerre a « toujours existé », nous répondons qu'il est temps de mettre fin à cette folie historique. A partir de maintenant, la guerre ne doit avoir aucune place dans la culture humaine, tout comme la jalousie n'a pas de place dans l'amour. Avions-nous vraiment besoin de milliers d'années pour découvrir cette simple vérité? Que des êtres humains se soient entretués par jalousie sera incompréhensible pour nos descendants. Ils ne comprendront pas davantage comment nous pouvions nous tirer dessus et perpétrer des cruautés encore bien pires. Il ne sert à rien, pour justifier cela, de se référer à la violence dans le règne animal ou de citer Héraclite: «*La guerre est le père de toutes choses.*»¹ Untel raisonnement repose sur l'hypothèse que le monde doit rester tel qu'il a « toujours » été. De telles références font l'impasse sur le pouvoir créateur de l'Homme et ses capacités de transformation. Nous ne sommes certainement pas le produit du passé et nous ne sommes pas non plus déterminés par les lois naturelles. Nous sommes les créateurs de nos vies. Nous avons la liberté et la tâche de construire un monde meilleur, et il fonctionnera s'il correspond aux règles de la Matrice Sacrée. Ici, je veux citer Satprem, un disciple du philosophe indien Sri Aurobindo et de Mira Alfassa, dite Mère d'Auroville. Il écrit:

*Après avoir traversé toutes ces couches évolutives, vous atteignez soudainement, au plus profond du corps, un endroit où les vieilles lois du monde n'ont plus de pouvoir. Et vous réalisez que ce pouvoir n'était rien d'autre qu'une énorme suggestion collective. Une vieille habitude. Rien d'autre, juste une habitude! Il n'y a pas de « lois »; il n'y a que des habitudes fossilisées. Et tout le processus consiste à franchir ces habitudes. (...) Mais le but est que le corps vive de façon spontanée, naturelle et permanente dans cet état, ce qui signifie que le corps doit être libéré de tout conditionnement. Alors vous émergez dans quelque chose de totalement fantastique. Mais vraiment fantastique! J'imagine combien devait être fantastique le premier vol plané d'un oiseau dans l'air. Ce moment a dû exister, ce moment où un vieux reptile a décollé et est devenu un oiseau.*²

Il n'y a pas de lois figés pour l'éternité, qui régiraient nos corps. Il n'y a que des habitudes de comportement, et il y a la liberté en nous qui nous permet de nous élever vers une forme de vie supérieure.

Quand nous mettons en lumière les réalités effroyables que recouvre le mot « guerre », nous voyons les images d'horreur stockées dans la mémoire ancestrale de l'humanité: des images de meurtres de masse, de mutilations, de fuites et de faim. Ces expériences ont été répétées génération après génération, sur des centaines et des milliers d'années. Elles ont été profondément gravées dans la mémoire génétique de l'humanité. C'est un cauchemar qui pèse sur notre âme humaine collective.

Il y a, encapsulée à l'intérieur de nous tous, une mine traumatique, susceptible d'exploser à tout moment. « *Tout le monde a son Vietnam* », a déclaré Claude Anshin Thomas, un vétéran de la guerre et moine bouddhiste, qui a choisi un vie de pèlerin comme travailleur pour la paix.³ Ce qui se passe actuellement lors des explosions de violence (dans les combats de gangs, les prisons pour mineurs, les écoles, les quartiers, les stades de football et les salles de torture) est la conséquence d'un traumatisme global qui se répétera sans cesse jusqu'à ce que les causes profondes de cette violence soient éradiquées une fois pour toutes.

Provenant d'une longue histoire de guerre, ces images horribles forment le **noyau traumatique** de l'humanité. Ce noyau traumatique exerce une tyrannie inconsciente dans les soubassements de l'âme et déclenche des images de peur dans notre organisme; il trahit l'amour et ridiculise la foi; il produit des modèles d'interprétation négative de tous les événements et combat des gens qui pensent différemment. Il produit des idées erronées de la maladie et de la guérison; il dirige nos processus psychosomatiques, nos perceptions et nos réflexes, nos hormones, notre système nerveux et nos contractions musculaires. Notre inconscient est accordé sur la matrice informationnelle du traumatisme. Nous vivons dans le scénario subconscient d'un danger omniprésent contre lequel nous devons nous défendre. Le monde semble être un jury anonyme face auquel nous devons nous protéger et nous justifier. Il y a un sentiment collectif d'être jugé. Derrière tout dysfonctionnement psychique, toutes les formes de névrose et de psychopathie, se cache le grand traumatisme collectif, une maladie qui touche toute l'humanité.

Je veux citer Eckhart Tolle. Il qualifie le traumatisme collectif de « corps de souffrance » . Il écrit:

Ce champ énergétique constitué d'émotions anciennes mais encore très vivantes, et qui existe dans presque tous les êtres humains, est le corps de souffrance. Cependant, il est dans la nature du corps de souffrance de ne pas être uniquement individuel. Il est également connecté à la souffrance endurée par d'innombrables humains tout au long de l'histoire de l'humanité – une histoire de guerre tribale continue, d'asservissement, de pillage, de viol, de torture et d'autres formes de violence. Cette souffrance vit encore dans la psyché collective de l'humanité et s'amplifie quotidiennement, comme vous pouvez le vérifier quand vous regardez les informations le soir ou les drames de couple de vos semblables.⁴

Les nouvelles nous ont habitués à l'horreur; elles nous ont enveloppés de brouillard. Au moment de l'éveil, une pensée étrange nous frappe: tout cela peut-il être vrai? Y avons-nous vraiment participé? Et: comment en sort-on? Lorsque nous réalisons pleinement le fonctionnement intérieur de la société existante, nous ne pouvons pas continuer à marcher sur le vieux chemin. Devons-nous en sortir? Mais comment? Vers où?

Pour être en mesure de nous en extraire, nous avons besoin d'une alternative dans laquelle nous intégrer. Elle n'existe pas encore sous sa forme achevée, mais nous la concrétisons en créant des centres pour la transformation culturelle, berceaux d'une nouvelle Terre. La collaboration de centaines, de milliers, de millions de personnes est maintenant nécessaire pour construire ensemble les nouvelles structures, les nouveaux lieux de travail et les nouvelles professions nécessaires au développement de Terra Nova. Tous ceux qui ont encore une fonction qui fait sens dans la société existante peuvent l'utiliser pour réorienter son cap sur Terra Nova. La révolution a besoin non seulement d'activistes radicaux, mais aussi de médiateurs entre l'ancien et le nouveau monde.

Le grand traumatisme conduit à des perturbations dans la communication interpersonnelle, qui fonctionne dans presque tous les cas selon un schéma similaire. Ce sont des croyances subconscientes qui réactivent constamment la guerre latente qui sous-tend les relations entre les individus.

Je veux nommer trois exemples:

1. Beaucoup de personnes vivent avec la croyance imaginaire subconsciente de ne pas être accepté par les autres. Par conséquent, elles interprètent les réactions d'autrui à partir de ce point de vue. Un compliment peut donc être entendu comme ironique; un regard pensif comme un jugement; une question comme une agression; une bonne suggestion comme une critique, et ainsi de suite. C'est ainsi que de graves interférences apparaissent sous la surface de nos échanges, interférences dont nous avons rarement conscience et qui de ce fait peuvent nous conduire jusqu'à la haine. Dans de nombreux groupes de discussion politique, on assiste à des conversations qui deviennent de plus en plus longues et insignifiantes, car elles sont guidées par la détresse des croyances subconscientes qui n'ont absolument rien à voir avec les sujets dont il est réellement question. De tels modèles d'interprétation névrotiques deviennent particulièrement désastreux dans les relations amoureuses. Lorsque deux amants se sont empêtrés dans les entraves de tels malentendus, il y a rarement une issue, parce que la situation est fermée à toute possibilité rationnelle de correction. Combien de relations échouent en raison des blessures que les partenaires s'infligent les uns aux autres en suivant le schéma d'interprétation de la non-acceptation? Et une fois qu'ils sont vraiment en désaccord l'un avec l'autre, l'hypothèse de non-acceptation trouve une confirmation évidente. Ceci est un exemple frappant d'une prophétie auto-réalisatrice. Le névrosé a alors toutes les raisons de voir son illusion comme une réalité. Il se défend alors contre tout ce qui pourrait le guérir. En fait, c'est un vrai problème fondamental de notre société; le mécanisme de défense contre tout ce qui pourrait la guérir, profondément ancré dans son système psychologique.

2. Un deuxième exemple, étroitement lié au premier, est la peur de la séparation amoureuse. À la suite du grand traumatisme, beaucoup de gens vivent avec la croyance de ne pas être aimés. Quand ils ont trouvé un partenaire amoureux, ils ne croient toujours pas à son amour et vivent donc dans la méfiance latente et la peur latente de la perte. Ils font donc tout pour empêcher la séparation; or c'est précisément ainsi qu'ils activent le danger réel de séparation. Car les stratégies que l'on adopte à partir de la peur de la séparation – comme s'agripper, pleurnicher, se plaindre, faire chanter, etc. – ne sont pas compatibles avec l'amour. En tant que thérapeute, j'ai été témoin de ce schéma pernicieux de prophétie auto-réalisatrice présent dans presque toutes les relations amoureuses. Il n'est pas facile de croire en l'amour dans une société dont les conventions sexuelles forcent la plupart des gens à mentir à leur partenaire. La réponse thérapeutique consiste finalement à construire une communauté où plus personne n'est obligé de mentir.

3. Un exemple à peine croyable de l'impact des paradigmes subconscients est la Première Guerre Mondiale. Toutes les nations qui ont commencé la guerre – l'Allemagne,

l'Autriche-Hongrie, la Russie et la France – vivaient dans l'attente d'une attaque imminente par l'une d'entre elles – reliquat typique du grand traumatisme historique. Les historiens s'accordent à dire qu'il n'y avait pas de raison rationnelle à la guerre. Elle a été une mise en scène psychologique sans égal. On pourrait en faire une pièce de théâtre comique, si environ quinze millions de personnes n'y avaient pas péri. Ceci est un exemple classique des fondements psychopathologiques de la politique mondiale tant qu'elle est dirigée par des personnes qui n'ont pas résolu leur traumatisme subconscient.

J'ai été formé en tant que psychanalyste et au fond je n'ai jamais quitté cette profession. Je l'ai poursuivie, approfondie et affinée pendant près de quarante années de travail en groupe. Pour comprendre ce qui se passe entre les êtres humains, j'ai été confronté à une multitude de couches de l'âme: des couches conscientes et inconscientes, ouvertes et effacées, biographiques et karmiques. J'ai appris à connaître plus d'une centaine de groupes et projets et j'ai vu comment les mêmes schémas fondamentaux de la névrose se répètent partout sous une forme similaire. J'ai moi-même été mon meilleur objet d'étude; peu à peu, les processus psychologiques, les réactions et les déguisements habituels, les images et les impulsions refoulées, qui ensemble constituent la guerre subliminale de notre temps, se sont révélés. La guerre était aussi latente en moi. Cependant, il y avait un point intérieur à partir duquel je pouvais reconnaître et corriger mes névroses. Nous l'appelons le « Point Dieu » dans l'être humain. C'est le point de réflexion interne à partir duquel nous recevons un feedback direct nous permettant de rester sur le chemin entéléchique. Je présume qu'il existe chez toutes les personnes. Par conséquent chacun devrait être au moins tendanciellement capable de reconnaître sa propre folie et de se mettre à mener une vie responsable.

La condition première pour accomplir un travail de guérison globale de l'humanité est la résolution de son noyau traumatique. Sur la base d'un tel constat, nous nous plaçons en dehors de tous les concepts révolutionnaires développés au cours de l'histoire. Nous avons besoin de modes de vie qui nous permettent de surmonter notre héritage désastreux. Créer de tels modes de vie est le sujet crucial de notre temps. On comprend immédiatement que le phénomène qui est abordé ici ne peut être résolu ni par une

révolution politique, ni par une thérapie individuelle. Nous avons besoin de solutions collectives, d'une guérison fondamentale des fonctionnements psychiques.

Par nos nombreuses années de travail de guérison, nous savons combien il est difficile de surmonter et se défaire des conséquences psychiques de ce traumatisme. Les groupes qui travaillent sur les lignes de front politiques et humaines ont besoin d'une certitude inébranlable de la vie et de ses pouvoirs de guérison s'ils ne veulent pas être détruits par les conflits. Nous pouvons activer les pouvoirs de guérison avec chacune de nos actions. Le travail dans les nouveaux centres est largement et fondamentalement un travail de conscience. Il faut un entraînement collectif afin de choisir continuellement le côté positif. L'ancien champ de la colère et de la peur doit être transformé, par un effort historique, en un nouveau champ de confiance et d'amour. Nous devons le faire de toutes nos forces, en collaboration avec tous les groupes et projets de paix du monde entier, **jusqu'à ce que l'information de la paix soit devenue un constituant stable du système génétique de l'Homo Sapiens.**

PARTIE II

UTOPIE CONCRÈTE

Chapitre 6: Que se passera-t-il après l'effondrement des systèmes globalisés?

Un réseau de nouveaux centres

L'ère patriarcale a commencé avec la construction des pyramides égyptiennes. A partir de là, l'histoire de l'évolution de la conscience a pris une nouvelle direction. La recherche initiale de l'éternel et du sacré a été déformé en une impulsion de domination. Les pyramides, construites pour recevoir et concentrer les pouvoirs cosmiques, sont devenues un symbole et un instrument de domination terrestre. Cinq mille ans ont passé depuis. Cette période a été caractérisée par les forces de champ du pouvoir masculin, impérialiste et par l'anéantissement des sources féminines de la vie. Au plus tard avec le triomphe de Rome, il y a deux mille ans, les traits psychologiques essentiels qui caractérisent notre monde actuel ont été historiquement établis. Le dix-neuvième et vingtième siècle ont été façonnés par les forces de

champ du capital, qui se sont rapidement répandues sur la planète entière. Ceci est un exemple classique de l'effet des champs morphogénétiques, prenant malheureusement une direction catastrophique. Tous les domaines de la vie – la production, l'énergie, l'eau, la nutrition, l'art, la morale, l'amour, le sport, etc. – ont été assujettis aux lois du capital et l'humanité a suivi cette loi. Aujourd'hui, une peinture, aussi banale soit-elle, est considérée comme artistiquement valable lorsqu'elle est vendue aux enchères pour dix millions de dollars. Une entreprise est considérée comme réussie si elle rapporte suffisamment de bénéfices, quelle que soit la manière dont ils sont produits. Beaucoup d'entreprises florissantes ont réussi en créant des plantations de fleurs en Afrique, dont l'irrigation prive les populations locales de leurs sources d'eau. La planète entière a souffert, et souffre encore, de la barbarie internationale pour laquelle personne ne veut plus ou ne peut plus assumer la responsabilité. Celui qui veut survivre à l'intérieur du système dominant doit consentir aux règles de ce jeu barbare. Nous vivons actuellement des événements étranges dans la politique internationale; ce sont des signes d'un abrutissement général et d'une perte de tout repère d'orientation. Le système ne semble plus capable de se maintenir. Que va-t-il arriver ensuite?

En raccourcissant et simplifiant à l'extrême voilà ce que nous pouvons en dire: les anciens méga-systèmes seront remplacés par des systèmes décentralisés, à petite échelle, largement autosuffisants, qui couvriront les nécessités de base de leurs participants au niveau matériel (eau, énergie, nourriture) ainsi qu'aux niveaux culturel, spirituel et érotique. Ce mouvement conduira à une dissolution progressive des États-nations. Ils seront remplacés par la citoyenneté planétaire. Le « chez-soi » d'une personne ne sera plus déterminée par le lieu de son origine, mais par sa position et sa collaboration dans le grand projet. De nouveaux groupes internationaux se formeront sur tous les continents pour la création de Terra Nova. Les jeunes trouveront l'endroit où ils pourront le mieux mettre leurs forces au service de la transformation. Les nouvelles communautés seront organiquement interconnectées par des systèmes de communication technologiques, politiques et spirituels; leur ensemble formera la structure de base d'une nouvelle société mondiale. L'ère à venir émergera d'un réseau formé de tels centres autonomes; leur tâche, c'est de construire un champ morphogénétique pour la fondation d'une nouvelle culture. Pour ce faire, ils collaboreront au sein d'un réseau de communication et d'information mondiale, partageant leurs nouvelles expériences avec tous ceux qui y participeront. Le nouveau champ morphogénétique se développe par ce processus historique de création de l'information de plus en plus dense de Terra Nova.

La nouvelle communauté planétaire s'étendra rapidement dès que les premiers modèles existeront. La création de biotopes de guérison, d'universités modèles, de centres culturels régionaux, de nouveaux villages modèles fonctionnant avec des paysages de rétention d'eau, de quartiers écologiques, de villes du désert futuristes, de systèmes de communication mondiaux et de nouveaux réseaux – il est probable que nous verrons ces choses dans le monde déjà d'ici deux ou trois décennies. Le monde est "enceinte" avec le grand plan de Terra Nova. Dès que ce plan est « téléchargé » et mis en œuvre quelque part, une impulsion planétaire, une « onde holistique » se forme sur la Terre pour conduire à sa manifestation.

Partout dans le monde – des groupes Anastasia en Russie, aux groupes de défense des droits de l'Homme en Europe, et aux villages de paix en Colombie – de nouveaux centres se formeront, conscients d'être reliés entre eux par l'idée faïtière d'une Terre nouvelle: Terra Nova.

Si ce modèle parvient à s'imposer, des milliers de ces nouvelles cellules vivantes se formeront dans le monde entier, car presque n'importe quel terrain peut être transformé en sol fertile et fournir à l'humanité une nourriture suffisante. L'information que l'humanité et la nature sont complètement guérissables se propagera dans le monde avec une grande force et donnera de nouvelles impulsions à la conscience de l'humanité. Une réaction en chaîne commencera dès que les éléments dispersés de la grande famille de la vie se retrouveront réunis, dès que les groupes de Terra Nova du monde entier auront établi leurs réseaux, et dès que l'amour pourra à nouveau entrer dans le cœur des jeunes révolutionnaire. Et puis, rien ne stoppera cette réaction en chaîne, globale et irréversible.

L'époque impérialiste a duré cinq mille ans. Elle se brise maintenant, car elle ne correspond pas à l'ordre fondamental de la vie et de la Terre. Plus l'humanité acceptera en profondeur cet ordre fondamental, plus il sera possible de guérir en profondeur notre traumatisme, un traumatisme qui a conduit le cœur global de l'humanité dans une impasse historique horrible. C'est une transformation spirituelle et psychique profonde (Metanoia) à l'échelle mondiale. Elle sous-tend la transformation globale actuellement en cours. Par ce processus, l'humain se transforme; c'est une révolution anthropologique.

Terra Nova: une alternative à la colonisation de Mars

La NASA, avec quelques instituts privés, est engagée dans un énorme projet de recherche en vue de la colonisation de Mars. Ce n'est pas une blague. Les scientifiques prévoient que la

Terre pourrait bientôt devenir inhabitable et ils cherchent de nouvelles possibilités d'habitation humaine. Ils envisagent donc sérieusement de transformer la planète glacée Mars, à cinquante millions de kilomètres de la Terre, de telle sorte que l'humanité puisse y vivre. La nature utopique de tels projets me fascine, car ils montrent ce qu'il est permis de considérer comme possible de nos jours si l'on est techniquement bien informé. Pourtant, ces visionnaires ne voient pas qu'ils exporteraient simplement vers une autre planète toutes les structures sociales, mentales et spirituelles qui ont conduit à la dévastation de la Terre.

Combien de force, d'intelligence et d'argent est investi dans un tel projet aberrant! Ne serait-il pas plus intelligent de se mettre à penser à de nouvelles façons de vivre sur notre propre planète, à de nouvelles formes de vie permettant ici sur Terre un avenir qui vaille la peine d'être vécu? Serait-ce vraiment plus difficile que de coloniser la planète Mars? Les possibilités de coloniser cette Terre d'une manière humaine ne sont de loin pas épuisées.

Nous commençons tout juste à les découvrir. De nouvelles portes s'ouvrent dans tous les domaines de recherche. Que ce soit dans les domaines de la science, de la technologie, du sport, de la médecine, ou de la pédagogie, nous sommes confrontés à des révélations que nous aurions, il y a quelques décennies seulement, prises pour des absurdités absolues. Dans ce contexte, je lance un appel aux travailleurs de haute technologie de la Silicon Valley et à tous les visionnaires du monde numérique: mettez à profit vos ressources pour collaborer au projet Terra Nova. Le monde numérique et le monde spirituel sont étroitement liés – les deux sont basés sur l'information. C'est pourquoi il est possible de traduire les systèmes d'information spirituelle, qui sont les systèmes d'information du monde vivant et de la conscience humaine, en systèmes numériques. Alors s'il-vous-plaît, activez l'information de paix et de confiance, numérisez le code christique, trouvez un programme d'information pour la noosphère dans lequel la fréquence universelle de la vie, la fréquence Alpha s'harmonise avec le code christique. Entrez-le dans vos systèmes d'information. Ce serait une tâche de recherche fascinante de développer un modèle numérique pour le champ morphogénétique d'une nouvelle culture décrit dans ce livre.

Le projet Terra Nova est un nouveau concept pour coloniser la planète Terre en mettant pleinement à profit le potentiel qui s'offre à nous par la coopération synergique entre les humains et la Terre. Mars est encore largement inconnue. La même chose n'est-elle pas vraie pour la Terre – son sable, son eau, ses créatures et sa propre vie? Comment l'humanité gèrera-t-elle l'eau quand elle appliquera les découvertes de Viktor Schauberger? Cet homme a découvert des secrets qui vont dans un proche avenir révolutionner notre gestion de l'eau et

de l'énergie. La dernière ère a été caractérisée par l'exploitation de la Terre et de ses êtres; la nouvelle ère sera caractérisée par la coopération avec ses forces et ses créatures.

Littéralement: Coopération, avec tout ce que nous avons jusqu'ici combattu et ignoré comme « parasites ». Rien n'était plus surprenant dans la recherche de notre projet sur le fonctionnement de champs que la coopération avec les rats. Ils ont quitté nos maisons une fois que nous avons établi un champ d'amitié sincère par rapport à eux; et dans une large mesure ils se sont conformés aux règles convenues. (Que quiconque se demandant comment une telle chose pourrait marcher se penche sur le concept des « dévas »¹). Les rats aussi sont membres de la grande famille de la vie, à laquelle nous appartenons nous-mêmes. Plus nous prenons notre place dans cette famille, plus nous reconnaissons profondément l'interdépendance de tous ses êtres. Nous allons les soutenir au lieu de les détruire. Voilà un paradigme de la nouvelle ère: nous allons au contact de toutes les co-créatures dans un esprit de solidarité.

Chapitre 7: L'opérateur interne

Satprem, un disciple de Sri Aurobindo, raconte une histoire merveilleuse sur son propre salut. Elle montre comment un assassinat est empêché par l'intervention d'une conscience supérieure: Un matin, Satprem était au bord d'un canyon, à l'endroit où il avait l'habitude de faire sa méditation matinale. Soudainement trois hommes, qui avaient été assignés pour le tuer, sont apparus. Il n'a pas réagi mais a observé le spectacle entier comme de l'extérieur.

Là-dessus, la main qui allait s'abattre sur lui est retombée, et les assassins s'enfuirent. Ils n'étaient plus capables d'exécuter le meurtre.¹ Les consignes de violence s'étaient éteintes, car Satprem ne leur donnait aucune résonance, réagissant sans peur ni haine. « L'opérateur interne » était intervenu et a transformé la scène. Satprem se tenait là sans la peur qu'il aurait normalement eue. La violence se dissipe si nous ne lui donnons pas de résonance par la peur ou la contre-violence, ce qui explique pourquoi les intentions meurtrières des assassins ont soudainement disparu. Ne pouvant plus effectuer leur mission, ils ont simplement fui.

Cette histoire rappelle l'entraînement d'un Samouraï: Celui-ci ne pouvait réussir qu'une fois capable de ne pas réagir avec peur ou haine aux coups de ses adversaires. Ici nous rencontrons une règle de base pour un travail de paix fiable: confronté à un adversaire, ne jamais réagir par la peur ou la haine. De même: confronté à la situation mondiale, ne jamais réagir par la peur ou la haine. À chaque fois que nous sommes dans la peur ou la haine, nous

perdons le pouvoir. Un des principes d'un travail de paix et de guérison réussie consiste à maintenir durablement un état intérieur sans peur ni haine. Pour cela, nous devons connaître la conscience supérieure qui nous rend capable du maintien durable de cette attitude intérieure. Lao Tseu écrit dans le Tao Te Ching: (ce qui suit est traduit de la traduction allemande).

*Celui qui est habile dans la gestion de la vie, voyage sur la terre sans avoir à fuir le rhinocéros ou le tigre. Il est capable de traverser l'armée ennemie sans cuirasse ni arme, car chez lui le rhinocéros ne trouve aucune place pour pousser sa corne, ni le tigre de lieu où fixer ses griffes, ni l'arme un endroit pour enfoncer sa pointe. Le royaume ne se conquiert pas par la violence.*²

Ce que Lao Tseu prétend ici est incroyable: Il dit qu'il y a une guidance intérieure qui nous protège de toute calamité. Quand nous sommes dans la bonne fréquence intérieure, rien ne nous fera de mal. Celui qui plonge dans une cascade et reste connecté à son hara arrivera au fond en toute sécurité. Cela suggère qu'il y a une fréquence dans laquelle la survie est absolument garantie. Existe-t-elle vraiment?

Je le sais de ma propre expérience. Il y a un opérateur interne qui, dans des situations critiques, nous rappelle une connaissance plus profonde ou qui prend les commandes lorsque nous sommes incapables de trouver la manœuvre salvatrice. Tout le monde a une sorte d'« ange gardien ». Nous pouvons l'appréhender comme un organe immanent de notre conscience, qui donne les instructions ou effectue l'action nécessaires à la guérison ou au sauvetage. Nos potentialités inhérentes semblent illimitées. C'est comme si chacun de nous avait une sorte de super-cerveau, qui nous confère des facultés bien au-delà de nos capacités habituelles. Les parapsychologues parlent de capacités Psi dans ce contexte. Peu importe comment nous les expliquons, ces capacités proviennent d'un méta-monde; pour une compréhension plus précise il faut une étude approfondie des fonctions et des principes qui agissent dans le monde spirituel. K.O. Schmidt, un expert en guérison spirituelle, écrit:

Il y a en moi un pouvoir omniprésent, omniscient et omnipotent. Il sait ce qui sert mon bien-être et comment l'atteindre. Provenant du divin, il agit dans mon être, dans mon corps, et même au-delà, dans mon environnement, où il arrange et harmonise,

Sommes-nous vraiment capables de saisir le sens de telles déclarations?

Ce pouvoir existe objectivement; c'est l'organe le plus élevé de la conscience humaine. A la vitesse de l'éclair, il envoie des impulsions de sauvegarde lorsque nous sommes dans une situation désespérée. A la vitesse de l'éclair, Satprem pouvait changer sa conscience face aux assassins et ils ne pouvaient donc pas lui nuire. A la vitesse de l'éclair, une puissance supérieure a pris le dessus sur mon volant quand ma voiture a filé sur une zone glacée dans les montagnes du Harz et s'est jetée dans la circulation venant en sens inverse. Nous pouvons donner différents noms à ce pouvoir: « l'opérateur », le « soi supérieur », le « super cerveau », le « supra-mental », ou simplement « Dieu ». Ce qui importe dans ce contexte, c'est la reconnaissance de ce pouvoir et le fait de lui attribuer plus d'importance que nous l'avons fait jusqu'ici. La présence et la logique opératoire de ce pouvoir supérieur devraient être étudiées et enseignées en tant que discipline dans les universités de la nouvelle Terre.

Sri Aurobindo, le célèbre philosophe indien du yoga, travaillait du côté des révolutionnaires dans la lutte indienne pour l'indépendance des Britanniques et était sur le point d'être condamné à mort, aux côtés de son frère. Brièvement avant le procès, Vasudeva (le dieu indien) lui est apparu et a dit ...

*Souviens-toi de ne jamais avoir peur, de ne jamais hésiter. Souviens-toi que c'est moi qui agit, pas toi ni personne d'autre. Donc, quels que soient les dangers et les souffrances, les difficultés et les impossibilités: il n'y a rien d'impossible, rien de difficile, car c'est moi qui agit.*⁴

Aurobindo a été libéré. Son frère qui avait commis le même « crime » a été exécuté.

Ici, nous obtenons un premier indice de ce que ce pouvoir intérieur pourrait être. Il se définit comme “moi” et “Dieu”. Dieu (Vasudeva) dit à l'être humain: Je suis ce pouvoir, pas toi ni personne d'autre. Mais si ce pouvoir est dans l'être humain, comme K.O. Schmidt le dit, il nous faut admettre qu'il existe en nous – en plus du moi habituel – un moi supérieur, qui nous guide pour autant que nous soyons prêts pour une telle guidance. Nous sommes ainsi face à une hypothèse remarquable qui pourrait caractériser notre existence dans l'ère qui approche: Nous les « petits » êtres portons en nous cette grande entité, celle que nous avons autrefois élevée au-dessus de toutes choses et appelée Dieu. Nous portons en nous les capacités et les potentiels que nous avons précédemment projetés sur un créateur extérieur! Ce sujet mystérieux du monde – le moi divin – c'est finalement nous-mêmes, une fois que nous nous

sommes connectés à notre moi supérieur. Voilà donc ce qui pourrait être la suite de notre évolution culturelle: la transition du moi « égoïque » vers le moi universel ou divin, de la pensée privée vers la conscience universelle, et de la force individuelle à la puissance universelle. Plus l'être humain progresse dans cette transition, plus il gagnera de pouvoir sur lui-même, ses émotions et ses habitudes. Il est en voie de se réapproprier sa puissance perdue.

C'est là le chemin de la guérison. C'est le message du temps nouveau. C'est la grande promesse derrière la petite phrase: « let go and let God ». (Laisse Dieu prendre les choses en main et aie confiance.) Quiconque est sous une telle guidance n'a plus besoin de s'inquiéter car « *ce n'est pas vous qui parlerez, mais l'Esprit saint* »⁵. Il existe quelque chose qui nous porte quand nous ne savons plus nous-même comment aller plus loin, une intelligence au-delà de la nôtre, un savoir qui nous est accessible si nous lui ouvrons les canaux appropriés – c'est comme si soudainement les cent pour cent de notre cerveau étaient activés (par opposition aux dix pour cent de notre usage habituel). Une ligne d'évolution spirituelle de l'humanité à venir consiste à **nous en remettre à une intelligence supérieure pour régir notre vie, plutôt que de le faire nous-mêmes – à une intelligence qui en fin de compte nous est tout de même propre. Dans cette reddition réside le sens et l'objectif de la transformation actuelle.**

Chapitre 8: La Matrice Sacrée

Comment se fait-il qu'il y ait un langage symbolique universel répété dans tous les lieux de l'histoire culturelle de l'humanité? Pourquoi le code génétique et le I Ching ont-ils en commun fondamentalement le même schéma mathématique?¹ Pourquoi les architectes ont-ils tenté au cours des siècles de concevoir des bâtiments selon la géométrie sacrée? C'est qu'il y a un motif universel transparaissant à travers tout ce qui existe. Le phénomène de l'analogie entre le I Ching et le code génétique en est une merveilleuse illustration. Les deux sont des expressions d'une sorte de « formule universelle » – le I Ching dans le domaine ésotérique et le code génétique dans celui de la biologie moléculaire. Les structures des deux sont mathématiquement presque identiques; c'est le même schéma cosmique fondamental dans deux disciplines qui ne pourraient être plus différentes!

La Matrice Sacrée est le modèle cosmique, le *champ morphogénétique* de l'univers, à la base de l'organisation de la vie universelle. Elle dirige l'information et les énergies nécessaires à l'évolution et au maintien de la vie. Lorsque l'humain se connecte à cette guidance, les canaux pour les forces de guérison s'ouvrent. Lorsque pour orienter son existence terrestre, ses systèmes d'habitation et structures sociales, ses systèmes de gestion de l'énergie, de l'eau et de l'alimentation, l'humain recherche la conformité avec la Matrice Sacrée, des canaux s'ouvrent pour libérer des forces de guérison globale. Le principe de la guérison globale repose sur la congruence de nos actions avec les lignes de force et de sens de l'ordre inhérent à la Matrice Sacrée. Cette congruence est codée dans la structure de la création, car la Matrice Sacrée est également inscrite dans le modèle génétique de l'être humain, dans la structure moléculaire de notre ADN. Dans notre vie psychique, elle forme la matrice originelle de l'amour, et dans notre vie sociale, elle forme la matrice originelle de la communauté. La guérison se produit en activant cette matrice originelle.

La matrice originelle de la communauté humaine exige de nous une nouvelle façon de coexister avec les autres membres de la grande famille de la vie. Nous avons besoin d'une nouvelle forme de « communisme » ou de « socialisme ». Historiquement, ces termes sont usés et semblent avoir fait leur temps, mais leur contenu commence tout juste à prendre sens. Ce nouveau socialisme englobe tout ce qui appartient à la matrice originelle de la communauté: la libération de la sexualité, la coopération avec la nature et la communication avec des êtres cosmiques.

C'est à notre époque actuelle de traduire cette matrice originelle dans un nouveau langage politique et de trouver des formes de gouvernance permettant de coordonner, sans violence, les cellules de la nouvelle communauté mondiale.

Il y a un modèle génétique qui dirige notre comportement. A travers l'héritage culturel de la société humaine, certains aspects de ce modèle (c'est-à-dire certains segments de l'ADN) ont été activés et d'autres aspects ont été désactivés. Le résultat est l'orientation collective d'une société selon la matrice particulière constituée par les informations en état d'activation. Les travailleurs de la paix de notre temps ont la tâche de changer cette matrice et de développer une information orientée vers les préceptes de la Matrice Sacrée. Cela ne doit pas seulement se produire symboliquement (comme dans la géométrie sacrée), mais concrètement et dynamiquement dans l'établissement de nouveaux systèmes sociétaux. Dès que les nouveaux

systèmes seront compatibles avec la Matrice Sacrée, ils prévaudront dans le monde entier, car tous les humains y sont connectés.

Chapitre 9: Le pouvoir christique

Nous voici parvenus à un chapitre difficile. Rien que son titre ne cadre pas avec l'air du temps actuel. Je veux décrire quelque chose qui se produit chaque fois que deux personnes ou davantage sont dans un état de cohérence ou de synergie entre elles. Cette situation crée une ouverture par laquelle pénètre une force de guérison qui dissout les vieilles hostilités et les peurs. Quand je suis témoin de cet effet, je ne peux pas penser à d'autres mots; je l'appelle le « pouvoir christique ».

Dans notre travail de guérison, nous avons vécu, lorsque cette force se manifeste, la disparition de troubles digestifs, d'inflammations abdominales et d'eczémas aigus. Il y a beaucoup de témoignages sur de telles guérisons miraculeuses; cette ouverture peut même rendre la vue aux aveugles. Dans nos pèlerinages en Colombie et en Israël-Palestine, nous avons vu de anciens ennemis se tomber dans les bras, car ils étaient touchés par cette force. C'est une force universelle qui est clairement au-delà de toute tradition culturelle ou religieuse et qui agit partout où cette ouverture se produit.

Dans les luttes actuelles basées sur les idéologies et les émotions, il y a un problème qui surgit toujours lorsque ce sujet est touché. J'y ai été assez souvent confronté pour le savoir. Parler de Christ avec l'avant-garde révolutionnaire déclenche un tollé. Trop de tueries et de mensonges ont été commis, trop de souffrance infligée, au nom du Christ. Je sais à quel point il est difficile d'utiliser ce genre de vocabulaire étant donné qu'il a des connotations historiques si horribles. Les grandes religions de l'Est et de l'Ouest n'ont-elles pas été utilisées pour rendre les gens dociles et pour les manipuler selon les intérêts des pouvoirs en place?

Les choses les plus diaboliques n'ont-elles pas eu lieu au nom du Seigneur, au nom de Yehova et au nom d'Allah? Pourquoi ne pas renoncer à la religion une fois pour toutes et résoudre nos problèmes de manière plus sobre et plus humaine? En 1968, j'étais un porte-parole du mouvement marxiste et un fervent partisan de la déclaration *« la religion est l'opium du peuple »*¹ parce que la religion était effectivement l'opium pour le peuple.

J'utilise néanmoins l'expression « pouvoir christique ». Ce faisant, je ne me réfère pas à une religion particulière, mais à une réalité dans la structure de l'Univers. Dans la situation globale actuelle, nous n'avons plus besoin d'évangélisation religieuse, mais d'explorer le fonctionnement intérieur du monde spirituel d'où nous venons tous. Il y a des découvertes dans la cosmologie spirituelle qui nous mettent au défi d'utiliser certains termes même quand ils ont été abusés et déformés pendant des siècles. Le Christ est un archétype au sein de l'âme humaine collective, profondément inscrit dans notre matrice génétique et psychologique. Nous connaissons et aimons tous cette image, même si nous la rejetons.

Par sa connexion avec le monde divin, l'être humain manifeste à l'intérieur de lui-même la figure divine, celle dont parlent toutes les traditions religieuses et spirituelles, l'appelant différemment « Atman », « Bouddha », « Shekinah », « Christ » ou « Soi Supérieur ». Quand je parle de la nature christique dans ce chapitre, j'ai choisi, parmi toutes les variations historiques, celle que je sens la plus proche de l'esprit d'amour. Le Christ c'est l'incarnation de l'amour. Celui qui trouve le mot Christ trop masculin peut le remplacer par la « nature marianique » parce que c'est l'aspect féminin de la figure cosmique du Christ.

L'essence de toutes les religions authentiques est un changement de paradigme dans la conscience et conception de soi, le changement du point d'assemblage interne (Castañeda) d'une identité du moi séparée d'une identité divine – le « soi supérieur ». C'est l'expérience de la conscience divine dans l'être humain individuel ou, comme l'a dit Teilhard de Chardin,

« *la demeure intérieure de Dieu* »². Lorsque nous acceptons notre identité divine, ce sont des impulsions et des informations différentes qui entrent dans notre organisme. Nos cerveaux commencent à fonctionner différemment, libérant de nouvelles substances messagères (neuropeptides), et nos cellules produisent de nouvelles protéines. Un autre hologramme de la vie se forme.

Je m'aventure loin dans une direction utopique quand je dis que l'humain du futur est un « humain christique ». C'est ainsi qu'il était pensé et c'est notre entéléchie, l'objectif immanent vers laquelle tend notre évolution. Lorsque, aujourd'hui, nous parlons de paix, de guérison et d'amour, nous marchons dans cette direction. Dans les mots d'Ernst Bloch, c'est là la « *conscience de notre avènement* »³. Nous vivons dans un état de « latence utopique »⁴, et nous activons cette utopie latente lorsque nous reconnaissons ces réalités inhérentes à notre

nature humaine, qui sont au-delà de toutes les religions. Nous le faisons au nom d'une Terre nouvelle: Terra Nova.

Notre nature christique est l'empreinte de la Matrice Sacrée dans le système génétique humain. En l'activant consciemment, nous entrons dans une nouvelle étape de l'évolution érotique, sociale et politique de l'humanité. Nous nous ouvrons aux forces divines du monde. Cette activation et cette ouverture ont lieu concrètement lorsque des êtres humains se reconnaissent, ce qui se passe lorsqu'ils se rencontrent en toute confiance. Les promesses d'amour et de bonheur, faites par les vieilles religions, ont un fond réel, mais celui-ci se trouve ici sur Terre: l'accomplissement aura lieu dans les relations entre nous humains. Ce qui est nécessaire pour manifester le « royaume céleste de Dieu » n'est plus la croyance religieuse, mais la création concrète de nouvelles structures sociales dans la communauté humaine. Dès que les premières communautés auront réussi à activer leur nature christique, cela pourrait déclencher une onde morphogénétique qui saisit tout un chacun, car elle touche à ce qui, en chacun de nous, est identique.

Aujourd'hui, nous sommes encore dans la tempête d'une ère de guerre historiquement formée où le comportement de l'humanité s'est éloigné de sa nature christique. Des êtres comme Jésus, Mani et des milliers d'autres qui sont restés fidèles à leur conscience christique ont échoué devant la suprématie du système dominant. Les êtres humains isolés confrontés à un appareil de pouvoir organisé n'avaient aucune chance. Si les travailleurs de la paix de notre temps veulent atteindre leur but global, ils doivent établir un nouveau « système » dans lequel le pouvoir christique est ancré dans l'ordre social et écologique des nouvelles communautés. La force capable d'offrir à l'évolution une direction nouvelle en cohérence avec la Matrice Sacrée ne viendra plus du pouvoir d'individus isolés, mais elle émergera d'un système complexe réunissant humains, animaux, eaux et forces naturelle

Le Christ est une figure futurologique qui nous est inhérente comme le papillon l'est à la chenille. Les transformations que la chenille doit subir pour se manifester sous la forme du papillon peuvent être considérées comme analogues aux transformations que l'humanité doit aujourd'hui subir pour réaliser le but de son entéléchie. Dans les anciens systèmes de pouvoir de l'État et de la religion, cet objectif n'était presque plus visible, mais il a néanmoins

transparu de manière répétée à travers l'histoire humaine. Dans la théorie des formes de Platon, il est fait référence à Agathon, la bonté absolue⁵. Cette idée pouvait seulement émerger car Agathon est une possibilité latente de l'être humain. Ce n'est pas seulement dans le monde des pensées des philosophes doués que nous trouvons des témoignages de l'existence du pouvoir christique; nous en trouvons aussi au milieu des horreurs de la guerre. Les rapports de Jacques Lusseyran sur ses expériences à Buchenwald offrent des aperçus émouvants sur la nature christique d'anciens criminels qui furent ses compagnons de captivité. J'ai aussi été touché personnellement par la nature christique de ceux qui m'ont aidé au temps de ma grave maladie.

À mesure que nous réussissons à libérer les images d'amour originelles d'une fausse morale et de toute sentimentalité, les participants des nouvelles communautés reconnaîtront le grand objectif de notre chemin. L'histoire du projet Tamera est l'histoire d'un tel chemin, et cette histoire vient tout juste de commencer. Tous les groupes et les projets qui collaborent actuellement au grand plan passeront par processus de transformation. Alors que la phrase «*Dieu est amour*»⁶ avait longtemps perdu sa signification, nous pouvons peut-être la comprendre à nouveau aujourd'hui. Dans la mesure où la nature christique se manifeste dans les relations humaines, un champ morphogénétique d'amour est créé. C'est le début d'un changement culturel historique. Terra Nova est une affaire d'amour.

Chapitre 10: Ananda

À côté du monde tourmenté il en existe un autre: le monde de la joie, d'Ananda. Ce sont ses lois qui devront former la base de la nouvelle culture. Les yogis indiens considèrent que Ananda est l'état naturel et originel de l'existence. Ananda signifie quelque chose comme la joie originelle. La joie originelle fait partie intégrante de la vie tant que celle-ci n'est pas

perturbée. Les chiens et les chats qui jouent sont pleins d'Ananda. Nous sommes touchés par leur enjouement, car nous reconnaissons instinctivement ce qu'ils font. Nous, êtres humains, portons aussi le « gène Ananda » en nous, et le monde végétal en regorge. Ananda est la source de la vie; c'est ce que nous voyons à l'œuvre dans la restauration des écosystèmes dégradés. Je trouve émouvant de voir à quelle vitesse un paysage desséché se régénère dès que les bassins de rétention d'eau sont introduits. En peu de temps, une zone aride érodée se transforme en un biotope abondant par la diversité de sa flore et de sa faune. Les travaux du spécialiste de la permaculture Sepp Holzer¹ et les « paysages de rétention d'eau » à Tamera en sont de bons exemples. Il faut le voir pour le croire. C'est comme si le programme de la joie est toujours présent dans la nature et peut se manifester immédiatement une fois que les humains ont rétabli les conditions nécessaires. La matrice originelle de la nature n'attend que d'être comprise et nouvellement réveillée par les humains. La même chose s'applique à notre contact avec les animaux. Les animaux rencontrent les gens avec une joie sans réserve lorsqu'ils reconnaissent qu'ils n'ont plus besoin de les craindre. À Tamera, nous avons expérimenté de nombreux exemples de la confiance croissante des animaux. Les tortues dans nos étangs nagent vers nous, jusqu'à nous toucher. Les serpents d'eau s'enroulent autour de nos jambes; l'un d'entre eux s'est posé sur le ventre d'une femme. Les porcs sautent de joie quand nous les approchons; une fois l'un d'entre eux a même fait une pirouette parfaite. Les aigles et les vautours tournent au-dessus de nous. Nous avons tous vu des photos enchanteresses qui captent la confiance entre les animaux et les êtres humains: un gardien de zoo embrassé par des lions et un bébé caressant la tête d'un énorme serpent python. On peut sentir la joie partagée que les êtres vivants expérimentent lorsqu'ils se découvrent mutuellement. Ce monde ne pourrait-il pas être un paradis? Après des siècles de peur et de séparation, tout aspire au contact et à la réunification. Le monde sort de la torpeur et commence à danser avec joie, comme les antilopes namibiennes à l'approche de la première pluie après une longue période de sécheresse. C'est la pure joie de la création. C'est l'utopie concrète en toute abondance. C'est Terra Nova.

Si nous restons conscients de cette autre réalité, et regardons brièvement la réalité quotidienne dans les abattoirs, les fermes à fourrure et les laboratoires d'animaux, nous pouvons presque l'observer comme une rétrospective historique. Le contraste entre ces deux réalités ne peut pas être plus flagrant. Chacun d'entre nous est placé devant une décision inévitable: pendant combien de temps sommes-nous prêts à participer, directement ou indirectement, à une telle barbarie? La complicité est une question éthique et politique. La

mise en place de systèmes d'approvisionnement autonomes dans le cadre de Terra Nova est impérative, ne serait-ce que pour des raisons éthiques: pour nous libérer de la dépendance à un système barbare de production et de consommation. Nous ne pouvons pas entrer pleinement en coopération avec le monde divin tant que nous tourmentons ou ignorons ses créatures, car elles font partie de la même famille de la vie à laquelle nous aussi appartenons. Rétablir cette union originelle des êtres vivants est une condition préalable à un avenir sans peur. L'alliance sacrée de tout ce qui vit veut se réunifier. Nous voyons que cela est parfaitement possible; nous voyons clairement un monde libre de peur. Aucun animal ne craindra les êtres humains quand les êtres humains ne craindront plus les animaux et cesseront ainsi de les tourmenter. Aucun être humain ne n'aura peur de l'autre quand il n'y aura plus de cause de haine et de violence. Nous sommes en alliance sacrée avec tous les êtres; c'est écrit dans le plan de la Création; et dans le cas où ce n'était pas encore le plan de l'ancien monde, alors c'est le plan du nouveau monde que nous voulons manifester dans la prochaine étape de l'évolution. La vieille peur, profondément enracinée, sera remplacée par une joie de vivre, une joie originelle et inconditionnelle – car **la vie est joie originelle**. C'est ce que nous démontre chaque chat, chaque chien, chaque enfant.

La vie est joie originelle; nous l'avons presque oublié. La célébration de la nature est dédoublé par la célébration de l'amour. Le Saint Graal ne se trouve plus dans les forêts mornes, mais dans le plaisir d'exister de toutes les créatures. Lorsque l'horreur face à la situation mondiale veut nous submerger, nous devons nous rappeler qu'Ananda est une bien meilleure base pour guérir le monde.

Chapitre 11: La Terre Sainte

C'est une fête que de construire la nouvelle Terre en alliance avec toutes les co-créatures. Quand les gens sont unis dans une telle fête, la Terre Sainte surgit. Le rêve de Jésus de la venue du « royaume » trouve son accomplissement et la « Jérusalem céleste » descend sur la Terre. Nous arrivons sur la terre promise « Canaan », mais cette terre n'est située ni à l'est ni à l'ouest du Jourdain; elle est partout là où des êtres humains la ressuscitent. Cela ne nécessite ni expulsion d'un peuple ni destruction d'un quelconque biotope. Nous connaissons les mythes sacrés de la « Terre Sainte » et du « royaume céleste sur Terre ». L'idée de transformer un royaume terrestre en un royaume de Dieu et vice versa est apparue au début de l'histoire patriarcale. Les pyramides égyptiennes établissaient la connexion cosmologique entre les mondes humains et divins; le pharaon Akhenaton a fondé la ville solaire Amarna

pour amener le monde divin sur Terre¹. Mais ces tentatives ont échoué parce que l'éveil originel, qui était peut-être authentique, s'est détérioré en une extase du pouvoir impérialiste. Il manquait la force formatrice de l'amour.

Il y a deux mille ans, Jésus de Nazareth a démontré comment nos vies sur Terre pouvaient être connectées au monde divin par l'amour. À ce jour, Jésus est une figure directrice pour beaucoup de gens, montrant comment la vie est réellement censée être. En essayant de poursuivre son chemin, tout en incorporant les conditions sociétales nécessaires, nous sommes en quelque sorte ses successeurs. Depuis l'époque de Jésus, de nombreuses tentatives ont été faites pour unifier le royaume divin avec celui des humains. De Jérusalem à Brasilia, des gens ont essayé de développer une architecture qui suivrait les proportions de la géométrie sacrée; d'autres ont développé des idées similaires dans de nombreuses autres disciplines. Cependant, dans toutes les tentatives pour amener Dieu sur Terre, ils ont oublié l'éros. J'ai décrit dans mon livre *La Matrice Sacrée* comment toutes les utopies sociales à ce jour ont exclu « le sujet numéro un »². Il est absolument incroyable de voir tous les efforts spirituels que l'humanité a entrepris à la recherche de Dieu – et de voir comment dans presque toutes les tentatives, elle a ignoré la question centrale de nos vies. C'est un problème brûlant sur lequel nous nous sommes tous brûlé les doigts. Un problème qui, au cours de l'histoire, est devenu si terriblement lié à la jalousie, à la vengeance et à l'effusion de sang que personne ne voulait le reprendre. Mais sans répondre à la question sexuelle, sans réaliser la merveilleuse promesse de la rencontre des sexes d'une manière positive et non-violente, il n'y aura pas de monde libre.

La Terre Sainte n'est liée à aucune religion; elle apparaît partout où les gens voient et réalisent cette grande vision. Ce sera un tapis brillant tissé à travers tous les pays, englobant progressivement la planète. Nous travaillons sur une base de la vie, et elle concerne tous les habitants de cette planète. Il est important que nous nous le rappelions toujours: les Biotopes de Guérison et les nouvelles communautés existent au nom d'un mouvement mondial, et ils travaillent pour une éthique qui est souhaitée et soutenue par tous les citoyens de notre planète. **Le mouvement nécessaire, dont il est question ici, ne peut être créé par les egos de petits groupes; il est créé par le soi global de notre planète.** Nous, les êtres humains, faisons partie du monde. Nous avons blessé le monde et nous voulons maintenant le guérir, conformément à sa nature inhérente. La Terre Sainte est le testament du XXI^{ème} siècle et il

s'applique à tous les peuples de la Terre. Toute vie est destinée à être guérie; c'est le message.

« *Si vous le voulez, ce n'est pas un conte de fées!* » était l'appel lancé par Theodor Herzl à ses amis juifs quand il a voulu rendre accessible la vision d'une nouvelle nation israélienne³.

Mais il a ignoré les Palestiniens qui vivaient déjà là et il ne connaissait pas encore les conditions internes (sexuelles, sociales et écologiques) pour un monde qui soit humain. « *Si vous le voulez, ce n'est pas un conte de fées* » – c'est ainsi que nous pouvons le dire encore une fois si nous nous référons à une humanité réunifiée qui, en coopération profonde avec les forces de la création, apporte le paradis sur Terre, tel que c'est prévu dans le programme entéléchique de tous les êtres.

Pour le moment, la conclusion la plus élevée à tirer de notre voyage actuel, à travers toutes les promesses de la science et de la religion, est que nous entrerons dans un monde où nous aimons et prenons soin de notre entourage, car nous y reconnaissons la présence divine. Nous verrons chaque plante comme un symbole du monde supérieur, car nous perceverons les secrets qu'elle contient. Lorsque nous voyons **vraiment** une fleur, notre vie en est transformée.

Chapitre 12: L'eau, la nourriture et l'énergie sont librement accessibles à l'humanité

La nature produit en abondance ce dont l'humanité a besoin – l'oxygène, l'eau et la nourriture. Tous les êtres humains et les animaux de la Terre pourraient être nourris si les mécanismes de notre économie mondiale s'orientaient par rapport à la loi de la nature et non à celle du capital. La matrice originelle de la nature ne demande qu'à être comprise et éveillée à nouveau par l'humanité.

Les activités politiques et économiques du capitalisme mondial et en particulier ses luttes d'accaparement des ressources en eau, nourriture et énergie détruisent la Terre. Des régions entières sont dévastées et dépouillées de leurs ressources naturelles pour la production d'énergie, de denrées alimentaires et d'autres biens de consommation. Lorsque nous examinons le sort des innombrables victimes des mesures de la mondialisation, nous reconnaissons la nécessité absolue de nouveaux concepts d'autarcie, qui permettent à la population mondiale de satisfaire ses besoins matériels indépendamment des cartels en place.

L'autarcie décentralisée, assurant la plus grande autosuffisance possible, est une

condition préalable au développement d'une civilisation non-violente. Une stratégie énergétique qui nécessite des méga-barrages n'est pas compatible avec les lois supérieures de la Création. Qu'arrive-t-il aux personnes vivant dans les endroits où les sociétés multinationales prévoient d'exploiter leurs ressources? Qu'arrive-t-il aux animaux et à tout le tissu vivant et subtil de la nature qui accomplit ses tâches dans le grand organisme de la vie? Osons-nous regarder les millions de cavernes, de niches, de nids et de micro-biotopes où les animaux avaient leur chez-soi, qui sont maintenant impitoyablement inondées, centimètre par centimètre? Le rouleau compresseur imparable de l'extermination ne cesse d'avancer sur le globe aujourd'hui. Qu'est-il arrivé à la faune au Portugal lors de la construction du barrage d'Alqueva? Que se passe-t-il au Brésil à la suite du projet hydroélectrique de Belo Monte, où plus de 40 000 autochtones sont chassés de leurs foyers? Quel effet cela a-t-il sur l'âme de la nature et sur celle de l'humanité? Il est indescriptible comment des tels projets à but lucratif sont imposés par la corruption, les machinations et la désinformation intentionnelle.

Nous n'avons besoin ni de barrages gigantesques, ni de centrales nucléaires, ni d'autres mégaprojets pour sécuriser l'approvisionnement en énergie et en nourriture, car la nature en fournit abondamment. Une fois que les technologies associées à des noms comme Viktor Schauberger, Sepp Holzer, Masanobu Fukuoka, Nikola Tesla et Jürgen Kleinwächter se seront généralisées, il n'y aura plus de pénurie. Des expérimentations agricoles en Chine et en Afrique ont montré à quelle vitesse la nature est capable de se régénérer dès qu'elle n'est plus entravée par des méthodes d'exploitation sans égard pour ses besoins. Le cinéaste John D. Liu a donné un aperçu des possibilités de reverdissement des déserts en documentant la renaturation à grande échelle de territoires dont les écosystèmes avaient été détruits. Avec un soutien financier suffisant, les techniques qu'il montre pourraient être appliquées dans le monde entier; Il a montré comment, en recourant à des méthodes simples, une vaste zone déserte en Chine – le plateau de Loess – a pu être régénérée¹. Il a documenté des exemples similaires de revitalisation de la nature en Ethiopie, au Rwanda et dans d'autres pays. Ces modèles illustrent le potentiel de l'humanité lorsqu'il n'est plus bloqué par les trusts industriels et leurs supplétifs politiques.

Rajendra Singh, également connu sous le nom de « Gandhi de l'eau », a fait reverdir plus de 8 600 kilomètres carrés de désert au Rajasthan, en Inde, en vingt-cinq ans, en utilisant des « johads » traditionnels (de petits étangs de retenue d'eau). En utilisant des techniques simples,

les communautés villageoises ont construit un paysage de rétention d'eau, qui a reconstitué la nappe phréatique. Aujourd'hui, des dizaines de milliers de personnes peuvent subvenir à leurs besoins et ne sont plus obligées de migrer vers les villes. Sept rivières coulent maintenant toute l'année et la pluie est revenue. Les habitants se sont organisés entre eux pour assurer eux-mêmes la protection de l'eau et éviter que la nature soit à nouveau exploitée, en fondant un « parlement fluvial »².

Partout dans le monde, il y a de nombreux projets similaires, qui proposent une aide active, mais ils se retrouvent relativement isolés. Ils doivent s'associer entre eux sur le plan international pour que se développe le champ global pour qu'une nouvelle Terre puisse se développer. La revitalisation de la nature, l'autosuffisance régionale et la collaboration internationale sont des conditions de base pour mettre fin à la faim dans le monde. Chaque nouveau centre devrait avoir un bureau pour l'échange et la communication internationale.

Bien d'autres développements sont en cours partout dans le monde visant la décentralisation de l'approvisionnement en eau et en énergie. Beaucoup d'entre eux ne peuvent pas encore être mis en oeuvre parce qu'ils ne s'accordent pas avec le mainstream scientifique et ne sont donc pas financés. C'est le cas de la recherche sur « l'énergie libre » et des idées et développements de l'ingénieur et inventeur Jürgen Kleinwächter pour de nouvelles possibilités d'utilisation de l'énergie solaire et la formation de communautés autosuffisantes sur le plan énergétique. « Solar Village » est le nom de son système qui doit être installé à Tamera.

Aucun enfant ne mourra de faim une fois qu'une humanité libre commencera à utiliser les outils déjà disponibles. La nourriture pousse partout où les gens sèment des graines. Le droit à l'auto-approvisionnement doit être rendu à tous les peuples de la terre rapidement et sans conditions. Il est clair que les nouveaux centres autonomes susmentionnés seront en conflit avec les intérêts de « l'autre côté ». Le « nouvel ordre mondial » que les forces du capitalisme global cherchent à instaurer, ne saurait tolérer l'autosuffisance régionale. Mais cet « autre côté

» ne sont que des êtres humains et probablement les jours du système qu'ils servent sont comptés. Nous espérons avoir des possibilités de coopération. La lutte de pouvoir entre les forces de la vie et les forces du profit doit, dans la mesure du possible, se transformer en un nouveau modèle de coopération. Cela doit devenir possible, car le temps de la lutte révolutionnaire est révolu. Il n'y aura pas de « lutte finale ». Le mouvement pacifiste doit

développer un concept intelligent de collaboration avec les parties de l'empire capitaliste qui ont reconnu leur folie économique et humanitaire.

Nous ne devrions pas rejeter trop vite ces pensées comme naïves. Elles ne sont pas naïves, car même des représentants respectés du système actuel viennent à Tamera pour explorer les possibilités de collaboration. Ils voient que leurs méthodes (par exemple dans la gestion de l'eau) ne fonctionneront plus pour longtemps. Une fois la porte ouverte au concept universel de la vie, nos possibilités sont illimitées.

Chapitre 13: La réalité de l'utopie concrete

Terra Nova, c'est le rêve d'une nouvelle humanité sur une Terre guérie. Des rivières propres, des prairies en fleurs, des forêts parfumées et une humanité unifiée en contact créatif avec tous les êtres. Ce rêve est bien plus qu'un vœu pieu, c'est une possibilité réelle contenue dans le monde actuel. Une fois que nous cessons de les polluer, les rivières se purifient d'elles-mêmes. Tout ce qui vit connaît une direction vers laquelle son développement tend, une entéléchie, un but intrinsèque. Le développement futur est déjà inscrit dans la vie.

L'utopie concrète est inscrite dans chaque être comme but de son développement, tout comme l'image du chêne est inhérente au gland. Nous sommes tous en route vers la réalisation d'un but, qui est codé en nous, mais que nous n'avons pas encore atteint. Ce « pas-encore » n'est pas un état de manque, mais le moteur interne de la vie. Ernst Bloch s'y réfère, en utilisant le terme latin « nondum »¹, le grand « pas-encore » de l'Histoire: le but du développement inhérent à la vie comme « latence utopique »². Au même titre que le rêve de l'arbre est contenu dans sa semence, le rêve de Terra Nova est l'utopie latente de l'humanité, le grand « nondum » de Bloch, une possibilité virtuelle cachée mais réelle. Comme Jésus a déclaré à ses disciples: « *le royaume de Dieu est en vous* »³, nous pouvons dire aujourd'hui: « Terra Nova est en nous ». Pour ceux qui préfèrent les formulations scientifiques, nous pourrions décrire Terra Nova comme un hologramme présent dans « l'ordre implicite », prêt à être téléchargé en recourant aux fréquences appropriées. Que cette utopie se réalise ou non dépend de l'information que nous entrons dans le corps global de la vie. Avec chaque action, chaque mot et chaque pensée, nous activons ou bloquons ce processus historique, nous activons l'utopie promise ou son contraire.

L'avenir réside dans chaque cellule. La célèbre chenille se transforme en célèbre papillon. C'est la réalité de son utopie concrète. Le papillon est l'utopie latente de la chenille. La chenille n'en sait rien et pourtant vit en elle la matrice de son existence future, l'information du papillon. Ne se pourrait-il pas que l'humain soit de manière analogue porteur d'une information entéléchique pour un avenir qui n'a pas encore pu se réaliser? Les notions de « moi supérieur » ou de « nature christique » ne pourraient-elles pas se rapporter à l'utopie concrète de l'être humain, vers la réalisation de laquelle nous marchons?

Alors qu'elle était en état de transe, j'ai demandé à ma partenaire Sabine Lichtenfels ce qu'il fallait faire après les catastrophes de Fukushima, Oslo, Londres et d'autres endroits. Elle a reçu la réponse suivante:

*Vous devez garder la vision de ce qui est intact, bon et sain en dépit de ce qui se passe dans le monde, vous devez voir cette réalité intacte, car elle existe toujours en parallèle. Plus vous vous ouvrez à ses fréquences, plus elle peut rayonner et faire des miracles.*⁴

La réalité intacte existe toujours. Elle est réalisée quand elle est vue et activée par nous. L'utopie concrète peut être réalisée dès qu'elle est reconnue et voulue par les premiers êtres humains. **Il faut que la possibilité de la guérison mondiale soit vue et voulue. Dans chaque être, aussi déformé soit-il, se trouve une matrice originelle intacte et sacrée qui commence à agir dès qu'elle est vue, adressée et activée.** Ce sont là des principes qui épargneront beaucoup de souffrance lorsqu'ils seront correctement appliqués.

Derrière chaque maladie se trouve une matrice intacte qui se met à devenir réalité dès qu'elle est vue. Ce qui se manifeste dans le monde dépend de nos perceptions et de nos pensées. Les forces de guérison immanentes restent opérationnelles même lorsque la science médicale ne voit plus aucune chance. Lusseyran a survécu alors que, selon la science médicale, il aurait dû être mort depuis longtemps (voir [Chapitre 17](#))⁵. **Plus nous parvenons à développer un ordre sociétal – un ordre social, sexuel, écologique et politique – compatible avec l'ordre supérieur de la vie (la Matrice Sacrée), plus nous attirons les forces de guérison et plus l'utopie à laquelle nous aspirons peut s'accomplir.**

Tous les grands esprits, de l'Orient et de l'Occident, savaient que l'évolution humaine tendait vers un but spirituel qui au plus profond consiste en la réunification complète de l'être humain avec son origine divine. Aujourd'hui nous sommes encore attachés à une identité limitée, dont nous nous libérerons demain. Nous nous identifions encore au corps tangible et à la personne que l'on peut appeler par son nom. En référence à l'image précitée, nous nous identifions à notre état de chenille. Si nous disions à une chenille qu'elle deviendra un papillon, elle nous traiterait de fous et couperait court à la discussion. C'est la même chose avec nous, humains. Si aujourd'hui l'on raconte à un contemporain quelque chose sur la nature divine inhérente en lui, on risque d'être soupçonné d'appartenir à une secte ou d'être placé dans un service psychiatrique. C'est pourquoi il devient de plus en plus important de trouver un langage clair et scientifique, que tout être humain pensant puisse suivre et comprendre. Nous savons que nous sommes seulement au début de notre développement mental et spirituel et qu'en chacun d'entre nous, il y a une nature christique, qui attend seulement d'être reconnue et manifestée.

La substance invisible

Je tiens une pomme dans ma main. Qui l'a créée? La force inhérente au monde qui a créé cette pomme est également capable de mettre fin à la guerre mondiale. Nous-mêmes provenons de cette force, et nous la portons en nous. Nous apprendrons à l'avenir à l'utiliser et ainsi créer un champ de force spirituel qui sera la « substance invisible » qui changera le monde. C'est l'une des tâches de l'ère à venir. Cela fait partie de l'enseignement à venir, auquel nous participerons en tant qu'enseignants et étudiants.

Dans les Upanishads, l'un des plus anciens livres de sagesse de l'humanité, cette substance invisible est la force créatrice dans le noyau du fruit du figuier, celle qui fait pousser l'arbre, et qui fait également émerger tout le reste. La force créatrice est l'essence fondamentale du monde, identique à Atman, le soi de tous les êtres. Il y a donc une essence intérieure qui est la même dans tous les êtres! Nous nous référons à cette essence invisible lorsque nous affirmons que tous les êtres participent à un même Être et une même conscience.

La réalité n'est pas une substance toute faite, mais une manifestation de champs énergétiques et informationnels invisibles, une manifestation de forces de conscience, une manifestation de nos pensées et de nos images. Dans le tissu du monde, conscience et réalité matérielle

interagissent constamment. Par nos pensées, nous sommes continuellement impliqués dans la Création. Avec une vision forte, nous changeons la réalité. Pour la conscience, rien n'est impossible, car « la foi peut déplacer des montagnes ». C'est la substance invisible de notre pensée qui fait bouger le monde. Nos pensées et le monde qui nous entoure sont fait de la même substance. Nous voulons donner une orientation cohérente à cette substance, afin qu'elle donne naissance au nouveau champ de forces de Terra Nova.

La substance invisible nous entoure de façon permanente sous forme de radiations et d'ondes de toutes sortes. Quand j'allume la radio, je reçois ces ondes sous la forme de musique. Le monde est plein d'ondes partout; la substance invisible est partout. Il y a des ondes qui peuvent être reçues et transformées avec des appareils technologiques tels que des radios et des téléviseurs. Il y a des ondes spirituelles, que nous, humains, recevons consciemment ou inconsciemment. Tous les aspects de la substance invisible (biologique, psychologique, technique et spirituel) sont interconnectés. Si nous apprenons à activer la substance invisible de Terra Nova dans tous les aspects qui nous sont accessibles, une grande puissance de manifestation apparaît dans le corps de la vie – similaire à la façon dont l'arbre émerge de la substance invisible de la graine.

Terra Nova est l'image d'une Terre intacte. Cette image n'est pas une invention de l'auteur, mais la possibilité objective d'une autre vie sur Terre. Cette possibilité ne s'est pas encore manifestée, mais elle est inhérente au tissu holographique du monde, et elle peut être manifestée partout et à tout moment. Si nous pouvions voir le monde invisible de l'information et des pensées, nous y verrions dans un univers lumineux. C'est semblable aux photos des astronomes de l'espace: là où les physiciens pensaient autrefois que l'espace était vide, nous commençons maintenant à reconnaître un univers rempli de réseaux lumineux et de structures immatérielles. Le monde visible provient de systèmes d'énergie et d'information invisibles. Rien n'est impossible, tout dépend des systèmes d'information que nous activons. Il ne fait pas de doute que nous pouvons réussir à créer une société humaine où il n'y aura plus d'impulsions de violence, où la jalousie ne fera plus partie de l'amour, et où plus personne ne croira pouvoir résoudre un conflit par la guerre. Dans le système émotionnel de l'humanité future, il n'y aura plus d'impulsion de violence, car les informations qui les avaient déclenchées ne seront plus activées. De cette manière, nous pourrons laisser partir nos vieux scripts de vie basés sur la peur, car ils ne seront plus confirmés par de vrais dangers.

Ainsi, la vie sera libre de la peur. Dans cet état réellement libre de peur, nous

expérimenterons beaucoup de nouvelles choses, car l'interprétation de nos expériences changera. Nous ne réagirons plus selon nos projections de peur et d'hostilité, mais selon notre moi supérieur. C'est le début d'un changement de programme fondamental dans la substance invisible.

Nous nous trouvons dans une transformation collective. Nous avons traversé l'ère de l'ego et maintenant nous entrons dans une nouvelle phase de développement de la conscience. Nous travaillons à la mise en place d'un nouveau champ morphogénétique pour notre existence future sur Terre. Ce champ morphogénétique sera la substance invisible qui guidera le développement interne du monde. Je répète une maxime que j'ai déjà utilisée:

« Il y a le monde que nous créons et le monde qui nous a créés. Ces deux mondes doivent se rejoindre. C'est le but du voyage ».

Chapitre 14: Les forces de realization

À ce jour, il y a eu deux principaux modes de réalisation: la magie et la technologie. Nous connaissons de nouveaux systèmes dans lesquels la magie et la technologie sont connectées. Pour pouvoir mener à bien les nouvelles tâches, tant à l'intérieur qu'à l'extérieur, nous devons recourir, en plus des forces matérielles, aux forces spirituelles. Nous devons tout particulièrement découvrir, expérimenter et décrire d'une nouvelle façon les forces métaphysiques (divines). Ce sont les forces de la vision, de la concentration et de la prière.

Pour cela, les nouveaux centres ont besoin d'une institution dédiée, que nous appelons à Tamera l'« ashram politique ». Les étudiants y apprennent comment les pouvoirs spirituels de la Matrice Sacrée influencent le monde matériel, et comment nous sommes donc capables de changer le monde à travers l'utilisation de forces spirituelles. Pour découvrir et activer ces forces, les étudiants y étudient des textes, pratiquent la prière et l'art, et apprennent le travail de vision, la visualisation des objectifs visés. Le livre d'Eugen Herrigel, « Zen dans l'Art du Tir à l'Arc », par exemple, livre un matériel merveilleux pour ces nouvelles formations, en montrant comment augmenter les capacités physiques grâce à des exercices mentaux et spirituels¹. La maîtrise de ces pratiques nécessite du travail; ce n'est pas que nous soyons compétents dès le début qui compte, mais que nous sachions que ce potentiel est, en principe, accessible à tous les êtres humains, tout comme le bois sec contient le potentiel de chaleur et de lumière. Cela vaut la peine de bien comprendre cette analogie. Derrière le monde visible se trouve un monde parallèle de possibilités insoupçonnées. C'est une école d'un genre

nouveau qui voit le jour ici, pour permettre à nous, humains, de trouver notre nouvelle place dans la broussaille du « multivers ». Il s'agit de la reconnexion fondamentale avec cette force qui est plus forte que toute violence. C'est le « Dieu immanent » qui nous guide quand nous assumons ce travail. La terminologie religieuse peut choquer ici, après tant de siècles d'abus religieux – mais il ne s'agit pas ici d'un retour aux systèmes de croyances dépassés. Il s'agit au contraire d'un pas en avant vers un méta-monde, un nouveau continent en deçà des vieilles conceptions religieuses et scientifiques. Plus le mouvement pour la paix s'y enracine, plus son succès sera certain.

Vision et réalité

Nous découvrons de nouvelles connexions entre le monde spirituel et le monde matériel. L'ancienne vision du monde était matérialiste; la nouvelle sera spirituelle. Ce changement de paradigme a des conséquences importantes sur notre comportement dans les relations humaines. Si par exemple nous formons dans notre esprit une image positive d'un partenaire amoureux, d'un partenaire commercial, ou même d'un ennemi, et si nous sommes capables de maintenir cette image fermement et calmement, elle se formera aussi instantanément dans le système cellulaire de cette personne. Alors cette personne va s'orienter inconsciemment en direction de cette image « idéale ». C'est comme si j'écrivais mentalement quelque chose, et que cela apparaît ensuite sur un écran d'ordinateur. Le cybermonde traite constamment de tels processus de transfert (voir [Chapitre 30](#)). Plus notre conscience humaine progresse dans ses recherches, plus les possibilités qui se présentent deviennent fascinantes. Si l'image mentale et spirituelle que nous formons d'une autre personne est compatible avec ses possibilités génétiques et entéléchiques, cette image agit dans l'organisme de cet être humain au moment même où nous la formons. Nous reformulons ici d'anciennes connaissances de la sagesse des mystères. Pour acquérir ces connaissances, il faut que nous comprenions les structures holographiques et spirituelles de la réalité. La force qui crée en nous l'image idéale de l'autre est aussi la force qui provoque en lui le mouvement cellulaire correspondant. Nous pouvons élargir la portée de cette affirmation: La force qui crée en nous l'image idéale d'une communauté est aussi la force qui provoque les changements correspondants dans la communauté. La force générant une vision est aussi la force qui la manifesterà. Ce n'est pas "ma" force, mais celle du méta-monde spirituel.

Nous entendons parler de la guérison à distance, telle qu'elle est pratiquée par exemple par le guérisseur américain Adam McLeod. Elle est basée sur le même principe de transmission d'une image mentale ou d'une pensée dans un système matériel. Cela pourrait être appliqué à des conflits à grande échelle, par exemple, au service de la réconciliation entre les travailleurs de la paix et les paramilitaires en Colombie, ou entre les Israéliens et les Palestiniens. Cela fonctionne toujours quand notre vision saisit ce qui en tant que possibilité latente existe déjà.

La transformation actuelle de la conscience humaine nous conduit à des domaines de recherche que nous aurions, jusqu'ici, qualifiés d'occultes ou mystérieux. Nous prenons conscience que le monde matériel est vraiment généré et guidé par des forces mentales et spirituelles. Il est alors logique que nous travaillerons de plus en plus avec ces forces si nous voulons être efficaces dans la transformation du monde matériel. L'autorité requise pour accomplir les tâches qui nous attendent provient du méta-monde, mais cette autorité n'est plus une instance supérieure extérieure à nous, elle est en nous. C'est le Dieu immanent qui génère à la fois la vision et sa manifestation.

Le principe du magnétisme spirituel

Dhyani Ywahoo, maître spirituelle des indiens Cherokee, a dit:

*Avec la décision consciente de vivre d'une manière sacrée, nous attirons la compréhension, les informations et les enseignements qui nous aideront à déployer nos dons pour le bénéfice de tous.*²

Toute décision consciente génère un « champ magnétique spirituel », qui attire ce qui est nécessaire à sa réalisation. C'est le principe de l'attraction spirituelle. Le succès d'un projet dépend largement de la précision de son plan sous-jacent et de ses objectifs: c'est son « ossature spirituelle ». Beaucoup de groupes ont échoué simplement parce qu'ils n'avaient aucun concept mental et spirituel, aucune vision intérieure de leur projet. Les particules de fer se déplacent d'elles-mêmes vers leur position correcte dans le champ magnétique. Ce phénomène étonnant peut, dans une certaine mesure, être transposé au domaine social. Une ossature spirituelle forte attire ce qui est nécessaire à sa réalisation. Cela se fait « tout seul »! Les gens entreprennent les actions nécessaires par eux-mêmes quand ils sont unis dans l'esprit d'un plan puissant. Si le plan est cohérent avec la Matrice Sacrée, ils seront assistés par des

forces supplémentaires, en raison de la résonance avec l'ordre cosmique. Le travail commun se déroule selon les « lignes de force » du plan. Le plan mène le groupe; c'est l'ossature spirituelle qui dirige le groupe. Nous n'avons besoin ni d'autorités hiérarchiques ni de pression sociale. La seule difficulté réside dans la conception de l'ossature spirituelle et dans sa transmission à la communauté. Plus le plan est vaste et complexe, plus il devient difficile de la communiquer de manière convaincante. Le plan global des Biotopes de Guérison est exceptionnellement complexe; l'union d'une communauté de plus de cent personnes sur la base de ce plan est par conséquent difficile. J'espère que nous atteindrons notre objectif. Je voudrais ajouter pourtant que le plan des Biotopes de Guérison restera valable et nécessaire, même dans le cas où Tamera ne l'accomplirait pas entièrement.

Le principe du « par soi-même »

L'ordre universel de la vie opère selon une logique fondamentalement différente de la logique mécanique des systèmes technologiques. Dès que l'être humain a trouvé son propre chemin de vie et qu'il n'est plus dirigé par les contraintes extérieures et la peur de la punition, le grand changement commence. C'est un changement radical des systèmes de pilotage et d'énergie: le passage d'une régulation par la pression extérieure à l'autorégulation de la vie.

Les enfants apprennent tout seuls leur langue maternelle, sans devoir étudier le vocabulaire. Ils apprennent par eux-mêmes quand ils sont intrinsèquement motivés à le faire. Ils sont capables de développer leurs propres jeux, leurs propres règles, leur propre cirque ou théâtre, parfaitement accomplis quand ils ne sont pas forcés vers la perfection. Par eux-mêmes, les adultes donnent tout lorsqu'ils sont motivés par un but qui est grand à leurs yeux. Et enfin et surtout, nos organes sexuels fonctionnent toujours tout seuls quand ils sont libérés de toute pression. L'impuissance sexuelle disparaît une fois que le corps est libéré de toute obligation.

L'autorégulation a également lieu dans une communauté dès que le champ de confiance est assez fort. Les décideurs individuels sont alors remplacés par l'intelligence supérieure que nous pourrions appeler le « soi communautaire ». Le soi communautaire agit à travers les participants individuels et organise ce qu'il y a à faire dans l'intérêt de la communauté – de manière informelle et sans effort. Lorsque les membres d'une communauté sont unis par un

plan commun, ils peuvent accomplir des miracles de manifestation, comme nous l'avons vu dans la communauté de paix colombienne San José de Apartadó: ils ont construit leur nouveau centre à Mulatos en quelques semaines seulement. Ils ont porté tous les matériaux de construction et les machines nécessaires sur de longues pistes à peine praticables à travers les montagnes au milieu de la jungle, loin de toutes routes ou lignes électriques, pour créer leur nouveau centre de contemplation et d'étude.³

Je suppose que dans quelques années nous verrons de plus en plus de biotopes de guérison surgir par eux-mêmes partout dans le monde parce qu'un plan spirituel cohérent pour Terra Nova se sera répandu.

Le principe de l'autorégulation nous épargne beaucoup de peine et de travail. Si nous réussissons à rendre nos actions, nos pensées et nos mouvements compatibles avec le système de pilotage de la Matrice Sacrée, nous atteindrons sans effort les objectifs qui, autrement, exigeraient beaucoup de travail. Le principe du « par soi-même » est décrit et perfectionné comme nulle part ailleurs dans le bouddhisme zen et par les maîtres spirituels de l'Orient, les yogis et les samouraïs. Ils ont démontré les réalisations spectaculaires dont l'être humain est capable lorsqu'il a appris ce principe de la vie décrit dans la tradition zen comme « wu wei » et « mo chi chu ». Après de nombreuses années de formation, Eugen Herrigel envoyait sa flèche dans le cœur de la cible parce qu'il avait appris à se retirer du processus.⁴ Ce principe, qui est depuis des siècles l'objet d'entraînements spirituels en Orient, nous semble difficilement réalisable en Occident, car nous sommes toujours emprisonnés dans les schémas de pensée de l'ère matérialiste. Et pourtant c'est le principe de la vie universelle; tout grandit, s'épanouit, travaille, se multiplie tout seul, vibrant librement et sans effort. Chaque abeille et chaque araignée accomplit son miracle selon ce principe. La toile d'araignée, le voyage de l'anguille, le vol de la chauve-souris, le saut du saumon dans la cascade – tout fonctionne selon ce principe « high-tech » de la technologie biologique. Partout dans la nature, nous rencontrons cette logique de fonctionnement, qui atteint sans effort une précision maximale. La nature accomplit ses miracles non pas par l'effort ou le stress, mais par tâtonnements, tournoiements et oscillations.

Je crois que l'humanité du futur sera fermement rattachée à ce principe. Nous apprendrons à appliquer la logique de fonctionnement cosmique à nos tâches. Elle est susceptible d'offrir

des perspectives intéressantes, même pour nos questions économiques: les principes de fonctionnement de la nature ne contiennent-ils pas un modèle économique mondial réellement fonctionnel? Le cosmos se crée et transforme par lui-même, sans qu'aucun ingénieur n'ait eu à transpirer pour l'y assister. Tout se fait sans rien faire. « Wu wei » et « mo chi chu » ne sont pas seulement des principes pour le tir à l'arc et l'arrangement de fleurs, mais ce sont des principes de la vie dans l'atelier cosmique de Terra Nova. Dans les années 1990, nous avons organisé des camps dans le désert à La Graciosa, une petite île des îles Canaries, sous la devise taoïste: « La création provient de l'absence d'action et rien ne reste à faire. »⁵ Dans les «monastères» du futur nous étudierons et mettrons en pratique, entre autres, ce principe du bouddhisme zen.

La fréquence universelle et le système Alpha

Le monde est un système vibrant. Toutes les choses communiquent entre elles par des ondes. Tout ce qui vit est interconnecté par la fréquence d'onde universelle de la vie. Nous la percevons quand nous sommes dans un état de confiance totale. C'est la fréquence du méta-monde. Elle est aussi appelée la fréquence Alpha, la fréquence de l'éternité, ou la fréquence de Dieu. **C'est la fréquence de l'« Un », l'être et la conscience qui sont les mêmes en tout.** Ce savoir était autrefois uniquement accessible par l'expérience mystique, mais il est aujourd'hui étudié par la science, et il dirigera demain notre vie sociale. La rencontre avec l'« Un » était la base de toutes les religions et philosophies authentiques; c'est aussi une pierre angulaire de notre théorie de la guérison. Pourtant, il n'est pas nécessaire de chercher cet « Un » dans l'extase d'une expérience religieuse, car il existe aussi dans le domaine élémentaire de notre vie quotidienne, partout là où les cœurs s'ouvrent dans un espace de confiance véritable. L'« Un » est toujours présent même lorsqu'il est obscurci par mille autres couches. Même lorsque les fréquences de colère, d'agression ou de peur sont au premier plan, à l'intérieur, au plus profond, la fréquence universelle est présente. Aucun organisme ne pourrait vivre sans elle. Afin d'entrer dans cet espace de guérison de la fréquence universelle, il nous faut éliminer les champs de mines psychologiques, qui nous séparent et bloquent nos relations. Ils sont le résultat de notre passé historique de guerre. Nous revenons toujours à la même tâche fondamentale: établir la confiance.

La fréquence universelle nous connecte à tout moment aux forces de la vie et de l'amour. Lorsque nous vivons à cette fréquence, la confiance s'établit envers les humains et les

animaux. Les valeurs propres à l'éthique objective s'installent par elles-mêmes: vérité, soutien mutuel, solidarité et amour. Aucun être humain connecté à la fréquence universelle ne peut mentir ou trahir une autre personne, ou maltraiter un animal. La fréquence universelle active l'entéléchie de tous les êtres. Elle contient toute la matrice informationnelle de la paix et génère ainsi une paix véritable, car elle est en résonance avec tout ce qui existe. Si un projet apparaît, où que ce soit, et qu'il est en accord avec la fréquence universelle, ce projet changera le monde entier. Si ce projet contient de nouvelles informations pertinentes pour l'évolution globale, cette information se répandra partout dans le monde. Un nouveau champ de forces apparaîtra. Voici que le « processus morphogénétique Mondial » commence et produit par lui-même un changement qui n'est guère réalisable par d'autres moyens (voir [Chapitre 30](#)).

En raison de la catastrophe historique, l'humanité s'est déconnectée du système de pilotage cosmique de la fréquence Alpha. La plupart de ses systèmes – dans la politique, l'économie, la religion et l'éthique – ne sont plus en résonance avec l'ordre universel de la fréquence Alpha. Ce sont ces dissonances qui se manifestent à l'échelle mondiale sous forme de maladie individuelle et épidémique, de famine, de destruction de la nature, de violence et de guerre. C'est aussi en raison de notre manque de résonance avec la fréquence Alpha qu'apparaissent sur le plan intérieur les difficultés psychiques communes de notre temps: chagrin d'amour, solitude, dépression, haine épidémique et obscurcissement de l'esprit. Nous avons tous connu ces problèmes et essayé de les surmonter par divers moyens idéologiques, thérapeutiques ou religieux. **Ces tentatives ne réussiront que lorsque nous rejoindrons ensemble la fréquence universelle de la vie. Pour ce faire, nous devons soulager notre âme de la pression de souffrances non résolues.** La fréquence Alpha imprènera pleinement l'organisme humain dès que les premières communautés auront dissout ce nœud traumatique.

Le système Alpha est un système de pilotage qui est toujours présent, toujours activé; mais c'est nous qui vivons souvent à une autre fréquence. « *Je suis toujours avec vous, hélas vous n'y êtes que trop rarement* » – on commence à comprendre ce que Maître Eckhart voulait signifier quand il faisait Dieu dire ces paroles.⁶ Ceux qui vivent à la fréquence Alpha et restent réceptifs à ses informations sont toujours protégés. Même dans les nuits les plus sombres, ils trouveront leur chemin sans rencontrer d'obstacles. Un principe similaire à celui qui donne l'orientation aux chauves-souris semble ici à l'œuvre. Dans sa quête de Dieu,

Satprem a testé cette magie en marchant pieds nus dans la jungle amazonienne sachant qu'elle était pleine de serpents, d'araignées venimeuses et de nombreuses autres créatures. Rien ne lui a fait de mal. Au camp de concentration, il avait eu des expériences similaires. Il les a finalement résumées dans une énorme vision:

Il y a des moments dans la vie où, tout à coup, l'on est comme invincible – absolument rien ne peut nous atteindre. On se sent se faufiler entre les balles au milieu du champ de bataille et, pris dans une tempête en pleine mer, on a la certitude que ces vagues énormes qui passent avec fracas n'ont aucun pouvoir sur nous et cette certitude nous permet d'en rire. Face à des assassins envoyés pour nous tuer, quelque chose en nous reste parfaitement immobile, comme si le tout n'était qu'un spectacle et que rien ne pouvait nous toucher. Et en effet, ils ne le peuvent pas.

Sous une forme ou une autre, beaucoup de gens en ont fait l'expérience: Soudain vous échappez à la « loi ». Vous échappez à ce qui semblait inévitable: vous passez à travers les gouttes. (...)Le temps de quelques secondes bénies, l'on s'est échappé du filet et rien ne vous touche plus, rien ne peut plus vous toucher.⁷

Je rappelle ce que Lao Tseu a écrit il y a plus de 2500 ans: « Celui qui est habile dans la gestion de la vie, voyage sur la terre sans avoir à fuir le rhinocéros ou le tigre. »⁸.

Ce qui est décrit ici n'est pas une exception, mais un fait élémentaire de la vie. Si nous établissons de nouveaux systèmes spatio-temporels pour nos vies, qui par leur magnétisme spirituel nous conduisent à la fréquence Alpha, cela conduit à la réalisation d'un hologramme de protection et de guérison. Si nous nous détachons des vieilles peurs, nous bénéficions d'un principe cosmique de protection et de guérison. Et cette protection s'applique aussi aux blessures psychiques internes. Celui qui vit à la fréquence Alpha ne peut pas être blessé psychologiquement. C'est ce que Peace Pilgrim, sage américaine moderne, qui a marché en pèlerinage pour la paix, a exprimé de façon si convaincante que je veux la citer ici:

Rien d'extérieur – aucune chose ni personne – ne peut me blesser intérieurement. J'ai pris conscience que je ne pouvais être blessée psychologiquement que par mes propres mauvaises

*actions, sur lesquelles j'ai le contrôle; par mes propres mauvaises réactions – elles sont complexes, mais j'ai le contrôle sur elles aussi; ou encore par ma propre inaction dans certaines situations, comme la situation mondiale actuelle, qui nécessite des actions de ma part (...). Tu as le contrôle absolu sur le fait d'être ou pas blessé psychologiquement, et à tout moment tu peux arrêter de te blesser toi- même.*⁹